

AGIR
NOW

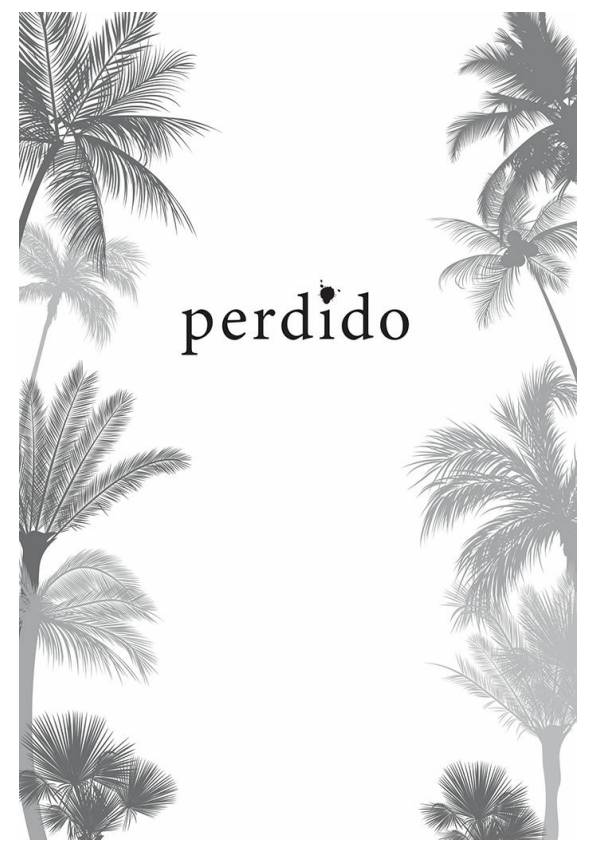
A white wolf is shown from the chest up, howling with its head tilted back and mouth open. The wolf's fur is detailed and appears to be illuminated from the side. The background is a solid yellow color. Silhouettes of palm trees are visible on the left and right sides of the frame. The title 'perdido' is written in a white, lowercase serif font, with a small red splatter above the dot of the 'i'. Below the title, the author's name 'maggie stiefvater' is written in a smaller, lowercase serif font.

perdido

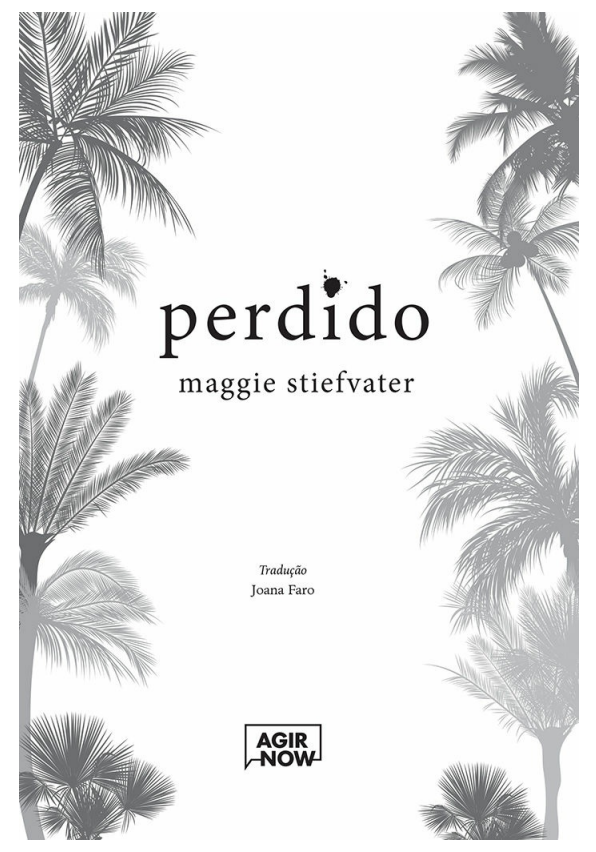
maggie stiefvater

Um livro da série
Os lobos de Mercy Falls



The image features a minimalist design with the word "perdido" centered in a black serif font. The background is white, and the corners are decorated with stylized, dark gray palm trees. On the left, there are three palm trees of varying heights. On the right, there are two palm trees, one of which has a small cluster of coconuts. The trees are rendered with fine lines for the fronds and solid dark gray for the trunks and some frond details.

perdido

The background of the cover features several stylized palm trees in a dark grey color. They are positioned around the edges of the page, with some fronds reaching towards the center. The trees vary in size and orientation, creating a tropical atmosphere.

perdido

maggie stiefvater

Tradução
Joana Faro

**AGIR
NOW**

Título original: *Sinner*

Copyright © 2015 by Maggie Stiefvater.

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com Scholastic Inc, 557 Broadway, New York 10012, USA.

Este livro foi negociado com a Ute Körner Literary Agent S.L.U., Barcelona
— www.uklitag.com.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela AGIR Now, um selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A., licenciado para a CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso
– 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-
8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S874p Stiefvater, Maggie, 1981-

Perdido / Maggie Stiefvater ;
tradução Joana Faro. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Agir Now,
2015.

320 p. : 23 cm (Os lobos de
Mercy Falls ; 4)

Tradução de: Sinner

ISBN 978.85.220.3237-2

1. Romance americano. I.
Faro, Joana. II. Título. III.
Série.

15-25122

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Não é o fim, mas falta pouco

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Capítulo quarenta e um

Capítulo quarenta e dois

Capítulo quarenta e três

Capítulo quarenta e quatro

Capítulo quarenta e cinco

Capítulo quarenta e seis

Capítulo quarenta e sete

Capítulo quarenta e oito

Capítulo quarenta e nove

Capítulo cinquenta

Capítulo cinquenta e um

Capítulo cinquenta e dois

Capítulo cinquenta e três

Epílogo

*Este é para os leitores que estão
sempre presentes.
Vocês sabem quem são.*

*“Caindo, caindo, caindo.
Será que esta queda nunca vai
terminar?”*

— Lewis Carroll,

Alice no País das Maravilhas

*“Onde você ficava há um buraco no
mundo,
que me vejo sempre contornando
durante o dia e
caindo durante a noite. Sinto
terrivelmente a sua falta.”*

*— Edna St. Vincent Millay,
Letters*

NÃO É O FIM, MAS FALTA
POUCO

Sou um lobisomem em Los

Angeles.

Você perguntou por que fiz isso.

Fiz o quê?

— *Tudo, Cole. O tudo.*

Você, tão hiperbólica, não está falando *do tudo*. Está falando das últimas cinco semanas. Está falando de eu ter incendiado seu local de trabalho. De ter sido expulso do único restaurante japonês de que você gosta. De ter alargado e rasgado sua legging preferida ao fugir da polícia.

Você está falando do meu

motivo para voltar para cá.

Isso não é o tudo, mesmo que agora pareça ser.

— *Eu sei por que você fez isso. É?*

— *Só para poder falar “Sou um lobisomem em Los Angeles.”*

Você sempre diz que só sou exagerado porque fica bem na TV, que digo coisas porque sei que depois vão dar boas letras de música ou as faço porque gosto de como pareço ao fazê-las. Você fala como se eu tivesse escolha. As coisas entram pelos meus olhos, ouvidos e poros, e meus

receptores começam a pulsar incansáveis, meus neurônios disparam como canhões, e quando as coisas entram no meu cérebro e saem do outro lado, transformam-se em uma espécie diferente, pixels ou canais, brilhantes ou foscos. Não posso mudar minha natureza. Sou um artista, um cantor, um lobisomem, um pecador.

Não é mentira só porque estou cantando para uma multidão.

Se sairmos desta vivos, vou contar o verdadeiro motivo. E

dessa vez é melhor você
acreditar em mim.

Eu voltei por sua causa,
Isabel.

CAPÍTULO UM

COLE

*F LIVE: Hoje, por telefone,
temos o jovem Cole St. Clair,*

vocalista da NARKOTIKA, em sua primeira entrevista desde... Bem, faz um tempão. Há dois anos ele desmaiou em um show e então desapareceu. Sumiu completamente do mapa. A polícia dragou rios. As fãs choraram e construíram santuários. Seis meses depois, surgiram notícias de que ele estava na reabilitação. E nunca mais soubemos dele. Parece, entretanto, que logo ouviremos novas músicas do roqueiro prodígio preferido dos Estados Unidos. Ele acabou de assinar um contrato com a Baby North.

— Você prefere cachorros adultos ou filhotes, Larry? — perguntei, erguendo o rosto para olhar pela janela fumê. Vista da esquerda: carros branco-neve. Vista da direita: carros preto-petróleo. Basicamente Mercedes, com alguns Audis aqui e ali. O sol brilhava e resplandecia nos capôs. Palmeiras surgiam na paisagem a intervalos irregulares. Eu tinha chegado. Finalmente tinha chegado.

Meu amor pela Costa Oeste era típico dos habitantes da

Costa Leste. Simples, puro e intocado por conceitos obscenos tipo a verdade.

Meu motorista me olhou pelo retrovisor. Suas pálpebras eram tendas frouxas armadas sobre os olhos vermelhos. Ele era o desanimado morador de um terno que não queria alojá-lo.

— Leon.

Meu celular era um sol fraco na minha orelha.

— Leon não é uma resposta aceitável para essa pergunta.

— É o meu nome — disse ele.

— Claro que sim — falei cordialmente. Pensando bem, eu não achara que ele tinha cara de Larry. Não com aquele relógio. Não com aquela boca. Concluí que Leon não era de L.A. Devia ser de Wisconsin. Ou Illinois.

— Cachorros adultos. Filhotes.

Ele soltou o ar pela boca enquanto pensava:

— Filhotes, acho.

Todo mundo sempre diz filhotes.

— Por que filhotes?

Larry (não, Leon!) se

atrapalhou com as palavras, como se nunca tivesse pensado no assunto.

— É mais interessante olhar para eles... Estão sempre para lá e para cá.

Eu não podia culpá-lo. Também teria respondido filhotes.

— Por que acha que eles ficam lentos, Leon? — perguntei. O telefone queimava minha orelha. — Digo, os cachorros adultos?

Leon não hesitou:

— A vida acaba com eles.

F LIVE: Cole? Você ainda está aí?

COLE ST. CLAIR: Meio que tirei umas férias mentais durante a sua introdução. Eu só estava perguntando ao meu motorista se ele prefere cachorros adultos ou filhotes.

F LIVE: Foi uma introdução longa mesmo. Ele tem alguma preferência?

COLE ST. CLAIR: Você tem?

F LIVE: Acho que filhotes.

COLE ST. CLAIR: Rá! Duas vezes rá. O Larry... Leon... concorda com você. Por que

escolheu filhotes?

F LIVE: Acho que são mais fofos.

Afastei o telefone da boca.

— O Martin, da F Natural Live, também escolheu filhotes. Mais fofos.

Essa informação não animou muito Leon.

COLE ST. CLAIR: O Leon acha que eles são mais divertidos, mais ativos.

F LIVE: Mas isso é meio cansativo, não é? Acho que, se o filhote for de outra pessoa, você

pode ficar olhando e a bagunça não é problema seu. Você tem cachorro?

Eu era um cachorro. Quando morava em Minnesota, pertencia a uma alcateia de lobisomens sensíveis à temperatura. Em certos dias, parecia que esse fato era mais importante que em outros. Era um desses segredos que significavam mais para as outras pessoas.

COLE ST. CLAIR: *Não. Não, não, não.*

F LIVE: Quatro não. Esta é uma exclusiva para o nosso programa, pessoal. Cole St. Clair definitivamente não tem um cachorro. Mas logo pode ter um disco. Vamos falar um pouco sobre isso. Vocês se lembram de quando esta música aqui fez sucesso?

Do outro lado da linha, os primeiros acordes de um de nossos últimos singles, “Wait/Don’t Wait”, ressoaram, puros e ácidos. Essa música tinha sido tão tocada que

perdera toda a ressonância emocional original para mim; era uma música sobre mim, escrita por outra pessoa. Mas era uma ótima música de outra pessoa. Quem criara aquele riff de baixo sabia o que estava fazendo.

— Pode falar — informei a Leon. — Estou meio que esperando. Estão tocando uma das minhas músicas.

— Eu não disse nada — respondeu Leon.

Claro que não tinha dito. Ele estava sofrendo em silêncio, o nosso Leon, atrás do volante

daquela sofisticada limusine.

— Achei que você ia me contar por que está dirigindo este carro.

Ele derramou sua história de vida. Começou em Cincinnati, novo demais para dirigir. E acabou ali em um Cadillac de aluguel, velho demais para fazer qualquer outra coisa. Durou trinta segundos.

— Você tem cachorro?

— Ele morreu.

Claro que tinha morrido. Alguém buzinou atrás de nós. Um carro preto ou branco, quase com certeza um

Mercedes ou um Audi. Eu estava em Los Angeles havia 38 minutos e vira 11 deles no trânsito. Soube que há partes de L.A. em que o clichê do engarrafamento contínuo não é verdade, mas acho que é porque ninguém mais quer frequentá-las. Eu não tinha muito talento para ficar parado.

Virei para olhar pelo vidro traseiro. Ali, em um mar monocromático, havia um Lamborghini amarelo em ponto morto, chamativo como um brinquedo, com um

amontoado de palmeiras como pano de fundo. Do outro lado, uma Kombi azul-piscina dirigida por uma mulher de dreadlocks. Quando me virei para a frente outra vez, afundando no banco de couro, vi o sol refletindo nos telhados dos armazéns, nos ladrilhos de cerâmica, em quarenta milhões de enormes óculos escuros. Ah, aquele lugar. Aquele lugar. Senti outra onda de alegria.

— Você é famoso? — perguntou Leon enquanto avançávamos lentamente. Minha música ainda tocava

baixo em meu ouvido.

— Se eu fosse famoso você precisaria perguntar?

Na verdade, a fama era uma amiga inconstante, nunca presente quando necessária, sempre ali quando se precisava passar um tempo longe dela. Na verdade eu não era nada para Leon e, estatisticamente, tudo para pelo menos uma pessoa em um raio de oito quilômetros.

No carro ao lado do nosso, um homem de óculos Wayfarer me pegou olhando para a Califórnia e fez um gesto de

aprovação com a mão. Eu retribuí.

— Essa entrevista está passando no rádio agora? — perguntou Leon.

— Foi o que me disseram.

Leon percorreu as estações. Ele passou direto por “Wait/Don’t Wait”. Balancei um pouco seu banco até ele voltar.

— Aqui?

Ele parecia desconfiado. Minha voz saía pelos alto-falantes, persuadindo os ouvintes a tirar ao menos uma peça de roupa e prometendo

(prometendo) que tudo valeria a pena pela manhã.

— Não parece a minha voz?

Leon me olhou pelo retrovisor como se olhar para meu rosto fosse lhe dar a resposta. Seus olhos estavam muito vermelhos. Aquele, pensei, era um homem que sentia as coisas profundamente. Era difícil imaginar alguém triste como ele em um lugar como Los Angeles, mas lembrei que eu também já fora infeliz ali.

No entanto, parecia que tinha sido há muito tempo.

— Acho que sim.

No rádio, a música terminou.

F LIVE: Então aqui estamos nós, pessoal. Agora se lembraram? Ah, os verões que passamos ouvindo a NARKOTIKA no repeat. Ok, Cole. Você está aí ou está fazendo outro estudo sobre cachorros?

COLE ST. CLAIR: Estávamos refletindo sobre a fama. O Leon nunca ouviu falar de mim.

LEON: Não é culpa sua. É que eu não ouço muita coisa além de notícias, às vezes jazz.

F LIVE: Esse é o Leon? O que ele está dizendo?

COLE ST. CLAIR: Ele gosta mais de jazz. Você perceberia se o visse, Martin. O Leon é extravagante.

Agitei as mãos para o retrovisor. Os olhos pesados de Leon me observaram por um triste momento. Depois, uma de suas mãos largou a marcha para fazer mãos de jazz sem vontade.

F LIVE: Acredito em você. Por

qual dos seus discos você recomenda que ele comece?

COLE ST. CLAIR:

Provavelmente só com aquele cover de “Spacebar” que fizemos com a Magdalene. Tem tudo a ver com jazz.

F LIVE: *É?*

COLE ST. CLAIR: *Tem um saxofone.*

F LIVE: *Estou impressionado com o seu conhecimento de gêneros musicais. Bom, vamos falar sobre o contrato com a Baby North. Você já tinha trabalhado com ela?*

COLE ST. CLAIR: *Eu semp...*

F LIVE: *Será que todo mundo sabe quem é a Baby?*

COLE ST. CLAIR: *Martin, é falta de educação interromper.*

F LIVE: *Desculpe, cara.*

LEON: *Eu sei quem ela é.*

COLE ST. CLAIR: *Sério? Você sabe quem ela é e não sabe quem eu sou? O Leon sabe quem ela é.*

F LIVE: *Ele é extravagante. Será que ele quer resumir para os ouvintes em casa? Quer dizer, se não correr o risco de bater o carro?*

Ofereci meu telefone a Leon.

— É proibido dirigir falando no celular — disse Leon.

— Eu seguro para você — sugeri, esperando que ele recusasse. Mas ele deu de ombros, concordando.

Deslizando para trás do banco dele, encostei meu telefone em seu ouvido. Ele usava um daqueles cortes em que o cabelo acompanha perfeitamente o contorno da orelha.

LEON: *Ela é aquela mulher, aquela maluca, que faz programas*

para a internet. É dentesafiados.com, mas ela fala de um jeito estranho. Com números, eu acho. D-três-n-três-afiados.com? Não sei. Acho que são números três no lugar da letra E.

F LIVE: Você assiste a algum dos programas dela?

LEON: Às vezes, entre um cliente e outro, assisto no meu telefone celular. Teve um episódio no ano passado... aquele com uma drogada e um bebê?

F LIVE: Kristin Bank. A maioria das pessoas conheceu o

d3nt3safiados por causa desse episódio. Quem diria que a série sobre uma gravidez na reabilitação seria um chamariz tão grande? Você gostou?

LEON: Não sei se são programas que a gente gosta ou não gosta. A gente só vê.

F LIVE: Entendo perfeitamente o que quer dizer. Ok, vamos voltar ao Cole. Você deve estar se perguntando por que ela quis colocá-lo em um programa original para internet. Por que acha que isso aconteceu, Cole?

Eu não era idiota. Baby North estava interessada em mim porque eu vinha com uma audiência cativa. Ela estava interessada em mim porque eu tinha um rosto bonito e sabia pentear o cabelo melhor que a maioria dos caras. Ela estava interessada em mim porque eu tive uma overdose no palco do Club Josephine e depois sumi.

COLE ST. CLAIR: *Ah, provavelmente pela ótima qualidade da minha música. Além disso, eu sou muito charmoso. Tenho certeza de que é isso.*

Leon me ofereceu um sorriso hesitante. Diante de nós, os carros deslizavam devagar. O sol intenso irradiava de espelhos e refletores. As palmeiras que ladeavam a autoestrada ficavam a várias pistas de distância. Eu não acreditava que estava na Califórnia, olhando bem para ela, e mesmo assim ainda não podia tocá-la. O interior daquele carro ainda parecia estar a no mínimo dois estados de distância.

F LIVE: Deve ser mesmo. Ela é conhecida pelo gosto para música.
COLE ST. CLAIR: Entendi. É uma piada.

F LIVE: Você é rápido.

COLE ST. CLAIR: Eu nunca tinha ouvido essa antes.

F LIVE: Ah! Entendi. É uma piada.

Leon e eu rimos.

Eu conhecia Martin. Embora tivesse uma voz eternamente jovem, sua carreira no jornalismo musical era mais velha que eu. Minha primeira

entrevista com ele consistira de vinte minutos de aventuras sexuais contadas de forma vulgar, e depois eu o conhecera em pessoa e descobrira que ele tinha idade para ser meu pai. Algumas perguntas: Como ele se atrevia a ter uma voz de vinte aos sessenta? Será que existia cirurgia plástica para as cordas vocais? E quanto profundamente eu o ofendera? Mas, no fim das contas, Martin era um daqueles homens mais velhos nada descarados que se divertia com os ainda descarados homens mais

novos.

F LIVE: Quanto tempo você vai levar para compor e gravar este disco? Não é muito, certo?

COLE ST. CLAIR: Acho que seis semanas.

F LIVE: Ambicioso...

Se alguém procurasse ambição na Wikipédia, minha foto seria a primeira coisa a aparecer. De fato, eu tinha algum material que havia composto sozinho no campo, em Minnesota, mas havia sido

estranho tentar terminar
qualquer coisa em um vácuo.
Sem banda. Sem ouvintes.

Tudo isso ia tomar forma no
estúdio.

COLE ST. CLAIR: *Eu tenho um
plano.*

F LIVE: *Acha que vai ficar em
L.A.?*

Eu não tinha muito talento
para ficar em lugar nenhum.
Mas L.A. era onde Isabel
Culpeper estava. Pensar no
nome dela era uma rota mental

perigosa e obsessiva. Não me permitiria ligar para ela até chegar em casa. Não ligaria para ela até ter pensado em uma maneira teatral de contar que estava na Califórnia.

Não ia ligar para ela até ter certeza de que ela ficaria feliz com minha presença.

Se ela não ficasse feliz com minha presença, então...

Com um movimento, fechei as saídas do ar-condicionado. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia perto demais de um lobo. Aquela agitação no estômago

significava que a transformação estava próxima.

COLE ST. CLAIR: *Depende. Se L.A. me quiser...*

F LIVE: *Todo mundo quer você.*

Leon ergueu seu telefone para me mostrar a tela. Tinha acabado de comprar “Spacebar” da NARKOTIKA (com participação de Magdalene). Ele parecia mais feliz que quando eu o conhecera, quando era Larry. Do lado de fora, o calor era tentador. O

asfalto estremecia sob a fumaça dos escapamentos. Em um minuto, não tínhamos nos movido um centímetro. Eu observava L.A. por uma tela de TV.

Tinha me permitido pensar no nome de Isabel e não havia espaço para mais nada. Aquele carro, aquela entrevista, tudo aquilo... Isabel era o que importava. Ela era a música.

COLE ST. CLAIR: *Sabem, Martin e Leon, eu vou sair do carro. Vou andar o restante do caminho.*

Leon ergueu uma das sobancelhas.

— Esta estrada não é adequada para seguir a pé. Acho que é ilegal andar pelo acostamento. Está vendo alguém sair do carro?

Não, não estava. Mas raramente via outras pessoas fazendo o que eu fazia. E, se visse, normalmente significava que estava na hora de parar.

Isabel...

F LIVE: Espere, o que o Leon

está dizendo? Onde você está?

Eu já tinha esquecido a entrevista. Precisei de toda a minha força de vontade para obrigar minha atenção a se voltar para as perguntas de Martin.

COLE ST. CLAIR: *Ele está me aconselhando a desistir do plano. Estamos na 405. Tudo bem. Eu estou em forma. Você não imagina como ganhamos músculos na reabilitação. Leon, você vem comigo?*

Eu já tinha tirado o cinto de segurança. Puxei minha mochila, a única coisa que trouxera de Minnesota, para perto de mim. Os olhos de Leon se arregalaram. Ele não sabia se eu estava falando sério, o que era ridículo, porque eu sempre falava sério.

Isabel. A apenas alguns quilômetros de distância.

Meu coração começava a saltar dentro de mim. Eu sabia que devia contê-lo, porque ainda tinha um bom caminho pela frente. Mas não consegui. Aquele dia fora planejado e

sonhado durante muitas
semanas.

*F LIVE: Você está tentando
convencer o Leon a abandonar o
carro na interestadual?*

*COLE ST. CLAIR: Estou
tentando salvar a vida dele antes
que seja tarde demais. Venha
comigo, Leon. Eu e você
precisamos nos afastar deste
carro. Precisamos achar frozen
yogurt e tornar o mundo melhor.*

Leon ergueu uma mão
impotente. Poucos momentos

antes, era uma mão de jazz.
Que decepçnante.

LEON: Não posso. Você não deveria. O engarrafamento está ruim agora, mas daqui a alguns minutos vai acabar. Espere...

Eu dei um tapinha no ombro dele.

COLE ST. CLAIR: Ok, vou nessa. Obrigado por me receber no programa, Martin.

F LIVE: O Leon vai com você?

COLE ST. CLAIR: Parece que

não. Mas fica para a próxima. Leon, aproveite a música. A conta está paga, não é? Que bom.

F LIVE: Cole St. Clair, ex-vocalista da NARKOTIKA. Um prazer, como sempre.

COLE ST. CLAIR: Bom, essa aí eu já ouvi.

F LIVE: O mundo está feliz por tê-lo de volta, Cole.

COLE ST. CLAIR: Isso é o que o mundo diz. Ok. Tenho que ir.

Desliguei e abri a porta. O carro atrás buzinou bem de leve quando saí. O calor... ah, o

calor. Foi uma emoção. Me dominou. O ar cheirava a quarenta milhões de carros e quarenta milhões de flores. Senti um espasmo de pura adrenalina, lembranças de tudo o que já tinha feito na Califórnia e expectativa por tudo o que podia fazer.

Leon olhava para fora com melancolia, então me aproximei rapidamente.

— Nunca é tarde demais para mudar — falei para ele.

— Eu não consigo mudar — respondeu ele. Aquilo o destruiu.

— Pé na tábua, Leon — falei.

Coloquei a mochila no ombro, passei na frente de uma Mercedes preta em ponto morto e fui em direção à saída mais próxima.

— NARKOTIKA para sempre! — gritou alguém.

Joguei um beijo para a pessoa e depois pulei a barreira de concreto. Quando meus pés tocaram o chão, estava na Califórnia.

CAPÍTULO DOIS

ISABEL

Sempre havia espaço para mais monstros em L.A.

— Isabel, linda. Hora de

trabalhar — disse Sierra.

Eu *estava* trabalhando, regando as plantas ridículas de Sierra. A .blush., a minúscula loja com piso de cimento queimado da linha de roupas de Sierra (.sem.sobrenome.), sempre tinha mais plantas que roupas. Sierra adorava a aparência das samambaias, palmeiras e orquídeas, mas nunca queria se esforçar para fazê-las florescer. Seu talento era mais ligado à tortura de coisas mortas e objetos inanimados. Coisas em que você podia enfiar uma agulha

sem que ficassem zangadas. Coisas que podiam ser penduradas em uma arara sem violar os direitos humanos.

— Eu *estou* trabalhando — falei, enfiando um bastão de fertilizante na terra do vaso. — Estou mantendo suas plantas vivas.

Sierra enfiou duas folhas secas de palmeira no penteado, que era em vários tons mais próximo do branco que meu cabelo louro. Os “acessórios” ficaram bem nela; a maioria das coisas ficava bem em alguém como Sierra. Ela era

uma ex-top model. *Ex* no sentido de *ano passado*. São sete anos caninos no tempo de L.A.

— Plantas vivem de sol, gata.

— Sierra — falei. — Seus pais chegaram a explicar o que é fotossíntese? Funciona assim: quando uma planta e o sol se amam muito...

— A Christina está vindo para cá — interrompeu Sierra.

— Por favor, Isabel. Beijos eternos. Obrigada.

Ah, Christina. A Christina. Ela gastava muito quando estava com vontade e gostava

de ser servida. Bem, na verdade ela gostava de saber que podia ser servida se quisesse. Não queria que ninguém a sufocasse. Não queria ser favorecida. Não queria que alguém lhe mostrasse uma legging. Não queria que perguntassem se ela queria ver aquela peça na cor champagne. Queria várias vendedoras presentes para ela poder não lhes pedir nada.

Então Sierra nos mandava ficar encostadas nos cinco móveis, examinando as unhas e enviando mensagens de texto

para nossos namorados. Todas nós, monstrinhas louras. Franjas desfiadas, irregulares e clareadas, olhos delineados com lápis preto-sinistro, boca rosa-chiclete ou cereja, todas tão beijáveis quanto um desastre de avião.

Embora só trabalhasse ali havia poucas semanas, eu era muito boa. Não que Sierra e as outras monstras não soubessem dobrar túnicas com elegância ou ajustar, entediadas, as regatas nos cabides. É que não sabiam que o segredo para vender as

roupas da Sierra era relaxar no banco da frente da loja sem dar a mínima, demonstrando para todos os clientes em potencial exatamente como as roupas ficariam se eles as comprassem e não dessem a mínima.

As outras monstras não eram tão boas porque elas se importavam.

Eu me concentrava basicamente em abrir os olhos de manhã, mover as pernas e comer o suficiente para manter meus olhos abertos e minhas pernas em movimento. Aquilo bastava. Se acrescentasse

qualquer coisa a minha carga de trabalho, ficava irritada, e quando eu ficava irritada, destruía coisas que estavam em perfeito estado.

Christina chegou. Daquela vez, seu cabelo estava frisado.

— Esta planta é nova? — perguntou ela a Sierra.

— É — respondeu Sierra. — Não é o cúmulo da exuberância?

Christina tocou a folha com a unha feita.

— O que é?

Sierra também a tocou, mas pelo seu jeito percebi que

estava imaginando como ficaria em seu cabelo.

— Adorável.

Enquanto Christina olhava a loja, eu me estiquei de barriga para baixo no banco e digitei no telefone o nome de neurocirurgiões famosos na busca de imagens do Google. Eu estava usando duas regatas transparentes e decotadas de Sierra, um cinto baixo de sisal e minha legging favorita: metálica, linda e cintilante como um arco-íris até se olhar de perto e ver um monte de caveiras. Não era uma criação

de Sierra. Não era o estilo dela. Depois que a gente se recuperava da beleza dela, via que a legging era meio que horrível.

Parei de olhar cirurgias e digitei *definir amigável*. Minha mãe, que não tinha amigos, sempre me dizia que eu não tinha nenhuma amiga além da minha prima Sofia e de Grace, que morava em Minnesota. Ela não estava errada. Minha falta de amigos se devia a várias razões. Para começar, eu só fizera cinco meses do último ano do ensino médio em L.A.

Em segundo lugar, era muito mais difícil conhecer gente depois de se formar. Terceiro, a maioria das garotas da .blush. eram mais velhas que eu, tinham vidas e problemas de gente de vinte e poucos e não estavam nem aí por eu não ter.

E, finalmente, eu não era amigável.

— Tudo o que ela está usando — disse Christina.

Sua voz estava bem próxima, mas não ergui o rosto. Entretanto, suspeitei de que *ela* se referia a mim por causa da forma como falou. Foi como

quando havia duas meninas chamadas Isabel na turma quando eu era criança. Chamavam a gente de Isabel C. e Isabel D., mas eu sabia de que Isabel estavam falando antes que chegassem à inicial do sobrenome.

Olhei para cima só pelo tempo suficiente para ver que Christina me observava com desconfiança. As outras rastejaram e se arrastaram para pegar as regatas e o cinto para ela, sem saber que, para obter meu visual autêntico, era preciso usar acessórios como

morte na família e sofrimento generalizado. O baixo da música ambiente pulsava e sussurrava. Comecei a fechar janelas em meu telefone. Muitos neurocirurgiões tinham uma cara estranha. Causa ou efeito?

— Isabel — disse Sierra. — A Christina quer sua legging. Não tirei os olhos da tela.

— Não estou interessada.

— Isabel, querida. Ela quer comprá-la.

Ergui os olhos para onde *a* Christina estava. Algumas celebridades não parecem tão

famosas em pessoa. São um pouco mais sem graça e baixas quando a câmera não está olhando. Mas Christina não era uma delas. Daria para saber que ela era alguém mesmo sem reconhecer seu rosto. Porque ela tinha uma aparência *intencional*.

O que pode ser muito intimidador, mesmo nesta cidade.

Pela expressão dela, ficou claro que estava muito acostumada a deixar os outros assim.

Olhei de minha chefe para a

linda Christina e pensei: *Eu beije uma boca mais famosa que a sua.*

Dei de ombros e voltei a mexer no telefone. Digitei *lobotomia frontal*. Ele corrigiu automaticamente. Parece que não se escreve *lobotomia* sem *ooo*.

— Isabel.

Não ergui o rosto.

— A legging Artêmis em carvão meio que tem o mesmo efeito.

Como ninguém se moveu, ergui uma mão sem vida e aponte para a coleção Artêmis.

Quinze minutos depois, Christina tinha comprado duas regatas, um cinto de sisal e duas leggings Artêmis, tudo pelo preço de uma cirurgia barata para remoção de amígdalas.

— Como você é escrota — comentou Sierra depois que Christina foi embora, me dando um tapa carinhoso na bunda.

Eu não gostava muito de ser tocada.

Levantei do banco e fui para os fundos.

— Agora vou ficar perto das

orquídeas.

— Você mereceu.

O que eu tinha merecido era um troféu por desinteresse generalizado. Ao que parecia, ser apaticamente desconectada consumia toda a minha energia.

Quando fechei a cortina de linho do estoque, ouvi a porta da frente se abrir outra vez. Se fosse Christina voltando para tentar comprar minha legging eu seria obrigada a me exaltar, e eu não gostava de me exaltar.

Mas não foi a Christina que ouvi na frente da loja.

Em vez disso, uma voz muito familiar disse:

— Não, não, estou procurando algo bem específico. Ah, espere, acabei de ver.

Eu me virei.

Cole St. Clair sorria, tranquilo, para mim.

CAPÍTULO TRÊS

ISABEL

Minha indiferença evaporou
tão rápido que chegou a doer.

Era impossível entender a

verdade do momento. Primeiro porque Cole St. Clair era como a Christina no sentido de geralmente parecer famoso, irreal e ausente. Havia sempre uma dissonância entre ele e o que o cercava, como se fosse uma suave e linda projeção enviada de um local distante.

Segundo: Cole era um lobo.

Não sabia se estava feliz ou assustada por vê-lo. Eu o vira caído no chão com uma agulha no braço; eu o vira se transformar em lobo bem diante dos meus olhos; eu o vira implorar para que o

ajudasse a morrer.

Terceiro: ele tinha me visto chorar. Eu não sabia se conseguiria viver com isso.

Por que você está aqui? É por minha causa?

— Olá — disse ele, ainda com aquele sorriso preguiçoso e tranquilo.

Ele tinha o melhor sorriso do mundo, e muita gente lhe dissera isso. Saber da beleza do sorriso deveria ter diminuído seu poder; contudo, aquela arrogância casual era parte de sua glória.

Mas eu fora infectada vários

meses antes, e desde então vinha criando uma resistência. Agora era imune.

Estávamos a alguns metros de distância. Havia uma barreira de história entre nós, e tudo o mais nos aproximava.

— Você podia ter ligado — falei de um jeito idiota.

O sorriso dele se abriu ainda mais. Ele fez um gesto grandioso, indicando a si mesmo e quase derrubando uma arara de camisas finas.

— Aí teria arruinado *isto*.

A loja inteira ficava diferente com ele parado ali. Como se

Cole tivesse trazido com ele o sol da tarde.

— O que é isto? — perguntei.

— Tcharã.

Ele estava se esforçando muito para manter seu sorriso de Cole St. Clair em vez do verdadeiro. Toda vez que o verdadeiro chegava perto de aparecer, meu coração se despedaçava.

Eu sabia que tínhamos uma plateia. Elas não encaravam abertamente (estavam tentando ser educadas), porém, havia uma leve curiosidade no ar. Eu queria ir conversar na

calçada, nos fundos ou ao menos olhar para minhas mãos e me certificar de que não estavam tremendo tanto como parecia, mas não conseguia articular tudo isso.

A questão era: eu era apaixonada por Cole.

Ou tinha sido. Ou seria. Não sabia a diferença.

Só que eu não sabia se ele estava ali por minha causa e não aguentaria se o motivo fosse outro. Na verdade, era impossível ele ter vindo lá de Minnesota por minha causa. Provavelmente só tinha

passado para dar um oi depois de se mudar para a cidade por algum outro motivo. Por isso não tinha ligado antes.

— Venha — disparei. — Para os fundos. Você tem tempo?

Ele me seguiu lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ao passar pela entrada do estoque, ergueu uma das sobrancelhas para Sierra como se estivesse acostumado com meu tom.

Aquilo estava mesmo acontecendo?

Eu o conduzi pelo estoque lotado de leggings neonatais e

túnicas abortadas em todos os tons de cáqui. Então saímos para o beco pintado de azul. Havia uma lata de lixo, mas não fedia; estava cheia de papelão e plantas mortas. O velho fusca da Sierra ficava ali, mas não funcionava; também estava cheio de papelão e plantas mortas.

Enquanto o levava para perto do carro, tentava me convencer de que aquilo não era nada de mais, explicando a mim mesma que, por vários motivos, a presença dele ali não mudava nada, não

significava nada, não era nada.
Nada, nada.

Eu me virei, minha boca se abriu para dizer alguma outra coisa sarcástica sobre ele não ter ligado antes de aparecer no meu estado, no meu trabalho, na minha vida.

Mas aí ele me abraçou.

Parei de respirar como se ele tivesse tapado minha boca com a mão. Não retribuí ao abraço de imediato, porque não tinha informações suficientes para saber como retribuir.

Ele estava com um cheiro estranho de sabonete de

aeroporto e parecia um buraco no qual cair.

Cole se afastou. Sua expressão não dizia o que estava acontecendo.

— Por que você fez isso? — perguntei.

— Oi para você também — respondeu.

— Oi é que dizemos quando ligamos para alguém antes.

Ele não se abalou nem um pouco.

— Não dá para ligar antes de *tcharã*.

— Talvez eu não goste de *tcharã*.

Para ser franca, eu não fazia a mínima ideia do que gostava. Só sabia que meu coração batia tão rápido que meus dedos estavam dormentes. Claro, eu sabia que era só por causa da surpresa, mas não sabia se era tipo *Surpresa, um bolo para você* ou *Surpresa, você teve um derrame*.

Diante de mim, o sorriso de Cole esvaziara. Seus olhos perdiam a expressão, o que acontecia quando o magoavam. O verdadeiro Cole se ausentava da situação e abandonava seu corpo.

Cruelmente, fiquei feliz por

isso, tanto quanto tinha ficado ao ver o relance de seu verdadeiro sorriso antes. Porque essa reação era real. Significava que ele se importava mesmo com o que eu sentia sobre este reencontro. Em um sorriso eu não podia confiar, mas na tristeza... eu reconhecia a sinceridade.

— Olhe — falei. — Você não pode simplesmente aparecer e esperar que eu grite e ria, porque não sou assim. Então não fique magoado só porque não estou fazendo isso.

A expressão dele voltou.
Essa nova era ávida e inquieta.

— Venha comigo. Vamos
para algum lugar. Aonde
podemos ir aqui por perto?
Vamos para lá.

— Preciso trabalhar até as
seis.

Seis? Sete? Naquele
momento, nem me lembrava
quando terminava meu
expediente. Onde estávamos?
No beco atrás da .blush. A
brisa do mar tocava minha
pele, o estorninho no alto
cantava lindamente em um fio
de telefone, uma folha seca de

palmeira flutuou até parar no concreto. Aquilo era real. Estava acontecendo.

Ele alternava o peso de um pé para o outro. Eu quase me esquecera de que Cole só parava de se mexer quando as coisas davam errado para ele.

— Qual é a próxima refeição? Almoço? Jantar? Isso. Jante comigo.

— Jantar? — Até aquele momento, meu plano era voltar me arrastando até Glendale, para a Casa do Divórcio e Separação, e ter uma noite de estrogênio e

risadas que eram o mesmo que lágrimas e vice-versa. — E depois?

Ele pegou uma de minhas mãos.

— Sobremesa. Sexo. Vida.

Ele beijou minha palma. Não foi um beijo carinhoso. Foi um beijo que fez minha pele se arrepiar com um desejo repentino e furioso. A *boca* dele.

Achei que estava mesmo tendo um derrame.

— Cole, pare, espere.

Parar e esperar não eram conceitos que ele compreendia

bem.

— Cole — falei.

Achei que podia me afogar
naquele beco azul.

— O que foi?

Eu ia falar *pare* outra vez,
mas não era isso o que queria
dizer.

— Nossa, me dê um
segundo!

Ele soltou minha mão. Eu o
encarei. Aquele era Cole St.
Clair: maxilar definido, olhos
verdes brilhantes, cabelo
castanho-escuro bagunçado e
arrepinado. Seu sorriso teria
sido famoso mesmo sem a

NARKOTIKA. Percebi que ele gostava que eu o encarasse. Percebi que gostava de tudo o que estava acontecendo. Tudo aquilo tinha sido planejado para me pegar desprevenida, para me fazer reagir.

Esperança e terror despertaram em mim em quantidades iguais.

— Por que você está aqui? — perguntei.

— Você.

Era a resposta perfeita dita de uma forma imperfeita. Ele tinha respondido rápido demais. Simples assim: *você*.

Era muito fácil dizer uma só palavra. Eu queria que ele falasse de novo, para que na segunda vez pudesse *sentir* alguma coisa.

Você.

Eu.

— Tudo bem — falei. Senti um sorriso tentando se abrir. Eu o escondi rápido. Nem pensar que ele ganharia um sorriso sem me ligar antes. — Jantar. Você me pega?

Cole riu, um som totalmente inatingível em sua alegria pura.

— Acabei de pegar.

CAPÍTULO QUATRO

COLE

Segundo o relógio do táxi, eu estava muito atrasado para meu compromisso com Baby

North. Perder a hora não é um de meus muitos vícios, e normalmente isso teria me incomodado. Mas nada podia me abater no momento. Eu vibrava com a agradável ansiedade causada pela boca contraída de Isabel.

Quando nos conhecemos, eu tinha salvado minha vida ao me transformar em lobisomem, e o irmão dela morrera tentando deixar de ser um. Isabel era a única pessoa em Mercy Falls mais cáustica do que eu.

Ela era a única que me

conhecia.

O sol brilhava no céu, mil vezes mais forte que o sol de Minnesota. Tudo naquele lugar era concreto, grama e flores de palmeira artificiais.

— Qual é mesmo a rua? — perguntou o motorista do táxi. Ele usava um chapéu de algum lugar que não era L.A. e parecia cansado.

— Ocean Front Walk — falei. — Venice. Se existirem duas. Provavelmente não. Mas por via das dúvidas.

— Essa rua não é para carros — respondeu ele. — É na

praia. Vou deixar você antes.
Você vai ter de andar.

Eu não sabia se era porque não ia à Costa Oeste havia muito tempo ou se porque tinha passado muito tempo sem sair de Minnesota, mas a Califórnia não parava de me surpreender. Quando nos aproximamos da casa de Baby North, tudo parecia familiar e maravilhoso, visto antes, durante a turnê, ou em um sonho ou filme. O nome das ruas, Mulholland Drive e Wilshire Boulevard, e os nomes pintados nas placas,

Hollywood, Cheviot, Beverly Hills, evocavam pensamentos de cabelos loiros, carros vermelhos, palmeiras, verão eterno.

Isabel...

Los Angeles. Na primeira vez em que estive aqui, um intruso Yankee, um desajeitado que estava quase lá, tirei a foto de uma placa de rua da Hollywood Boulevard e a enviei para minha mãe com a mensagem: **adivinha sou famoso.**

Agora eu era mesmo famoso, embora não mandasse mais mensagens para minha mãe.

Voltei.

Aquilo era bom. Era como quando você ficava infeliz e não sabia por que até não estar mais. Eu achava que estava ótimo em Minnesota. Entediado, solitário, ótimo.

Califórnia, Califórnia, Califórnia.

Ainda sentia a presença de Isabel em meus braços. Era como o sol em minhas pálpebras e o gosto do mar quando puxava o ar por entre os dentes. Eu já estivera ali.

Daquela vez seria diferente.

Liguei para meu amigo Sam em Minnesota. Ele me

surpreendeu atendendo no primeiro toque. Ele detestava falar no telefone porque não podia ver o rosto da outra pessoa durante a conversa.

— Cheguei — falei para ele, cutucando o adesivo da empresa na parte interna da janela. No banco da frente, meu motorista tinha uma intensa conversa em voz baixa e em outra língua ao telefone. — Meu rosto está relaxado e contente. Meus lábios estão virados para cima.

Sam não riu, porque era imune a meu charme.

— Você já foi ao lugar onde vai ficar? É legal?

— Eu estou bem, mãe — respondi. — Ainda não fui lá. Agora vou encontrar a Baby.

— Tive um pesadelo horrível com você esta noite — refletiu Sam. — Você saía por Los Angeles e mordida umas vinte pessoas para ter uma alcateia de lobos aí também.

Diz-se que quando alguém lhe pede para não pensar em uma imagem específica é impossível *não* pensar nela. Na verdade, Sam tinha me forçado a considerar a ideia de vários

lobisomens em Los Angeles, o que já deveria ter me ocorrido, mas não tinha. Não era uma visão totalmente destituída de romantismo. Lobos correndo pelo Sunset Boulevard ao anoitecer.

— Vinte? — ironizei. — Eu nunca morderia um número redondo de pessoas.

— Quando falei que era uma péssima ideia, você me disse que não queria ficar sozinho.

Parecia algo que eu diria, mas nunca sairia por aí mordendo novos amigos. Eu podia assumir a forma de lobo

por apenas alguns minutos de cada vez, enquanto a maioria dos lobisomens tinha de usar o corpo lupino por meses a fio. Era exatamente o que tinha acontecido em Minnesota. Então só me restavam Sam e Grace, e ambos tinham decidido ir para a *faculdade*, imagine só. Aulas de verão. Em Duluth. Quem fazia essas coisas?

— A pior parte — continuou Sam — foi que o relógio estava programado para despertar com rádio, e quando acordei estava tocando aquela sua

música idiota, “Villain”.

— Você deve ter escolhido uma ótima estação. — O táxi diminuiu a velocidade. — Preciso ir — falei. — O futuro está aqui, enfeitado com flores e frutas.

— Espere — disse Sam. — Você já viu a Isabel?

Meus dedos ainda sentiam as curvas dela.

— *Da.* Nós nos abraçamos. Anjos cantaram, Sam. Aqueles gordinhos. Querubins. Preciso ir.

— Não morda ninguém.
Desliguei. O taxista colocou

o carro em ponto morto.

— Agora você vai andando.

Abri a porta do carro.

— Quer vir comigo? —
perguntei ao entregar o
dinheiro a ele.

Ele me encarou, sem
entender.

Saí. Na calçada, quando
coloquei minha mochila no
ombro, um bando de skatistas
jovens passou por mim
voando.

— Estamos andando de
skate! — gritou um deles.

Os outros atrás dele
soltaram gritos alegres.

Eu ainda sentia o gosto do perfume de Isabel.

O sol brilhava lá no alto. Minha sombra era pequena sob meus pés. Não sabia como aguentaria ficar sozinho até o jantar.

Parecia que a casa de Baby North em Venice Beach havia sido construída por uma criancinha entupida de cafeína. Eram vários blocos de cores vivas e tamanhos diferentes, empilhados e lado a lado, unidos por escadas de concreto e sacadas de metal. Ficava voltada para a praia

eternamente cheia de turistas e para o tangível mar azul. Era um lugar mais alegre do que eu esperava.

As pessoas tinham medo de Baby North. Era por ser uma destruidora de lares, eu pensava, pois tinha destruído a vida das últimas sete pessoas que colocara na televisão. Era meio que sua marca registrada. Pegar um fracassado, colocá-lo na TV, esperar tudo ir pelos ares e jogar um cheque no ar sobre os destroços.

Todo mundo que assinava contrato com ela achava que

seria o único a escapar com a dignidade e a sanidade ilesas, e todos estavam errados.

Parecia que nenhum deles sabia que era apenas uma performance.

Subi a escada de concreto. Quando bati, a porta se abriu. Era inútil chamá-la. A música lá dentro era tão alta que a única certeza eram o mais puro dos sopranos nos vocais e uma bateria pesadíssima. Era o tipo de música cantada por uma garota que poderia ter sido descoberta no Disney Channel.

Quando entrei, o ar-

condicionado me atingiu como um soco. Senti cada nervo se contrair e reconsiderar seu formato e espécie.

Isso seria um problema em L.A.

Fazia muito tempo que eu não virava lobo. E sempre fora difícil convencer meu corpo a se transformar: uma queda brusca na temperatura, um interessante coquetel químico, um chute persuasivo em meu hipotálamo. Naquele momento, a diferença de temperatura não era o suficiente para desencadear

nada, mas bastava para dar um choque em meu corpo e trazer à tona a sedutora lembrança da transformação.

Lobisomem, lobisomem.

Isso daria uma boa música.

Lá dentro, o teto se elevava sobre o chão de concreto, indo até o encanamento exposto. Havia quatro móveis. No meio deles, Baby North estava curvada sobre um iPad. Eu a reconheci mais dos blogs de fofoca que de nosso rápido encontro anos antes. Seu cabelo castanho estava cortado com uma franja pesada que

cobria os olhos profundos, como o de uma modelo dos anos 1970. Ela usava uma legging plissada e algum tipo de túnica larga feita de lona, linho ou algo com cara de roupa de monge. Era baixa e bonita de um jeito desconcertante, de um jeito que era para olhar, não tocar. Eu não fazia ideia de quantos anos ela tinha.

Apontei para um dos alto-falantes no teto. A cantora gorjeava algo sobre todos ligarmos para ela e fazer alguma coisa antes que fosse

tarde demais. Era
implacavelmente pegajosa.

— Sabe que isso vai deixá-la
cega, não é?

Quando Baby se virou para
mim, seu sorriso era enorme,
genuíno e ávido. Ela tocou no
iPad e a música parou no
mesmo instante.

— Cole St. Clair —
anunciou.

Embora eu tivesse certeza de
que ela não ia me vencer, senti
uma pontada. Foi o jeito com
que ela disse meu nome. Como
se minha presença ali fosse um
triunfo.

— Desculpe pelo atraso.

Ela levou as mãos ao peito, extasiada.

— Meu Deus, sua voz.

Uma crítica ao último disco da NARKOTIKA a resumira assim:

A faixa-título de Either One/Or the Other começa com vinte segundos de palavras faladas. Os garotos da NARKOTIKA sabem muito bem que, mesmo sem a bateria insistente de Victor Baranova e os riffs de baixo inspirados de Jeremy Shutt, a voz de Cole St. Clair

atrairia ouvintes a uma morte extática.

— Esta foi a melhor ideia que já tive — disse Baby.

Meu coração estremeceu com força, uma vez só, como um motor que dá a partida. Fazia muito tempo que eu não entrava em turnê. Que não aparecia em público como músico. Agora, com a pulsação mais acelerada, não acreditava que tinha pensado que conseguiria desistir daquilo para sempre. A sensação era intencional, poderosa,

importante. Eu ficara estagnado por um ano e agora havia voltado à terra firme.

Não era um desastre.

Isabel ia jantar comigo.

Eu tinha sido desmontado e reconstruído, e aquela versão de mim era inquebrável.

Baby colocou seu iPad em um dos quatro móveis (uma banqueta de bétula, casinha de um bicho de estimação ou coisa do tipo) e deu a volta ao meu redor ainda com as mãos fechadas no peito. Eu já tinha visto essa postura. Era um homem rodeando um carro em

um leilão. Ela tinha me adquirido com uma quantidade significativa de esforço e queria saber se eu valia a pena.

Esperei que ela me rodeasse uma vez.

— Feliz? — perguntei.

— Não consigo acreditar que você é real. Você estava morto.

Sorri para ela. Não meu sorriso de verdade. Meu sorriso da NARKOTIKA, repuxando maliciosamente um canto da boca mais que o outro.

Tudo estava voltando.

— Esse *sorriso* — disse Baby.

— Esta foi a melhor ideia que

já tive — repetiu ela. — Você já esteve na casa?

Claro que não. Eu estava assombrando Isabel em Santa Monica.

— Bom, vai vê-la logo — disse ela. — O restante da banda se muda amanhã. Quer beber alguma coisa?

Eu queria perguntar sobre a banda que ela tinha montado para mim, mas pensei que isso ia me fazer parecer nervoso. Então, perguntei:

— Você tem Coca?

A cozinha era grande e vazia. Parecia que nada era

particularmente residencial ou sequer humano. Os armários eram todos de tiras finas de madeira clara, e as paredes eram cobertas de canos de PVC expostos que iam para o andar de cima. A geladeira era surpreendente, como se fosse um tonel de algum fluido industrial. Ninguém precisava me dizer que Baby morava sozinha.

Ela me entregou uma Coca, uma daquelas garrafas de vidro que você sabe que estão deliciosamente geladas mesmo antes de abrir a tampa. Baby

me observou virar a cabeça para trás e beber antes de fazer o mesmo. Ela continuava me avaliando. Olhando meu pescoço e minhas mãos.

Baby achava que me conhecia.

— Ah, eu tenho... — Ela usou apenas o dedinho para abrir uma gaveta, e pegou um bloco de notas. Um daqueles blocos minúsculos que cabem na palma da mão, que nos incitam a ser breves. — Era isso o que você queria?

Fiquei feliz por ela se lembrar, mas me limitei a

assentir friamente quando o aceitei. Eu o enfiei no bolso de trás.

— Olhe, garoto — falou. — Isto vai ser difícil.

Minhas sobrancelhas se contraíram quando ouvi “garoto”.

— Quero que você saiba que estarei aqui sempre que precisar de mim. Se a pressão for demais, estarei a um telefonema de distância. Se quiser vir aqui, também não tem problema. A casa fica a um quilômetro e meio da minha.

Parecia que a preocupação

dela era genuína, o que me surpreendeu. A julgar por seus trabalhos anteriores, eu esperava um monstro devorador de criancinhas.

— Tudo bem — falei. — Você me disse. Olhe, eu já tenho seu número gravado.

Virei meu telefone para ela ver seu número e, acima dele, no campo do nome, *Colapso Nervoso/Morte*.

Baby riu, absolutamente encantada.

— Estou falando sério. Você ficaria surpreso se soubesse como as câmeras podem te

afetar — acrescentou ela. — Quer dizer, elas não vão ficar em cima de você o tempo todo, claro. Mais para os episódios mesmo. Um pouco na casa, você e a banda. Você praticamente diz onde e quando precisa deles. Mas, sabe, os espectadores podem ser muito cruéis. E com o seu histórico...

Eu me limitei a abrir novamente meu sorriso NARKOTIKA. Eu já tinha visto esse meu sorriso. Em revistas, em blogs, na contracapa de discos e no sempre carinhoso

olhar no espelho. E já ouvira que usamos mais músculos para franzir a testa do que para sorrir, e tenho certeza de que é verdade quando se trata desta minha expressão em particular. É apenas uma contração dos lábios, na verdade, só um estreitar de olhos. Sem uma única palavra, não só diz à outra pessoa que ela não é um enigma para mim como também diz que nada é um enigma para mim, sendo que *nada* quer dizer o mundo.

Em geral, dou esse sorriso quando não consigo pensar em

algo inteligente para dizer.

— Foi um pouco demais para os outros — admitiu Baby, como se ambos não conhecêssemos o destino dos participantes de seus programas anteriores. — Sobretudo se você tem um histórico de... Bem, de problemas com drogas.

Continuei sorrindo. Engoli o restante de minha Coca e entreguei a garrafa a ela.

— Vamos ver a casa — falei.

Ela enfiou a garrafa em uma lata de reciclagem da cor do céu.

— Por que a pressa? Vocês, da Costa Leste, estão sempre com pressa.

Eu estava a ponto de dizer que tinha planos para o jantar quando percebi que não queria revelar quem iria comigo.

— Estou animado para ver esse futuro que você planejou para mim.

CAPÍTULO CINCO

ISABEL

— Eu fiz sanduíches — disse minha prima Sofia assim que entrei pela porta da Casa da

Depressão e da Ruína naquela noite.

Ela falou tão rápido que ficou claro que estava só me esperando passar pela porta para poder contar. Além do mais, eu sabia que embora, ela tivesse falado *sanduíches*, o que queria dizer era *por favor, veja o auge deste processo culinário que envolveu mais de quatro horas de preparo*.

— Na cozinha? — perguntei.

Sofia piscou os enormes olhos castanhos para mim. Seu pai, um dos muitos homens que haviam sido abolidos de

nossa vida, a batizara habilmente com o nome da deslumbrante atriz Sophia Loren.

— E um pouco na sala de jantar.

Ótimo. Um sanduíche que preenchia dois cômodos.

Mas eu seria obrigada a aceitar um, embora fosse jantar com Cole. Sofia era minha prima por parte de mãe. Ela era um ano mais nova que eu e vivia com um aflitivo medo do fracasso, da passagem do tempo e de sua mãe deixar de amá-la. Ela também me

adorava por razões que eu não entendia. Havia muito mais gente digna de sua adulação.

— Não cabiam todos na cozinha?

Eu tirei minhas botas de tecido na porta da frente, onde caíram sobre um par de botas de tecido da minha mãe. Vazio, o cabideiro para casacos balançou, batendo na vidraça da porta antes de se endireitar. Nossa, aquele lugar era um devorador de almas. Embora eu estivesse ali havia 21 terças-feiras, ainda não tinha me acostumado. A McMansão era

estéril o bastante para arrancar pedaços de minha identidade toda vez que eu voltava ali, substituindo-os insidiosamente por carpete branco e pisos de madeira clara.

— Eu não queria atrapalhar ninguém que quisesse preparar outra coisa — respondeu Sofia.
— Você está bonita hoje.

Eu fiz um gesto de desdém e entrei na sala de jantar. Lá dentro, descobri que Sofia tinha passado a tarde preparando um bufê de recheios caseiros para sanduíches combinandinhos.

Ela havia esculpido tomates em forma de flor, assado um peru, feito o diabo. Preparara quatro vinagretes e aiolis de sabores diferentes. Assara dois tipos de pão em dois formatos.

O arranjo fora arrumado em espiral com os legumes bem no meio. Seu telefone e sua enorme câmera estavam na extremidade da mesa, o que significava que ela já tinha colocado aquilo em seus quatro blogs.

— Está bom? — perguntou Sofia ansiosa. Ela amassava um guardanapo entre as mãos

brancas como lírios.

Em geral, era nesse momento que as pessoas presumiam que Sofia vivia sob uma forte expectativa dos pais. Mas, para mim, a única coisa que minha tia Lauren esperava de Sofia era que ela fosse nervosa daquele jeito, e parecia que a filha correspondia admiravelmente. Ela era um instrumento bem afinado que vibrava com a ressonância emocional de quem quer que estivesse mais próximo.

— É um exagero nojento, como sempre — falei. Sofia

suspirou de alívio. Eu contornei a mesa, examinando-a. — Você também passou aspirador no segundo andar inteiro?

Sofia me observou com gigantescos olhos luminescentes. Ela era uma figura surreal.

— Eu tinha tempo!

Ataquei um pedaço de pão com uma faca de serrinha. Objetivo: sanduíche. Efeito colateral: mutilação. Quando Sofia viu minha dificuldade, contornou a mesa às pressas para me ajudar. Como em uma

cena de assassinato em câmera lenta, lutei para arrancar a faca da mão dela e cortei duas fatias desiguais por conta própria. Tia Lauren achava normal ela ser tão subserviente, mas aquilo me incomodava demais.

— E o livro que você estava lendo?

— Terminei.

Escolhi rosbife e lascas de parmesão.

— Achei que você tinha aquele negócio de colagem-escultura.

Sofia observou atentamente quando escolhi uma maionese

muito verde.

— A primeira parte está secando.

— O que é isto, rúcula? Quando é sua aula de *erhu*?

Eu não sabia o que achava de Sofia, a garota mais branca e ocidental do mundo, ter aulas de *erhu*. Não conseguia decidir se contava ou não como apropriação cultural. Mas parecia que Sofia estava gostando, e ela era boa, assim como era boa em tudo, e ninguém de seu blog de *erhu* parecia reclamar, então fiquei quieta.

— Agrião. Só à noite. Já treinei hoje de manhã.

— E um cochilo? Gente normal cochila.

Sofia me lançou um olhar severo. Ela queria que eu retirasse o que tinha dito e dissesse que não, que ela era normal, que estava tudo bem, que não precisava respirar fundo porque aquilo não era uma emergência, aquilo era a vida, e era assim para todo mundo.

Porém, retribuí seu olhar severo com uma piscada longa, depois mordi o sanduíche. Não

acreditei que Sofia tinha passado mais uma tarde com temperos como companhia.

— Você devia viver um pouco — falei para ela, engolindo o pedaço que tinha na boca. — Está delicioso e isso me ofende.

Sofia pareceu intimidada. A criaturinha que personificava minha culpa sentiu uma pontada. Comecei a pensar que minha mãe não parava de me dizer a mesma coisa. Sobre viver um pouco. Eu sempre respondia que viveria um pouco assim que encontrasse

gente com quem valesse a pena conviver. Era possível que Sofia ainda não tivesse encontrado ninguém que fosse digno de seu tempo.

— Vamos sair hoje. Você pode vestir alguma coisa vermelha — falei.

— *Sair?* — repetiu ela, bem na hora em que lembrei que ia jantar com Cole.

Não acreditava que tinha esquecido; por outro lado, acreditava, sim. Porque era como ter um sonho bom e já tê-lo esquecido ao descer para tomar café da manhã.

Tive uma sensação não muito agradável no estômago, como se alguém estivesse abrindo um guarda-chuva lá dentro. Parecia medo de Cole, só que não era isso. Eu temia não ser quem ele achava que eu era. Ele ficara tão encantado ao pensar em mim na Califórnia, como se o estado e eu fôssemos fazer bem um ao outro.

Eu me perguntei no que estava me metendo.

— Droga — falei. — Hoje, não. Vou sair para jantar. Mas amanhã à noite. Vermelho. Eu

e você.

— *Jantar?* — repetiu ela.

— Se você continuar repetindo tudo o que eu digo, está cancelado. — Dei outra mordida no sanduíche. Era realmente excepcional. — Onde está sua mãe?

Eu nunca sabia como me referir a minha tia Lauren. Quando dizia *Lauren* para Sofia, parecia que estava sendo arrogante. Quando dizia *sua mãe*, parecia que estava sendo fria. E não podia dizer *titia*, porque eu nunca dizia a palavra “titia” se pudesse

evitar. Provavelmente porque eu era arrogante e fria.

— Em um fechamento — respondeu Sofia. — Ela disse que chegaria em casa antes da Teresa.

Teresa era minha mãe. Quando Sofia disse isso, seu tom não era arrogante nem frio. Era respeitoso e terno. Que magia cruel.

A campainha tocou. Sofia fez uma expressão de mártir e falou:

— Eu atendo.

Ela não queria atender. Atender significava que teria

que falar com quem estivesse do outro lado da porta, e se ela falasse com essa pessoa, sua roupa, seu cabelo, seu rosto ou suas habilidades poderiam ser julgados e condenados.

— Ah, pare com isso — falei.
— Sério. Eu atendo.

Só que era uma celebridade na porta. Antes de meu irmão morrer, ele dizia que as coisas vêm em três. Três celebridades em um dia. Nada mau, mesmo para a grande Los Angeles. Essa era uma mulher pequenina com uma pesada franja escura cobrindo os olhos

verdes sonolentos. Estava linda, de um jeito casual e vintage que parecia tão despojado que devia ter levado muito tempo para conseguir. Ela não era uma mulher. Era a imagem de uma mulher. Levei um tempo para me lembrar de onde a conhecia, pois era uma daquelas subcelebridades que apareciam nas páginas internas dos tabloides e em blogs de fofocas em dias de poucas notícias. Seu nome era algo estranho, lembrei. Era...

— Oi, eu sou a Baby North
— disse ela. — Você é a Isabel?

Ela claramente achou que eu ficaria chocada ao ouvir meu nome, mas para mim era uma questão de honra não me chocar com nada. Sobretudo depois que minha capacidade de me surpreender ter sido praticamente destruída pela aparição de Cole St. Clair mais cedo. Entretanto, *sentia* Sofia atrás de mim, e sabia que sua boca estava levemente entreaberta.

— Sofia — falei, saindo para o degrau iluminado da entrada. — Você poderia checar o forno? Acho que o deixei ligado.

Houve uma pausa, e então Sofia desapareceu. Ela não era idiota.

— Qual é o assunto? — perguntei. Não percebi que aquilo não era educado até sair de minha boca.

— Uma oportunidade. Se você me der um minuto, posso me apresentar, dizer quem sou, o que faço...

— Eu sei quem você é — falei.

Baby North era um lindo abutre que reanimava cadáveres para a web TV, mas não acrescentei essa parte, pois

imaginei que ela já soubesse. Eu estava com uma sensação desconfortável sobre o motivo para ela estar ali, e parte de mim sabia que eu não ia gostar de saber.

— Que bom! — disse ela, abrindo um enorme sorriso. Não confiei no sorriso, porque era bonito demais. Largo, simétrico e com covinhas, lembrava o de uma pin-up. — Posso entrar?

Eu a avaliei. Ela me avaliou. O carro dela, brilhante e cromado, estava no meio-fio atrás do meu SUV.

— Não — falei.

Sua boca se alterou, tornando-se muito mais real.

— Bom, tudo bem.

A educação começou a voltar, então acrescentei, com o máximo de simpatia gélida que consegui:

— A casa não é minha. Não gostaria de comprometer a privacidade das moradoras. E, como disse, eu sei quem você é.

— Esperta — disse Baby, como se realmente pensasse isso. — Bem, então vou ser rápida: você está namorando o

Cole St. Clair?

Tentei manter o rosto neutro, mas a surpresa roubou minha discrição. Sabia que minha expressão me delatara por meio segundo.

— Não acho que a palavra *namorando* seja adequada — respondi.

— Certo — comentou ela. — Queria perguntar se você gostaria de participar de um programa com ele. Legal, não é? Não tomaria muito do seu tempo, e pode criar muitas oportunidades. Especialmente para uma garota bonita como

você.

A sensação desconfortável dentro de mim cresceu e se solidificou. Segurei a maçaneta.

— Que tipo de programa?

— Só vamos fazer um programinha rápido seguindo o Cole e a banda enquanto gravam o próximo disco.

Um

programinha

rápido

Eu *sabia* que ele não estava em L.A. por minha causa. Sabia desde o início.

Meu coração tonto, porém,

não sabia. Quisera tanto acreditar nele. Agora estava esmagado contra as costelas pelo terrível sentimento que crescia dentro de mim.

— Não estou interessada — falei. — Como eu disse, não estamos namorando.

— Mas mesmo como amiga...

— Não somos amigos de verdade — falei. Eu precisava fechar a porta naquele *exato momento*, para poder gritar, chorar ou quebrar alguma coisa. — Só convivi com ele por um tempo.

Ela observou meu rosto, procurando o motivo verdadeiro, mas eu já tinha me controlado e me limitei a encará-la com um olhar vazio carregado de delineador.

— Se mudar de ideia... — disse ela, tirando um cartão do bolso de sua bata de linho.

Não alterei minha expressão, mas o aceitei. Precisava de algo para queimar.

— Seria legal — disse Baby. — O tipo de coisa que você lembraria para sempre. Pense no assunto.

Ela voltou para a calçada. Eu

voltei para dentro da Casa da Depressão e da Ruína. Quando fechei a porta atrás de mim, a casa tirou outro pedaço de minha alma e transformou-o em uma peça de armário da cozinha semicustomizada. Meu cérebro estava explodindo.

Sofia estava na porta da sala de estar.

— Aquela era mesmo a...

— Era.

Peguei meu telefone. Digitei o número com fúria.

— O que ela...

Fiz um gesto com a mão contraída, apontando para o

telefone. Ouvi um barulhinho quando atenderam.

— Achei que você tinha falado que estava aqui por minha causa — rosnei.

— Oi — respondeu Cole. — Eu estava vestindo a calça. A não ser que você prefira que eu não use.

— Aja como se tivesse ouvido o que eu falei.

— Mas eu não ouvi.

— Você disse que estava aqui por minha causa. Você mentiu.

Houve uma pausa. O problema dos telefonemas é que não dá para saber o que

está acontecendo durante uma pausa. Eu não sabia se era uma pausa encontre-um-jeito-de-consertar-as-coisas ou uma pausa estou-genuinamente-confuso.

— O quê? — perguntou ele, enfim.

— Você vai gravar um disco. Vai aparecer na televisão. Essas coisas não são eu.

Outra pausa.

— Diga alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Ah, rá. Bom, ouça: o problema é que você me fez sentir que tinha vindo para cá

só por minha causa, e na verdade está aqui para aparecer na TV. Você não veio por minha causa. Veio para cá ser Cole St. Clair.

— É o contrário — respondeu ele, exasperado.

— Engraçado você não ter mencionado isso antes — disparei. — Esqueça o jantar. Esqueça tudo.

— Não é...

— Não precisa dizer nada. Na verdade, pode morrer — falei.

Desliguei.

CAPÍTULO SEIS

COLE

Quando eu virava lobo, não me lembrava de nada sobre mim. Só restava meu eu mais

básico, reduzido ao x. Não era nada mais ou menos extraordinário que um animal.

Era o que metade das drogas que eu já usara tentava ser.

Tudo em que pensava depois da ligação de Isabel era que, se eu fosse um lobo, aquele sentimento desapareceria, pelo menos por um tempinho.

Em vez disso, fiquei na sacada com grade de ferro da casa de Venice e olhei para o brilho noturno da cidade. A lua estava enorme, um esférico objeto cênico hollywoodiano no final da Abbot Kinney. No

asfalto, exóticas silhuetas de palmeiras. Perfeito como nos filmes, perfeito como L.A. Aquele lugar: será que os filmes eram perfeitos como Hollywood porque o lugar era perfeito, ou o haviam construído à perfeição por causa dos filmes?

Parado na sacada, com o perfil recortado contra o céu roxo, minha depressão era apenas mais uma coisa glamorosa.

O que eu deveria ter dito a ela?

Estava consciente da

pequena câmera apontada para minhas costas. Ficava presa à extremidade do telhado e era uma das muitas posicionadas pelo complexo. Na verdade, *complexo* não era a palavra certa. Meu pequeno loft aberto e iluminado por claraboias ocupava o segundo andar de uma casa de concreto em forma de bloco. O apartamento do primeiro andar estava reservado para outro integrante da banda. Um amplo deque levava a um terceiro apartamento em uma casa térrea de estuque em

frente ao bloco. Entre elas havia um pequeno jardim cheio de plantas que não parecia real a meus olhos forasteiros.

De repente, as seis semanas se desenrolaram. Não entendia como já podia ter considerado 42 dias pouco tempo.

Apoiei o peso na borda da sacada. Queria uma cerveja; queria uma agulha para enfiar na pele.

Não, eu não era mais assim. Estava careta, sóbrio, novo em folha. Baby tinha me contratado para fracassar, mas eu não iria obedecer.

Isabel não tinha nem me dado uma chance.

Pensei na rapidez com que podia virar lobo. Em como isso esvaziaria minha cabeça por completo. Só por alguns minutos. E, ao contrário de qualquer de meus calmantes químicos, não deixava marcas nem exigia mais nada de mim. Não era um vício.

Mas não me movi.

Cruzei os braços na sacada e apoiei a cabeça neles. Meu peito encheu-se lentamente de escuridão. Meu rosto estava enfiado no ponto onde havia

marcas de agulha antes que o lobo em mim as apagasse.

De que *valia* estar ali, senão por ela? De que valia qualquer coisa se eu não conseguia resolver isso? Era só um jantar. Era só...

Isabel...

Na viela atrás de meu apartamento, ouvi um carro parar. A porta do carro se abriu e se fechou. Um porta-malas se abriu e se fechou. O portão do pátio chacoalhou.

Foquei o olhar em uma figura indistinta com um chapéu de cor clara tentando

abrir o portão. Ele/ela/aquilo me viu. Uma voz, provavelmente feminina, gritou:

— Pode me dar uma mãozinha, cara?

Não me movi, apenas observei. Ela/ele/aquilo tentou abrir a fechadura por mais um minuto até que a caixa com segredo sucumbiu.

Tudo aquilo parecera uma brincadeira muito divertida mais cedo, quando eu estava na casa de Baby. Mas agora? *Morra.*

Senti que nunca tinha

parado de discutir com Isabel, desde Minnesota.

A velocidade com que tudo dera errado dentro do meu coração era impressionante.

Lá embaixo, a figura entrou no pátio. Levava uma mala. Não parecia ter rodinhas, mas mesmo assim a arrastava. Empurrando os galhos de uma figueira intrometida para passar, a pessoa ficou bem abaixo de mim, com a sombra magra difusa e cheia de cabeças por causa dos postes da rua, das luzes da varanda e da lua. Agora eu via que o que

pensara ser um chapéu eram enormes dreadlocks louros.

— Obrigada pela ajuda, cara — disse ela, voltando o rosto para cima.

Como não respondi mesmo assim, ela arrastou a mala por mais alguns metros. Então se deixou cair ao lado da casa e acendeu um cigarro ou um baseado.

Lentamente, eu me arrastei para o modo artista. O modo Cole St. Clair. Era uma peça de roupa, uma camisa familiar, mas levava um tempo para vestir.

Desci a escada com passos pesados. No escuro, o leve brilho da brasa do baseado iluminava a fumaça ao redor. Seu rosto era muito longo e fino, e se parecia muito com Ichabod Crane, se Ichabod tivesse dreadlocks louros, o que era possível. O século XVIII foi uma péssima época para moda capilar.

— Oi, por que você está aí?
— perguntei.

— Sou a baterista da sua banda — respondeu.

Não houve fogos de artifício, paradas ou sinais caindo do

céu para anunciá-la, a primeira entre os músicos reunidos ao redor dos pés musicais de Cole St. Clair, ex-vocalista da NARKOTIKA.

Aquela garota não era minha banda. Um terço da minha banda era budista e o outro estava morto.

— Isto não é um jeito sofisticado de dizer que você é uma prostituta, é? Porque não estou nem um pouco no clima — falei.

Ela soprou a fumaça em mim.

— Não estrague a minha

onda, cara — disse, em um tom nasalado e lento que só podia ser ensaiado.

Ela fechou os olhos. Parecia estar completamente em paz com o mundo. A maconha nunca tivera esse efeito em mim. Eu ficava superengraçado, depois ficava triste. Todo o processo só era divertido para quem assistia.

— Eu nem sonharia em fazer isso. Achei que você ia chegar amanhã. Caso não esteja familiarizada com esse conceito, é o dia depois de hoje.

A Garota Ichabod abriu os olhos. Seus dreadlocks eram imensos. Tão grandes que precisavam do próprio CEP. Eu já vira dreads grandes em minha época, mas aqueles pareciam feitos com as ruínas de vilarejos abandonados de terceiro mundo.

— Onda. Estragando.

— Desculpe. Eu sou o Cole.

— Leyla.

Ela me ofereceu o baseado.

— Eu sou careta — falei, embora antigamente considerasse a maconha o menor dos muitos pecados

disponíveis.

Era a primeira vez que eu dizia *sou careta* em voz alta, e as palavras tinham uma nobreza gloriosa.

— Talvez seja melhor relaxar — disse ela. — Antes que os outros cheguem aqui.

— Os outros?

Como se obedecessem à deixa, luzes inundaram o quintal. Ergui uma das mãos para proteger os olhos. Quatro pessoas passaram tranquilamente pelo portão, todas escuras e demoníacas no final do jardim. Dois deles

carregavam câmeras. Os outros dois, estojos de instrumentos. Os primeiros estavam voltados para os últimos, mas, quando notaram Leyla e eu, as lentes se viraram para nós na hora.

Parecia que eu tinha sido jogado no palco sem uma *set list*. *Isto é o programa*, falei para mim mesmo. *Começa agora*.

— Eu avisei — disse Leyla, indiferente.

— Cole, oi — disse o câmara. Eu via metade de seu rosto, que tinha uma semelhança impressionante com o de Baby: as mesmas

pálpebras pesadas, a mesma franja castanha, a mesma sensação de que ele tinha saído de uma foto vintage dos anos 1970. — Achei que você estava dormindo. Desculpe pela surpresa. Todo mundo chegou mais cedo e decidimos filmar alguns minutos da entrada deles. — Ele estendeu a mão para mim, ainda segurando a câmera com a outra. Usava umas quatrocentas pulseiras de cânhamo. No mesmo instante, cheguei a pelo menos três conclusões sobre ele apenas com base nas pulseiras. — Eu

sou o Tê. Só a letra.

— Que letra?

— *T.* meu nome. Só *T.*

Cheguei a mais uma conclusão, depois apertei a mão dele:

— Você é a cara da Baby.

— Há, eu sei. Sou irmão gêmeo dela.

— Que bizarro.

— É mesmo, não é? Vou ser um dos câmeras da equipe.

Logo de cara vi que ele era um daqueles caras maleáveis que simplesmente gostavam de estar perto de todos os tipos de celebridades. Não um fã de

alguém em especial, só um fanático por qualquer um que já tivesse sido alguém. Mesmo assim, de cara gostei mais dele que de Baby. Ele era mais direto.

— A Joan é a outra que você vai ver o tempo todo. É aquela ali. — Ele apontou. — Então, se nos vir por aqui, não se assuste.

Parte de minha atenção estava voltada para ele, mas a maior parte de minha mente imaginava como os pais deles tinham batizado coletivamente os filhos de *Baby T*.

— Enfim, nós vamos só, tipo, fazer uma tomada rápida deles entrando na casa, e depois deixaremos vocês em paz — disse T. — Vamos tentar ser, tipo, o mais discretos possível.

— Façam o que precisarem — falei.

T e Joan recuaram, apontando as câmeras de um lado para o outro, procurando a melhor luz possível. Joan quase pisou em Leyla, que estava deitada na grama. Vi o relance de uma cena pelo visor de Joan e parecia um daqueles

documentários sobre leões à noite. Só faltava o para-choque de uma Land Rover e a carcaça meio devorada de um antílope.

Foquei nos dois músicos ao mesmo tempo em que a câmara de Joan.

— Por que são dois? — perguntei.

T, querendo ser agradável, parou o que estava fazendo e se virou para mim.

— Dois o quê? Câmeras? Difere...

— Não, eles.

— É a sua banda, cara — disse T. Ele tinha o mesmo

sorriso largo de Baby. —
Guitarrista e baixista.

— Qual deles é o guitarrista?

T olhou para os dois homens com seus estojos similares de instrumento. Ele não fazia a mínima ideia. Um dos músicos levantou a mão.

— Você pode ir embora — falei.

Os olhos sonolentos de T acordaram:

— Ei, espere um pouco.

— A porta é ali — falei para o guitarrista, que me encarava com uma expressão que eu tinha esquecido: descrença

misturada a indignação. — Foi um prazer conhecê-lo, *da svidaniya* etc. etc. — Virei para o baixista, que engoliu em seco. — E v...

— Ei, espere — interrompeu T. Ele ainda sorria, mas seus olhos estavam um pouco alarmados. — A Baby escolheu a dedo estes caras. Não acho que ela vai ficar muito feliz se você mandar um embora antes de nós sequ...

— Eu não pedi um guitarrista — falei. — Por que precisaria de um guitarrista? Não somos os Beatles. —

Aponte: — Baixista. Baterista.
Eu. Pronto.

T claramente queria manter a paz:

— Por que não deixa o cara ficar para ver como as coisas andam? Aí você fica feliz, a Baby fica feliz, o Chip fica feliz.

Presumi que Chip era o guitarrista que eu teria que ejetar à força de minha vida. O mais irritante de tudo aquilo era que tinha certeza de que Baby não esquecera que eu não queria um guitarrista. Alguém que se lembrava de um bloco de notas não deixava passar

um integrante extra da banda.

— Se ele quiser ficar sem fazer nada, tudo bem — respondi. — Mas aquilo ali não vai sair do estojo. Eu não escrevo para guitarra. Ele pode fazer companhia às plantas.

T me encarou, esperando que meu olhar vacilasse. Mas isso não ia acontecer. Mesmo que nada mais no mundo desse certo, ao menos eu manteria uma coisa: ia gravar o disco do meu jeito.

— Chip, por que você não espera no carro? — disse T, enfim.

Leyla soprou uma nuvem de fumaça nas luzes do documentário sobre leões.

Chip saiu do jardim arrastando os pés.

— Bem... — disse T.

Eu me virei para o baixista. Ele era um garoto alto e magro de cabelo comprido. Seus dedos pareciam pernas de inseto.

— Você é bom? Vamos ouvir — falei.

A boca do baixista de abriu, mas não emitiu nenhum som.

T não era bobo. Ele percebeu o problema a milhões de

quilômetros de distância.

— Agora? Eu achei que íamos só...

Eu o interrompi:

— Não existe momento melhor que o presente, T. Nossa juventude está passando e, pelo que me disseram, a juventude é o que há. Pegue isso aí, cara. Vamos ouvir qual é a sua.

O baixista, percebendo imediatamente que eu, e não T, estava no comando, apressou-se em pegar o baixo.

— Fica, ähn, melhor amplificado.

— Vou usar a imaginação.

— O que devo tocar? —
perguntou ele.

— Você é quem sabe.

Jeremy, o baixista da NARKOTIKA, não era o melhor baixista do mundo, mas tinha uma espécie de energia implacável. Ele precisava estudar cada música durante dias antes de criar o mais básico dos riffs, mas quando o riff aparecia... Nossa, era melhor se segurar em alguma coisa ou se sentar. Nem importava ele ter levado tanto tempo para chegar lá. Só

importava ter chegado no final.

O baixista de cabelo comprido tocava o riff de alguma das nossas músicas. Eu não me lembrava do nome dela. Droga, de repente me senti velho. Um garoto espinhento tocando com adoração um riff antigo de Jeremy de uma música que eu não me lembrava.

— Toca outra coisa — falei.
— Algo que eu ainda não tenha ouvido.

Ele tocou. Tinha uma pegada funk e uma habilidade bastante aceitável e não parecia com

nada que eu jamais iria querer ouvir em uma de minhas músicas. Eu nem queria aquilo perto de mim. Podia ser contagioso.

— Obrigado, Charlie, mas não — falei para ele.

Não podia acreditar no que aquela noite se tornara. Eu devia estar com Isabel naquele momento.

— Meu nome não é...

— Ele também pode ir sentar no carro — eu disse. — Todos tenham uma boa noite. Estou fora.

Eu os deixei ali. Quando

subi a escada do deque, me perguntei se deveria ligar para Isabel. Talvez devesse mandar alguma coisa para ela. Não flores. Eram entediantes. Ela nunca se deixaria levar por flores. Tinha que ser um anão saltando de dentro de um cartão ou coisa do tipo.

— Idiota — disse o baixista, alto o suficiente para eu ouvir.

Ele não conhecia minha reputação se achava que aquilo sequer chegava perto de me ofender.

— Cole, qual é — disse T. — O que vou dizer para a Baby?

— Eu fico incomodado por você chamar a sua irmã de *baby* — falei para ele. — Diga a ela que os testes começam amanhã. Eu mesmo vou fazê-los. Traga seu equipamento e uma cueca limpa.

A outra câmara (Jane? Joan?) falou pela primeira vez:

— Você vai demitir a Leyla também? — perguntou em um tom irritado.

Olhei para onde Leyla estava sentada, ainda fumando, satisfeita. Queria minha banda. Não queria todos aqueles babacas.

— Ainda não.

No banheiro, chequei com atenção redobrada para ver se não havia câmeras, liguei o chuveiro para obter um ruído de fundo e depois peguei as coisas de que precisava para me tornar um lobo por cinco, sete ou nove minutos.

Era um pecado pequeno na atual situação. No auge da fama da NARKOTIKA, eu era conhecido por minha audácia química; não existia droga que eu não experimentasse. Algumas delas tinham efeitos

colaterais extremamente nojentos e complicados, mas eu não estava muito interessado em meu corpo naquela época. O que queria mesmo era abandonar a vida de vez, mas era covarde demais.

Coloquei minhas coisas na beirada da pia e tirei a roupa. Meu pai cientista-louco, um fã ardoroso do processo científico, teria ficado orgulhoso dos passos que haviam me levado até aquele momento. Meses de autoexperimentação tinham proporcionado minha própria

combinação para virar lobo sem estresse: epinefrina para começar o processo, um vasodilatador para torná-lo mais eficiente, um betabloqueador para evitar que minha cabeça explodisse, e uma aspirina para evitar a sensação de que ela ia explodir.

Era muito mais limpo que qualquer substância que eu já tinha usado. Não era mais complicado que tirar uma cerveja da geladeira. Não, era até mais puro que isso. Porque não havia ressaca.

Então não havia por que

sentir culpa.

Ainda assim sentia um pouco. Talvez por causa de uma associação. Só tinha me tornado um lobisomem porque praticamente todas as drogas tinham parado de fazer efeito e eu precisava de alguma coisa que não me deixasse na mão. Porque havia chegado ao fundo do poço. Porque só queria sumir e era um covarde, sempre fui um covarde.

Mas isso não importava esta noite.

Aquilo agora não era diferente de uma cerveja. Só

algo para reiniciar o cérebro, me convencer a dormir, me fazer aguentar até o sol de L.A. poder me curar. Cinco, sete ou nove minutos.

Injetei, engoli, esperei. Olhei para as coisinhas que eles tinham colocado naquele banheiro e que não tinham nada a ver com banheiros: a orquídea no parapeito da janela, a placa de trânsito falsa pendurada acima do espelho, a estátua de concreto de uma girafa no canto. Fazia semanas que eu não me transformava. Às vezes, virar lobo me deixava

mais propenso a me transformar, e eu não queria nenhuma surpresa no aeroporto de Minneapolis.

O chuveiro chiava nos pequenos ladrilhos de seixos; eu sentia o cheiro de ferro na água, como o sangue em minhas veias. Ouvi minha pulsação nos ouvidos. Não acreditava que Baby tinha contratado um guitarrista e *aquele* baixista para mim. Eu não acreditava que, se tudo não tivesse dado completamente errado, meu encontro para jantar teria

começado uma hora antes.

Isabel...

De repente, minha pulsação disparou pela infraestrutura em colapso de meu corpo.

Meus pensamentos desapareceram junto com a pele humana.

CAPÍTULO SETE

ISABEL

Naquela noite me deitei naquele quarto sem alma com o laptop apoiado na barriga e

assisti a vídeos antigos de Cole se apresentando com a NARKOTIKA. Ele estava jovem, alegre e inflamado por algo tão volátil que incendiava a plateia inteira. Não havia nada ali mais luminoso que seu sorriso.

Conforme chegava nos vídeos mais recentes, Cole mudava. Seus olhos perdiam o brilho. Era um modelo de Cole, jogado no palco, apoiado atrás do teclado, um saco de carne em forma de astro do rock. Às vezes, dava para vê-lo tremer pela ferocidade do que

quer que tivesse usado antes do show. Destruindo a si mesmo como destruía a plateia naquelas primeiras apresentações, todo o ardor voltado para dentro.

Eu sabia que era isso que Baby North queria dele. Ela sabia escolher as apostas garantidas, os fracassados garantidos.

A gata da tia Lauren pulou no pé da minha cama. Sibilei para ela, que pulou para o chão, mas não parecia chateada. Ela morava ali havia tempo o bastante para que

todos os seus sentimentos tivessem sido substituídos por linóleo sofisticado. Quando a botei para fora do quarto e ia fechar a porta, ouvi a porta da frente se abrir: minha mãe voltando do trabalho. Ela só tinha tempo para um pouco de HBO e talvez para chorar brevemente pelo filho morto e marido distante.

Eis o segredo: chorar não traz de volta os mortos ou os ausentes.

Fechei rápido a porta do quarto.

Afundei outra vez na cama e

encontrei vídeos do último show de Cole com a NARKOTIKA. Aquele em que ele caiu e não levantou mais. Mil câmeras de celular fixas nele haviam capturado o uivo de seu sintetizador quando ele tentara se apoiar nele sem sucesso ao cair. Ninguém estava perto o bastante para segurá-lo. No final, a única coisa que tinha amparado sua queda fora o chão.

Ele estava horrível nesse vídeo. Não chique, nem charmoso. Suado, murcho e frágil. Eu não parava de

repassá-lo, e toda vez pensava no quanto queria ligar para ele.

Cole não estava na cidade só por minha causa. E aquilo ali era quem ele tinha sido. Aquilo era o que ele podia voltar a ser. A questão é que não sabia se isso importava. O suficiente para me impedir, quer dizer.

Eu detestava chorar.

Apertei *play* de novo. Desta vez, observei seus colegas de banda nos cantos do vídeo. Jeremy, com a boca entreaberta de preocupação. Victor, desanimado.

Tipo, *de novo, não.*

Pela parede do quarto, ouvi minha mãe brigando com meu pai pelo telefone.

MINHA

MÃE,

ENTREOUVIDA:

Minha permissão? Você quer a minha permissão para vir me ver? Se quisesse mesmo me ver, já estaria aqui. Não faça joguinhos.

MEU PAI, IMAGINADO:

Teresa, joguinhos são para crianças. Nós não somos crianças. Somos profissionais cultos. Ambos tivemos décadas de educação para garantir que nunca mais precisássemos fazer

joguinhos.

MINHA MÃE,
ENTREOUVIDA: *É o meu trabalho, Tom. Não posso mudar meus horários. Você poderia ao menos transferir clientes.*

MEU PAI, IMAGINADO: *Transferir clientes tem muita cara de jogo, e você e eu sabemos o que penso sobre isso, Teresa, acabei de explicar.*

MINHA MÃE,
ENTREOUVIDA: *Aja como se tivesse ouvido o que acabei de dizer.*

MEU PAI, IMAGINADO: *Aja como se tivesse ouvido o que eu*

acabei de dizer.

MINHA

MÃE,

ENTREOUVIDA: *O que ouvi foi o seguinte: “Lá lá lá a história da vida de Tom Culpeper gira em torno dele.” Você acha que é o único que tem sentimentos?*

MEU PAI, IMAGINADO: *Não seja ridícula. Eu não tenho sentimentos. Sentimentos são para mulheres e crianças.*

MINHA

MÃE,

ENTREOUVIDA: *Você é um merda.*

MEU PAI, IMAGINADO: *Você está chorando de novo? Meu Deus, achei que o estoque de*

lágrimas da Crate & Barrel tinha acabado. Você voltou a comprar pela internet? Dinheiro não nasce em árvore.

MINHA MÃE,
ENTREOUVIDA: *Esta foi a melhor decisão que eu já tomei.*

Ela desligou.

Aquele lugar. Que buraco. Eu o sentia puxando as extremidades de minha alma, tentando arrancar mais um pedaço.

Apertei *play* no vídeo de Cole desmaiando no palco do Club Josephine.

Depois liguei para ele.

Cole
atendeu
imediatamente.

— *Da?*

Meu coração cruel e odioso bateu mais rápido. No laptop, os olhos de Cole ficaram vazios. A música hesitou, mas só dava para perceber depois de assistir quarenta vezes.

— Você ainda está no fuso horário de Minnesota? — perguntei.

— Estou no fuso horário que fizer esta ligação durar mais — disse ele.

— Qual é a próxima

refeição?

No vídeo, Cole tentou segurar o teclado. Seus dedos escorregaram das teclas.

— Café da manhã, acho. É a primeira, não é?

No vídeo, seu rosto bateu no chão. Ele ficou imóvel.

Eu estava muito cansada dos ausentes e dos mortos.

Não ia entrar de cabeça. Não ia me apaixonar por ele de novo. Eu podia me afastar a qualquer momento.

— Então, café da manhã.

CAPÍTULO OITO

COLE

Tudo ficou bem depois que Isabel ligou.

Pedi para entregarem falafel,

me sentei no apartamento e, vestindo somente uma cueca, fiquei vendo clipes de música. Uma vez, tinham me perguntado depois de um show: “Você não acha que os videoclipes estão mortos?” Os clipes nunca vão morrer. Enquanto houver uma música e uma pessoa viva, alguém vai cantá-la, e enquanto houver uma música e duas pessoas vivas, uma pessoa vai cantá-la e a outra vai filmar.

O clipe vai morrer quando todos nós ficarmos cegos, e a música nunca vai morrer,

porque, mesmo que não se possa ouvi-la, é possível senti-la.

Agora que eu estava sozinho, aliviado e muito, muito longe de qualquer coisa semelhante a um lar, parecia que a única coisa que podia me preencher de novo era a música. Comecei com as bandas que conhecia, e depois deixei comentários, referências e páginas da Wikipédia me guiarem por intermináveis buracos de minhoca sônicos. Ouvi folk rock sueco, Elvis, austropop e krautrock, dubstep e coisas que

ainda nem tinham nome.

Antes de ser alguém, quando eu era só um garoto com um teclado e um sobrenome estranho, isso era minha droga.

Eu era um metamorfo.

Recostei na cama com os fones de ouvido e a janela aberta e, enquanto a lua subia e se despia diante de meus olhos, as luzes dos carros formavam um padrão de metrônomo no teto e os cheiros da Califórnia invadiam minhas narinas refeitas de lobo, caí de música em música.

Os acordes me faziam flutuar e me amorteciam. Lá fora havia um mundo horrível cheio de gente insignificante, mas ali, naquele som, tudo era perfeito.

Mais tarde, despertei por completo, com os fones de ouvido ardendo nas orelhas. Estava cansado de dormir e era cedo demais para me levantar.

A música que tinha me carregado poucas horas antes agora era lenta demais. Fiquei ali sentado por alguns minutos, ouvindo-a mesmo assim. Parte de mim sabia que,

se ficasse quieto por tempo o bastante, a música jogaria seu feitiço do sono em mim outra vez.

O restante de mim, porém, estava acordado e inquieto.

Eu me levantei. A solidão do apartamento, sua domesticidade, suas quatro paredes, me apertaram como um sapato.

Fui lá para fora.

No ar frio da noite, fiquei bruscamente vivo, e meu coração batia como uma guilhotina.

A casa de estuque em frente

estava escura e quieta quando saí pelo portão. Na viela atrás, parei na calçada e sorri para o carro que Baby tinha reservado para mim. Sob a fraca luz da rua, não soube qual era até contorná-lo e ver a marca, e mesmo assim ela não significava nada para mim. Era um carro qualquer do começo dos anos 2000. Destranquei a porta e a abri. Lá dentro, os bancos eram de um tecido da cor de trapos de órfãos.

Fiquei do lado de fora com a porta aberta e disquei um número no telefone. Após um

longo tempo, a voz de Baby atendeu, mais aguda do que me lembrava:

— St. Clair? — Depois ela corrigiu: — Cole?

— Este carro não serve — falei. — Ninguém que assistir a um programa sobre um astro do rock que dirige por aí em um... O que é isto? Saturn. Sabe, eu já vi Saturno, e é muito mais impressionante que este carro. Além do mais, Saturno é amarelo, e este carro é mais, tipo... menstrual.

— Cole, são 3h23.

— Vinte e quatro — corriji,

cordial. — Como os minutos voam quando envelhecemos. Quero o meu Mustang.

Na verdade, não queria até chegar ao fim da frase. Mas agora o queria de um jeito ardente que ia arruinar meu sono tranquilo por dias.

— Não vou comprar um Mustang para você — disse Baby. — Não tenho verba para isso.

— Não seja boba. Eu já *tenho* um. Está em Phoenix, Nova York.

Na garagem de meus pais, ao lado de minha velha bicicleta,

coberto de poeira. Pago com meu adiantamento, dirigido por ninguém.

— As pessoas assistiriam a um programa sobre um astro do rock com um Mustang preto.

— São 3h25 — disse Baby.

A imagem do carro abria caminho por meu cérebro: uma solução para todos os problemas das noites intermináveis. Eu me perguntei se estava disposto a ligar para meus pais para reavê-lo.

Não. Eu não estava disposto.

— Quanto mais eu penso, mais vejo que é impossível continuar sem ele.

— São 3h26.

— Em Phoenix são 6h26 — respondi. — E aquele Mustang fica lindo à luz da manhã. Pense nisso.

Apertei ENCERRAR. O Saturn continuava ali. Eu continuava acordado. Ainda eram 3h26, embora parecesse impossível.

Fiquei parado, tentando pensar no que fazer em seguida. Antes, provavelmente teria dirigido até Crenshaw ou

qualquer lugar do tipo para comprar drogas, um estoque para outro momento, só para ter algo a fazer, algo para impedir que minhas entranhas me corroessem. Mas eu tinha acabado de ser um lobo; tinha acabado de falar com Isabel; tinha acabado de dormir.

Era um alívio sentir que aquilo era só uma dor muscular fraca. Uma lembrança. Estava tudo bem. Eu estava bem. *Histórico de abuso de drogas.* Palavra-chave: *histórico.*

E Isabel...

Pensei em ligar para ela, mas estava gostando demais do fato de Isabel atender minhas ligações para arriscar estragar tudo com um telefonema de madrugada.

Ainda eram 3h26. Nunca amanheceria.

Disquei outro número e esperei.

A resposta foi cautelosa, mas educada.

— Alô?

— *Leon* — falei com entusiasmo. — Acordei você? — Sabia que não tinha acordado. Leon não dormia

durante a noite. Dormia durante o dia. Ele era triste demais para dormir. — Aqui é o Cole St. Clair. Sou um dos astros do rock que você conduziu ontem. Lembra? Fui o mais charmoso de todos. O da música com saxofone.

— Eu... eu me lembro. O que posso fazer por você?

— Eu gostaria de comer alguma coisa, acho. Nada pesado. Pipoca. Sorvete. Sardinhas. Algo assim. Mais a ideia de comida que qualquer outra coisa.

Leon levou um bom tempo

para responder.

— E você precisa de um motorista?

Cutuquei uma partícula de tinta vermelha anêmica no para-choque do Saturn.

— Ah, não, não. Eu tenho carro. Achei que talvez você quisesse ir comigo.

Uma pausa ainda mais longa.

— Sr. St. Clair, isto é algum tipo de pegadinha?

— Leon — respondi com seriedade —, eu sempre falo sério. Vou sair para comer alguma coisa. Estou acordado.

Você está acordado. Faz sentido ser sociável. Continuar a conversa e ver o que você achou daquela música. Sem pressão. E é Cole. Não existe “senhor” às 3h28 da manhã. A noite é o grande equalizador.

— E isso é de verdade. Não para o seu programa.

— Nem tinha pensado nisso. Que ideia! Até os câmeras estão dormindo agora, Leon.

Ouvi um som de movimento, mas ele não respondeu. Era deprimente saber que, se Leon não concordasse, eu teria que ir

sozinho. Sem nada além do Saturn para me lembrar de minha humanidade, sem dúvida eu tomaria decisões ruins.

— Vou levar vinte minutos para chegar a Venice — disse Leon.

CAPÍTULO NOVE

COLE

No fim das contas, Leon, em seu tempo livre, não dirigia um Cadillac preto, e sim um Ford

500 imaculado e imponente. Ele me deixou girar os botões do rádio enquanto percorríamos a Abbott Kinney, procurando alguma coisa que estivesse aberta àquela hora e não fosse um bar. Um bar seria ótimo, só que eu seria reconhecido, e ver pessoas bebendo me lembraria de como eu ficava glorioso e amistoso quando bebia, e seria o fim.

Pensando bem, um bar não seria nada ótimo.

Leon nos conduziu por um total de três quilômetros até a praia.

— Agora não falta muito — disse ele, saindo do carro.

Seu tom era gentil, confuso, perplexo. Ele estava de calça preta e camisa social azul, nenhuma das duas amarrotada; um relógio fino. Era o tipo de homem em quem as pessoas confiavam sem pensar. Era o tipo de homem em quem as pessoas sequer pensavam, ponto-final.

Deixei meu olhar devorar o mundo. Meu olfato aguçado de lobo captou o cheiro de casquinhas de sorvete, de asfalto, de mar revolto, de

cerveja redemoinhando, de primeiros e últimos beijos. O estacionamento diagonal da rua estava cheio de carros sem ferrugem que nunca existiram fora do verão. As garotas eram só pernas, e os garotos eram só dentes. Aquela lua estava mais próxima que antes. Mesmo vazias, as lojas ainda reluziam com tintas turquesa, rosa e amarelas. Tropecei no meio-fio, com os olhos fixos em dois caras na praia escura soltando uma pipa, cuja rabiola prateada ondulava ao luar. Meu peito estava repleto de imagens.

Não havia lugar para um lobo se esconder ali.

— Você não é daqui — disse Leon, e eu sabia que ele estava me observando admirar tudo. Eu sabia que ele sabia que aquilo me agradava, mas não me importei.

Aquele lugar todo branco me cantava meu nome, sem parar.

— Nova York — respondi. E acrescentei: — Estado.

Não me lembrava da primeira vez que tinha esclarecido *estado*, *não cidade*, mas me lembrava que a distinção parecia muito mais

importante na época. De onde eu era agora? Não dali.

— Você também não é daqui — lembrei a ele. — Cincinnati.

— Não acredito que você se lembra disso.

Ele nos levou até um café que me fez pensar nos restaurantes na Itália: um interior pequeno e escuro, a maior parte do espaço para comer sob um toldo ao ar livre. Embora eu não tivesse expressado nenhuma preocupação em ser reconhecido, Leon se colocou à minha frente, escondendo meu

rosto da recepcionista.

— Dois, por favor. Pode ser perto da calçada? — disse ele.

Eu me senti intensamente apoiado. Eu o julgara bem. Ele era mesmo decente.

A recepcionista nos colocou em uma mesa minúscula. Do outro lado da calçada ficava a praia e, depois dela, o mar escuro. Eu me sentia aéreo e bêbado.

Nossas cabeças quase se encostaram quando nos sentamos, e pensei em escrever uma letra em meu pequeno bloco de notas (*Como*

amantes ou advogados/mordendo e sorrindo). Mas em vez disso observei skatistas passarem por nós.

— Você gosta daqui?

Houve uma pausa longa demais e, quando olhei para Leon, ele sorriu com tristeza e baixou os olhos para a mesa. Desdobrou delicadamente o guardanapo. Tinha mãos fortes, grandes e firmes.

— Estou aqui há muito tempo.

— Você gostou logo que chegou?

— O que você vê quando

olha para este lugar? —
perguntou Leon.

— Magia — respondi.

Ele empurrou o cardápio para mim.

— Se me disser o que quer, eu peço. Enquanto você aprecia o mar.

Ele disse isso para eu não precisar falar com a garçonete com minha voz famosa ou olhar para ela com meu rosto famoso. Então olhei de verdade para ele. O desgraçado devia ter sido bonito quando tinha a minha idade. Ele ainda seria bonito se endireitasse os

ombros e agisse como se tivesse testículos.

— Você dirige para muitas pessoas famosas?

— Algumas.

— Você nem sabia quem eu era quando entrei no seu carro, e agora está me protegendo da garçonete?

— Eu pesquisei seu nome no Google depois que saiu do carro — disse Leon.

Era um alento ouvir que eu ainda tinha algum valor na internet.

Ele continuou.

— As notícias do seu

desaparecimento foram... Se incomoda que eu fale disso?

Dei de ombros. Estava tudo bem desde que ele não dissesse o nome de Victor. Desde que não me perguntasse onde Victor estava.

— Bom, causou um grande alvoroço.

— Não sou assim tão famoso — falei, embora até fosse assim tão famoso. — A maioria das pessoas não me reconhece na hora. E, se reconhecem, pensam que sou só alguém que se parece comigo, não têm coragem de vir conversar ou

não se importam que seja eu.

Na verdade, não era exaustivo ser reconhecido. Era exaustivo se sentir sozinho em uma multidão.

Leon me observou com um ar reflexivo. Eu via que ele, de um jeito ou de outro, não gostava de ser reconhecido como Leon, o motorista. Detestava o papo-furado de fila de supermercado. Esperava até a moça do correio ter batido na porta, deixado o pacote e entrado no carro para abrir a porta. A morte de seu cachorro fora triste, eu percebia, mas

para ele a pior parte fora tentar descobrir como lidar com a pena dos assistentes veterinários.

— Eu entendo o que você quer dizer — falei para Leon, e por *você* eu quis dizer *seu rosto*. — Você odeia conversa fiada. Faz tudo parecer irrelevante. Concordo. É ridículo. Eu e você só devíamos falar de coisas importantes.

— Não levo jeito para conversa fiada. — Leon minimizou o ódio, tornando-o algo levemente mais gentil, mas não discordei. — Mas eu

lá tenho coisas importantes para conversar?

— Você me contou a história da sua vida no carro. Isso é importante.

— Você me *pediu*.

— Pedi? Não parece algo que eu faria.

A garçonete voltou. Pedi um sanduíche de bacon, alface e tomate sem problemas. Leon pediu um milk-shake sem problemas. Quando a bebida chegou, ele a envolveu com as mãos, saboreando-a. Parecia vê-la com uma indulgência culpada, algo que só era

permitido no meio da noite com um estranho.

Ele estava abatido, o que não era o objetivo daquele exercício, por isso perguntei:

— Então, Leon, sei que você não é fã desta cidade, mas aonde você me diria para ir, como turista?

— Você nunca esteve aqui antes?

Eu já tinha estado ali.

— Estava em turnê.

— Não teve tempo para explorar a cidade?

Eu tivera tempo para explorar a cidade. Havia

explorado algumas ruas de Koreatown, uma em Echo Park e outra em Long Beach, depois tinha explorado uma farmácia em busca de seringas, e depois explorara a sacada e o chão de meu hotel, e, finalmente, os ladrilhos do banheiro do hotel. Então Victor havia chegado para me tirar de meu próprio vômito e me limpar para o show.

Já estivera em Los Angeles, mas não tinha feito diferença. Na verdade, eu não chegara a sair da minha cabeça.

— O Píer, acho — disse

Leon, mas em um tom incerto, como se estivesse repetindo o conselho de outra pessoa. — Parece que é bonito ao pôr do sol. Malibu é uma boa opção. Fica a uns 45 minutos pela costa.

— Malibu não é L.A., Leon — falei em um tom áspero. Olhei para a praia roxa. Imaginei como seria correr naquela areia com patas em vez de pés. Seria tão bom quanto com meus próprios pés, pensei. — Acho que você devia visitar sua cidade.

— Talvez eu visite — disse

Leon, com um tom de quem não iria.

Nossa comida chegou. Leon aceitou o tomate de meu sanduíche.

— É estranho pedir um sanduíche de alface e bacon. Mas ela teria tirado o tomate se você tivesse pedido. — Ele agitou o saleiro sobre a fatia. Parecia feliz como nunca quando a colocou na boca.

— Esqueci que não gostava de tomate — respondi. — Eles fazem parte da família da beladona, sabia? Levemente venenosos para cachorros.

E lobos. O bastante para me deixar com dor de estômago.

— Chocolate também — disse Leon, olhando para seu milk-shake, e lembrei que o cachorro dele tinha morrido. — Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Todas as perguntas são pessoais.

— Eu...

— Eu quis dizer sim, Leon. Pergunte.

Desde que não fosse sobre Victor.

— Por que você voltou?

Parecia uma pergunta

maliciosa. Meu isolamento obtido a muito custo (começado por mim, garantido por Jeremy) não era algo pequeno. Era uma chance de ser outra pessoa, e quantas dessas chances ganhamos? Mesmo assim, eu a deixara para trás.

Voltei porque precisava; porque não havia nada de errado no mundo, exceto que eu estava envelhecendo nele. Porque Sam e Grace tinham me falado que eu devia ir se era isso o que queria.

O que queria era:

Eu queria.

Isabel...

Queria fazer alguma coisa. No começo de tudo aquilo, eu era só um garoto com um teclado. O que importava não era tanto o jogo, e sim as horas que eu passava caindo de música em música.

— Quero gravar um disco — falei. — Sinto falta de fazer música.

Vi que ele aprovava a resposta. A garçonete trouxe a conta.

— Gostei daquela música — disse Leon.

— Qual... ah. É?

— Você estava certo. Tem uma pegada de jazz. — Leon fez as mãos de jazz mais sutis da história e eu as imitei para ele, só que com mais extravagância. — Você gravou mais alguma coisa com aquela senhora que cantou?

Eu não definiria Magdalene como uma *senhora*. Tive uma paixão avassaladora por ela na época.

— Hoje em dia ela é famosa demais para isso. Nunca ouviu falar dela? Está fazendo cinema.

Ele deu de ombros.
Provavelmente não era seu tipo
de filme.

— Também comprei um dos
seus discos.

— Qual?

Ele pensou:

— Tinha a roupa de baixo de
uma senhora na capa, eu acho.

Ele parecia desconfortável,
então esclareci.

— Se isso o faz se sentir
melhor, o modelo era o nosso
baixista, Jeremy.

A nostalgia me roeu. Não,
não roeu. Mordiscou. Apenas
mordiscou.

— Bom — disse Leon, olhando nosso dinheiro combinado ao lado da conta. — Acho que é isso. É melhor eu levar você de volta.

Aponte para o mar.

— Pacífico — disse Leon, sem sorriso, mas com um brilho nos olhos.

— Acho que devíamos tirar os sapatos.

Leon franziu a testa.

— Não sou esse tipo de pessoa.

Eu sabia que não era. Ao menos, sabia que não era o tipo de pessoa que abandona

um carro no meio da autoestrada em L.A. E aquilo naturalmente levava ao tipo de pessoa que não arregaçaria as calças e tiraria os sapatos com um astro do rock desconhecido às cinco da manhã.

— Não me olhe assim. Não estou convidando você para fazer tatuagens combinando. Estou perguntando se quer dar um passeio másculo na praia. Quando tempo falta até o sol nascer? — perguntei.

Ele olhou para seu relógio fino:

— Uns trinta minutos.

— O que são mais trinta minutos para ver o sol nascer sobre o mar?

— Vamos esperar mais do que isso se você espera ver o sol nascer no Pacífico.

— Não seja pedante, Leon.

Nos encaramos. Ele parecia esgotado, cansado, amolecido pela vida, e achei que era imune a meu charme. Mas aí ele balançou a cabeça e se abaixou para desamarrar os sapatos.

Triunfante, tirei meus tênis. Enquanto Leon desatava os cadarços cuidadosamente e

arregaçava as pernas da calça, corri para a areia fria. Ali em cima era seca, macia e leve. A meu lado, Leon ergueu o rosto para observar um helicóptero voar ao longo da costa, de norte a sul. Os garotos da pipa tinham desaparecido e parecia que a praia finalmente ia dormir, bem na hora de acordar.

Levei Leon para a areia dura na beira do mar.

— Nossa — sussurrei.

A água estava congelante. Senti todos os meus nervos se contraírem, tremere e

pensarem em me transformar em lobo.

— Fria — comentou Leon.

Cerrando os dentes, dei alguns pulos até o enjoo passar e meu corpo lembrar que era humano, apenas humano.

— Eu me lembro de ter lido que a temperatura do mar aqui era mais ou menos 17 ou 18 graus — disse Leon. Como experiência, ele se embrenhou um pouco mais nas profundezas salgadas. — Parece mais frio, não é?

Agora que eu tinha me acostumado, não estava tão

ruim. Enfiei os dedos dos pés na areia e senti algo retrair ao contato.

— Não estamos sozinhos — falei. — Tem alguma coisa aqui embaixo.

Leon se ajoelhou, tomando cuidado de manter a calça seca, e cavou com rapidez. Ele soltou alguns sons suaves de decepção até se levantar com a mão cheia de areia.

— Não tem nada aqui — comentou ele, mostrando-a para mim.

Revirei a areia até achar o bicho: um inseto ou crustáceo

de costas brancas quase do tamanho de uma moeda de 25 centavos. Tinha um monte de pernas.

— É um alien.

— Tatuí — disse Leon. — Não vai lhe fazer mal.

— Mas é muito feio.

— Feiura nunca fez mal a ninguém.

Bufei.

— Ah, a feiura fez mal a algumas pessoas. É que a beleza machuca mais.

— Amém. — Leon jogou o crustáceo delicadamente na arrebentação.

Andamos em silêncio por algum tempo, apenas com o som do mar e dos carros passando na rua. Acima de nós, o céu ficou cinza, depois rosa. Em algumas horas, eu poderia telefonar para Isabel, e depois ligaria aquele teclado e começaria a fazer algo de verdade. Quando um bando de pelicanos passou voando por nós na meia-luz, pensei que aquele lugar era lindo, que eu tinha sorte e que tudo o que precisava fazer era não estragar tudo.

Tirei meu pequeno bloco de

notas do bolso.

— O que foi? — falei, pois
Leon me encarava.

— Você é uma figura, só isso
— disse Leon. — A maioria das
pessoas não é. O que você
escreveu aí?

Virei o bloco para ele ver.

Amantes e advogados

Lábios e dentes

Rotule essa lembrança

Coloque um preço

Esse é seu sonho?

Aqui está um cheque

Tem algo inteligente aqui

Pelicanos são inteligentes

Ele ficou encantando.

— Uma letra? Você escreveu isso agora? Vai mesmo virar uma música?

— Talvez. A parte do pelicano é um dos meus melhores trabalhos.

Sem combinar, paramos e olhamos para a água. O sol se ergueu atrás de nós, mas névoa ou neblina filtrava a maior parte do laranja, tornando o mar uma foto azul e roxa que se revelava aos poucos.

— Você devia tirar uma foto — falei para Leon. — Não me

diga que não é esse tipo de pessoa. Você pode deletar quando chegar em casa. Eu não vou saber.

Leon me lançou um olhar, mas pegou o telefone.

— Então vá em frente, faça uma pose — disse ele.

— O quê? Não é para ser uma foto minha. É para ser uma foto desta manhã gloriosa. Ou de você nesta manhã gloriosa. Uma lembrança.

Ele achou divertido.

— Conheço bem minha cara. Vamos, faça uma pose.

Fiz simpáticos chifrinhos de

diabo e ele tirou a foto.

— Considere este dia
aproveitado — falei.

Ele verificou o relógio.

— E só está começando.

CAPÍTULO DEZ

ISABEL

Cole tinha comprado um saco de donuts açucarados amanhecidos para o café da

manhã. Ou talvez mais que um saco. Quando cheguei na casa na manhã seguinte, encontrei um bilhete colado no portão. Dizia: 24-13-8. *Siga o açúcar, princesa.*

E então ali estava, sem brincadeira, uma trilha de pequenos donuts brancos contornando a lateral da casa de concreto.

Balançando a cabeça, inseri os números no cadeado com segredo. Então segui os donuts. A porta de correr da casa do outro lado do jardim estava aberta, mas os donuts

não levavam até ela. Uma garota com dreads louros e calça cargo suja de tecido ecológico fazia ioga no jardim. Ela abriu os olhos só pelo tempo suficiente de lançar à minha roupa um rápido olhar que comunicava seu ódio por tudo no meu estilo de vida consumista. Os donuts também não se aproximavam dela.

Quando cheguei ao último donut, Cole apareceu no deque acima de mim. Ele estava lindo sem camisa, com a pele levemente tingida de azul por

meus enormes óculos escuros, e usava a mesma calça jeans do dia anterior. Seu cabelo estava todo bagunçado. Ele já tinha se movido, inclinando-se por cima de uma das laterais do deque e depois da outra até me ver.

Meu coração saltou. Tentei pensar na imagem dele caindo atrás do teclado. Na lembrança dele tendo uma convulsão ao lado de uma agulha.

Não em seu rosto acima de mim quando ele disse, há muito tempo atrás: *É assim que eu a beijaria se a amasse.*

Eu não ia entrar de cabeça.
Essa era a questão.

— Escada — disse ele,
apontando. — Os donuts
acabaram.

Notei que ele estava em
modo cérebro-maníaco.

— Tem alguma coisa melhor
que donuts aí em cima?

Os olhos da garota da ioga
continuaram a me julgar, e
passaram a julgar Cole
também.

Se ela não os desviasse logo
eu lhe daria algo realmente
digno de se julgar.

— Eu — disse Cole. E

apontou para a beira do telhado. — Câmera, câmera, câmera. Alerta de Utilidade Pública. Só estou avisando. Câmera. E câmera. — Ele esticou o pescoço para olhar por cima do telhado. Os músculos de suas costas se alongaram maravilhosamente, me distraíndo. — Você viu alguém chegando?

Subi a escada. No deque, a vista ao redor eram os telhados planos da California Avenue.

— Não. Tem alguém vindo?

— Não. Provavelmente, não. Não sei. Venha, venha, venha.

Suba, suba, suba.

— Que legal da sua parte se arrumar para a ocasião.

Os olhos de Cole dispararam para si mesmo; ele tocou a pele do peito.

— Não estou usando... estou de calça! Entre, entre. Entre no meu covil.

O apartamento era inesperado. Eu descobrira que era um truque de mágica exclusivo da Costa Oeste: pegue um prédio que parecia uma pequena garagem e transforme seu interior em uma moradia vasta e arejada.

Percebi na hora que aquele loft moderno tinha sido mobiliado *para* Cole, não *por* Cole. Uma estante de livros rebuscada cheia de bugigangas da Califórnia separava o quarto da sala. Pôsteres de viagem emoldurados e falsos néons vintage decoravam as paredes. Na sala, havia um teclado sofisticado em um suporte, e uma fina camada de poeira cintilava na caixa de som ao lado.

Foi o teclado que tornou o momento real para mim. Aquilo estava mesmo

acontecendo.

Havia muitas câmeras.
Várias na altura do joelho.

A única evidência da decoração de interiores de Cole aparecia na área da cozinha: a pequena bancada estava coberta por três garrafas de refrigerante pela metade, um saco de salgadinhos aberto e a ponta de uma salsicha num pão velho.

— Que nojo — falei.

Eu estava tão perto da lata de lixo quanto ele, mas fiquei ali até Cole soltar um leve *pfff* e jogar várias coisas fora.

— Isso foi o café da manhã? Eu deveria ter comido os donuts lá de fora? — perguntei.

Em resposta, Cole segurou meu braço. De uma forma bem dramática, ele me puxou para o banheiro e bateu a porta atrás de nós. Meu reflexo apareceu ao mesmo tempo no espelho e no box de vidro.

— Ei...

Cole levou um dedo aos lábios.

— Câmeras. Câmeras, câmeras, câmeras.

— Mas aqui não?

Eu me virei. Como o

restante do apartamento, o banheiro era claro e arejado. Havia muito espaço para um astro do rock e eu. Inspirei e só consegui sentir o cheiro de purificador de ar e sabonete, nenhum cheiro de lobo. Tinha que admitir que fiquei mais aliviada do que imaginava.

— Bom, aquela — disse Cole em tom de desdém, apontando para a câmera na cuba da pia chique. Estava desligada e meio desmontada, um cadáver examinado.

— De onde veio essa?

Ele entrou no chuveiro sem

ligá-lo, chapinhando com os pés descalços nos ladrilhos.

— De cima da cama. Quero ver quanto tempo levam para perceber que sumiu. Venha, menina, e veja as maravilhas que esperam.

— Você está sendo estranho ou está falando do chuveiro?

Cole se encostou à parede do box para que eu visse que ele tinha dobrado toalhas sobre os bancos ladrilhados ali dentro. Um banco amarelo de cozinha servia como uma minúscula mesa. Ele estava fazendo um grande gesto.

Aquele era o café da manhã.

Com um suspiro alto, entrei no box e me sentei. Cole se sentou de frente para mim. Na mesa havia uma tigela com alguns donuts; esses eram do tipo ceroso de chocolate, não do tipo que atrai garotas para o apartamento. Uma caneca tinha dois ovos e um único kiwi. No meio havia um copo vazio. Cole o colocou dois centímetros mais perto de mim que dele.

— Que chique — falei. — Você gostaria de explicar os pratos?

Cole estalou os dedos e apontou para a comida.

— Aqui temos os bolos de banheiro em miniatura com glacê de chocolate e cobertura de parafina. Este é um duo de ovos caipira cozidos que provavelmente estão duros, ou ao menos ficaram na água por um bom tempo. Este aqui ao lado é um ovo verde felpudo. E isto...

Ele pegou uma garrafa de Coca Diet de dois litros no canto do box e encheu meu copo. Quando a espuma começou a sair pela borda, ele

colocou o dedo ali para parar a efervescência.

— Você não tem copo? — perguntei.

Cole chupou o dedo antes de tomar um gole direto da garrafa.

— Não preciso de luxos.

— Nobre.

Era difícil imaginar uma pessoa no planeta que não se encantasse por aquele Cole.

— Posso descascar um ovo para você? — perguntou ele.

— Não sei, pode?

— *Você me permite?*

Balancei a mão. Ele

descascou um ovo com dificuldade e o entregou para mim. Mordisquei a clara enquanto ele trabalhava no outro. Cheguei à gema, que estava bem mole, na hora em que notei que Cole tinha praticamente engolido o seu sem mastigar.

— Glup, glup, glup — disse ele.

Eu lhe entreguei o ovo em vez de comer.

— Estão mesmo filmando tudo o que você faz?

Cole engoliu o restante de meu ovo e me deu um donut.

— É para ser só um documentário improvisado sobre mim enquanto gravo este disco. Mas tenho certeza de que estão esperando que eu estrague tudo.

Eu o encarei por cima do donut. Cole já estragara tudo de tantas formas que era difícil saber qual delas seria pior se fosse filmada.

— Tem chance de acontecer isso? — perguntei a ele.

Seu tom foi despreocupado.

— Impossível.

Foi como quando ele respondera rápido demais,

dizendo que estava ali por minha causa. Não acreditava em uma resposta dada com tanta rapidez. Mas talvez fosse impossível. Eu não conhecia mais as regras da transformação. Antes, parecia ser baseada na temperatura: quanto mais frio, maior a probabilidade de virar lobo. Mas isso nunca funcionara de forma muito confiável com Cole, que deliberadamente cozinhou sua química cerebral com várias substâncias. Quando deixei Minnesota, ele estava fazendo experiências

com a transformação.

Suspeitava de que agora conseguia se transformar de propósito.

Eu não sabia o que achava disso. Era melhor que heroína, na minha opinião, mas não foi a droga que matou meu irmão.

Ele me ofereceu outro donut, que aceitei. A cobertura cerosa não era tão ruim com um gole de Coca Diet para ajudar a descer.

— O Sam sabe que você está aqui? — perguntei.

Sam era um dos membros da alcateia de Minnesota. Tipo

isso. Ele estava meio que curado. Meio que chegando lá. Talvez eu devesse ligar para ele e ver como estava. Talvez também devesse ligar para Grace para ver se ela estava ansiosa e alegre pela faculdade. Mas, como já disse, eu não era muito amigável.

— Sabe.

— Ele achou que era uma boa ideia?

Cole deu de ombros.

— Para ele, o conceito de boa ideia é se formar em poesia obscura. Ele queria saber que a alcateia estava em

boas mãos, e está. Eu cuidei de tudo. Eles vão ficar bem até o inverno. E, de um jeito ou de outro, ele sabia que eu queria voltar a ganhar meu próprio dinheiro. Não que possuir uma propriedade não seja incrivelmente satisfatório.

Ele estava dizendo isso porque comprara a terra onde os lobos viviam atualmente.

E quanto a mim?

— Não precisava ser na Califórnia — disse ele. — Poderia ter sido em Nova York. Nashville.

Ele não disse mais nada. Eu

não queria perguntar mais nada sobre o assunto porque já me sentia estranhamente emotiva e desequilibrada só com as poucas palavras que ele dissera.

Então, perguntei:

— E quanto ao ovo verde?

Cole pegou o kiwi.

— É para descascar?

— Não com as mãos — falei.

Na verdade, eu não sabia. Só os vira como Deus queria: descascados e fatiados. Sofia provavelmente sabia quatro jeitos de preparar um kiwi. — A casca é grossa?

Ele mordeu a fruta apenas o suficiente para rasgar a pele felpuda e puxou a ponta com os dedos. Parecia que estava tirando a jaqueta da fruta. Depois de ter revelado um precioso centímetro do interior, ofereceu-a para mim por cima da mesa.

— Primeira mordida?

Eu me inclinei para a frente para morder. O suco se acumulou em meus lábios, e, antes que eu pudesse enxugá-los, Cole apertou o dedão na minha boca. Ele limpou o suco e depois lambeu o dedo.

Lentamente, como se pudesse sentir o gosto de meus lábios nos dele. Eu não conseguia parar de olhar para sua boca.

Então estávamos nos beijando, ávida, forte e incessantemente, um se despejando no outro. Ouvi meu copo virar e o refrigerante efervescer no ralo. A base da mão dele pressionava minha bochecha. Ele ainda segurava o kiwi; tudo tinha um cheiro paradisíaco. Meus dedos roçaram sua clavícula, suas costelas, os ossos de seu quadril por cima da cintura da

calça. Parecia que fazia muito tempo que eu não tocava outra pessoa. Ele era tão real, tão quente, todo feito de costelas, sal e suor. Parecia que fazia tanto tempo que eu não o via. Parecia que aquela era a única coisa que quisera por muitos meses.

Impaciente, ele empurrou o que restava da mesa e me puxou mais para perto. O kiwi se juntou ao refrigerante diet perto do ralo. Uma das palmas de suas mãos estava em meu pescoço e a outra segurava minha coxa, meio por baixo da

saia. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Aquilo era péssimo. Eu o desejava demais para parar, e precisava parar, ou... ou...

Um telefone começou a tocar, urgente como um alarme de incêndio.

— Não — rejeitou Cole em minha boca.

Mas o telefone continuou tocando. Eu não entendia como estava tão perto até perceber que havia um telefone fixo preso ao lado do vaso sanitário.

Cole soltou o suspiro mais

entrecortado imaginável.

Pensei que ficaria aliviada. Não estava.

Meus dedos, que estavam presos no cós de sua calça jeans, se desprenderam quando ele se levantou. Ele esfregou uma das mãos no rosto antes de sair do chuveiro. Com o pé, fechou a tampa do vaso e se sentou nela antes de tirar o fone do gancho. Seu cabelo continuava bagunçado, mas por algum motivo ele agora parecia vestido.

— *Da* — disse ele com frieza. Sua expressão tinha ficado

tensa; estava mais inquieta que a da pessoa que me recebera, que me convidara para entrar no chuveiro ou que estava me beijando. Ele ouviu por um momento. — Certo. Então me mande por e-mail. Ah, esta é a minha voz excitada. Você nem imagina.

Comecei a recolher as coisas que tínhamos espalhado pelo box. Virei o banco de cabeça para baixo e empilhei as tigelas e cascas de ovo na cavidade interna.

Então saí e me apoiei na pia enquanto ele ficava parado no

meio do banheiro, mexendo no telefone. Meu coração ainda batia com força. Ele se apoiou a meu lado, com o ombro encostado ao meu, ainda olhando para o telefone.

Meus pensamentos eram uma tela de cinema sem nada projetado.

Após um momento, ele virou o telefone para mim para que eu visse o e-mail. *De: Baby North. Assunto: TESTES.*

T me falou que você vai fazer testes na praia. Conversei com algumas pessoas para ter certeza

*de que todo mundo vai aparecer.
Quando você terminar isso, há
outras ideias minhas no bloco de
anotações. Me avise.*

Cole tirou um pequeno bloco do bolso de trás. Parecia novo em folha, mas quando ele abriu a primeira página havia uma letra inclinada e nervosa:

*Revelar sua identidade para fãs
no corredor de música do Target.*

Dar uma festa na rua.

*Entrar de penetra em um
casamento.*

Roubar um carro.

Sabe. Ser você mesmo.

— Não era um programa sobre a gravação de um disco?
— perguntei, mas não era realmente uma pergunta.

— Quem veria uma coisa dessas? — respondeu ele.

Cole franziu a testa ao olhar para a lista, mas não parecia irritado. Era mais como se fosse uma lista de compras levemente desconcertante e ele estivesse pensando em como completá-la.

— Você vai mesmo fazer todas essas coisas?

— Talvez — ele disse. —
Posso pensar em outras
melhores.

— Ela quer que você seja um
desastre.

Ele levou o bloco à boca,
dando pancadinhas.

— Ela quer que eu *pareça* um
desastre.

— É a mesma coisa.

Cole não estava nem um
pouco interessado naquela
conversa.

— Isto é só uma
performance. Eu sei o que eles
querem.

— Quem são “eles”? Como

arranjamos um plural de repente?

— As massas. As pessoas. Você não vê TV?

Eu via TV. Assistia aos programas de Baby. Pensei naquelas câmeras na altura do joelho. Um ângulo perfeito para captar a cena de alguém caindo.

Eu queria dizer a ele para largar o programa e ficar em L.A. por mim.

Mas aquilo era o oposto de não entrar de cabeça.

Cenas estavam começando a ser projetadas na tela de

cinema de minha mente, e todas podiam me fazer chorar caso se tornassem realidade.

Eu me afastei da pia.

— Preciso ir para o trabalho.

— *Trabalho* — repetiu Cole, como se nunca tivesse ouvido essa palavra. — Como pode trabalhar e ao mesmo tempo me ajudar a acabar com as esperanças de uma dúzia de baixistas?

— Não posso. E não vou aparecer na sua... sua coisa. Não sou parte do programa do Cole St. Clair.

— Que entediante.

Mas a expressão de Cole estava cuidadosamente vazia, então eu sabia que ele quisera dizer *frustrante* ou *desconcertante* em vez de *entediante*.

— Bom, é assim que as coisas são no programa da Isabel. Ligue para mim na próxima vez que sair da frente das câmeras.

Por alguma razão, eu estava irritada. Era como se toda vez que meus sentimentos eram colocados em ação, em primeiro lugar vinham sempre nervosismo e ansiedade.

Abri a porta do banheiro.

— Uau. Assim do nada? —
perguntou Cole.

— Assim do nada —
respondi, indiferente.

Voltei ao campo de visão de todas as câmeras. Cole, ainda fora do alcance no banheiro, fingiu segurar um fone contra a orelha. Ele formou as palavras *me* _____ com os lábios, só que eu não achava que o verbo fosse *ligar*.

Um sorriso atravessou meu rosto sem querer. O sorriso malicioso dele se abriu com tanta rapidez em resposta que eu soube que ele estava

esperando que eu fizesse algo perdoável.

Na verdade, nós dois estávamos.

CAPÍTULO ONZE

COLE

Depois que Isabel foi embora, eu me senti cheio de energia e pronto para ser Cole

St. Clair. Estava tão pilhado que lembrei do meu antigo hábito de replicar essa sensação com drogas. Pensar nisso me fez imaginar que, antigamente, eu as teria procurado: não para usar naquele momento, mas para mais tarde, como uma recompensa por bom comportamento. Uma viagem particular em um ambiente seguro. Apesar de ter Isabel em mente, senti uma onda de nervosismo e expectativa; parte de mim já planejava a caça ao tesouro por L.A.

Afastei a ideia, sentindo-me sujo só de lembrar.

Pensar não é fazer.

Pensei na minha transformação em lobo poucas horas antes. Última vez até para isso, por um tempo, disse a mim mesmo. Não era crime, mas não era necessário.

Então comecei a trabalhar. A caminho da praia, liguei para Jeremy , embora soubesse o que ele ia dizer, já que fora parte da NARKOTIKA, o que significava que fora parte de mim.

Ele atendeu no quarto toque.

Eu olhava meu reflexo nas vitrines das lojas enquanto andava pela calçada.

— Não existe a mínima chance de você querer tocar baixo para mim de novo, não é?

— Oi, cara — respondeu Jeremy, com seu jeito lento e tranquilo. Ele tinha o sotaque do sul mais sensacional que já se ouvira em um cara do interior de Nova York. Eu o conhecia havia tempo o bastante para saber que ele o cultivara. Se estava chocado por ouvir minha voz após um

ano de silêncio, não demonstrou. — Achei que você estava escondido.

Era ao mesmo tempo reconfortante e sufocante ouvir sua voz. Ele estava completamente entrelaçado a minhas lembranças da NARKOTIKA, que eram entrelaçadas a minhas lembranças de tudo o que aconteceu antes que eu me tornasse um lobo. Era uma nostalgia horrível.

— Saí do casulo como uma magnífica borboleta — falei. — E agora vou aparecer na TV.

— É.

— Preciso de um baixista.
Eu...

— Shhh — disse Jeremy, em um tom suave como uma pena.
— Estou pesquisando você na internet.

Esperiei. Era inútil tentar apressar Jeremy; era como socar neblina. Andei meio quarteirão sob o sol forte enquanto ele pesquisava minha vida recente.

— O único problema de você aparecer em um reality show é que a realidade nunca foi seu forte — disse enfim Jeremy.

Parei para olhar uma vitrine cheia de óculos escuros. Vi uma versão minúscula e escurecida de mim em cada lente.

— Eles contrataram o pior baixista do mundo.

— Duvido disso, Cole — respondeu ele tranquilo. — Eles parecem ser espertos. Usaram números para representar as letras do nome do site.

— O cara era todo errado. E ela arrumou um guitarrista, mas isso é outra história.

— Guitarras são as de seis

cordas, não é? Eu já vi alguma?

Olhei para outra vitrine, de uma loja que só vendia cintos azuis. Parecia uma especialização desnecessária.

— Eu *disse* a ela que não queria um guitarrista.

— Imagino que ele já tenha ido embora.

— Ah, sim, claro. Então agora vou fazer testes na praia, e o ideal seria você aparecer e ser o melhor de todos.

— Ah, não sei se sou o melhor — disse Jeremy.

Ele não se gabava, nem de brincadeira. Era seu lado

budista ou coisa do tipo. Ele tinha se tornado budista mais ou menos na mesma época em que se tornara sulista.

— Você entendeu. Estou fazendo audições para encontrar um Jeremy, e você seria um Jeremy.

Parei em outra vitrine. Era impossível saber o que algumas daquelas lojas vendiam.

— Você sabe que estou tocando com outra banda, não é? — perguntou ele.

Eu sabia. Ele não era o único que tinha acesso a um

mecanismo de pesquisa; eu não estava ofendido. Teoricamente, tinha passado mais de um ano desaparecido e, teoricamente, fora do meio musical por mais tempo ainda. Se eu fosse ele, também teria encontrado outra banda.

— Eles não são tão legais quanto eu.

Jeremy pensou sobre isso.

— Não. Não são. Mas eu gosto deles e não quero deixá-los na mão.

— São apenas seis semanas. Depois eles podem tê-lo de volta. Ileso. Inteiro. A única

diferença é que sua mente vai se expandir durante o tempo que passar comigo.

— Não duvido. Mas não seriam só seis semanas. Você vai fazer a turnê, não vai?

Eu imaginava que sim. Era o que todo mundo fazia: gravava um álbum, dava alguns shows, vendia alguns discos. Era emocionante quando dava certo. Eu tinha talento para isso, quando dava certo.

Só quando as coisas não davam certo é que ficava perigoso. Mas principalmente para mim. Raramente para os

espectadores.

— Então?

Ele fez uma pausa como se estivesse pensando no assunto. Mas, como falei, eu conhecia o Jeremy. Quando estávamos na banda, todos conhecíamos uns aos outros melhor que a nós mesmos. Por isso éramos *a banda*. Então eu já sabia o que ele ia dizer. Só não sabia como ia dizer.

— Não acho que seja uma boa ideia você fazer uma turnê — disse ele. — Seria um passo para trás.

— Para o lado. Para trás é

desnecessariamente negativo — retruquei, apesar de saber bem do que ele estava falando.

— Olhe, Cole. Estou muito feliz por você estar...

Ele não terminou a frase, deixando-a em aberto para que eu imaginasse o complemento. *Em Los Angeles. Fazendo música de novo. Vivo.*

No fim das contas, ele não confiava em mim.

Eu não esperava que sua dúvida riscasse tanto meu coração de Teflon.

Jeremy se limitou a perguntar:

— Posso ir aos testes assim mesmo? Para assistir?

— Só se você me ajudar a escolher seu sucessor.

— Seria legal.

Nenhum de nós dois disse nada sobre Victor. Talvez só eu tivesse pensado sobre como não estávamos falando dele. Talvez fosse mais fácil para alguém que não tinha cavado a cova dele. Alguém que não o colocara lá dentro.

— *E o Victor, Cole?*

— *Lembra que fazíamos tudo juntos? Eu o convenci a se tornar um lobisomem comigo. Agora estou*

em um loft na Califórnia e ele está em um túmulo sem identificação em Minnesota.

— *Ele também escolheu isso. Você não foi o único responsável.*

Às vezes finjo que isso é verdade.

— *Cole, você ainda está aí?*

— *Estou sempre aqui — respondi, embora na verdade não estivesse por um momento. — Olhando você dormir.*

— *Sei que está. Eu sinto. Qual é o caminho de hoje? Qual é o seu caminho?*

Finalmente, meu reflexo na

vitrine sorriu. O caminho. O *caminho*. Antigamente, quando estávamos na estrada, antes de tudo dar merda, cada show era diferente. Não só porque tocávamos um set diferente, mas porque aparecíamos vestidos de zumbis, tocávamos uma música ao contrário ou encharcávamos uma abóbora de gasolina e ateávamos fogo. Claro, a música era o principal, sempre foi a coisa mais importante, mas o jogo também importava. A atração. Em algum momento, tínhamos começado a chamar isso de

“caminho”. Qual é o caminho, Jeremy? Qual é o caminho, Victor?

Na verdade, era sempre:

Qual é o caminho, Cole?

— Procurei objetos cênicos aqui, mas é inútil — falei.

— Posso ajudar?

La responder que não, que precisava pensar mais, mas de repente meu cérebro se ligou e algo se encaixou.

Estreitei os olhos.

— Como estão as caixas do seu som?

CAPÍTULO DOZE

ISABEL

Já fiz alguns testes na internet para descobrir se sou uma sociopata. A sociedade

acha que existem mais sociopatas homens que mulheres, mas é mentira, uma mentira imunda perpetuada pela mídia. Existem mais garotas insensíveis por aí do que eles gostariam de admitir.

Talvez eu não fosse louca. Caso contrário, porém, todas as outras pessoas eram.

Não entendia por que continuava sendo cruel com Cole. Por Cole, na verdade, queria dizer *todas as outras pessoas do mundo*.

Ele só estava a poucos quilômetros de mim. Na

Califórnia. Em L.A.

No trabalho, os minutos pareceram vagos e eternos. Rearrumei um pequeno monte de camisetas malva com gola canoa, espanei as plantas e depois fui para o estoque. Sierra não estava na loja, mas deixara vestígios de si mesma em uma pilha de retalhos e “inspirações”, que era como ela chamava as coisas estranhas que reunia para influenciar suas roupas. Desde a última vez em que eu estivera na loja, ela tinha adicionado uma garrafa de vidro de leite, algum

tipo de folha seca e, por mais grotesco que pareça, pés de gaivota.

Eu mal podia esperar para pendurar nas araras da loja a peça inspirada por uma parte arrancada de uma gaivota.

Tirei as coisas de Sierra do caminho, me sentei no balcão e peguei as anotações para a minha aula de AEC. A parte mais difícil da aula, na minha opinião, era tentar lembrar o que AEC significava: Assistente de Enfermagem Certificada. Tinham me falado que era um bom curso para quem queria

entrar no preparatório para Medicina, mas era difícil imaginar por quê. Uma das janelas do navegador de meu telefone ainda estava aberta em uma pergunta de um teste prático. Era:

Se você entra no quarto de um paciente e ele está se masturbando, qual é sua atitude?

a) Ri e fecha a porta.

b) Pede delicadamente que ele pare.

c) Fecha a porta para lhe dar privacidade.

d) *Explica os perigos da masturbação.*

e) *Reporta-o para a enfermeira-chefe.*

Eu estava fazendo uma aula sobre isso. Eu estava fazendo uma aula sobre isso.

Eu ia para a faculdade. Eu ia para a faculdade. Eu ia ser médica. Eu ia ser médica.

Se eu repetisse todas essas coisas como um mantra, não só se tornariam verdade como começariam a fazer sentido, ou ao menos pareceriam verdade e pareceriam fazer sentido.

As horas se transformaram em minutos. A manhã com Cole tinha sido em cores, e todo o resto era preto e branco.

Vendi uma regata.

Minha mãe ligou.

— Isabel? Você está usando a calça branca?

Outro dia, tinham me mostrado uma coleção de retratos feita por um fotógrafo interessado em semelhanças familiares. Cada rosto era na verdade dois costurados: um pai de um lado, por exemplo, e seu filho do outro. Se fizessem um meu e de minha mãe,

quem visse a fotografia alterada não teria encontrado nada de incomum. Tínhamos a mesma altura e o mesmo peso, e ambas tínhamos cabelo louro, olhos azuis e uma sobrancelha que te odiava. Era bem possível compartilharmos as roupas, por causa do tamanho, mas isso raramente acontecia. Eu não tinha interesse em saias elegantes, e minha mãe não tinha interesse em mostrar a barriga.

A calça branca, porém, era compartilhada. Tinha cintura alta, era justa, uma perfeição

no estilo Hollywood-chique. Eu a usava com tops cortados de oncinha que mostravam um tentador centímetro de pele. Minha mãe a usava com uma blusa preta grudada que era, na minha opinião, mais sugestiva que a minha versão.

— Quem você quer impressionar? — perguntei.

— Não seja grosseira — respondeu minha mãe. — Isso é um sim ou um não?

— Está na lavanderia. Tinha alguma coisa nela, alguma coisa nojenta. Não quero pensar nisso.

Minha mãe riu:

— Era café. Estou indo para a lavanderia agora, ia levá-la. A que horas você chega em casa hoje à noite?

— Oito, se não tiver trânsito. Mas vou sair na mesma hora com a Sofia. A que horas você vai para o trabalho?

— Oito, se não tiver trânsito. Minha mãe estava fazendo uma série de turnos noturnos no momento. Parte disso se devia a ela ser a nova médica em um antigo hospital e o turno da noite ser dado aos novatos, mas parte era porque

trabalhar no turno da noite significava que podia evitar o mundo real enquanto dormia no dia seguinte. Isso economizava no vinho.

— Bom, então vejo você amanhã.

Eu não estava particularmente arrasada por causa daquilo, nem minha mãe. Minha graduação no ensino médio e minha chegada à maioridade meramente conferiam aprovação social a nosso relacionamento. Minha mãe não era do tipo permissivo. Ela fora tão

participativa por tanto tempo que minha psique manteve essa marca mesmo quando ela não participava mais.

O dia se arrastou. Cole não ligou. Não liguei para ele. O que eu queria? Não sabia.

Se você está pensando em namorar sério com um astro do rock, mas ele está filmando um reality show que provavelmente vai resultar na morte ou hospitalização de um de vocês (ou ambos), qual é sua atitude?

a) Ri e fecha a porta.

b) *Pede delicadamente que ele pare.*

c) *Fecha a porta para lhe dar privacidade.*

d) *Explica os perigos da masturbação.*

e) *Reporta-o para a enfermeira-chefe.*

No fim do dia, Mark, o marido de Sierra, apareceu. Na verdade, ele não servia para nada, mas gostava de chegar e bagunçar os recibos como se fosse alguém importante. Eu não sabia muito bem o que ele fazia da vida. Acho que algo a

ver com modelagem masculina. Ele tinha o tipo de rosto que vendia óculos escuros.

— Oi, gata — ele me cumprimentou.

Era mais engraçado ouvi-lo dizer *gata* do que Sierra. Ela usava *exuberante, lindo, maravilhoso e adorável* como outras pessoas usavam artigos indefinidos. Eu suspeitava de que Mark realmente me achava gata, e suspeitava de que achava todas as monstras de Sierra gatas. Mas como não acharia? Todas nós éramos

contratadas para ter certa aparência, ou seja, éramos contratadas por nos parecer com Sierra, e obviamente ele a achava atraente.

Não respondi, mas ergui uma das sobrancelhas, o que para mim era a mesma coisa.

— O que você está fazendo?

— Estudando.

— O quê?

Quase respondi *masturbação*, porque seria engraçado, mas, depois de Mark ter acabado de dizer *gata*, pareceria um flerte.

— Como salvar as pessoas de si mesmas.

Mark mexeu em alguns papéis. Ele não estava fazendo absolutamente nada além de bagunçar o sistema que uma das monstras tinha criado.

— Falam sobre isso na internet?

Todas as pessoas do mundo sabiam que tudo o que existia na terra estava na internet. Com indiferença, raspei o fundo de minha consciência em busca de alguma parte de mim que se importasse o suficiente para pensar em um jeito divertido de contar isso a Mark. Não encontrei nada.

Meu telefone vibrou. Era Sofia.

— Sofia, o que é?

Eu sempre pensava em atender o telefone com *Culpeper*, porque gostava da ideia masculina de eliminar meu primeiro nome. E porque era menos cruel que *O que é?*

Sofia estava envergonhada:

— Desculpe interromper. É que...

O fato de ela se desculpar por uma coisa que sem dúvida não era culpa dela me irritava ainda mais.

— Ai, meu Deus, Sofia. Tudo

bem. Eu só estava sendo escrota. O que é?

— Eu só liguei porque queria contar que saiu. Quer dizer, o primeiro episódio do programa do Cole.

Já?

— Você já deve saber. Desculpe. Eu...

— Sofia. Pare de pedir desculpas. Qual é o site? Ah, certo. Com números três em vez da letra E. Não se esqueça de hoje à noite. Use uma roupa vermelha.

Desliguei e abri o site em meu telefone. A tela era

pequena e o alto-falante, uma droga, mas ia ter que servir. Meu estômago doeu com uma leve contração nervosa e infeliz. Minha indiferença encontrava jeitos de evaporar quando eu menos esperava.

O episódio já tinha começado; Cole testava baixistas na praia. Ele tinha se cercado por dezenas de caixas de som de todos os tamanhos. Toda vez que um candidato se aproximava, Cole pegava um baixo comunal, gritava um anúncio para a plateia e depois fazia um pequeno gesto de

tcharã com a mão. O gesto devia ser algo remanescente da NARKOTIKA, porque toda vez que ele o fazia as fãs idiotas que estavam ali soltavam barulhos supersônicos.

Isso me irritou. Era como se elas tivessem um conhecimento íntimo dele que eu não tinha. Será que não sabiam que aquilo não tinha nada a ver com quem ele realmente era? Elas achavam que o conheciam. Ninguém o conhecia.

Cada teste se espalhava pela praia pelo aglomerado de

caixas de som. Perto de Cole, apoiado em caixas antigas com laterais de madeira, estava um cara magro e alto com cabelo louro na altura do ombro e óculos estilo aviador. Ele era tão maltrapilho que só podia ser hippie ou famoso.

Um texto apareceu na tela sob o rosto dele: *Jeremy Shutt, ex-baixista da NARKOTIKA.*

Eu não sabia o que achava desse pedaço do passado de Cole aparecer em seu presente. Parecia ser um passo mais para perto do astro do rock esgotado que desmaiara no palco.

Mark se apoiou no balcão a meu lado para assistir, virando meu telefone para poder ver melhor.

Uma multidão tinha se reunido em torno de Cole. Ele estava tão elétrico e sua linguagem corporal era tão magnética que mesmo naquela telinha eu sentia a força de sua atração. Invejei a facilidade daquilo até lembrar que ele tivera muita prática; devia ser empolgante assisti-lo até dos lugares mais baratos de uma casa de shows.

Fios serpenteavam como

trepadeiras pela areia; Cole encorajava as pessoas a ligar as próprias caixas de som. Uma variedade de pequenas caixas de iPod pontilhava o chão, assim como caixas maiores e mais sofisticadas que algumas pessoas deviam ter levado. Parecia uma árvore elétrica cheia de estranhos frutos.

E os baixistas não paravam de chegar.

Eu não sabia como todos ficaram sabendo do evento. Talvez Baby tivesse usado seus contatos. Talvez tivesse sido Cole. Talvez um grupo de fãs

da NARKOTIKA postasse cada passo dele. Ou talvez fosse só porque ele tinha uma plateia tão grande e tantas caixas de som que transformara Venice Beach em seu playground.

Na tela, uma garotinha ligou uma pequena caixa de som laranja e bateu palmas, contente, que fez o som de Cole St. Clair ficar um tantinho mais alto.

— Eu *ouvi* isso vindo para cá — disse Mark. — Fiquei imaginando o que era. Deve estar muito alto. Deve ser ilegal.

Nenhum dos músicos satisfazia Cole, embora Jeremy desse de ombros com aprovação para alguns. Teve um cara, um favorito da plateia, que ficou tocando, tocando e tocando. Um vencedor?

Mas aí Cole desligou o amplificador e balançou a cabeça.

A plateia gemeu, mas Cole se limitou a girar a mão. Virou as costas, e o cara deixou de existir para ele. Eu sempre me perguntara como Cole conseguia fazer qualquer coisa

prática, como tinha chegado tão longe, e agora entendia. As pessoas não eram mais pessoas, eram apenas parte do plano, do objetivo. E partes podiam ser deslocadas sem reflexão ou emoção.

Isso me fez pensar em todas as garotas com quem Cole tinha transado em turnês. Aquilo me parecera um feito impossível, não porque eu não acreditasse no número, mas porque não imaginava deixar tanta gente ter acesso a mim. Parecia exaustivo, frenético. De repente, porém, eu entendi.

Ele transformava as pessoas em objeto e se livrava delas com muita facilidade.

Dentro de mim, meu coração ficou frio e escuro.

— Esse cara é inacreditável — disse Mark, mas eu não sabia se ele estava falando de Cole ou do músico seguinte.

Mais uma dezena de caixas de som tinha sido ligada desde a última vez em que as câmeras as haviam focado. Não dava para ver de onde tiravam a energia. Jeremy toda hora tinha que se afastar para mexer em alguma coisa.

— Acho que me lembro de algumas das músicas deles. Você é fã da NARKOTIKA? — perguntou Mark.

— Eu conheço ele. O Cole, digo.

— Ele é assim mesmo?

Cole era assim. Ele também não era assim. Só dependia de quando você o via. Mas não era igual com todo mundo?

— É.

— No próximo sábado, vamos fazer uma coisinha lá em casa — disse ele. — As outras vão. E você?

— Outras?

Quando Cole dispensou mais um baixista na tela, Mark indicou a loja com a mão. Ah, as outras monstras.

— Que tipo de coisinha?

Mark pegou o pé de gaivota.

— Só uma coisinha. Sem pressão. Pense nisso, está bem?

Evitei qualquer expressão no rosto, mas por dentro estava um pouco lisonjeada.

— Vou pensar — falei, tentando imaginar ir a uma *coisinha* com Cole.

No programa, Cole dispensava todos os candidatos

enquanto mais caixas de som eram plugadas. O câmara acompanhava a fileira de caixas que se estendia por vários metros: grandes retângulos pretos e cubos vermelhos ou cinzentos que cabiam na palma da mão.

A polícia chegou, claro. Parecia que esperavam ter problemas, mas esse Cole não criava confusão.

— Não estamos prejudicando ninguém — disse ele, com um gesto amplo. — Olhem para todos esses rostos felizes.

As câmeras filmaram a

plateia, que por sua vez gritou, aplaudiu e pulou para chamar atenção. Cole estava certo: a maioria *estava* feliz. Com que facilidade ele navegara seus pensamentos e humores individuais e os substituíra por aquela barulhenta alegria.

Os policiais informaram Cole de que ele estava infringindo a lei do silêncio.

— Fico feliz por ouvir isso — respondeu Cole, e parecia mesmo feliz. — Algum de vocês dois toca baixo?

— Como é que é?

— Preciso de um baixista.

Um dos policiais riu.

Cole também. Aí parou.

— Não, sério. Deem uma palhinha e desligamos tudo.

Os policiais, defensores da razão, olharam as câmeras, a multidão e se entreolharam. Cole sorria tranquilo para eles.

A razão morreu.

Claro que os policiais tocaram. Será que tinham uma chance?

Um dos policiais tocou. A outra dançou. A plateia estava surtando. O Policial do Baixo não tocava muito bem, mas não importava. Era um policial

tocando baixo amplificado por trezentas caixas de som e pelo sorriso de Cole St. Clair.

O mundo pertencia a ele.

— Agora você desliga tudo?
— perguntou o policial. —
Esse era o acordo.

— Eu ainda não tenho um baixista — disse Cole.

Claro que não ia terminar assim. Aquela comoção toda não seria à toa. A multidão estava quieta.

No silêncio, Jeremy deu um passo à frente. Balançou a cabeça, como se não estivesse acreditando. Enfiou uma

mecha de cabelo louro atrás da orelha.

— Tudo bem, Cole. Tudo bem. Eu topo.

Por um segundo, por uma fração de segundo, vi o sorriso real do Cole, e depois ele se dissolveu em seu sorriso performático. Ele trocou um aperto de mão complexo com Jeremy, depois pegou a mão dele e a segurou no alto.

— Temos um vencedor! — gritou ele.

Então se aproximou de Jeremy, falando em voz baixa, como se fosse algo só entre

eles. Mas eu conhecia o Cole e sabia que ele não tinha esquecido as câmeras.

— Bem-vindo, cara — foi o que ele disse a todos nós.

Os créditos passaram.

Foi um programa brilhante.

Eu me sentia inesperadamente orgulhosa de Cole. Ele estava certo mais cedo, pelo menos sobre uma coisa: sabia o que as pessoas queriam. Isso não significava que não ia se meter em problemas, mas ele era muito bom no que fazia. Por um breve e cristalino momento,

desejei que estivesse na minha frente, porque nesse momento eu poderia ter lhe dito isso sem minha impertinência habitual.

Só que ele não estava aqui. Então tudo o que pensei foi: *Isabel, não se apaixone por ele de novo.*

CAPÍTULO TREZE

COLE

— Jantar — falei ao telefone enquanto voltava a pé para o apartamento. Eu segurava um

suco de laranja de nove dólares que a verba de Baby pagara. A placa do lado de fora da loja de sucos dizia MUDE SUA VIDA COM SOL NO COPO. Meu futuro já parecia muito bom, e eu mal podia esperar o que aconteceria se adicionasse suco de laranja a ele. — É a próxima refeição.

— O quê? — disse Isabel.

Era ótimo simplesmente ligar para o número dela e ouvi-la atender.

— Jantar. Próxima refeição. Você. Eu. Que plano delicioso nós temos.

— Não posso — respondeu Isabel. — Prometi a minha prima Sofia que ia sair com ela. Ela vai virar uma velha assustadora se eu não levá-la para sair.

— Gosto quando você é nobre. Vocês poderiam ir a minha casa — falei. Não dava para saber se o suco de laranja estava mudando meu futuro, porque eu não sabia que caminho ia tomar antes de bebê-lo. — Cabem três pessoas no box do banheiro.

— Não vou levar minha prima para se divertir no seu

box. Que tipo de lição ela aprenderia com isso? Você pode sair com a gente.

Eu não sabia que tipo de pessoa era Sofia, mas não estava com saco para papo furado. Naquele momento, estava aproveitando o contentamento de ter feito um bom trabalho e ter merecido um suco de laranja.

— Que tipo de música vai tocar hoje?

— Não sei.

— Você mora em L.A. e *não sabe*?

Eu também não sabia quem

ia tocar, mas pareceu algo que eu saberia se morasse nesta cidade.

— Não gosto de shows. As pessoas ficam pulando e fedem, e o som é horrível.

— Não sei se consigo continuar a conversa se você vai blasfemar o tempo todo. — Parei para olhar uma placa que anunciava um frenologista. A placa também tinha o desenho de um homem careca de perfil com a cabeça cercada de estrelas. Era difícil entender que produto ofereciam. — Você nunca foi a um show de que

tenha gostado?

— Deixe-me pensar... Não, nunca fui. Você gostou de verdade de algum? Ou só acha que precisa gostar?

— Que pergunta ridícula — respondi, embora provavelmente não fosse. Eu não tinha ido a muitos shows até *eu* ser o show, e parecia que a indústria da música desaprovava quando alguém faltava ao próprio show, mesmo que não o achasse divertido. — A Sofia é real?

— O quê? Eu nem sei porque ela é assim. Nada na

infância dela parece justificar esse nível de neurose. Espere. Você está perguntando se ela é uma pessoa real? Eu não inventei uma prima para me livrar do jantar, Cole. Eu teria simplesmente recusado o convite.

— Você vai atender na próxima vez que eu ligar? — perguntei.

— Eu atendi desta vez, não foi?

— Diga sim.

— Sim. Sob algumas condições, sim.

Terminei o suco de laranja.

Estava tentando ser magnânimo após descobrir que aquela noite não envolveria a boca de Isabel Culpeper. O suco de laranja tinha mudado meu futuro de um jeito desagradável.

— Que condições?

— Às vezes você faz coisas como me ligar quarenta vezes por dia e deixar mensagens de voz obscenas e é por isso que eu não atendo.

— Ridículo. Eu não faria uma coisa dessas. Nunca ligaria para você uma quantidade redonda de vezes.

— Além disso, às vezes você só liga porque está entediado e não por ter algo a dizer, e não quero ser algum tipo de internet viva que você acessa para se entreter.

Aquilo parecia algo que eu faria.

— Então vá para casa, componha o seu disco, depois me ligue de manhã e diga o que vamos fazer neste final de semana.

— Vou ficar completamente sozinho.

— Todos nós estamos sozinhos, Cole.

— Esta é a minha pequena otimista — falei.

Depois que desliguei, voltei andando para casa.

Pensei em beijar Isabel no chuveiro.

Pensei que passaria a noite sozinho naquele estranho paraíso New Age.

Pensei em trabalhar em músicas para o disco.

Pensei em ligar para Sam.

Pensei em me drogar no banheiro.

Atravessei o jardim até a casa de estuque onde Leyla

estava. A porta de correr para o jardim estava aberta.

Lá dentro, havia um sofá branco e um monte de bambu. A luz da noite, que atravessava as janelas da frente, deixava o lugar parecendo um elegante showroom de um carro ecológico, mas sem carro. Leyla estava sentada no meio do piso fazendo ioga ou meditação. Eu não lembrava se as duas coisas eram diferentes. Achava que meditação era a que não exigia calças especiais.

Bati no batente da porta.

— Lily. Leyla. Posso falar

com você um segundo sobre amanhã? Quando tornaremos o mundo um lugar melhor?

Leyla me cobriu com um olhar pesado e pacífico.

— Ah, você.

— Sim, eu. Uma história engraçada: essa também foi a primeira coisa que a minha mãe me disse.

Leyla não riu.

— Só quero avisar uma coisa porque acredito em honestidade: não respeito o seu trabalho nem nada da sua ideia pessoal da vida — disse ela.

— Nossa. Bem, está avisado.

Leyla alongou um dos braços estendidos.

— É bom, não é?

Eu me perguntei se ser desrespeitado por uma hippie era algum tipo de marco.

— Na verdade, eu não ia usar a palavra *bom*, mas tudo bem. Quer tocar alguma variação dessa nota ou uma vez foi o bastante para você?

Ela trocou de braço. Sua velocidade ficava entre excruciante e lenta.

— As pessoas são totalmente dispensáveis para você. Elas

são só, tipo, objetos.

— Ok, e?

— E você está nessa pela fama, não pela música.

— É aí que você se engana, minha amiga — falei. — Estou nessa pelas duas coisas. Cinquenta por cento para cada. Talvez até quarenta e sessenta por cento.

— Você já compôs o disco que devemos gravar em seis semanas?

— Agora quem está estragando a minha onda é você.

Nem era divertido ironizar

alguém que não percebia que estava sendo ironizado.

— Como você sabe que também não vai me odiar tocando? — perguntou Leyla.

Lancei o sorriso de Cole St. Clair a ela para ganhar um pouco de tempo.

A questão era que eu podia fazer uma audição para novos baixistas porque Jeremy, meu antigo baixista, estava sentado do meu lado. Eu podia arranjar outro baixista porque não estava realmente substituindo o antigo. Jeremy não tinha partido, só se mudado. Mas o

baterista da NARKOTIKA não estava morando em uma casa em algum lugar nos cânions. Ele estava morto em um buraco, morto no corpo de um lobo. Se eu começasse a pensar em bateristas de um jeito será-que-eles-são-melhores-que-o-Victor, acho que não aguentaria. Eu havia colocado minha culpa e meu luto dentro daquela cova. Pedira desculpas a um homem morto e fora o fim.

Um fim tênue.

— Tenho um plano. Está tudo sob controle — falei.

Ela fechou os olhos outra vez.

— Controle é uma ilusão. Animais não têm ilusões de controle.

De repente, do nada, eu quis tanto estar com Isabel, e só com Isabel, que mal acreditava que teria de passar a noite sozinho naquele lugar olhando para Leyla.

— Você é uma hippie esquisita — falei.

Não me importava se as câmeras ouvissem.

— Não existem animais hippies — respondeu Leyla. —

Porque todo animal está, por natureza, em harmonia com o que o cerca.

Bati no batente da porta e voltei ao jardim. O desejo ainda ardia dentro de mim.

— Talvez eu demita você amanhã.

Ela não abriu os olhos.

— Aceito o que quer que o amanhã traga.

O que era uma atitude ridícula. O amanhã trazia exatamente o que você lhe dizia para trazer. Se não dissesse nada, não conseguia nada. Eu estava cansado de

nada. Queria alguma coisa.
Não. Eu queria *tudo*.

CAPÍTULO QUATORZE

ISABEL

Só levou 45 minutos para Cole me ligar de novo. Eu estava quase chegando à Casa

da Ruína.

— Pensei nos seus planos para a noite — disse Cole. — E cheguei à conclusão de que não são muito bons para a Sylvia. Sofia? Sofia.

— Estou vendo que você a conhece bem. Por que não são bons para ela?

Coloquei o SUV de ré na entrada da garagem. Não olhei pelo retrovisor. Eu estava reta quando começara a manobrar; se atropelasse velhinhas, animais de estimação ou crianças, era culpa deles. Estava avisado.

— Como é que... Ah, olhe como você manipulou minha resposta. Porque eu não estou incluído neles.

— E qual, exatamente, é o grande plano que envolve você?

— Todos os planos que me envolvem são ótimos. Mas este é uma surpresa e você devia levar a Sylv... Sofia, um suéter e talvez alguns cubinhos de queijo no palito.

— Não gosto de surpresas.

Meu coração já tinha acelerado. Exatamente o que eu estava tentando evitar.

— Não é uma surpresa. É um ótimo plano. Ah, e vai ter mais duas pessoas lá. Mas uma delas é como a Sofia, porque a vida é assustadora, e a outra é como você. Mais ou menos. Só que, em vez de sarcasmo, ele tem religião.

— Cole...

— Não esqueça o queijo.

Uma hora depois, eu estava com Sofia e um monte de gente morta. O grande plano do Cole era encontrá-lo no Hollywood Forever Cemetery ao lado do memorial do Johnny

Ramone. Ele (Cole, não Johnny) parecia ter acabado de sair do banho e estava mil vezes comestível em uma camiseta branca lisa e um jeans muito caro. Havia levado duas pessoas não mortas: Jeremy e um cara que parecia se chamar Leon. O segundo era velho o bastante para ser meu pai e estava com uma calça muito bonita e uma camisa social fina com as mangas arregaçadas. Um empresário, talvez? Jeremy parecia mais hippie e menos famoso em pessoa.

Sofia não ficou muito feliz por estar em um cemitério. Nem Leon. Obviamente, ambos eram educados demais para dizer isso em voz alta.

Eu não estava incomodada porque:

- As pessoas que estavam ali já tinham morrido muito tempo antes e não havia como ajudá-las.
- Eu não conhecia nenhuma delas, incluindo Johnny Ramone
- Estava usando grande parte da minha capacidade

cerebral para não imaginar quando surgiria uma oportunidade de ficar com Cole de novo.

O cemitério também não era muito assustador. A luz rosada do sol brilhava atrás das altas palmeiras e sobre os mausoléus brancos. Lápides quase alegres erguiam-se ao redor de belos lagos. E havia pavões. Era difícil ficar assustada na presença de pavões.

Além do mais, havia centenas de pessoas vivas

sentadas em cobertores entre os túmulos.

— Eu gostaria de mandar um cartão ao flamingo que morreu para fazer o seu casaco — disse Cole para mim. — Porque ele está se saindo muito bem no papel de roupa. Eu gostaria de colocar tudo o que ele não está cobrindo na boca.

Era muito para absorver. Era um casaco rosa não muito pesado (e de pelúcia, não de penas). Seus olhos diziam tudo o que ele não dizia. Eu não sabia se meu rosto não

respondera o mesmo para ele.

Eu não sairia dessa noite com vida.

— Na frente das crianças, não — disse Jeremy.

Cole me entregou seus óculos escuros. Eu os coloquei e o olhei através deles. Não havia um traço sequer de seu sorriso de artista naquele início de noite, ou talvez aqueles óculos escuros tivessem sido programados para eliminá-lo. Ele só estava... lindo, alegre, e parecendo querer transar comigo ali mesmo.

Socorro.

Mas eu era a única pessoa ali que podia me ajudar.

Ele voltou sua atenção para Sofia.

— Tem queijo aí? — perguntou a ela, apontando para a cesta de piquenique que ela segurava.

Até então, Sofia não tinha dito nada; seu cérebro estava sobrecarregado pela presença de tantos membros da própria espécie. Mas ouvir perguntas sobre queijo já era demais. Ela o encarou de olhos arregalados.

— Só sanduíches — disse.

Depois, um pouco mais alto.
— Diferentes tipos de sanduíches.

Não eram só sanduíches. Em se tratando de Sofia, na verdade era uma cesta forrada com um cobertor listrado de piquenique que aparecia graciosamente sob a tampa. Estava pronta para uma página dupla de revista: *Planeje o piquenique perfeito! Basta adicionar amigos!*

— Eu quero um teclado na minha lápide — comentou Cole, voltando sua atenção para a estátua de Johnny

Ramone tocando guitarra. Ele tocou o rosto de Johnny, o que parecia um sacrilégio. — Jeremy, o que você quer na sua?

Jeremy olhava para a frase de Rob Zombie na lateral do memorial: *Um punk dedicado e um amigo leal.*

— Eu vou ser cremado. De que vai servir este corpo quando eu já estiver a caminho do próximo?

— Claro — disse Cole. — Mas, de um jeito ou de outro, eu vou mandar empalhar você. Isabel? E você? Uma

metralhadora, talvez, ou uma tiara?

Eu não podia sorrir porque a brincadeira daquele momento exigia que não sorrisse. Mas eu gostava daquela versão de mim.

— Ambas — respondi.

— Leon? — perguntou Cole.

Leon era amável demais para aquilo, dava para perceber. Era o tipo de homem sério e agradável que nunca demonstraria se você o ofendesse, o que só me fazia sentir pressionada a não ofendê-lo. Mas ele queria

agradar a Cole, porque todo muito queria agradar a Cole ou matá-lo, então respondeu.

— Uma vez vi um túmulo com um anjo, e embora a cabeça fosse assim — ele encolheu o queixo — ele estava sorrindo. Só um pouco. Era bonito. Eu gostaria disso.

— Posso dar um jeito — disse Cole.

Um segundo antes de ouvir a pergunta, Sofia percebeu que era a próxima da fila. Seus olhos se encheram de nervosismo.

— Que mórbido — exclamou

ela em uma voz doce só audível para cachorros atentos. Sorte a dela que Cole era um cachorro atento.

— A morte não é mórbida — disse ele. — Todo o resto é que é.

— Não acho bom falar disso — disse Sofia com bravura. — Existem muitas coisas bonitas para se falar.

— É verdade — concordou Cole, para meu alívio. Ele segurou o braço de Leon e apontou. — Ali, Leon. Lá. Aquela é a oportunidade fotográfica do dia.

Leon tirou o telefone celular do bolso com obediência e enquadrou o lugar que Cole tinha indicado: as palmeiras, todas inclinadas para a direita, delineadas contra o céu rosa-escuro atrás de um mausoléu branco.

— Eu tirei uma foto com a minha mente — disse Jeremy.

O cartão de memória de minha mente estava cheio. Precisei deletar uma antiga foto mental de um pôr do sol mais simples em San Diego para adicionar esta.

— Qual é seu plano aqui,

Cole? — perguntei quando um grupo de mulheres mais velhas passou por nós, rindo e segurando garrafas de vinho.

— Na verdade — respondeu Cole. — O plano é do Leon.

Ao ouvir isso, Leon pareceu encabulado:

— Eu li no caderno de fim de semana.

Cole concordou:

— O lugar onde as notícias acontecem. Parece que vão projetar um filme na lateral daquele mausoléu ali. — Ele apontou para a oportunidade fotográfica. — E vamos assistir

sentados assim — cruzou os dedos de ambas as mãos.

O mausoléu branco que ele indicava era enorme e não tinha decorações, ideal para a projeção de um filme.

— Que filme?

Cole se aproximou com um olhar malicioso. O desejo me apunhalou.

— *A bela e a fera.*

Ele abriu um sorriso sarcástico. Não era *A bela e a fera*.

Estreitei os olhos.

— Não gosto quando você me chama de fera.

O sorriso de Cole foi tão maravilhoso que doeu.

Leon interrompeu:

— Pessoal, não é melhor acharmos um lugar para sentar?

Quando Cole saiu à frente com Jeremy, Sofia segurou meu cotovelo.

— Ah, Isabel, ele é tão *lindo* — sussurrou ela.

Só que ela disse isso como diria *terrível*.

Mais à frente, os garotos tinham encontrado um lugar com visão livre de gente alta. Sofia abriu o cobertor e serviu

sanduíches para todos, para a minha irritação, mas os outros não sabiam que deviam dizer que ela não precisava fazer isso. Eu a observei comer o dela com muito silêncio e precisão, arrancando pequenos pedaços para não cometer uma gafe com a boca aberta. Aquilo só me dava vontade de socar alguma coisa. Será que ela não via que os outros não se importavam com a sua forma de mastigar? Que todos estavam dispostos a gostar dela antes que entregasse os sanduíches?

Eu esperava (temia?) que houvesse álcool, mas Jeremy era algum tipo de budista careta, Leon parara de beber cinco anos antes, Cole também estava se abstendo e Sofia e eu éramos nós.

Cole, sentado ao meu lado, colocou a mão em minhas costas, sob a jaqueta. Seus dedos me queriam e mais nada. Eu estava definitivamente morrendo.

— Quer minha jaqueta? — perguntou Leon a Sofia.

— Ah, não, estou bem — disse Sofia, embora fosse claro

que estava congelando e Leon tivesse dito aquilo de um jeito paternal. Ela não devia se lembrar do que era um tom paternal.

— Sofia — falei, afastando o sanduíche da boca. A borda do pão tinha a marca vermelha do meu batom. — Se você não aceitar a jaqueta deste homem, vou incendiar alguma coisa.

Cole ganhou vida na hora.

Jeremy balançou a cabeça devagar.

— Não, cara. Aqui, não.

Ele falou de um jeito tão lento e discreto que ficou óbvio

que foram colegas de banda. Que, enfim, ele conhecia Cole como aquelas fãs não conheciam.

Esperei sentir ciúmes, mas foi mais como encontrar outro integrante de um clube de sobreviventes.

Sofia aceitou a jaqueta.

O filme começou. No fim das contas, era *Curtindo a vida adoidado*, que todos nós tínhamos visto.

Em certo ponto, olhei para Cole, e ele estava simplesmente... olhando para mim. Seus olhos se estreitaram

como se estivesse tentando descobrir algo em meu rosto. Sua silhueta se recortava contra o último pedaço rosa do céu e as altas palmeiras inclinadas. Era impossível pensar que a Califórnia não o originara, porque ele parecia ter saído daquele chão junto com as palmeiras, os pavões e o memorial de Johnny Ramone tocando guitarra.

Ele não desviou os olhos.

Meu Deus, eu queria tanto beijá-lo.

Queria que estivéssemos sozinhos.

Mas ali estavam Sofia, que precisava de mim, Leon, que parecia ser o motorista e acompanhante de Cole, e Jeremy que... bem, eu não sabia o que Jeremy era. Ele parecia se virar por conta própria.

Em certo ponto do filme, Sofia pediu licença para ir ao banheiro. Ela demorou demais, então me levantei com um suspiro.

— Só vou ver como ela está — sussurrei.

Eu a encontrei em um dos mausoléus. O largo corredor

me conduziu para baixo de um alto teto de vidro abobadado. De cada lado, as paredes altíssimas eram divididas em quadrados que pareciam caixas de escritório. Havia pequenas urnas presas na frente delas, porque aquelas eram caixas para gente morta.

Sofia chorava em silêncio perto de uma urna, ainda com a jaqueta de Leon sobre os ombros. Meus calcanhares estalaram no piso ao me aproximar.

— Não é isso que adultos fazem — falei para ela.

Ela virou o rosto e fungou:

— Eu não sou adulta.

— O que aconteceu?

— Não sei o que dizer para as pessoas.

— É um filme. Não estamos dizendo *nada*.

— Mas se *estivéssemos* conversando. Eu não saberia o que dizer.

Eu nem imaginava como curar um problema hipotético que eu mal teria entendido mesmo que fosse real.

Isso significou que alguns momentos se passaram, durante os quais Sofia ficou

mais triste e eu fiquei mais zangada, pensei mais em gente morta e no fato de que meu irmão era um deles, morto em uma cova e não em uma caixa branca e limpa na Califórnia.

— Ei — disse uma voz atrás de mim. Por incrível que parecesse, era Jeremy. Ele estava todo inofensivo e curvado, enfiando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Sou eu. Vim ver se está tudo bem.

— Ah, ela está... — *chateada com a vida.*

A presença dele foi a gota

d'água para Sofia.

— Agora eu estraguei tudo mesmo! — chorou ela.

— Não estragou, *não* — disparei.

— Ah, ei, não. O Cole só está em um encontro com o Leon; eles estão se divertindo muito. Então, ei, ei, você se incomoda se eu tentar uma coisa? É algo que aprendi em, tipo...

Jeremy me contornou para ficar diante dela. E a expressão dele deve ter parecido mais reconfortante que a minha, porque Sofia engoliu o último

lote de lágrimas e o encarou.

— Você só ficou nervosa, não é? — perguntou Jeremy. Enquanto dizia isso, ele fez um gesto. Tinha dedos muito longos. Dedos de baixista. Ele começou a dar pancadinhas no esterno com uma das mãos e, com a outra, pegou o pulso mole dela e a faz imitar seu gesto em si mesma. — Bata aqui e repita o que eu disser. Diga, tipo: “Está tudo bem aqui. Eles gostam do meu sorriso”.

Que merda é essa?

Sofia abriu um sorriso

tímido para ele.

“Que merda é essa?” vezes dois.

— Agora bata aqui — disse Jeremy, e começou a bater no queixo. Esperei que Sofia recusasse (eu teria recusado), mas ela o imitou. — E diga “Está tudo bem aqui. Eles me acham legal.”

Veze três. Que. Merda. É. Essa?

— Ah, meu Deus — falei. — Isto está mesmo acontecendo?

— Isabel — disse Jeremy com suavidade. — Este é um espaço positivo.

Sofia reprimiu uma risadinha surpresa e lacrimosa. Revirei os olhos.

— Vai demorar?

— A eternidade demora? — perguntou Jeremy.

— Ah, meu...

Ele sorriu:

— Estou brincando. Vai levar uns cinco ou dez minutos.

Apontei para fora:

— Vou ficar lá. Tudo bem para você, Sofia?

Sim, claro. Criaturas imaginárias sempre ficam felizes com outras criaturas imaginárias.

Eu só tinha andando alguns metros para dentro da escuridão quando Cole apareceu bem na minha frente. Seus olhos estavam famintos.

— Isabel...

Só tive tempo de sentir seus dedos pegarem minha mão, me puxando para o lado, e depois estávamos na lateral do mausoléu nos beijando. Foi algo tão instantâneo, algo que eu queria tanto, que era impossível saber quem tinha começado, ele ou eu. Meu cérebro se desligou de tudo menos de sua boca, seu corpo,

seus dedos apertando meu braço com força, a outra mão segurando minha saia. A mão dele em minha coxa era uma pergunta; minhas mãos puxando-o mais para perto, a resposta.

Não estava escuro o suficiente para nos esconder, Sofia podia sair com Jeremy e nos ver, eu não devia ir tão longe.

Não importava.

Eu queria.

Uma lanterna iluminou nosso rosto. Um aviso.

— Ei, garotos — disse um

homem. Um segurança típico.
— Aqui não.

Cole parou de me beijar, mas não me soltou.

— É — disse ele, abrindo um sorriso tenso para o guarda, que foi embora. Então sussurrou no meu ouvido, todo dentes e língua. — Volte comigo.

Minha pulsação explodiu na barriga e nas coxas.

— Eu já estava voltando — falei, apesar de saber a que ele se referia.

— Não é isso — disse Cole. Depois repetiu: — Não é isso.

Depois. Volte comigo.

Ele não estava falando de beijos. Estava falando de sexo.

— Preciso levar a Sofia para casa — falei.

— Eu pego você — disse Cole.

Meu corpo vibrava uma resposta para mim. Tentei pensar com clareza.

— Como eu iria para casa?

— Casa? — repetiu Cole, como se não fizesse ideia do significado dessa palavra. — Fique. Eu levo você de volta de manhã. Isabel...

— Ficar! — sussurrei,

repentinamente com calor. Não era de ficar que eu tinha medo. Era de *gostar* de ficar, e aí o que aconteceria quando um de nós se cansasse do outro? Eu tinha visto esse tipo de briga com frequência suficiente na Casa da Amargura para saber que não era o que eu queria. Dois dias antes, Cole não estava em L.A., e agora queria que eu passasse a noite com ele. Ele podia ser um astro do rock fodão que tinha transado com um milhão de garotas, mas eu era só uma talvez ex-católica que chegara às preliminares

algumas vezes. — O que você quer de mim?

— Eu já falei — disse ele. — Jantar. Sobremesa. Sexo. Vida.

Por algum motivo, ouvi-lo dizer isso meio que doía, por causa do quanto eu *queria* acreditar *versus* quanto acreditava *de fato*.

— Você fala isso porque acha que fica sexy.

Cole fez um som de desdém.

— É verdade, mas também é sério.

Retirei a mão dele de minha bunda para poder pensar melhor.

— Calma, Cole.

Ele soltou um suspiro alto e melodramático. Então deixou a cabeça cair em meu ombro, respirando em minha clavícula. Enfim imóvel, sem precisar, sem pedir, sem fazer. Só me abraçando e me deixando abraçá-lo.

Foi muito chocante.

Não era uma pergunta. Era uma declaração.

E o que eu mais temia era que Cole St. Clair se apaixonasse por mim, e eu me apaixonasse por ele, duas armas humanas, e ambos

terminássemos de coração
partido.

CAPÍTULO QUINZE

COLE

Isabel não voltou comigo, o
que significava que eu
continuaría sozinho no

apartamento, observado pela lua gigantesca pelas portas de vidro. Eu a desejava tanto que não conseguia pensar. Havia um número incontável de minutos entre aquele momento e a manhã.

Olhei para o teclado, e ele olhou para mim. Nenhum dos dois estava interessado no outro.

Na cozinha, investiguei as câmeras presas na borda da bancada, apontadas para o chão. Eu me agachei diante de uma delas.

— Oi. Eu sou o Cole St.

Clair. E este é o meu instrumento — falei, levantando-me e girando os quadris na frente da câmera por um ou dois minutos. A câmera não era uma plateia satisfatória.

Subi na bancada para ver se alcançava o teto. Alcançava. Chutei a torradeira para o chão para ver que tipo de som faria. Não muito legal.

Ainda não era de manhã.

Não entendia a resistência de Isabel a minha irresistibilidade. Só aguentaria ficar tão irritado por querê-la

se achasse que ela estava em algum lugar me querendo também. Queria ligar para ela e perguntar se isso estava acontecendo, mas até eu sabia que uma ligação como essa violaria qualquer parâmetro que ela tivesse definido para mim.

A cama era um compromisso grande demais, por isso me sentei em uma das poltronas da sala e puxei fios do tecido do braço dela até dormir. Sonhei que estava acordado em uma poltrona velha com cheiro de água do mar e acordei

sozinho com dor no pescoço e com a lua ainda batendo no rosto. Meu coração e pulmões me comiam por dentro, então peguei minhas coisas e fui para o terraço.

No fim-começo da noite-manhã, Los Angeles era fria e violeta. A lua começava a minguar, mas estava cheia o bastante para ser um olho aberto. Ouvi o som de pessoas rindo em um bar a várias ruas de distância.

Rondei pelo terraço, passando os dedos sob o parapeito, pelas bordas da

mobília e ao redor dos limoeiros em vasos. Não havia câmeras, e eu estava acima da maior parte de Venice; só via outros telhados. O terraço da casa ao lado estava vazio; na verdade, eu achava que a casa inteira estava vazia, para alugar. E o terraço do outro lado daquele, que mal era visível no escuro, também estava vazio.

Era seguro, provavelmente. Era ao ar livre, então tecnicamente não era à prova de falhas. Mas era quase. A margem de risco não era

grande o bastante para eu sequer fingir que me importava. Eu ia me safar por cinco, sete ou doze minutos.

Injetei, engoli e esperei.

Quando eu era um lobo, o espaço parecia menor. Meus sentidos ficavam fragmentados. Eu me lembrava de um jovem com a pulsação acelerada e via o mundo através de seus olhos, mais alto, depois o esquecia. Andei pela extremidade desse espaço, preso bem acima do chão sibilante abaixo. As folhas do limoeiro murmuravam para

mim. O cheiro da comida próxima era quente e suado. No alto, ouvi uma estrela atravessar rápida de um lado para o outro do céu.

Coloquei as patas do parapeito (a areia sob os coxins causou atrito) e olhei para baixo. Alto demais para pular. Ainda assim, o mundo se estendia de forma convidativa. Gani com uma leve frustração.

Tudo naquele lugar me chamava, mas eu estava preso lá em cima.

Voltei para meu corpo humano ao lado do vaso decorativo do limoeiro. De barriga para cima, olhei através das folhas da frutífera cativa. Meus pensamentos e lembranças se rearranjaram aos poucos.

Mesmo como lobo, eu queria mais.

CAPÍTULO DEZESSEIS

COLE

Estas são coisas que nunca envelhecem: a primeira palavra dita em um microfone de

estúdio de gravação, a versão bruta de uma música, a primeira vez que ela toca no rádio.

Estas são coisa que envelhecem: eu.

Fosse qual fosse a parte de mim que antes era capaz de passar todas aquelas noites em claro ou quase em claro, ela fora sem dúvida deixada para trás em minha juventude desperdiçada, ou talvez apenas em Minnesota. Dormi até o sol estar alto e depois descobri que não tinha nada para o café além de um saco vazio de

donuts cheio de formigas entediadas. Estava na cara que eu não podia trabalhar naquelas condições, então saí a pé para caçar/colher (possibilidade de letra? Anoto no bloquinho) (*colher/caçar* mais interessante, pois é inesperado).

(Eu colho/você caça/ambos se esquivam da armadilha)

Quando voltei ao apartamento, o sol estava ainda mais alto e Baby esperava por mim.

Ela estava sentada em uma das duas poltronas brancas de

vinil na minúscula área de estar, trabalhando em seu iPad. Quando abri a porta, ela ergueu o rosto:

— Você deveria estar trabalhando.

Deslizei a porta até fechá-la com o cotovelo.

— Eu estava trabalhando.

— O que tem aí?

Olhei para minhas mãos. Não me lembrava de tudo o que comprara.

— Uns negócios. Para coisas. Para trabalho.

Ela me observou largar os sacos sobre a mesa diante de

sua poltrona: uma pequena cesta de vime que estalava de um jeito muito interessante e provavelmente estalaria ainda melhor em um microfone, um candelabro de marfim falso, uma camisa havaiana extragrande bem desgastada e a pequena estátua de um Buda roxo que seria o presente de boas-vindas de Jeremy.

— Isto aqui não é *The Bachelor* — disse ela. — Não tenho verba para ir atrás de você. Então vai ter de fazer coisas interessantes quando as minhas câmeras estiverem

presentes. Ou me ligar quando for fazer alguma coisa. Enquanto isso, estou magoada por você ter demitido os músicos que escolhi a dedo.

Fui até o teclado. Era um Dave Smith. Talvez meu Dave Smith. Eu não sabia se tinha sido liquidado ou coisa do tipo quando eu fora dado como morto/desaparecido/lobisomem (possibilidade de letra?) (óbvio demais) (outra palavra para *lobisomem*?) (*besta*) (*unicórnio*) (*suicídio*) (anotar no bloco?) (não há nada para ver aqui).

Peguei o bloco de notas e

escrevi *não há nada para ver aqui*.

— Cole.

— O quê? Ah. Eu não queria um guitarrista, e o baixista era todo errado.

Baby digitou alguma coisa no iPad.

— Que fique registrado, ele foi escolhido por usuários do fórum do programa antes mesmo de você chegar. Era conhecido de nome. Foi o jeito deles de se envolver.

Eu preferia que meus ouvintes se envolvessem da seguinte forma: comprassem o disco, fossem ao show,

soubessem todas as letras.

Liguei o teclado. Luzes se acenderam no painel. Por um momento, apoiei o dedo em um dos botões. Só para sentir de novo como era. Fazia muito tempo. Embora eu tivesse passado cronologicamente muito mais tempo tocando em turnê do que em casa, eram aqueles primórdios que me vinham à mente. O primeiro teclado, meu quarto, o sol da manhã nas teclas, fotos das configurações tiradas com o celular, músicas cantaroladas de olhos fechados. Era como se

a NARKOTIKA nunca tivesse existido.

— Pegue seu telefone e ligue para ele — disse Baby. — Diga que cometeu um engano.

Nem me dei ao trabalho de me virar.

— Não.

— Isso não é opcional.

Fiquei indignado por dentro, mas mantive o rosto impassível e a voz despreocupada:

— Fazer um bom disco é opcional?

Sem resposta.

— Não gostaram do primeiro

episódio? — Eu sabia que tinham gostado. — Não gostaram do Jeremy?

— Minha intenção não era fazer um programa de reunião da NARKOTIKA. O Victor vai aparecer do nada?

Senti a música se esvaír de mim:

— Posso garantir que isso não vai acontecer.

Houve uma pausa muito longa atrás de mim. Ouvi Baby digitar em sua vida eletrônica enquanto eu ligava a caixa de som e me concentrava em fazer a maior, mais alta e mais irada

nota de sintetizador que aquele apartamento já tinha ouvido.

O acorde cresceu e cresceu até eu imaginar a capa do disco, o número de músicas na parte de trás, a sensação de lançá-lo no mundo para o sucesso ou o fracasso (só que era sempre um sucesso; era eu quem fracassava), e me perguntar como ia me chamar se eu não era a NARKOTIKA.

Por fim, Baby disse (bem alto, para ser ouvida acima da maior, mais alta e mais irada nota de sintetizador que aquele apartamento já tinha ouvido):

— É o seguinte. Você não vai aceitar o Chip de volta?

Soltei o acorde que estava tocando. O sol se desvaneceu devagar.

— Quem é Chip, afinal? Ah. Não. Vou ficar com o Jeremy.

— Então é o seguinte — repetiu ela. — Agora isto é seu.

Eu me virei. Em sua mão estendida havia um telefone.

— O que é isso?

Ela não respondeu até que o peguei, relutante.

— Seu novo telefone de trabalho. Acabei de inscrevê-lo em todas as mídias sociais. E

contei ao mundo que você vai cuidar de todas pessoalmente. Quer poder dar as cartas da banda? Vai precisar trabalhar em dobro por isso.

Fixei os olhos no telefone que tinha na mão.

— Você me assassinou.

— Você saberia se eu tivesse assassinado.

Eu gemi.

— Nem comece — disse Baby, levantando-se. — Não aja como se eu fosse sua carcereira. Porque nós dois queremos a mesma coisa. Se este programa for bem, eu faço

outro. Se este programa for bem, você não precisa sair em turnê nunca mais. Então comece a trabalhar e não se esqueça de que tem estúdio reservado para hoje à tarde.

Comecei a trabalhar.

Porque ela estava certa.

CAPÍTULO DEZESSETE

ISABEL

— Qual é a próxima refeição? — perguntou Cole.

— Almoço — respondi.

Enquanto andava até o banheiro feminino, olhei para a porta da sala de aula para me certificar de que estava fechada. Pausas para ir ao banheiro eram a única desculpa permitida para escapar de minha aula de AEC, um fato que só parecia incomodar a mim. Os outros alunos pareciam genuinamente envolvidos, um conceito que eu só entendia se dissesse a mim mesma que eles não tinham lido o livro didático com atenção o bastante para notar as redundâncias em seu

aprendizado.

De qualquer forma, o número de Cole na tela vibrante de meu telefone era mais que o suficiente para usar a desculpa do banheiro. No corredor, tentei respirar pela boca. É preciso ter certa resistência intestinal para entrar por vontade própria em outra escola de ensino médio depois de já ter se formado na sua. O simples cheiro do corredor trazia à tona vários sentimentos, e qualquer um deles seria um bom tópico para uma sessão de terapia.

— Fale que você me quer — disse Cole.

Empurrei a porta do banheiro.

— Tenho uma pausa muito curta para o almoço.

— Esqueci que você estava estudando. Me ensine alguma coisa que acabou de aprender.

— Estamos trabalhando com cortesia profissional. No fim das contas, por mais simpático que você seja com seus pacientes, não pode chamá-los de *queridinho*.

— Você vai ser uma ótima A-C-E. A-E-C. certo?

No espelho, minha boca sorriu. Parecia cruel e feliz.

— Médica — respondi. — Eu vou para a faculdade de Medicina. Isto é só um mal necessário.

Não era bem verdade. Provavelmente eu entraria em um bom curso preparatório para Medicina sem isto. Mas não queria um curso bom. Um curso só bom não fazia muito sentido.

— Venha me buscar — disse Cole em um tom comovente. — No seu carro. Meu carro me faz parecer um fracassado.

— Aquele não é o seu carro — falei, e Cole soltou uma risadinha silenciosa. — Vou buscar você. Mas desta vez eu escolho o lugar.

Desliguei. Não queria voltar para a aula. Também não queria participar das aulas práticas daquela semana. Não queria virar pessoas velhas e limpar o que quer que estivesse embaixo delas. Eu não queria ouvir de meu instrutor que precisava sorrir quando me apresentasse aos pacientes. Não queria precisar colocar luvas e ter aquela

sensação nojenta mão-luva depois que as tirasse. Não queria sentir que era a única pessoa no mundo que odiava as pessoas.

Você vai fazer esta aula.

Você vai ser médica.

Esta é a vida.

No espelho, eu parecia rígida e deslocada diante das portas gastas das cabines. Não sabia se essa era minha aparência real ou se eu só estava daquele jeito, com os cotovelos encolhidos para que nada ali me tocasse por acidente. Era a regra: nada devia me tocar.

Eu não sabia por que sempre deixava o Cole quebrá-la.

Uma hora depois, Cole e eu estávamos indo almoçar em um obscuro restaurante de L.A.

Eu não sabia por que as pessoas ainda levavam crédito por “encontrar” lugares obscuros para comer. Amigos de seus pais levavam você e a sua mãe a algum lugar minúsculo que fazia ótimas omeletes ou coisa parecida, ficavam orgulhosos como se tivesse inventado as omeletes,

e sua mãe dizia: “Como vocês *encontraram* este lugar?!” Eu podia dar a resposta: na internet. Cinco minutos, um CEP e acesso rápido à internet entregavam os segredos da obscuridade culinária a qualquer um.

Eu ficava muito irritada quando as pessoas lidavam com o bom senso como um poder mágico. Porque, se fosse assim, eu era a criatura mais mágica que conhecia.

Levei Cole para um lugar que descobrira com meus poderes mágicos: uma

minúscula loja de tortas pela qual era fácil de passar reto se você não soubesse para onde estava indo. Do lado de fora, a frente era pintada de roxo-escuro. Dentro era Los Angeles no seu máximo de apelo visual. A refinada área de refeições tinha piso de concreto, poucas paredes brancas e bancos de madeira reformados. O ar cheirava a café e manteiga. A área de pedidos era pequena e singular: uma geladeira com bebidas interessantes, cardápio no quadro-negro, um

mostruário de tortas cheio de delícias. Eu tinha experimentado todas, das aveludadas quiches cítricas às tortas de chocolate decoradas com caramelo salgado.

Aquilo era tão distante da nojenta sala de ensino médio onde eu tinha começado o dia que parecia que uma ou outra não podia ser real.

Entramos na fila. Toda hora eu me via parada perto demais de Cole, perto o bastante para minha omoplata pressionar seu peito, e percebi que ambos inalávamos e exalávamos ao

mesmo tempo.

Eu não queria voltar. Queria ficar ali com ele. Ou levá-lo comigo. Às vezes ficava exausta de estar sozinha...

De repente, me senti estranha e desagradavelmente chorosa.

Dei um passo deliberado para o lado. Sem meu corpo para ancorá-lo, Cole virou-se inquieto para a geladeira de bebidas, depois para as prateleiras de mercadorias, então de volta para a geladeira e de novo para as prateleiras.

— Não gosto muito de

doces. — Ele passou os dedos por uma camiseta que percebi que ele queria comprar só porque tinha THE PIE HOLE escrito.

— Não seja babaca — falei.

— Então me diga o que pedir. Maçã? É uma torta.

— Cale a boca. Eu vou pedir para você. Na verdade, você está me enlouquecendo com essa inquietação. Vá pegar uma mesa lá na frente.

— *Da* — respondeu Cole e sumiu.

Quando saí, encontrei-o em uma pequena mesa de metal

pontilhada de sombra, olhando para dois telefones que colocara sobre o tampo. Havia mais duas mesas, uma das quais fora ocupada por uma mulher alegre, mas muito feia, e seu lindo cachorro, que apesar disso parecia irritado. A terceira mesa estava ocupada por um câmara, para quem fiz um gesto obsceno. Em resposta, ele acenou para mim com um sorriso sincero.

Coloquei o café de Cole na frente dele e me sentei de costas para a câmara.

— O que pediu para mim? —

perguntou, sem desviar os olhos dos aparelhos.

— Não vou dizer. O pedido vai surpreendê-lo quando chegar. Não é maçã. Que telefone extra é esse?

Mal-humorado, Cole explicou a ordem de Baby.

— Não é tão ruim assim — falei. — Então ela quer que você fale com os seus fãs?

— Não quero falar com eles — disse ele. — Eles só vão perguntar se posso tirar a virgindade deles, escrever outra música como “Villain” ou fazer um show no lugar

pequeno e impossível onde moram. Você colocou açúcar nisto?

— Não. É café de adulto. Fiz para você do jeito adulto. Você não precisa falar com um por um. Só atualizá-los de forma geral.

— Atualizá-los! *Estou sendo brilhante. Agora estou sendo incrível.* Ia ser um tédio para eles.

— Ah, já é entediante. A Baby sabe que eu não estou no programa, não é?

Cole ergueu o rosto para a câmera.

— Legalmente, ela pode usar a sua nuca, mas não o seu rosto. Tudo isto — ele indicou a rua — é barulhento demais para ele conseguir captar qualquer áudio, mas... quer entrar?

Pensei que havia certo prazer obscuro em demarcar meu território de forma anônima, avisando às fãs que ele já tinha alguém. E meu cabelo ficava lindo por trás.

— Não — respondi. — Beba seu café.

Cole tomou outro gole. Ele parecia aflito. Deslizei um

pacotinho de açúcar que estava escondendo sob minha caneca e ele o aceitou na hora. Enquanto despejava o conteúdo em seu *latte*, que já estava absolutamente perfeito, peguei o telefone de Baby. Era um ótimo telefone.

— Olhe como fica na sua mão. — Cole estreitou os olhos críticos para o telefone que eu segurava. — Ele respeita você. Você poderia ser Cole St. Clair, sabia?

Eu ri, com um pouco mais de crueldade do que era necessário.

— Ah, não acho. Esse cargo já está ocupado por alguém exageradamente qualificado.

— Quer dizer, você poderia ser a minha voz. Tente. Diga alguma coisa.

Lancei um olhar sarcástico para ele. Na verdade, embora Cole fosse uma criatura complicada, a personalidade que projetava era bastante simples. Abri o Twitter e digitei: *oi oi oi mundo*.

Apertei POSTAR.

Preciso admitir, até que era emocionante.

— O que eu falei? —

perguntou Cole.

Mostrei a ele.

— Eu não uso pontuação — disse ele. — E também uso essas coisas. — Ele colocou as mãos em concha de cada lado do rosto para demonstrar. — Parênteses.

— Você sequer leu?

— Li. Eu sei. Estava admirando. Deixe-me ver de novo. Sim. É uma ótima ideia. Vai me deixar livre para várias coisas.

— Como ficar deitado no chão e despedir gente boa?

— Ei, eu não critico o *seu*

trabalho. Que fique registrado, vou para o estúdio à tarde.

Analisei sua expressão para ver o que ele achava daquilo, mas ele estava virado para a câmera, então seus traços estavam lindos, ajustados e fixos em um relaxamento estudado e arrogante.

— Você podia ir — disse Cole. — E ser minha... como se chama? Nua. Não. Musa. Você poderia ser minha musa.

Ergui uma das sobrancelhas:

— Tenho aula. Talvez, se você fizer todo o seu dever de casa, eu passe lá e lhe dê uma

estrela dourada.

— Ah — disse ele. — Eu também podia dar uma para você. Adoro compartilhar.

— Que grandeza da sua parte.

Cole posicionou os dedos com vinte centímetros de distância, depois reconsiderou e aumentou para 25.

A garota de trás do balcão apareceu com uma bandeja.

— Aqui está a sua torta de mo...

— *Shh* — falei. — É surpresa. Quer dizer, para ele. Feche os olhos, Cole.

Cole fechou os olhos. Sorrindo para nós dois, a garçonete colocou os pratos na mesa. Ela nos deixou ali, mas percebi que ficou esperando do outro lado da porta, ainda com o mesmo sorriso contente de expectativa. Eu me senti estranha por ser a gênese de uma expressão tão agradável.

— Abra a boca — ordenei a Cole.

Tentei pegar uma garfada de torta de morango que coubesse na boca dele. Isso demorou mais do que eu esperava.

— Está aberta — disse Cole.

— Caso você não tenha percebido.

— Deixe-a assim. Eu não mandei fechá-la.

Fiquei ali sentada por um longo minuto, observando Cole se remexer, esperando para ver se ele ia perder a paciência enquanto eu sorria de seus olhos fechados e observava o jeito que seu pescoço desaparecia dentro da gola da camiseta. Ele se mexeu. Seus olhos iam de um lado para o outro sob as pálpebras. Qualquer um que desejasse torturar Cole só precisava

amarrá-lo a uma cadeira e não fazer absolutamente nada. Ele imploraria para arrancarem suas unhas dos pés só para ter algo com que se entreter.

— Culpeper — disse Cole por fim, e senti uma onda de sangue nas bochechas por ouvi-lo falar daquele jeito. — Vou abrir os olhos.

— Não vai, não. — Coloquei a garfada em sua boca.

Ele mastigou a torta por um bom tempo antes de engolir. Suspirou fundo.

— Não abra os olhos ainda, tem mais — falei. — Veredicto?

— *Mmmm.*

— Pronto para a próxima?

— É de chocolate?

Era a crostata de chocolate com caramelo, coberta de sal marinho. Era a melhor comida do mundo para quem estivesse com vontade de comer.

— Basicamente.

— Então só um pedaço pequeno — avisou ele.

— Tudo bem. Eu nem queria dividir um pedaço com você mesmo.

Ele abriu a boca obediente e coloquei uma pequena garfada de caramelo coberto de

chocolate lá dentro.

— Mantenha os olhos fechados — relembrei.

Saboreando o chocolate, ele suspirou ainda mais fundo.

— Eu deixaria esta me matar tranquilamente — disse ele. — Continuo com os olhos fechados?

— Sim — falei. — Abra a boca.

Eu o fiz esperar outra vez, e olhei para o contorno de suas bochechas, do maxilar e das sobrancelhas, tudo tão perfeito, deslumbrante e tão à vontade ali, naquele lugar de coisas

perfeitas e deslumbrantes. Inclinei-me sobre a mesa e beijei sua boca aberta. Ainda estava com gosto de caramelo. Senti-o dizer *Mmmm*, o som vibrou em meus lábios e depois ele pressionou a mão em meu pescoço e retribuiu o beijo, intenso e determinado.

Meu coração ficou tão cheio que parecia que ia explodir. Ele não estava acostumado a bombear sangue em vez de gelo.

Voltei a me sentar. Cole limpou o batom com um guardanapo. Esperei a minha

pulsação voltar ao normal.

— Além do mais, tem isto — falei.

Empurrei a camiseta da Pie Hole para ele.

Cole suspirou pela terceira vez, como se esse fosse seu sabor preferido entre todos. Ele esfregou a camiseta na bochecha. Depois pegou o talher e comeu sua torta em duas garfadas.

Demorei mais para comer a minha, primeiro porque eu mastigava e, segundo, porque explorei o novo telefone dele enquanto comia. Passei por

vários aplicativos, todos eles com o nome de Cole escrito.

— Quer mesmo que eu seja você na internet?

Cole sorriu. Seu verdadeiro sorriso.

— Confio em você.

CAPÍTULO DEZOITO

COLE

Quando cheguei ao estúdio com minha comitiva de câmeras, já tinha mandado

ideias de música por e-mail para Jeremy e Leyla e formado uma ideia de como seria o episódio. Concluí que enquanto os mantivesse interessantes, Baby não ia tentar tornar as coisas desagradáveis.

O d3nt3safiados.com funcionava assim: cada “sessão” durava seis semanas, e a maioria delas tinha de seis a nove episódios que podiam aparecer a qualquer momento. Não parecia o jeito mais lógico de passar um programa, mas era assim antes de eu chegar e

eu achava que continuaria sendo depois que fosse embora. Baby tinha desenvolvido uma audiência cativa com o aplicativo do d3nt3safiados.com instalado em vários dispositivos, e esses espectadores eram recompensados por sua dedicação sendo os primeiros a ver os episódios irregulares. A ideia era que, quando a desastrosa vítima de Baby fizesse alguma coisa abominável, aquilo pudesse ser postado imediatamente na internet, e se você estivesse

perto de seu telefone seria o primeiro a saber. Depois dessa primeira divulgação na internet, os programas eram arquivados e podiam ser assistidos a qualquer momento por qualquer pessoa. O ideal era uma vez por semana, mas meu contrato especificava que podiam me pedir para fazer até duas vezes por semana “se houver material e demanda”.

Esses episódios extras eram sempre quando a vítima surtava.

Eu não ia fazê-los.

O estúdio de gravação,

apertado, cinza e sem alma, não era familiar para mim, mas era conhecido de Leyla, que apertou a mão do engenheiro de som quando chegamos, e logo depois pegou kombucha em uma geladeira. Joan e T espreitavam com suas câmeras.

— Oi, cara — disse o engenheiro de som. — Eu sou o Dante. Como estão as coisas?

Jeremy e eu nos entreolhamos.

— Um pouco fracas — respondi. — Quanto tempo temos?

Tanto Leyla quando Dante

ficaram insultados pelo início imediato da conversa de negócios, mas a verdade era a seguinte: estúdios me deixavam ansioso. Não que eu não gostasse de estar ali; só que, desde que ingressara no mundo da música, sempre que entrava neles, tinha um prazo. Por maior que a NARKOTIKA fosse, no final era sempre um novo disco espremido em um número definido de horas de estúdio antes que precisasse começar uma nova turnê. Nunca havia tempo suficiente para deixar as músicas como

eu queria. Nada nunca tinha saído um desastre, mas chegara perto. Perto o bastante para que eu nunca esquecesse os riscos.

Além disso, o estúdio estava congelante. Como um teste para meus nervos tensos de lobo.

— Você gostaria, tipo, de conhecer o equipamento? — perguntou Dante. — Quer dizer...

— O que eu gostaria era de largar meu instrumento e ver aquelas duas pessoas ali começarem a se conectar ao

seu equipamento enquanto você abre sua página na Wikipédia para eu descobrir quem mais você gravou e saber se vamos ser melhores amigos ou inimigos mortais no fim desta sessão.

Dante olhou para mim. Leyla olhou para mim. As câmeras olhavam para mim. Jeremy colocou seu estojo no chão e abriu os fechos para pegar o baixo.

Ninguém se moveu.

Jeremy ergueu o rosto.

— Ah. Vocês não sabiam? O Cole não gosta de papo furado

— disse ele, em um tom muito agradável e surpreso.

Às vezes eu sou um idiota.
Às vezes, não me importo.

Todo mundo foi fazer o que eu tinha ordenado.

— Outra coisa —
acrescentei. — Podem
aumentar a temperatura? Não
consigo sentir a merda dos
meus dedos.

Jeremy se levantou e ajustou
a alça do baixo. Ele tocou um
riff maçante e parou para
afinar.

— Exatamente como nos
velhos tempos.

— Quase — falei.

Não falei *Victor*, mas pensei. Meus olhos estavam fixos em Leyla enquanto ela mexia em sua bateria.

— Qual dessas coisas vamos tocar? — perguntou o Jeremy. Ele estava falando dos arquivos que eu tinha enviado. — Eu brinquei com alguns deles.

— Qual você está com vontade?

Jeremy olhou para as câmeras. Olhou de novo para mim.

— Depende. Qual é o caminho? — perguntou ele em

uma voz baixa e casual.

Meu Deus, eu amava gente inteligente.

— Convidados especiais — falei, virando meu telefone para ele poder ver.

— Então, barulhento — confirmou Jeremy. — Aquela terceira. Serve?

Ele tocou um pequeno fragmento da música até eu entender o que ele queria dizer.

— Ouviu isso? — falei para Leyla, que ergueu o rosto com uma expressão de desagrado. — É a que vamos tocar. Bote a cabeça para funcionar.

Eu não sabia se a cabeça dela funcionava por baixo daqueles dreads.

— Cole? — chamou a voz de David/Derek/Damon/Dante? do alto, vindo de todas as direções. Atrás do vidro, eu o vi se mover atrás de vários de painéis e telas de computador. — Vocês estão me ouvindo aí dentro?

— *Da.*

— Meu pessoal vai levar seus fones de ouvido. Avisem como estão os níveis no ouvido de vocês, e depois vamos fazer alguns níveis aqui. Estamos

conectados. Qual é o título provisório dessa música?

— “Gasoline Love” — respondi.

Dante o digitou.

— Legal.

— Previsível — respondeu Leyla de trás da bateria.

Eu me irritei.

— Não há nada previsível na gasolina ou no amor, camarada. Por que você não volta a aceitar o que o amanhã trará?

Leyla deu de ombros e tocou um pouco de bateria.

Não era mau. Mas...

Quero Victor

Quero Victor

Quero Victor

Eu me permiti pensar isso apenas por um segundo, depois estremeci e voltei para o teclado. Ainda existia apreensão dentro de mim. Pensei na boca aberta de Isabel na minha na loja de tortas.

Então comecei a trabalhar.

Gravar em estúdio não era como tocar ao vivo. Ao vivo tudo acontecia ao mesmo tempo. Não era possível refazer nem solucionar problemas, só seguir em frente. Em um

estúdio, porém, tudo vira um quebra-cabeça. É mais fácil fazer as pontas primeiro, mas às vezes não dá nem para saber quais são as pontas. Às vezes, a parte mais difícil é saber que canal gravar primeiro — que canal vai servir de esqueleto e ser preenchido de carne. Os vocais? Mas e se não estiverem no ritmo ou perderem vários compassos? Então a bateria. Mas isso criava uma faixa tão escassa que daria no mesmo começar sem nada ou só com uma faixa de cliques. O teclado, pois, para estabelecer

os acordes e o tom. Teria que ser regravado, mas ao menos era alguma coisa.

De um jeito ou de outro, eu gostava de começar e terminar comigo.

Trabalhamos por uma hora, durante a qual odiei Leyla cada vez mais. Não havia nada de errado em seu jeito de tocar. Era bom. Mas Victor era o melhor músico de todos nós. Outras bandas sempre tentavam roubá-lo. *Mãos mágicas.* Leyla era só uma pessoa com uma bateria.

Como eu tinha sido idiota de

achar que podia entrar em um estúdio com quaisquer outros músicos e sair com algo que soasse vagamente como a NARKOTIKA. Idiota, não. Arrogante. Eu era a NARKOTIKA, mas Jeremy e Victor também eram.

Depois de uma hora, “Gasoline Love” estava parecendo mais “Turpentine Desinterest”¹.

Estava com um humor péssimo quando meus astros convidados chegaram.

— Pensei em trazer café — disse Leon ao entrar.

Chocados, os câmeras se voltaram para ele. Impotentes, porque Leon não tinha assinado a autorização e não assinaria. — Mas concluí que hoje em dia os jovens bebem essas coisas modernas em vez de café.

Ele me ofereceu um energético. Minha felicidade ao vê-lo foi exagerada.

— Leon, amo você — falei, aceitando a lata. — Case comigo e me torne um homem honesto.

— Ah, tudo bem — disse Leon.

Ele ofereceu outra lata a Jeremy, que balançou a cabeça.

— Obrigado mesmo assim, cara. — Ele tinha levado um pote de chá verde.

Leyla torceu o nariz e tomou um gole de seu kombucha.

— Quem é esse?

— Convidados especiais — respondi.

— Todo convidado é especial — rebateu ela, mas com indiferença.

Os passageiros de Leon entraram: os dois policiais do primeiro episódio. De uniforme. Eu sabia que a

mulher tinha acabado seu turno meia hora antes de chegar ali, mas concordara em ir de uniforme para melhorar a aparência geral da cena. Eu não era idiota. Sabia que ninguém ia reconhecê-los sem uniforme.

Eu esperava que Baby ficasse impressionada por minha esperteza. Sem dúvida ela ia perceber que era de um brilhantismo irrestrito trazer os policiais de volta. Quisera muito pedir a Leon para participar, mas sabia que ele aceitaria para me deixar feliz e

depois ia detestar ser reconhecido no mercado. Então não pedi, embora, em minha cabeça, Leon fosse dar um ótimo personagem recorrente no programa. O pai/irmão/tio/amigo de todo mundo.

Mas eu queria que Leon ficasse feliz. Essa era a missão. Bom, uma delas.

Cumprimentei os policiais, dizendo apenas coisas educadas de apresentação como perguntar se já tinham saltado de paraquedas ou acariciado um cachorro sem

pelos. Depois passei aos negócios.

O truque era encontrar papéis para os policiais que eles pudessem desempenhar no estúdio sem nenhuma habilidade especial. Claro, um dos policiais sabia tocar mal o baixo, mas não ia servir para uma faixa de estúdio. Eles podiam tocar percussão. Ia atrapalhar a bateria, mas a verdade é que qualquer coisa que irritasse Leyla era um bônus.

Preparei os policiais para o bater palmas e pés, e acabou

que a policial (Darla? Diane?) tinha treinamento de ópera, então ela enlouqueceu um pouco com isso. Dante não fazia ideia de como usar uma mesa de mixagem, ou talvez só não soubesse como nos mixar, mas não tinha problema, porque alguém com um nome igual ao meu era um gênio no sintetizador e processava uma voz como ninguém.

Estava ficando muito bom. Não era um single, mas começava a parecer uma daquelas músicas incomuns que alguns fãs idolatram, os

clássicos do cult que por algum motivo conseguem ser tocados muito tempo depois que os grandes sucessos queimaram as caixas de som de todo mundo. Após algumas horas, estava me sentindo muito bem em relação à vida. Aquilo não era bem o objetivo (Isabel era o objetivo), mas era um subobjetivo que estava dando certo.

Então acabou a luz.

Na falsa escuridão, Jeremy e eu nos entreolhamos. A policial da ópera disse um palavrão, só uma palavra curta

e obscena, mais ou menos como um grito. Alguém suspirou. Achei que era Leon.

— Diga que estava salvando automaticamente, Dante — falei para a escuridão.

Dante não respondeu porque não conseguia me ouvir. Sem energia, ele era apenas um cara atrás de uma parede de vidro.

Leyla tomou um gole de seu kombucha. Eu ouvi, e isso me enfureceu. Jeremy enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Então a luz voltou.

Os fones de ouvido

continuavam sem funcionar, então tirei o meu e fui para a sala de engenharia. Todos os computadores apitavam e chiavam ao se religar.

— Me dê boas notícias — falei.

Dante olhou para mim. Havia um fino aro branco ao redor de suas pupilas. Ele balançou a cabeça.

— Nada?

— A faixa da bateria? — disse ele.

Levei um bom tempo para absorver a verdade: tudo de estranho e único que tínhamos

acabado de fazer se perdera. Podíamos refazer, mas daria para notar. Era como se este dia nunca tivesse acontecido. Como se alguém tivesse pegado meu tempo e jogado fora. Como se o prazo curto que sempre existira tivesse sido reduzido.

— E não lhe passou pela cabeça salvar ao longo do tempo — falei. — Você está trabalhando com um projeto de seis dígitos, e em algum momento depois da faixa de bateria não pensou *vou apertar estes botões desta máquina*

sofisticada e salvar?

— Eu *salvei* — insistiu Dante. — A queda de energia estragou tudo. Tipo, corrompeu as coisas. Aquela máquina não quer nem reiniciar.

Eu nem sabia para que máquina ele estava apontando. Tinha certeza de que Baby era a responsável. Também tinha certeza de que o objetivo dela era me fazer implodir diante das câmeras. Tinha mais certeza ainda de que ela ia conseguir o que queria.

— Mostre — falei. — Me

mostre os arquivos corrompidos.

Dante passou por um monte de telas vazias.

— Sumiram, cara. Eu não sei...

— Essa é a coisa mais óbvia que você disse o dia inteiro. Esse é o seu *trabalho*? Você conhece algum desses equipamentos? Explique como ainda temos a faixa de bateria.

Se ele sabia do plano, sua atuação de estado de choque estava muito boa. Ele passou por mais algumas telas e murmurou:

— Foi, tipo, o último salvamento que ele considerou; não sei, não sei...

Eu apontei para T, que estava a meu lado.

— Espero que você esteja feliz por saber que sua total incompetência está sendo transmitida para o planeta.

Saí furioso. Na sala de gravação, Jeremy guardava seu baixo porque me conhecia, e Leyla continuava sentada atrás da bateria porque não me conhecia.

— Podemos refazer — sugeriu o policial do baixo.

A policial da ópera balançou a cabeça. Ela sabia.

Leon botou a mão em meu ombro e pegou as chaves do carro.

— Era para ser — disse Leyla.

Ela não parecia surpresa, mas ficava difícil concluir se era porque sabia do plano da Baby, porque estava chapada ou porque realmente acreditava que era para ser.

— Sei que você quer me fazer chutar sua bateria — avisei a ela. — Mas já saquei qual é a sua.

Jeremy disse aos policiais como estava feliz por terem aparecido e que ao menos as câmeras tinham filmado a contribuição deles. Ele não deixou de pegar o telefone dos dois. Apertou a mão do Leon. Fechou a porta depois que todos saíram. Ele era bom nisso.

Liguei para Baby.

— Não é assim que você vai ganhar a minha simpatia.

— O quê? — disse Baby.

— Ah, qual é?

— Eu não leio pensamentos.

— Sei que você quer drama.

Mas se mexer com o disco outra vez — falei — e...

Parei porque não conseguia pensar em um jeito de terminar a frase. Eu não tinha nenhuma vantagem. Voltara à estaca zero. Achava que tinha sido muito esperto por contornar o sistema e fazer um disco sem o domínio de uma gravadora, mas ali estava eu de novo, apenas uma mercadoria.

Pensei em todo o interesse dela no começo.

Chutei um dos suportes para microfone. Ele mal fez um som naquele estúdio genérico e

inútil. Aquele não era um lugar para fazer música. Era um lugar para gravar comerciais para música.

Eu nem sabia o que tinha me passado pela cabeça.

— E o que, Cole? Não gosto de ser ameaçada, e sem motivo. Estou trabalhando. Tenho uma ligação na outra linha. Não sei o que aconteceu, mas ficarei feliz em ajudar.

Eu queria rosnar *É guerra!*, mas estava perdendo a vontade de brigar. Não acreditava que perdera a música. Simplesmente não acreditava.

Era um terrível desperdício de tudo.

— Quero o meu Mustang — falei para ela. — É assim que você pode ajudar. Traga o meu Mustang.

Desliguei. Estava me sentindo um cachorro desdentado.

Se Victor estivesse ali, eu teria virado para ele e dito: “Vamos ficar chapados”.

Só que ele não estava. E eu estava sendo filmado. E eu não era mais assim. Eu não era mais assim. Eu não era mais assim.

Olhei para Jeremy.

— No que você está pensando? — perguntou ele.

— Queria que o Victor pudesse passar por aquela porta — falei.

A câmera estava focada em mim. Era incontestável que Baby estava ganhando aquele jogo. Meu cérebro zumbia, procurando algo em que se segurar, alguma forma de tirar vantagem daquilo, mas não encontrava nada.

— Isso não vai acontecer. Precisamos trabalhar com o que temos — disse Jeremy, e

fez uma pausa. — Qual é o caminho, Cole?

Era uma pergunta ridícula, porque essa oportunidade fora perdida de um modo terrível.

Uma mensagem de texto vibrou em meu telefone. Era da Isabel. Dizia apenas: *é melhor você estar gravando alguma coisa que me faça dançar.*

Eu *estava*, mas a perdera. Eu a imaginei dançando ao som daquela música. Como era tanto uma fantasia como uma lembrança, sabia exatamente como seria ter seus quadris pressionando os meus. Isabel

Culpeper, absolutamente perfeita.

Queria aquela estrela dourada.

E então foi como se uma parede de névoa se dispersasse em meu cérebro. Virei para a câmara de T.

— Você estava filmando esse tempo todo, não é?

— Ah, oi — disse T, parecendo alarmado. — Sabe, é meu trabalho, eu...

Interrompi com um gesto.

— Só queria saber se você tinha o que eu precisava. Vamos nessa.

Jeremy sorriu.

1 Em português, “Desinteresse de aguarrás”, em oposição ao nome original da música, “Amor de gasolina”. (N. da T.)

CAPÍTULO DEZENOVE

ISABEL

Naquele primeiro dia em que fui o Cole St. Clair Virtual, passei um tempão na internet.

Não por estar atualizando as redes, mas porque estava pesquisando a imagem exterior de Cole. Percebi que tinha ouvido poucas músicas dele, por isso escutei algumas com o fone de ouvido diante do meu instrutor de AEC que passava filmes na sala escura. Ouvi o restante enquanto dirigia para a .blush. Nunca escutara uma entrevista com ele, então abri sites e os percorri no telefone enquanto estava no estoque e Sierra prendia várias peças de roupa com alfinetes em mim. Ouvi partes de *Behind the Band*

da NARKOTIKA enquanto ela as retirava. Depois que ela foi embora e me deixou sozinha para fechar a loja, assisti a vídeos de bandas às quais Cole agradecia na contracapa dos discos ou refletia como influência em entrevistas.

Descobri que aquele pequeno gesto com a mão que eu notara no primeiro episódio significava que Cole estava prestes a revelar alguma coisa nova, tocar algo difícil ou dançar. Tomei nota daquilo. Ou melhor, tomei uma nota mental de que ele nunca fazia

o gesto da mão acidentalmente quando estava comigo. Não era um gesto do Cole-real que ele cooptara para seus shows. Só podia ser um gesto que havia inventado para eles.

Descobri que ele tinha uma antiga piada interna com entrevistadores na qual eles sempre perguntavam do que ele tinha medo e ele sempre respondia “de nada”.

Descobri em uma entrevista de dois anos antes que ele escreveu a maioria de suas músicas no carro, no banho, em cinemas ou agarrando

namoradas que logo virariam ex.

Depois daquilo, perdi um pouco do interesse de descobrir mais. Comecei a pesquisar Baby North.

Quase no fim de meu horário de trabalho, liguei para Cole. Quando ele atendeu, ouvi uma música baixa ao fundo, inclusive sua voz gravada cantando. O som me causou um estranho formigamento na pele.

— Terminou seu dever de casa?

— Quase. As coisas se

complicaram. Mas quero muito minha estrela dourada.

— Não existe crédito parcial — respondi. Cliquei no link de uma matéria sobre Baby. O rosto dela sorria para mim, franco e honesto, ao lado de uma manchete que dizia *MORTE POR BABY*. — Estou treinando para ser você. O que você jamais diria em uma entrevista?

— “Desculpe” — respondeu ele de imediato.

Eu não precisava ver seu rosto para saber que ele estava satisfeito com a resposta.

— Nossa, você é inacreditável. Tipo, essas frases vêm à sua mente do nada ou antes de falar você visualiza *na sua cabeça* como as suas palavras ficariam impressas?

— Isso seria um superpoder e tanto. Como uma nuvem de pensamento?

— Você diz *alguma coisa* sem pensar se soa bem ou não? — pressionei.

— Do contrário nem sei por que me daria ao trabalho de abrir a boca.

— É. Sabe, toda essa coisa dos entrevistados perguntarem

do que você tem medo e você sempre responder “de nada” é uma grande mentira — falei.

Cole ficou quieto. Era impossível saber se era porque estava imaginando uma resposta inteligente na nuvem de pensamento acima de sua cabeça, porque estava fazendo alguma coisa enquanto falava comigo ou porque não tinha resposta.

Enfim, ele respondeu, com uma voz muito diferente da de antes.

— Não é mentira. É superinteligente. Por isso ainda

estou neste planeta. Fico surpreso por você não ter entendido com seu cérebro gigante. É uma charada. Tipo como trazer meu Mustang de Phoenix para cá sem ter de falar os meus pais. Existem enigmas, Isabel, e acho que você devia solucionar todos para mim.

Sua voz tinha voltado ao normal. Normal demais.

— Eu não gosto de enigmas — falei para ele.

— É porque você é um enigma — respondeu Cole. — E não gosta da sua própria

espécie. Tudo bem. Eu também não gosto de outros eus.

Era inacreditável. Cole se dava muito bem com o espelho.

— Você não tem dever de casa?

— Ei, você ligou para *mim*.

— Diga-me o que dizer ao mundo.

— Diga — começou Cole, depois fez uma pausa. — Diga que estou preparando um presente para eles. E diga para *mim* que vai dançar quando ouvi-lo.

CAPÍTULO VINTE

COLE

Naquela noite, voltei para o apartamento cansado demais para ficar inquieto. Era o tipo

de cansaço que batia ao se terminar algo, ao me esvaziar. Antes, também procurava essa sensação com bebidas sofisticadas, bebidas baratas e pílulas que causavam lentidão. Assim como as ondas das drogas nunca se igualavam às ondas de criar música, o torpor induzido nunca se igualava a essa paz verdadeira que vinha do fato de *ter* criado algo.

Se eu estivesse sempre fazendo um disco, nunca seria infeliz.

Deitei na cama, coloquei os fones de ouvido e ouvi a

música no repeat. Era impossível me cansar de ouvir uma música nova logo que eu lhe dava vida. Mandeí uma mensagem de texto para Isabel. **Fiz meu dever de casa.**

Ela respondeu: **Estou vendo seu trabalho.**

No fim das contas, peguei o áudio imperfeito e o *lo-fi* da filmagem de T e o usei como uma introdução dissonante. Depois nos coloquei para tocar a versão mais forte entremeada ao agudo canto de ópera. Pareceu que queríamos que ficasse assim desde o começo.

Fiquei feliz por Isabel estar vendo meu trabalho. Mas não precisava que ninguém mais me dissesse que eu tinha sido aprovado.

Adormeci com a música ainda tocando em meus ouvidos. Sonhei que adormecia com a música ainda tocando em meus ouvidos.

Acordei com o som da porta se abrindo.

Isabel...

Ouvi uma risadinha ofegante.

Não era Isabel.

Eu tinha trancado a porta.

Estava cansado, mas me lembrava da ação de girar o pino.

Meus fones chiavam; a bateria de meu MP3 player tinha acabado. Eu os tirei de uma orelha e ouvi outra risadinha. As risadas estavam andando em bando. Senti que vivia uma lembrança.

Meus ouvidos de lobo escutaram mãos tateando pelas paredes. Senti o cheiro de perfume e suor. A luz se acendeu.

Três garotas de *topless* estavam em minha área de

estar, e me olhavam no quarto através da estante. Uma delas escrevera habilmente meu nome sobre os seios. *COLE* em um, *CLAIR* no outro e *ST.* em letras pequenas no esterno.

— Acho que vocês estão no lugar errado — falei em um tom agradável, sem me sentar.

Minha fala inspirou outra rodada de risinhos. Elas continuaram em meu apartamento. Continuaram com os seios à mostra. Eu continuei na cama.

Nos velhos tempos, isso não teria sido um problema.

Entediado, com tesão e drogado, eu teria entretido todas elas e talvez até a mim mesmo, e depois desmaiado no deque.

Agora, porém, eu não só estava sendo filmado como queria muito que Isabel Culpeper continuasse atendendo minhas ligações. Eu estava trabalhando árdua e decididamente por minha estrela dourada, e não havia nada naquela situação que fosse me fazer ganhar uma.

— Tenho certeza de que eu tranquei a porta — falei,

sentando-me.

Uma das garotas ergueu a chave. Ela abriu um sorriso imenso para mim.

Ah, Baby.

A garota com o meu nome escrito em letras grandes me informou que era virgem.

— Estou orgulhoso de você — falei. Ergui um dedo e liguei para Isabel, de olho em minhas visitantes seminuas. —

Docinho, você está com o Cole Virtual aí?

— Docinho — repetiu Isabel.

— *Da.* Sim. Docinho. — Eu me levantei, feliz por ter caído

no sono ainda vestido.

— Sim, mas estou dirigindo. Tenho quase certeza de que um câmara está me seguindo. Não é engraçado?

As garotas se aproximaram. Estavam totalmente bêbadas. Cada câmara da casa tinha a imagem de um seio. Eu estava tão pouco tentado que me senti um santo. Não entendia como podia estar tão estarecido por Isabel vestida e não ter o mínimo interesse naquelas garotas.

— O dia inteiro foi engraçado — respondi. — Você

poderia, por favor, transmitir para o mundo que existem formas melhores de demonstrar seu apoio ao meu esforço de gravar um disco do que aparecer na minha porta? Aliás, por que está dirigindo? Tenho certeza de não existe nenhum lugar no mundo para onde você queira dirigir a esta hora que não seja até aqui.

Ouvi uma buzina petulante do lado de fora. As três garotas e eu olhamos pela janela. O SUV de Isabel estava parando na viela atrás do apartamento. Uma van parou depois com

Joan dentro.

O timing era de uma coincidência tediosa.

— Acho melhor vocês irem embora — falei para as garotas, que invadiam meu espaço pessoal de formas muito desinibidas. Comecei a conduzi-las ao lugar de onde tinham vindo. Parei para desgrudar uma de meu braço. — Isto está prestes a ficar desagradável.

Como se obedecesse a uma deixa, a porta se abriu com força, um som em perfeita sincronia com a explosão das

batidas de meu coração.

Isabel Culpeper entrou estalando os saltos, com um top cortado de oncinha, calça de couro preta e um par de botas de salto para apunhalar ladras. Também usava luvas de crochê até os cotovelos. Nada nela era fora do lugar. Não existia um número neste mundo para representar quantas vezes ela era mais sexy que aquelas garotas seminuas.

Não acreditava que Baby tivera a ousadia de arruinar o momento com três fãs de

topless. Eu me senti velho e cansado. Quantas vidas tinha vivido para chegar a um ponto em que aquelas garotas risonhas não passavam de um inconveniente?

Isabel franziu os lábios vermelhos. As garotas olharam para ela com a audácia dos bêbados. Joan e sua câmera espiavam pela porta.

— Você transmitiu meu pedido especial? — perguntei a Isabel.

Eu me sentia estranhamente receoso de que Isabel não acreditasse em minha

inocência.

— Transmiti — disse ela. —
Docinho.

Seus olhos tinham encontrado meu nome balançando nas intrusas. Eu não era puritano e a história provava isso, mas estava muito desconfortável com o número de peitos descobertos no cômodo. Era como se todo o meu cinismo obtido a duras penas tivesse sido assassinado, deixando órfão um Cole de dezesseis anos muito mais ingênuo, com medo de que a garota de quem gostava não

quisesse sair com ele.

Parecia que aquele era um lugar muito perigoso para esse Cole reaparecer.

Por favor, não fique zangada. Não é possível que você não saiba que isto não é real. Por favor, Isabel...

Eu não sabia o que dizer, não com a câmara de Joan nos observando atentamente da porta do apartamento. As câmeras do lado de dentro observavam atentas de todos os outros pontos.

— Acho que vocês deviam me entregar essa chave — falei para as garotas. — E não

deveriam aceitar chaves de estranhos. Nunca se sabe o que vão encontrar do outro lado da porta.

— Andem logo — sugeriu Isabel, com a voz tão fria que uma planta subtropical ali perto caiu morta.

— Essa é a sua namorada? — perguntou a garota da chave com uma voz horrível. — Porque, sério...

Isabel a interrompeu:

— Não diga nada de que nós duas vamos nos arrepender depois. Na verdade, você pode entregar a chave para mim.

Ela estendeu uma autoritária mão enluvada. A garota renunciou à chave com uma espécie de chiado. A virgem passou de fininho por Isabel. A terceira cuspiu em suas botas ao sair.

Houve uma pausa. A que tinha cuspidido parou pouco depois de Joan, com uma expressão de desafio.

Isabel riu, cruel e desdenhosa. De repente, tive uma noção muito clara de como ela devia ter sido no ensino médio.

— Ah, por favor — disse ela.

E bateu a porta bem na cara de Joan.

Silêncio.

Meu coração martelava no peito. Meu nervosismo era quase inacreditável, quando não tinha feito nada de errado, quando não ligava para o que ninguém pensava, quando tinha passado tanto tempo anestesiado.

— Vamos ter uma conversinha no seu escritório — disse ela, apontando uma das mãos para o banheiro. Eu não sabia o que ela estava pensando.

Fechei a porta depois que entramos e, quando ela abriu a boca, levei um dos dedos a meus lábios. Joan e sua câmera tinham entrado no apartamento. Minha audição de lobo captou sua respiração do outro lado da porta e depois o som de movimento quando ela se esforçava para colocar o microfone o mais perto possível de nossas vozes.

Isabel foi até a pia e abriu a torneira no máximo, movendo o pulso de um jeito decidido e feroz. Eu me estiquei dentro do box e girei as torneiras.

Então, com o som ambiente abafado pela água desperdiçada, nos encontramos perto do vaso, com as cabeças próximas.

— Nossa, você está cheirosa — falei baixo e apressado, porque precisava dizer isso e também para deixar escapar um pouco de minha ansiedade.

— Você está com cheiro de... — Isabel se interrompeu. — O que está acontecendo aqui, exatamente? — disse ela.

Não foi a reação que eu esperava. Poucas coisas pegavam Isabel de surpresa.

Levei a palma da mão até o nariz e inalei.

Lobo.

Terra e almíscar. Noite e instinto.

Eu não sabia por que estava ali, só que estava. Era como se o lobo em mim vazasse por meus poros, libertado por minha ansiedade. Parte de mim pensou avidamente naquele corpo de lobo e no fato de que só um minuto dentro dele instantaneamente aliviaria todos os meus sentimentos conflituosos.

— Isabel...

— Isto não é bom —
interrompeu ela. — Nada disto
está bom para mim.

— Não fui *eu*. A Baby...

— Eu sei que foi a Baby!

— Então não estou
entendendo.

Nós nos encaramos. Meus
dedos estavam com a sensação
de que meus braços haviam
ficado dormentes, mas
começavam a acordar. Por
algum motivo, eu era ao
mesmo tempo obviamente
inocente e obviamente
culpado. Pela expressão dela,
era impossível saber o que

estava pensando. Ela usava delineador suficiente para apagar os detalhes da maioria das emoções.

— Nunca vou me sentir bem se, ao entrar em um lugar, der de cara com você e três garotas seminuas, Cole. *Nunca* mais quero ver esse tipo de coisa.

O problema era que esse tipo de coisa era parte de ser *eu*, parte de ser Cole St. Clair, parte de ter uma banda, de assinar um contrato para aparecer em um programa de TV voyeurista.

— Eu só posso controlar a

mim mesmo.

— Pode?

— Acabei de dizer que sim.

— Você consegue se controlar?

Eu não tinha *acabado* de fazer isso?

— Você não confia em mim... É esse o problema?

Isabel abriu a boca e depois a fechou. Ela virou as costas, cruzou os braços, olhou para o chuveiro de cara fechada.

— Eu não estive com cem outras pessoas, Cole. Não vi outras cem pessoas nuas. Não sei o que...

Ela balançou a cabeça como se estivesse zangada. Eu conhecia Isabel, contudo, e sabia que todas as suas emoções pareciam raiva quando vistas de fora. Isso não tornava as coisas mais justas, porque eu não convidara estas garotas hoje nem conhecia Isabel quando tinha transado com todas as outras. Ao começar tudo aquilo, porém, sabia que éramos diferentes de um jeito importante: Isabel tinha passado a adolescência se importando com quem a tocava; eu não.

— Não estou aqui por causa de mais ninguém — falei. Pareceu intenso demais para ela aguentar, então acrescentei: — Culpeper. Vim para cá por sua causa.

Ela continuava sem me olhar. A luz passava através de seu cabelo louro-claro, iluminando sua bochecha, o queixo e o pescoço. Eu ainda queria minha estrela dourada, embora soubesse que seria impossível ganhá-la naquela noite.

— Por minha causa e desse programinha que você está

fazendo — respondeu ela.

— É o meu trabalho.

— Se esconder em banheiros?

— Fazer música.

— Eu aguentaria namorar alguém cujo trabalho é fazer música — disse Isabel. — Só não acho que esse seja seu trabalho.

Lembrava de ter tido essa conversa com Leyla. E não tinha gostado muito também.

— Ninguém faz só música. Não dá para ganhar a vida só fazendo música. Achei que isto ia ser melhor que uma

gravadora. Achei que eu teria mais controle. Quer saber? Já falei tudo isso. Eu me lembro de ter falado.

Isabel riu, tão cruel e tênue quanto tinha rido quando a garota cuspira, mas eu fiquei aliviado, porque aquilo pareceu amolecê-la um pouco. Ela pegou o Cole Virtual e começou a passar pelas telas.

— Você achou que assinar um contrato com a *Baby North* seria melhor que uma gravadora? Mesmo que todas as pessoas que aparecem no programa dela acabem

estremecendo e babando no chão... Ninguém saía dessa ileso.

— Não sou como os outros.

Isabel parou de passar as páginas. Sua voz estava estranha e sexy quando ela falou:

— Graças a Deus.

Nós nos olhamos. Seus olhos delineados de kajaal eram azul-celeste e fixos. Eu odiava ainda sentir os restos da ansiedade vagando dentro de mim. Não queria que ela fosse embora, ainda que soubesse que, pelo jeito como tudo tinha

acontecido, pela postura dela e pelo fato de que a Joan estava do lado de fora tentando entreouvir, era necessário.

Eu não queria mais ficar sozinho.

Queria dizer *Isabel, fique*. E queria dizer *Isabel, eu amo você*.

Não disse nada em voz alta, mas Isabel balançou a cabeça um pouco, como se dissesse, *não fale nada*.

— E a minha estrela dourada? — limitei-me a dizer.

— Há! — A risada dela foi amarga e irritada. — A Baby levou embora a sua estrela

dourada. Peitos levaram embora a sua estrela dourada.

— Você quer, pelo menos, ouvir meu brilhantismo? Tipo, como deve ser ouvido?

Ela não disse *sim*, mas não se moveu. Então desliguei o chuveiro, enxuguei o assento de ladrilhos lá dentro com uma toalha e dobrei outra toalha para servir de almofada. Joguei meus fones de ouvido inúteis sem bateria dentro da pia. Acomodei-me no assento do box, peguei meu MP3 player no bolso de trás e dei um tapinha no espaço a meu lado.

— Isto tem de parar — disse ela, mas se juntou a mim, cruzando as pernas epicamente longas ao se sentar.

Nossa, ela era tão linda que eu não aguentava.

— Claro — concordei. — Fones?

Ela me entregou a bolsa e eu os procurei lá dentro (eram de oncinha). Conectei-os ao meu MP3, coloquei um fone em meu ouvido direito e outro no ouvido esquerdo dela. Cheguei mais perto, apertando seu ombro. Enquanto ela ajustava o fone, chequei a tela e apertei

PLAY.

Durante o primeiro minuto, ela escutou, depois sua cabeça começou a se mover, só um pouco, como uma lembrança de dançar. Até isso ela tornava sexy. Eu a observei. Seus olhos estavam fechados, ela só escutava, com os lábios entreabertos. Eu não entendia. Sentia que eu só era sexy de forma consciente. Ela, porém, me atraía tanto quando *tentava* fazer isso como quando não tentava.

A música recomeçou; tinha esquecido que colocara no

repeat.

Os olhos de Isabel se abriram.

— Então? — perguntei.

Ela me beijou.

Não houve uma antecipação para esse beijo. Não houve uma confissão gradual de desejo transmitida pela linguagem corporal. Não havia nada, e depois havia tudo. A mão dela segurava a minha, arrastando-a por sua barriga descoberta, pressionando minha palma nas costelas e fazendo-a sentir a saliência do osso de seu quadril no cócs da

calça. Seus dedos pediam aos meus para despi-la. Eu mal tinha fôlego, e a boca dela tirava o restante.

Levantei, erguendo-a de forma que ela não se afastasse mais que a distância do fio do fone de ouvido. Não queria que o corpo dela parasse de tocar o meu. Enquanto a música retinia com sua batida irregular em meu ouvido direito, nós nos beijávamos sem parar, a língua dela na minha, sua pele macia sob meus dedos, suas pernas enroscadas nas minhas.

Isabel me arrastou para a

porta.

— Cama.

Não discuti. A música começou de novo. Me atrapalhei com a maçaneta.

Do outro lado, a câmera de Joan nos encarava.

Tinha me esquecido. Isabel nem vacilou, mas seus olhos se fecharam por um instante, cílios pretos nas maçãs do rosto, e, quando ela os reabriu, estava pronta para a câmera, todas as verdades apagadas de sua expressão.

— Oi, Joan — falei. — Vai ficar muito tempo? Quer um

café?

Isabel se desprendeu de mim. Joan, que, diga-se de passagem, era um elfo pesado e lento sem senso de humor, limitou-se a dar alguns passos para trás, permitindo que saíssemos do banheiro.

— Vou embora — disse Isabel.

— Ah — protestei. — Isso é loucura.

Era verdade, entretanto, que a surpresa esquecida de Joan tivera certo efeito nocivo em meu instrumento preferido.

Isabel tirou o fone do meu

ouvido e desplugou o fio do MP3 player. Ela foi pegar sua bolsa enquanto eu olhava furioso para Joan.

— Obrigado por nada — falei.

Joan desligou sua câmera:

— Idem.

Isabel reapareceu. Reaplicara o batom. Tentei segurá-la enquanto ela saía, e não consegui. Mas ela parou na porta, e um sorriso meio que espreitou em sua boca.

— Acho que você devia arrumar um novo trabalho.

— Fazendo quê?

— Música.

CAPÍTULO VINTE E UM

ISABEL

A caminho de casa, depois que a agitação causada por Cole tinha passado, eu não

conseguia parar de pensar em seios. Já olhara os meus no espelho. Eles não se pareciam em nada como os três pares que vi no apartamento de Cole, e não só porque o nome de Cole nunca fora escrito nos meus. Não era o tamanho, na verdade. Era o formato, o posicionamento, o peso e o balanço versus empinamento e vigor. Era o tamanho, o formato e a cor dos mamilos.

Diferente. Melhor? Pior? Era difícil julgar.

Basicamente, aquilo só me deixava furiosa. Por que as

peçoas se importavam com essa bobagem, afinal? Cole andava sem camisa o tempo todo. Aquelas garotas nem viam problema em chegar sem blusa. Era uma cultura de decisões arbitrárias que tinha tornado indecentes os mamilos femininos.

Era um problema, contudo. E importava. E eu não parava de vê-los. O que me deixou mais furiosa foi não conseguir parar de reviver o momento.

— Isabel, não acha que devia avisar quando vai chegar tarde?

A voz de minha mãe veio da

sala de estar assim que entrei no vestíbulo da Casa da Depressão e da Ruína. Sabia o que veria antes mesmo de chegar ao final do corredor e passar pela porta: minha mãe reclinada elegantemente no sofá, com o cabelo caindo nos ombros e uma taça de vinho na mão.

Não errei, embora não tivesse adivinhado que minha tia Lauren também estaria presente, com uma taça de vinho na mão. Ela deu um leve aceno para mim, virando a cabeça bem devagar, com a

aparência cansada sob o curativo preso entre os olhos. Ela acabara de fazer uma plástica no nariz, e dizia a todo instante que movimentos súbitos lhe davam dor de cabeça.

— Não — falei, parada na extremidade do sofá. Na televisão, um soldado furioso de capacete olhava para um ponto a distância. Minha mãe assistia a filmes de guerra quando se sentia para baixo. Talvez porque o excessivo derramamento de sangue e as vitórias penosas a faziam se

lembrar de meu pai. — Porque já passei dos 18.

Minha mãe suspirou. Ela não estava particularmente decepcionada. Ela já sabia que eu era boa nessa discussão, cuja continuação eu conhecia bem, é claro.

MÃE: *Mas você mora na minha casa.*

EU: *Posso me mudar, sem problemas.*

MÃE: *Você precisaria ter um emprego para...*

EU: *Ganhei! Aliás, você também me disse para arranjar amigos.*

MÃE:

Minha mãe também conhecia a continuação. Então se limitou a inclinar a taça de vinho para mim.

— Quer provar?

— É bom?

— Não.

Balancei a cabeça.

— Que cheiro é esse?

Minha mãe olhou para Lauren.

— A Sofia está fazendo rolinhos de canela — respondeu Lauren.

Eram dez horas da noite.

Concluí que não era errado cozinhar às dez da noite, mas também não era certo.

— Ele é bonito? —
perguntou Lauren. — Você
estava com um garoto, não é?

Olhei para ela, surpresa. Tinha pensado no que aconteceria quando minha mãe e Lauren descobrissem que eu estava saindo com Cole, mas não esperava que seria desagradável ouvir Lauren falar dele. Por algum motivo, parecia que aquilo de alguma forma estragava. Cobria-o com o pó estéril dos

relacionamentos da Casa da Ruína, a versão adulta do amor.

— É — falei. — Ele parece um panda.

Na televisão, um tanque estremeceu ao disparar uma saraivada de tiros. A câmera virou-se rapidamente para o alvo, um pequeno bunker que explodiu em uma chuva de blocos de concreto e sonhos estilhaçados. Minha mãe começou a chorar baixinho. Fui para a cozinha.

— Sofia, por que você está fazendo rolinhos de canela às

dez da noite? — perguntei.

Minha prima se virou da bancada. Ela usava uma calça de pijama de flanela com estampa de patinhos e seu cabelo estava solto. Parecia ter uns doze anos. Sua camiseta estava coberta de farinha. Tentei não pensar nos seios dela.

— Estou fazendo para você levar para a sua aula de manhã.

Abri a boca para fazer algum comentário mordaz sobre carboidratos, percebi que estava prestes a ser escrota e

voltei a fechá-la. Talvez Cole fosse uma boa influência sobre mim.

— Certo — falei. Não era *obrigada*, mas era bem mais próximo a isso do que eu geralmente chegava. — No fim da semana, devíamos sair para comprar sapatos para você. Vou levá-la à Erik's.

Sofia me olhou, surpresa. Seus olhos reluziram.

— Sapatos são coisas que a gente coloca nos pés, você sabe — ironizei.

— Só nós duas? Ou o Cole também? — Logo depois de

dizer isso, ela acrescentou: —
Porque eu não me importo se
ele for. Tudo bem por mim.
Não precisa ser só nós duas.
Agradeço o convite de qualquer
jeito. Porque...

— Sofia — disparei. — Pare.

— Você vai se casar com ele?

— ela perguntou.

— *Sofia* — disparei, com um
pouco mais de irritação. —
Que viagem! Como assim? Isto
não é um filme da Disney. Você
não aprendeu nada com o
exemplo dos mais velhos?

Ela se virou de novo para a
bancada e, com os ombros

curvados, começou a usar a batedeira. Uma nuvem de açúcar de confeiteiro a cercou.

— O papai ligou — disse ela, sem olhar para mim.

Ah. Isso explicava parte da atmosfera desanimada na Casa da Ruína. Tentei pensar no que um verdadeiro humano diria nessa situação.

— Você está bem? — perguntei.

Sofia começou a chorar, e era exatamente por isso que em geral eu tentava evitar ser humana. Queria ter ficado com Cole.

— Estou — disse Sofia enquanto lágrimas caíam de seu nariz. — Obrigada por perguntar.

Ela despejou uma enorme colherada de glacê da tigela da batedeira em um rolinho de canela e me entregou o prato.

— Pelo amor de Deus — falei, aceitando-o. — Pegue um também e venha.

— Aonde vamos?

— Para o meu quarto. Vamos ligar para o Cole.

Fomos. No meu quarto, eu o coloquei no viva voz e o fiz cantar sua última música.

Quando ele descobriu que a Sofia estava escutando, começou a trocar a letra verdadeira por uma engraçada, e logo ela ria e chorava ao mesmo tempo. A cantoria consumiu tanto a minha bateria que tive que colocar meu telefone para carregar. Sofia foi dormir, feliz e triste, o que pelo menos era melhor que só triste.

Tirei o telefone do viva voz e subi na cama. Deitei a cabeça no travesseiro e coloquei o telefone no ouvido.

— Estamos sozinhos. Você

pode voltar a falar palavras.

— Queria que você estivesse aqui — disse Cole.

Não respondi de imediato. Como era um telefone e ele não tinha como ver meu rosto, achei que podia ser tão honesta quanto quisesse, então admiti:

— Eu também.

— Isabel... — disse Cole. Ele parou. Depois disse: — Não desligue.

— Não desliguei.

— Continue não desligando.

— Ainda não desliguei. — Ouvi um pássaro guinchar do outro lado da linha. — Você

está fora de casa?

— Estou na ruela. Esperando o Leon. Ele termina à meia-noite, vamos sair para comer comida no palito e vou ganhar um macaco de pelúcia para ele no Píer. É esse tipo de coisa que eu faço quando você me deixa sozinho, Isabel.

— Não parta o coração do Leon — falei.

Cole riu. Sua risada verdadeira era um som engraçado. Não engraçado tipo há-há, mas um engraçado estranho. Era percussiva, em vez de tonal.

— Diga que você vai me ver amanhã.

— Vou ver você amanhã.

— Diga que vai me ver depois de amanhã. E no dia seguinte. E no dia seguinte.

Meu coração batia convulsivo. Tinha acontecido. Contra a minha vontade, apesar das garotas nuas, do cheiro de lobo e de todas as coisas que sugeriam futura infelicidade, eu tinha me apaixonado por Cole outra vez.

— Boa noite, Cole — falei.

— Boa noite, Culpeper.

Desliguei e fechei os olhos.

Mais tarde, provavelmente me arrependeria de tudo aquilo. Agora, porém, não sentia medo. Só ouvia a letra boba de sua música e sua risada verdadeira. Não parava de me lembrar da sensação de suas mãos em meu corpo. Tentei dizer a mim mesma que todo mundo na Casa da Ruína e da Infelicidade chorava vez ou outra até dormir, mas ali, naquele momento, me permiti imaginar que não era igual a todo mundo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

COLE

De manhã, acordei e descobri que não havia nada de errado com o mundo, fora

acordar com bafo de churrasco. Fiz ovos cozidos e bebi uma caixa de leite, depois fiquei no terraço por uma hora tentando compor uma letra que dissesse exatamente isso sem dizer *exatamente* isso. Baby me ligou.

— Por que não está atendendo o telefone de trabalho? — disse ela.

Levei um tempo para entender que ela estava falando do Cole Virtual que, claro, não estava comigo. Eu me estiquei e fechei os olhos. O sol estava bem acima e apontava só para mim.

— Porque só o uso para, tipo, entrar na internet — respondi. — Não misture as coisas, Baby. Por que você não trouxe meu Mustang?

— Há-há, essa sou eu rindo, Cole. Quero aquela garota no programa.

Ficou um pouco menos ensolarado ali.

— Espero que ao dizer *aquela garota* você esteja se referindo ao meu carro.

— A internet adora a ideia de você ter uma namorada. Querem saber se é a mulher certa, Cole. Ela é uma garota

muito bonita. Pense no quanto isso impactaria a audiência.

Eu não precisava pensar. Sabia o que o mundo faria: a mesma coisa que fizera com todas as outras garotas que tinha visto comigo. A ideia de tentar namorar em público mexia com a mesma parte de meu cérebro que falar com meus pais ou com os amigos de minha terra natal. Ou seja, a mesma parte de meu cérebro que estava sempre pensando em dar um tiro na cabeça, pular de uma ponte ou tomar pílulas.

Não era uma parte do cérebro que eu gostasse de usar. Até pouco tempo antes, eu pensava que a tinha lobotomizado, mas, ao que parecia, ainda estava lá.

— Convença-a a aparecer no programa e eu compro um Mustang para você — disse Baby.

Ri antes mesmo de pensar no assunto, porque era uma barganha tão óbvia com o diabo que não havia risco algum de eu cair nela.

— Precisamos jantar juntos, Cole — disse Baby. — Acho

que é isso. Leve-a hoje à noite. Cancele seus compromissos.

— Não estou com muita vontade de jantar — respondi.
— Não depois de ver minha música quase ser destruída ontem e de um bando de garotas de topless aparecer no meu apartamento à noite.

— Que empolgante. Gosto de coisas empolgantes.

— Eu estava sendo bem empolgante sem isso.

— Estava? — perguntou Baby em um tom curioso. — Está sendo empolgante agora?

— Estou — menti.

— Ótimo. Estou ansiosa para ver. Jantar hoje à noite, não se esqueça. Além disso, atenda seu outro telefone quando eu ligar.

Ela desligou. Eu liguei para Isabel.

— Culpeper — atendeu ela.

Nunca me cansava de ouvi-la atender minhas ligações.

— Adoro quando você atende o telefone assim — falei para ela. Fui até a beirada do terraço. Via palmeiras e mais terraços. O restante deles estava vazio, então só eu existia sob o sol. — Por favor,

diga que você está nua.

— Estou no trabalho, Cole.

— Nua? Bom, é Santa Monica. Você está com o Cole Virtual?

— Claro que sim. Você acabou de tuitar.

— Fui engraçado? Os Colenáticos gostaram?

Vi um menino pequeno aparecer em um terraço a uma casa de distância, do outro lado da casa para alugar. Ele segurava um aviãozinho e o erguia cada vez mais, voando o mais alto que conseguia.

— Ah, por favor —

respondeu Isabel. — Além disso, acho que a Baby tentou ligar para o Cole Virtual.

— Eu sei. Sei de tudo. Será que você poderia usar suas habilidades para encontrar um Colenático que vá dar uma festa hoje em L.A.? Ou se casar? Ou se divorciar? Algum tipo de ocasião festiva que envolva música?

Observei o menino no terraço pilotar seu avião ao redor da mesa. Ele estava muito contente, de um jeito que eu não me lembrava de jamais ter estado. Se fosse eu,

teria pilotado aquele avião para a borda do terraço e pulado.

— Achei que você sabia de tudo. — Isabel suspirou fundo.

— O que eu ganho com isso?

— Minha admiração eterna pelo seu intelecto superior.

— Vou ver o que posso fazer.

— Além disso, a Baby quer jantar conosco.

Ela fez um barulho que não consegui interpretar. Depois repetiu:

— Vou ver o que posso fazer.

Quando desligou, notei que o menino tinha chegado na beirada do terraço e me olhava.

— Oi — falei para ele. —
Nós somos gêmeos.

Não era para ter soado tão assustador. Nós dois estávamos sem camisa, de bermuda cáqui, bronzeados com cabelo castanho alourado pelo sol. Não consegui concluir se ele tinha quatro, nove ou doze; não sabia as características das crianças. Ele era novo demais para dirigir, mas velho o bastante para girar maçanetas.

— Você é um viajante do tempo? — gritou ele cauteloso.

— Sim — respondi. Fiquei contente por ele também ter

notado a semelhança. Eu já estava transformando aquilo em uma música. — Só que do futuro.

— Você sou eu?

— Claro — falei.

Ele coçou a barriga com o avião.

— Qual é o meu futuro?

— Você é famoso e tem um Mustang — falei.

Ambos olhamos para o Saturn estacionado atrás do prédio. Com a testa franzida, o garoto jogou em mim o avião, que disparou pelo ar cintilante antes de sumir em algum

ponto das fendas do telhado da casa de aluguel, escondido pelas palmeiras.

— Olhe o que você fez — falei. — Deve ter quebrado.

Parecia que o garoto não ligava.

— O que importa não é a aterrissagem, e sim o voo.

Estreitei os olhos para ele. Senti um arrepio agradável, como se estivesse me apavorando de propósito.

— Talvez *você* seja eu. Você é real?

Na cadeira atrás de mim, meu telefone tocou. Era Isabel,

retornando a ligação. Apontei para o garoto e me virei para atender.

— Encontrei um casamento para você — disse ela.

— Acho que acabei de falar com um eu mais novo do passado — respondi. Virei de novo, mas não havia mais ninguém no telhado. — Ele estava pilotando um avião.

— Ótimo. Espero que você tenha dito a ele para não usar drogas. Quer o endereço, o nome ou o quê?

Tentei ver onde o aviãozinho tinha aterrissado. Eu meio que

o queria. Fiz uma nota mental de invadir a casa de aluguel se fosse possível.

— Quero tudo. Ah, tuite isso. É algo que eu diria.

— Vou desligar. — Ela desligou.

Liguei para T.

— Cole! — disse ele alegre.

— A vida está prestes a acontecer — falei, com um último olhar para o lugar onde vira o eu mais novo. — Só vou colocar uma camiseta.

Ele e Joan chegaram tão rápido que suspeitei de que estavam sem fazer nada, só

esperando minha ligação. Juntos, fizemos a jornada odiosa através do pátio até a parte do complexo de Leyla. Joan e T me seguiram com as câmeras no ombro.

— Oi — falei para Leyla.

Ela estava sentada na ilha da cozinha, comendo um prato de legumes crus picados, com os dreads soltos ao redor do rosto longo. Surpreendeu-se comigo e depois com as câmeras. Eu não tinha batido na porta, mas ela não disse nada sobre isso. Tentei não odiá-la, porque pareceria uma vitória para

Baby.

— É hoje que faremos a mágica acontecer — falei.

Leyla comeu um pedaço de algo verde. Mastigou. Todos nós envelhecemos enquanto ela engolia.

— O que você tem em mente?

— Coisas grandiosas. Cadê sua bateria?

Ela se limitou a me encarar. Eu não sabia se estava drogada, se era idiota ou se simplesmente me odiava. Nenhuma dessas coisas excluía a outra.

— Sua bateria, lembra? —
Toquei bateria no ar. — Pegue-
a. Coloque-a no Saturn. Venha
comigo para o futuro.

Ela colocou outro legume na
boca. Mastigou.

— Desde que começamos
esta conversa, duzentos bebês
já nasceram neste planeta —
falei. — E o que realizamos
nesse meio-tempo? Você
comeu aquele negócio.

Leyla engoliu.

— Você não se apressou para
vir aqui até agora. O tempo é
contínuo, Cole. Ele não acelera
nem diminui de velocidade.

Não se deixe enganar por caprichos. O contentamento está na constância. — Ela desenhou uma linha lenta e homogênea no ar com algo que parecia ser uma abobrinha.

— Claro — falei. — Tudo bem. Mas agora estamos com pressa. Bateria. Saturn. Você e eu, querida. Traga esse seu jardim. Pode comer no caminho. Você tem um carrinho de mão ou coisa do tipo? Eu o coloco lá dentro enquanto você pega a bateria.

Ela não se moveu.

— O que eu vou tocar?

— Música.

— Quer tipo de música?

— A minha.

— Eu conheço?

— Existe uma coisa chamada *jamming*, e isso significa que você toca uma música com outras pessoas mesmo que nunca a tenha ouvido, e se me disser que não sabe como fazer isso, pode largar a cenoura porque vai ser demitida.

Leyla comeu a cenoura.

— A música é inata, cara — disse ela. — E você não precisa ser tão idiota o tempo todo. Vou pegar a bateria.

Jeremy estava no ensaio da banda que não era a minha quando cheguei para pegá-lo.

Não que não entendesse Jeremy arrumar uma nova banda enquanto eu estava desaparecido/morto/etc. Com certeza eu teria feito o mesmo no lugar dele. Bem, teria *começado* uma banda, não me *juntado* a uma, porque não gosto de esportes coletivos exceto quando eu invento tanto o time quanto o esporte. Não me ressentia dele por encontrar gente nova com

quem tocar. Afinal de contas, era o que fazíamos. Não podemos tirar a música do sangue.

Ainda assim, não me agradava ter que dividi-lo. Em especial porque queria que ele conseguisse coisa melhor. Aquela era uma banda entediante tocando dentro de uma garagem entediante grudada a uma casa entediante em uma parte entediante de L.A.; ouvi seus esforços ao parar o Saturn no meio-fio gasto. Era, sem dúvida, apenas uma banda de covers de boa

qualidade com um guitarrista sem criatividade, um baterista que aprendera tudo que sabia em salões de sinuca e um vocalista chamado Chase ou Chad.

Aquele baixista, contudo, era sensacional.

Saí do carro e pisei em uma mangueira que serpenteava na entrada de concreto. Estava ligada a um aspersor fraco que regava o pequeno jardim marrom seco.

Aquele aspersor, pensei, parecia muito com Jeremy. Aquela água não ia ajudar o

jardim mais do que Jeremy ajudaria aquela banda. Que desperdício.

A música parou quando me aproximei. O único som era o *tchá-tchá-tchá* do aspersor. O interior escuro da garagem me lembrou do quanto eu queria o Mustang. O cheiro me lembrou da saudade que sentia de Victor. Nossos ensaios na garagem eram obras de arte.

— Vim buscar o Jeremy — anunciei. — Jeremy Shutt. Para o caso de ter dois Jeremy aqui.

Os humanos da garagem se limitaram a me encarar, então

expliquei alguns fatos óbvios. (1) O ensaio de uma banda pode ser transferido, enquanto um casamento não, (2) nenhuma quantidade de ensaio tornaria aquela banda interessante o suficiente para atrair uma gravadora, então (3) na verdade eu só estava economizando muito tempo para todos.

Pareceu que vocalista, que de perto tinha ainda mais cara de Chad ou Chase, não apreciou meu *insight*. O baterista e o guitarrista só meio que acenaram. No fim das contas,

eu conhecia os dois, embora não lembrasse seus nomes. O baterista tocava para uma banda chamada ChristCheese, que fora mais bem-sucedida que seria de imaginar, e o guitarrista fora da Pursuit Ten até o percussionista deles ter uma overdose na banheira em Oklahoma, o que é uma história triste sob todos os pontos de vista.

— Em resumo, de modo geral não vai fazer diferença se o Jeremy vier comigo agora — falei para o vocalista.

O vocalista estava

claramente tentando se comportar diante das câmeras, mas sua voz saiu um pouco tensa.

— Você não pode desaparecer, depois voltar e esperar encontrar todos os seus brinquedos no mesmo lugar.

— Não fique assim — falei.
— Não vou quebrar o Jeremy. Está na cara que ele é valioso demais para isso. Você vai tê-lo de volta, e pode continuar nesta grande trajetória de tocar em formaturas do ensino médio. Todos temos que

compartilhar.

— Não se faça de, sei lá, todo-poderoso agora — disse o vocalista. — Você não pode agir como se estivesse sendo benevolente enquanto desrespeita a minha música.

— Desrespeitar?! — respondi. — Se quiser ouvir um desrespeito de verdade, posso preparar algumas palavras. Mas não, meu amigo. Só estava colocando as coisas em perspectiva para você. Você está fazendo isso, *aí dentro*. E eu estou fazendo *isto*, com *eles*. — Apontei para T e Joan.

Apesar da presença obscura do Saturn, era bem óbvio para mim que Cole > Chase.

O baterista do ChristCheese e o ex-guitarrista do Pursuit Ten olharam para o vocalista Chad/Chase para ver qual seria sua próxima jogada.

— É, sei o que você está fazendo. Eu sei sobre o *programa* — disse ele. — Você se acha por causa de quem era. Mas ninguém liga se você já foi famoso um dia, cara. Seus singles são tão velhos que as vovozinhas cantam. Hoje em dia, você só é famoso por ser

um fracassado completo.

— E também por causa daqueles três discos multiplatina. Sejam os justos.

— Ah, qual é! Não finja que não sabe por que as pessoas estão assistindo ao programa. Você sabe que estou certo — desdenhou o vocalista. — Ou você estaria com uma gravadora e não com a Baby North. Qual é, cara. Não finja que é por causa da música.

Essas palavras conseguiram penetrar meu coração. Antigamente, eu tinha escrito a trilha sonora do verão de todo

mundo. Antigamente, meu rosto aparecia na capa de revistas. Antigamente, todos os caras daquela garagem estariam se cagando ao ouvir minha voz em pessoa. O que eu estava fazendo agora?

Termine logo o programa. Faça o disco. Desapareça no pôr-do-sol de Los Angeles com Isabel. Mas parecia que aquilo não era certo nem verdadeiro.

— Vocês não têm um cover do Eagles ou coisa do tipo para ensaiar? — perguntei.

O baterista do ChristCheese chacoalhou um címbalo. O

guitarrista do Pursuit Ten lançou um olhar severo a ele, como se o alertasse para não piorar as coisas. Eu meio que esperava que elas piorassem. Queria bater em algo ou apanhar.

— Não vou aceitar esse tipo de babaquice de você — disse o vocalista.

— Já aceitou. Bom, se não se importa, tenho um trabalho de verdade agora. Jeremy, qual é o veredicto?

Virei para ele. Não era um desafio. Só uma pergunta. Era inútil tentar manipular Jeremy.

Alguém manipula o Gandhi?
Não.

— Jeremy, se você for com esse palhaço, não precisa voltar — disse o vocalista.

— Chad — disse Jeremy gentil.

Eu sabia.

— É sério — disse o cara. Chad. Eu *sabia*.

— Não obrigue a Lassie a escolher, Chad — falei.

— Cale a boca. Escolha, Jeremy.

Anos atrás, eu tinha namorado a irmã de Victor, Angie. Foi bem sério. Nosso

término depois de minha primeira turnê tinha sido feio, cruel e cem por cento motivado pelo fato de eu ter transado com qualquer coisa que tirasse a blusa em minha presença. Foi a primeira vez que percebi que perdera minha alma e que a beleza de não ter alma era não se importar mais com isso. Embora a banda tivesse acabado de voltar, já tínhamos tempo reservado no estúdio para o disco seguinte. Angie queria que Victor saísse da banda. Eu queria que Victor e suas mãos mágicas fossem

comigo e nunca voltassem para Phoenix, Nova York.

Eu o fiz escolher.

Não pensei que isso ia matá-lo.

Simplesmente não pensei.

A terra continuava a cair no focinho do lobo. Em algum lugar, a cova de Victor estava sempre sendo preenchida.

Meu dia se aproximava da ruína.

— Jeremy — repetiu Chad.
— E então?

Jeremy prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. Suspirou. Seus olhos se

voltaram para o seu baixo e meu carro.

Interrompi:

— Fique aqui com eles.

Não tinha percebido o que ia dizer até abrir a boca. E, depois que disse, não acreditei no que tinha feito. Aquilo não parecia algo que eu diria.

Todos os rostos da garagem se voltaram para mim.

Entrei de cabeça.

— Não vou ferrar você, Jeremy. Se esse babaca não vai aceitá-lo de volta só porque eu preciso de você agora, vou dar um jeito. Fica para a próxima.

Sem problemas.

Eu me senti péssimo e virtuoso. Se aquele era o certo, eu preferia estar errado. Precisava me lembrar de nunca mais fazer isso.

Jeremy assentiu. Ele não disse nada por um tempo. Nem Chad, que não parecia entender o que tinha acabado de acontecer.

Cole St. Clair não tinha sido escroto, foi isso o que aconteceu.

Eu continuava a me sentir péssimo. Me sentia como naquela primeira noite, quando

Isabel me dissera para morrer e eu tinha percebido que queria desesperadamente me transformar em lobo e não podia mais. Não, não *queria* mais.

Disse a mim mesmo que mais tarde me sentiria ótimo. Nobre.

Então Jeremy falou, lento, sereno e sulista:

— Desculpe, Chad, mas acho que eu vou com o Cole. Talvez pudesse voltar, se você me pedisse, mas teria que pensar muito na manipulação emocional que você trouxe

para a conversa hoje. Você sabe que não é assim que gosto de trabalhar. Espere um minuto, Cole. Preciso pegar minhas sandálias.

Ele tinha me escolhido. Eu não pedira, e mesmo assim ele tinha me escolhido.

A sensação era quase pior do que me sentir péssimo. Na verdade, a diferença entre as emoções era difícil de navegar. A ascensão repentina entre se sentir na merda e se sentir alegre.

— Seu desgraçado — disse Chad. Não ficou claro se estava

falando de mim ou de Jeremy. Ele esclareceu. — Seu aspirante a integrante de boy-band sem talento.

Saudei-o levantando os dedos médios.

Jeremy se juntou a mim com o estojo do baixo. Demos um longo aperto de mão, que ajudou a amenizar minha enorme e dolorosa alegria. De um jeito bem indiferente, enrolei meu pé na mangueira e virei o aspersor. Uma rajada de chuva artificial invadiu o interior da garagem. *Então* o guitarrista e o baterista

começaram a fazer barulho.

Chad conhecia um monte de palavras.

Eu me virei com Jeremy e voltei para o Saturn, onde Leyla esperava. T filmava tudo. Imaginei a cena enquadrada gloriosamente, músicos encharcados ao fundo como a explosão de um carro em um filme de ação.

— Isso foi quase razoável para você — disse Jeremy. Acrescentou com confiança: — Eles vão me ligar.

Uma baqueta passou voando perto da minha cabeça e fez

um estrondo no chão ao cair.

Jeremy se abaixou para pegá-la.

— Acho que não vão ligar para você.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

COLE

Depois que gravamos o episódio, mas antes de Isabel sair do trabalho, Jeremy e eu

relaxamos em sua
caminhonete velha e
malconservada, parada no
meio de um estacionamento na
praia. Estávamos sozinhos. Eu
levara Leyla de volta no Saturn
porque nunca mais queria ver
nenhum dos dois.

Os sons eram tráfego, o
rádio portátil de alguém, a
arrebentação e braços batendo
em uma bola de vôlei. Deitei
na caçamba em uma lona seca
e amarrotada, e Jeremy se
sentou em um pneu, olhando
para mim e para o mar. No
céu, o sol perfurava os rastros

dos aviões, rachando o asfalto com seu calor. Eu ainda estava inquieto por ter me apresentado e aquele teria sido um bom momento para uma cerveja. Jeremy me ofereceu um chá gelado sem açúcar.

— Não quero a sua poção maligna — falei para ele, mas aceitei mesmo assim e coloquei o pote ao lado da minha cabeça.

Por vários longos minutos amistosos, ficamos sem fazer nada juntos. Jeremy inclinou a cabeça para trás e observou o céu; parecia um australiano

enrugado sob o sol forte. Fechei os olhos e deixei o calor assar minhas pálpebras. Ali, com Jeremy, seria fácil fingir que os últimos três anos de minha vida não tinham acontecido e que eu podia recomeçar sem nenhum de meus pecados. Só que assim não teria conhecido Isabel e não estaria na Califórnia. Eu me perguntei se já houvera uma rota mais direta para este lugar. Talvez a tivesse percorrido e estragado tudo. Talvez, se houvesse permanecido sempre no

caminho certo, tivesse conhecido Isabel em um show.

Não, porque ela não gostava de shows. Nem eu.

Pensei naquelas três garotas de topless em meu apartamento, que elas nunca seriam Isabel e que Isabel nunca teria sido uma delas.

Não mantinha os olhos fechados porque meu cérebro estava trabalhando cada vez mais rápido ao invés de cada vez mais devagar. Eu os abri.

— Hoje em dia todas as garotas parecem velhas. Quando isso começou?

Quando olho para elas, só consigo ver como vão ser quando tiverem quarenta. É, tipo, o pior superpoder do mundo — falei.

Jeremy respondeu, pensativo:

— Eu sempre vejo as pessoas como crianças. Desde que eu estava, tipo, no ensino fundamental. Não importa como estejam agindo ou quantos anos tenham, sou incapaz de não imaginá-las como crianças.

— Que horror. Como faz um gesto obsceno para alguém

imaginando-o como uma criança pequena?

— Pois é — disse Jeremy.

— Diga, por que a Leyla é tão inaceitável?

— Você sabe que não gosto de julgar as pessoas.

— Todos nós fazemos coisas de que não gostamos.

Ele arrancou um pedaço de borracha do pneu e o jogou em meu peito.

— O estilo dela não tem muito a ver com o nosso.

— Musical ou ético?

— Prefiro não cometer perjúrio — disse Jeremy.

— E você por acaso sabe o que *perjúrio* significa? — Nem eu sabia cem por cento. Tenho uma base de conhecimento muito especializada. — Quero demiti-la. Quero mesmo. Mas qual é a alternativa?

Eu me arrependi de dizer isso assim que as palavras saíram de minha boca. Porque a alternativa estava morta, e eu não queria falar do assunto. *Não diga nada, Jeremy. Não diga o nome dele.*

Você está mesmo pronto para isso?

— *O quê?*

NARKOTIKA.

Não dei tempo a Jeremy para responder:

— Você não estaria comigo se não fosse pela música, não é? Digo, não estaria fazendo isto comigo se eu só estivesse perdendo tempo diante das câmeras que nem um fracassado, não é?

— Isso é por causa do que o Chad falou?

— Quem é Chad? — perguntei, como se não me lembrasse. — Ah, ele. Não. Eu só estava pensando por causa do... talvez. É possível. Estou

no caminho da autoavaliação. Essa é uma das ruas secundárias.

Jeremy pensou no assunto. Ele pensou por tanto tempo que o sol se moveu um pouco no céu. Uma família passou por nós a caminho da praia. Um pai estava de roupa de neoprene e segurava uma prancha debaixo do braço. O outro pai usava a bermuda de praia mais nerd do mundo. Os filhos trotavam atrás deles soltando alegres sons supersônicos e se socando.

— Jeremy — incitei, porque

não aguentava mais esperar.

— O que acabamos de fazer não teve nada a ver com a música — disse ele. — O caminho nunca teve a ver com a música. O *caminho* tem a ver com o show. A apresentação. Isto é só outra apresentação. O estúdio teve a ver com a música.

— Posso fazer a música sem o caminho? Tipo, e ainda vender alguma coisa?

— Acho que você gosta demais do caminho para isso.

— Ei.

— Não estou dizendo que é

ruim. Você é bom nisso. Mas às vezes acho que esqueceu como parar. Não acha que talvez devesse sair da cidade por um tempo?

— Isso é uma sugestão ou uma pergunta?

— Só para reorganizar a sua cabeça.

Virei para olhá-lo. Sentia a protuberância na parte de trás de meu crânio ranger e estalar na lona e nas elevações da caçamba da picape. De certa forma era agradável. Balancei a cabeça de um lado para o outro. Não discordando de

Jeremy, apenas sentindo minha cabeça estalar.

— O que o faz pensar que minha cabeça não está organizada? Estou me divertindo muito neste estado.

Jeremy tomou um gole de seu chá gelado sem açúcar.

— O Chip morreu — disse ele.

— Quem é Chip?

— Chip Mac.

— Você está usando palavras reais, cara? Ou está só se comunicando com uma série de estalidos e assobios?

— Chip. Mac. O guitarrista

que a Baby contratou para você — repetiu Jeremy devagar.

— Eu não sabia o nome dele. Como ele morreu?

— De overdose.

Aquilo não significou nada a princípio. Depois eu fiz a conexão, mas a errada.

— Não tive nenhuma culpa por isso.

— Não — concordou Jeremy.

— Não teve. Ele tinha acabado de sair da reabilitação e também estivera no hospital. Você conhecia o baixista?

— Ele era só um garoto.

— Preso por vender drogas

no ano passado — disse ele. —
Andei perguntando.

Era acalentador imaginar
Jeremy fazendo perguntas por
mim.

— E daí? Acha que a Baby
estava tentando me arranjar
parceiros para me drogar?

Ele fez um barulho de
afirmação. Não era
surpreendente. Pensar que o
guitarrista estava morto e que
antes estava vivo e zangado
comigo me causava uma
sensação meio estranha. E
também pensar que as coisas
podiam ter sido diferentes se

eu não os tivesse demitido naquela noite. Não era de surpreender que Baby tivesse ficado tão irritada quando demiti Chip, o cara perfeito para um desastre televisivo.

— E se eu não os tivesse demitido? Que sorte a minha.

— Sorte? — desdenhou Jeremy com suavidade. — Não existe sorte.

— Então o que é?

— Seus pés o levam aonde você precisa ir.

Pensei sobre isso.

— Meus pés me levaram a uns lugares bem difíceis.

— Isso foi o seu pau, arrastando os pés junto.

Eu ri. Um bando de pelicanos passou voando, desajeitados, mas lindos, lembrando-me de que eu precisava ligar para Leon e fazê-lo andar de roda-gigante. Uma palavra apareceu em minha cabeça, espontaneamente: *lar*. Era o que L.A. podia ser? Era o que eu queria?

— Não quero devolver você para o Chad — falei.

Houve uma longa pausa. Até para o padrão de Jeremy.

— Não posso entrar em turnê com você, Cole — disse ele, enfim.

Assim como antes, quando ele não tinha confiado em mim, doeu. Não ligava se o resto do mundo não confiava em mim: Baby, os Estados Unidos e tudo isso. Mas Jeremy... Isabel...

— Eu mudei.

— Sei disso — afirmou ele, pegando a chave da caminhonete. — Mas certas coisas não mudam.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ISABEL

Na aula prática de hoje, repassamos códigos. Códigos nada mais são que atalhos para

coisas horríveis que acontecem em hospitais. Na Califórnia, são padronizados.

Código Vermelho: Fogo

Código Laranja:
Vazamento/Descarga de
material perigoso

Código Amarelo: Ameaça de bomba

Código Azul: O coração de alguém parou

Alguns dos idiotas mais nervosos de minha turma tinham sido dominados pelo medo ao imaginar que um código poderia acontecer durante nossa aula prática.

Parte de mim esperava por isso. Estava surtando de tédio. Um vazamento de material perigoso parecia divertido. De qualquer forma, o mais importante dos códigos era não entrar em pânico, e minha falta de emoções era um talento enorme. O objetivo era reunir toda a informação que pudesse e depois agir de acordo.

Baby era basicamente um código. Não consegui concluir se era um Código Cinza: Pessoa combativa, ou um Código Prateado: Pessoa com arma/Situação com reféns. Em

ambos os casos, não custava nada descobrir mais sobre ela. E era por isso que eu tinha concordado com o jantar, desde que pudesse escolher o restaurante. Queria estar no meu território, não no dela.

Peguei Cole e fomos para Koreatown, um lugar que muitas das monstras de Sierra tinham medo porque eram umas covardes idiotas que acreditavam no que as mães diziam. Minha mãe também me dissera para não ir a Koreatown sozinha, mas ela nunca estivera lá, então como

podia saber? O noticiário era cheio de mentiras e, de um jeito ou de outro, a comida era ótima.

Todo mundo queria alguma coisa em Koreatown, e ninguém fingia o contrário. Não era muito atraente, mas me dava uma agradável sensação urbana. As ruas eram largas e sem árvores; tudo o que não era um apartamento era um shopping de rua, e tudo o que não era um shopping de rua era feito de concreto. Havia mais muros pichados que sem pichações. E não era o grafite

alegre de Venice, eram só assinaturas de gangue e murais bem-feitos sobre coisas horríveis. Um dos meus preferidos era um mural de lobos em meio a uma matança. Na qual não havia sangue, só borboletas. Para mim, aquilo era a cara de Koreatown. Ela avançava sobre a beleza de L.A., real e brutal, mas, ao atacar a cidade, tornava-se parte da beleza dela. Aquela era a magia faminta de Los Angeles: desafiava todos os adversários e os aglutinava.

Parei o SUV, passei um

cartão de crédito no parquímetro e seguimos a pé. A caminho do restaurante, um bando de caras latinos bonitos na esquina da rua em frente assobiou. Pensei que era direcionado a mim até um deles mostrar o dedo médio para Cole e gritar “NARKOTIKA!” para se certificar de que Cole soubesse que era pessoal.

Cole, nervoso e agitado pelo que quer que tivesse acontecido na filmagem daquele dia, olhou para eles por cima do ombro. Por um

momento, temi que fizesse alguma coisa que acabasse em uma facada, mas ele se limitou a fazer o sinal de paz e amor para eles. Depois se virou, apesar das respostas que gritaram. Esqueceu. Simplesmente esqueceu.

O restaurante, Yuzu, era um japonês localizado em um shopping apocalíptico nos limites de Koreatown. Eram quatro andares semiabandonados e mal iluminados ligados por antigas escadas rolantes. Todas as lojas que ainda estavam abertas

tinham placas em coreano na frente.

Eu gostava de ir lá porque a comida era boa, mas também porque parecia um lugar que ninguém encontraria na internet. Era preciso usar algo real. E também não dar a mínima para o que os outros diziam.

Subimos pela escada rolante. Eu estava com uma blusa de renda, e a mão de Cole se enfiara sob a barra e se apoiara na minha lombar nua. Retribuí o favor. As costas deles eram lisas e frias sob a camiseta

ORGULHOSO DE SER CANADENSE. Mas ele estava distraído. Seus olhos tinham se estreitado e seu olhar ia das lojas para mim. Um pequeno músculo se movia em seu maxilar.

— O que foi? — perguntei.
— Diga logo.

— Acho que já estive aqui — disse ele.

— Acha? Para mim é bastante memorável.

— Talvez eu não estivesse no modo memória.

Não gostava de pensar em Cole indo até ali para comprar

drogas durante a turnê, então não falei mais nada. Subimos a escada em silêncio, depois demos dois passos até a escada seguinte e subimos essa em silêncio. Eu o guiei até a frente do Yuzu. Cole apontou para a placa na frente, que dizia: NÓS NOS RESERVAMOS O DIREITO DE RECUSAR SERVIÇO OU ENTRADA A QUALQUER UM.

Lá dentro, fomos conduzidos para o outro lado de um biombo transparente até um salão de jantar surpreendentemente íntimo.

Estávamos adiantados, porque eu era sempre pontual ou adiantada. Baby ainda não tinha chegado. Deslizei para o banco de um dos lados da mesa e Cole se jogou no outro. Ele se inclinou sobre a mesa nos cotovelos, invadindo meu espaço pessoal, entortando a lanterna de papel e espalhando os cardápios.

— Fale logo — disse ele.

Ergui a mão. *Dizer o quê?*

Na cabeceira da mesa, o gerente pigarreou. Ele não parecia ter simpatizado com Cole.

— Algo para beber?

— Água — disse Cole. — E Coca. E mais água.

Voltei meus olhos para os do gerente.

— Água para mim, por favor. Não traga a Coca para ele.

— Ei — Cole protestou, mas o gerente pareceu concordar que Cole não precisava ingerir mais açúcar e cafeína, porque assentiu para mim e foi embora.

— Ah, ei — sussurrou Cole para mim, inclinando-se para a frente, batendo a cabeça na luz. — A hora é essa. Isso ainda é

uma frase? Porque é. A hora. É essa.

— Oi, crianças — disse Baby. Ela tinha aparecido na ponta de nossa mesa, com o sorriso largo e as covinhas de sempre. Eu sempre imaginava que, ao surgir, ela pareceria um gênio do mal, mas nunca parecia. — Onde querem que eu me sente?

Cole se levantou e sentou-se a meu lado no banco, apertando nossos ombros um no outro. Ele apontou para onde estava antes.

— Ali. Tome tudo o que era

meu.

Ela se sentou. Ainda estava com o sorriso enigmático e entretido, como se a vida a divertisse.

— Nunca tinha vindo aqui.

— Vamos pegar um cardápio para você. Um guia da comida deste lugar. Uma descrição de todos os... — Cole perdeu interesse na própria frase. Ele tamborilou com os dedos na mesa; eu coloquei minha mão na dele, forçando-a a se imobilizar.

Baby não tinha a energia maníaca de Cole, mas por

algum motivo seu olhar se deslocava sutil, fazendo-me pensar que ela estava absorvendo o restaurante inteiro. Em especial as pessoas. Seus olhos se detinham em pequenas interações: um dos chefs de sushi erguendo a mão para fazer um gesto a outro chef. O garoto das entregas na porta erguendo as sobrancelhas para a recepcionista. Minha mão na de Cole.

Eu me perguntei se ela via a todos nós como atores.

A perna de Cole se sacudia

sob a mesa. Pressionei a coxa dele com a minha e ela parou.

Uma mulher jovem e bem-vestida com uma mecha vermelha na parte da frente do cabelo preto chegou à extremidade de nossa mesa. Ela nos observou atenta.

— Ah, não decidimos ainda — falei para ela.

As narinas dela se dilataram.

— Não vim para tirar os pedidos. Masaki me pediu para dar uma olhada em vocês.

Se aquele não fosse meu restaurante japonês preferido e se eu não estivesse diante de

Baby, seu tom teria me motivado a oferecer algo melhor para ela dar uma olhada. Mas me limitei a dizer:

— Estamos bem. Obrigada.

— Não eliminei toda a frieza do *obrigada*, mas descongelei a maior parte.

A boca da garota se contraiu e ela nos deixou em paz.

— Estranho — disse Cole.

— Interessante — esclareceu Baby. — O que é bom aqui?

Virei o cardápio. Havia uma foto desbotada e sem graça de um rolinho Califórnia.

— Todos os sashimis — falei.

Cole correu o dedo pelo cardápio como se estivesse aprendendo a ler.

— Você já comeu sushi? — perguntou Baby a ele.

Ele balançou a cabeça. Para mim, ele disse:

— Você vai ter que me ensinar a usar isto. Os lápis.

Ele tinha retirado os pauzinhos da embalagem de papel e os fazia andar em minha direção. Resisti à tentação de arrancá-los dele.

— Bom trabalho na gravação de hoje — disse Baby. — Na maior parte.

Os dedos de Cole se imobilizaram.

— O Saturn ficou sem gasolina a caminho do show.

— Que inconveniente — disse Baby.

— Sei que tínhamos três quartos de tanque — disse Cole.

Era estranho vê-lo se desfazer do artista e do humor. Mas Baby não parecia arrependida.

— Rendeu uma excelente parte do programa — disse ela, correndo o dedo pelo cardápio.

— Nosso show no

casamento também rendeu — disse Cole.

— Não — respondeu Baby.
— Aquilo foi uma parte legal. Tudo tem que estar no volume máximo para fazer um bom programa de TV.

— Como contratar garotas de topless para invadir o apartamento dele? — falei em um tom gélido.

Baby pareceu genuinamente chocada.

— Eu não as contratei!

— Ah, qual é — disse Cole.
— Chega de brincar de faz de conta.

— Por que acha que eu quis você, Cole? — perguntou Baby.

Ele a observou com o queixo inclinado de arrogância. Senti que sua perna ainda tremia ao lado da minha, uma mera fração do chacoalhar que ele queria fazer.

— Porque acha que pode destruí-lo na TV. Por um bom programa — respondi por ele.

Ela arregalou os olhos:

— Você não acredita nisso, não é, Cole?

Ele continuou a encará-la.

— Você arruinou os outros — falei. Eu sabia que isso ia

magoar Cole, mas continuei: — Você quer o Cole porque acha que ele é um alvo fácil.

A expressão de Baby estava em um choque permanente.

— Quis o Cole porque ele era um artista. Porque sabe como lidar com uma plateia. Você entende? Ele *estava* péssimo. Mas olhe para ele agora. Está bonito de novo. Beleza fica bem na TV.

Lembrei o que Cole tinha dito quando eu vi pela primeira vez a lista que Baby fizera para ele. *Ela quer que eu pareça um desastre.*

— Você acha mesmo que todas as pessoas dos meus programas desmoronaram e enlouqueceram? — perguntou Baby. — Que eu era a responsável por isso? Ninguém é tão bom assim. Não, todas elas sabiam o que o mundo queria.

— Elas eram falsas? — falei, e odiei o olhar que Baby me lançou, como se não acreditasse no quão inocente eu era. Claro que eu sabia que reality shows não eram reais.

— Elas foram *selecionadas* — corrigiu Baby. — Deram aos

espectadores o que os espectadores queriam.

— E o mundo gosta mais de ver nossa queda — disse Cole, com a voz vazia.

Baby deu de ombros como se esse fosse um fato imutável.

— Não uma destruição verdadeira, porém. Sabe o que é um péssimo programa de TV? Alguém desmaiado no chão, babando. Astros do rock vomitando. Estar bêbado demais para ir ao estúdio. Se eu tiver um verdadeiro desastre, não tenho programa. Já viu um viciado? Péssima

ética profissional.

Aquele jantar era tão oposto a minhas expectativas que eu não o compreendi direito. Por um lado, o que ela disse fazia completo sentido. Por outro, eu tinha visto três garotas de topless no apartamento de Cole na noite anterior.

— Não acredito — falei. — Então por que garotas seminuas, senão para tentá-lo?

— Tentá-lo? Olhe para isto... — disse Baby, apontando para nós dois. Eu não sabia o que ela estava tentando indicar. Proximidade, talvez. — Tentar?

Eu vi aquelas fãs rondando e só aponteí a direção certa. Imaginei que o Cole tinha tutano suficiente para transformar aquilo em uma boa cena. Não corto e colo meus programas para criar drama. Só... alinho as pontas. Coloco pessoas em situações e filmo o que acontece.

— Mas eu tenho criado situações — disse Cole.

— Não grandes o bastante — retrucou Baby. — Então incluo algumas variáveis quando me dá na telha. Tentei enganar você? Você encontrou drogas

no banheiro para tentá-lo?
Cervejas na geladeira? Fiz
alguma coisa para lhe causar
uma recaída?

Cole franziu a testa:

— Os músicos. Os que
demitiram. Um deles está morto.
O Chuck.

Uma sombra cruzou o rosto
de Baby.

— Chip.

— É, bom, o Jeremy me
contou que ele morreu. E o
outro garoto era drogado.
Parece muito... uma armação.

Ele não tinha me contado
isso. Eu me perguntei se era

porque ainda não sabia o que fazer com a informação ou se não queria que eu soubesse.

— Eles eram desastres — admitiu Baby. — Não dá para prever o ponto de ebulição de alguém, mas dá para chutar. Imaginei que o Chip ia acabar no hospital durante algum show. E que você ia ter uma discussão gigantesca com o Denis dizendo que agora estava careta, e talvez alguém levasse um soco. Não me incomodo de contratar desastres reais como figurantes.

— Isso significa que a Leyla

tem algo a esconder? —
pressionou Cole.

Baby riu:

— Não. Era só para você
odiá-la.

— Muito bem.

— Eu pesquisei. Isabel, você
ainda parece descontente.

Eu não estava descontente,
estava desconfiada. O colapso
nervoso dos outros fora muito
completo. Muito convincente.
Será que era porque eu era
igual ao restante do público
americano, tão pronta para
acreditar que um desastre
nunca se curava totalmente?

Ou era porque estava pronta a acreditar que Cole em particular não estava curado?

— Então, você não é o inimigo.

— Isabel — disse Baby. — Eu não estou nessa para ser processada. Se existe alguma coisa que arruína meus heróis é algo que eles causaram a si mesmos. Eu já disse. Coloco as pessoas em situações. O que elas fazem com aquela situação é por conta própria. Se existe um inimigo, está dentro delas.

Não deveria ter me surpreendido. Tudo em Los

Angeles ocultava alguma outra coisa. Os feios se mascaravam de lindos, e no fim das contas os lindos fingiam ser feios. Eu me perguntei se existia alguma coisa real neste mundo.

— Então você quer que eu me esforce mais — disse Cole, enfim. — Você quer o programa. O programa do Cole St. Clair.

— Sei que você sabe fazer isso — disse Baby. — Como disse, eu pesquisei.

— Precisa ser deprimente? — perguntou ele. Um pouco ansioso, para quem o conhecia.

— Só precisa ser bom. É tudo o que me importa. Ah...

Outra garota estava parada perto da mesa. Ela parecia, se é que era possível, ainda menos cordial que a anterior.

— O que vocês querem? — pressionou ela, de um jeito que não lembrava em nada o de uma garçonete.

Puxei o cardápio em minha direção:

— Eu...

Ela balançou a cabeça. Estava olhando para Cole.

— O que *you* quer aqui?

A expressão dele ainda

estava confusa:.

— Ela pode pedir por mim.

O olhar dela disparou para mim. Depois de volta para ele.

— Você veio aqui para comer?

Então o rosto dele se desanuviou.

— Ah. Ah, agora eu entendi. Sim. *Comer*. Este é meu restaurante preferido. Eu gosto da cara desses rolinhos da foto.

— Com o indicador, ele desenhrou pequenos círculos na foto anêmica dos rolinhos Califórnia na capa. Baby assistiu a tudo com atenção.

A garota ficou ainda menos amistosa e depois sumiu.

Virei para Cole.

— Você já esteve aqui?

Cole estava meio confuso:

— Quando eu disse que achava que já tinha estado aqui, não estava falando *daqui*. Tipo, deste lugar. Acho que pode ter sido. Eles devem ter me reconhecido. Talvez pensem que sou... como antes.

Como antes. Antes, ele entraria em um lugar e as pessoas lembrariam que ele era um cara que queria um pouco de cocaína com a entrada, era

isso? Eu me senti enjoada. Não podia culpar ninguém além de mim mesma. Sabia quem Cole tinha sido antes de conhecê-lo.

Baby, porém, continuava com o mesmo sorriso enigmático, e por que não? Cole estava demonstrando seu pedigree.

O gerente estava de volta. Atrás dele, a garota de cabelo pintado.

— Você é Cole St. Clair? — perguntou o gerente.

Cole assentiu. Só uma leve oscilação. Naquele momento ele era todo segurança e

arrogância, de volta a sua persona pública. Ele tinha se tornado grande demais para o lugar onde estava sentado; transformara aquele restaurante no pano de fundo para sua personalidade. Era isso o que o resto do mundo obtinha dele.

— Já dissemos para não voltar nunca mais.

Cole ergueu a cabeça:

— Voltar?

— Nós dizemos que você não é mais bem-vindo aqui. Nem você nem o seu outro amigo. Vocês estragaram tudo.

Eu não esqueço seu rosto depois daquilo.

Um reconhecimento repentino e algo mais doloroso e vazio cruzaram o rosto de Cole. O segundo foi tão rápido que só eu vi.

— Ah. Aquilo. Olhe, foi há muito tempo. Não vai acontecer desta vez. Estou sóbrio. Só quero jantar bem aqui com a minha namorada.

Eu poderia matá-lo pelo jeito casual com que jogou a palavra no meio de tudo aquilo. *Namorada.*

O gerente não sorria.

— Sóbrio não é o boato.

Então Cole começou a perder o bom humor:

— Então qual é o boato, meu amigo?

— Você passou de heroína pura para algo melhor — disse a garota de cabelo pintado.

Baby continuou sorrindo. O mundo adorava um fracassado.

— Estou aqui para comer a droga de um sushi — disse Cole calmo.

— Fora — respondeu o gerente. Ele se afastou para nos deixar sair do banco. — Você não é bem-vindo.

— Bom, meu amigo — disse Cole, repulsivamente expansivo. — Parece que você tem um tino comercial horrível. Tem o hábito de checar os antecedentes dos seus clientes antes que se sentem? Este é um restaurante santo? Só para freiras? O Buda? Quaisquer anjos inferiores que vaguem por Koreatown? E mesmo assim você continua aberto recusando todos os pecadores?

Ele tinha ganhado a atenção total dos chefs e da garçonete. Eles nos encaravam. Eu sabia

que depois disso, não importava o que acontecesse, eu seria para sempre a *namorada do Cole St. Clair* para eles. Não existia a menor chance de aquilo acabar bem.

Eu nunca mais poderia comer sashimi ali.

— A maioria dos pecadores não fica em nossa lembrança como você — disse o gerente com frieza. — Fora.

— O que você *fez*, Cole? — disparei.

Baby nos observava, encarando um e outro, como em uma partida de tênis.

— Foi *há muito tempo* — repetiu ele.

— Não tempo bastante — disse o gerente.

Sentia-me tão humilhada como se *eu* tivesse feito alguma coisa.

— Perfeito. Vamos embora.

Algo ardeu furiosamente nos olhos de Cole, mas ele saiu do banco e jogou seu guardanapo com desprezo na mesa.

— Boatos são uma via de mão dupla — disse ele ao gerente.

Um dos caras atrás do balcão jogou uma faca no ar devagar,

só para que refletisse a luz.

— Ah, eu vi você. Estou *apavorado* — provocou Cole. — Relaxem. Estamos indo.

Eu não me lembrava da última vez em que ficara tão envergonhada. Uma das vantagens de não dar a mínima. Eu sequer formava palavras.

Tinha passado muitas tardes fazendo o dever de casa no Yuzu, sozinha num lugar onde ninguém me conhecia nem sabia como era minha expressão habitual, e agora meu tempo ali mudara de

presente para *passado* em poucos minutos.

Ali fora, no shopping letalmente fluorescente no fim do mundo, Cole virou-se para Baby com uma voz fria e remota.

— Vamos remarcar. Perdi a fome.

— Tem certeza? — perguntou Baby enquanto descíamos pela escada rolante. — Agora seria uma boa hora para fazer TV da melhor qualidade.

— É — disse Cole. — Tenho certeza de que sim. Não

consigo pensar em nada melhor.

— Então faça. Tenho uma surpresa fantástica para seu aniversário, mas você precisa merecê-la — disse Baby.

Nós nos separamos dela na calçada. Era de um concreto branco chocante depois do shopping escuro e parado no tempo. Não falamos até voltarmos ao SUV.

— O que foi aquilo? — disparei. — O que você fez para aquelas pessoas?

No banco do passageiro, Cole balançou a cabeça.

— Não sei.

— Como pode não saber? Eu vi o seu rosto. Você sabe.

— Isabel, eu não me *lembro*.

— Não *mint*a para mim! — estourei. — Eu vi! O que você fez?

— O Victor e eu...

Cole beliscou o nariz e, um segundo depois, lançou os dedos para fora como se estivesse afastando uma ideia de si. Antes ele estava inquieto. Agora se debatia dentro do próprio corpo.

Passei com o SUV por um sinal de trânsito, por um

prédio com um telhado estilo pagode.

— Espero que isso signifique que você está tentando encontrar um jeito de me contar por que eu nunca mais vou poder voltar ao meu restaurante preferido.

— Nossa, Isabel, me dê um segundo — disse Cole.

— Além disso, *namorada*? — rosnei. A raiva desabrochava inteira.

— O que foi? Também quer um pedido de desculpas por isso? Talvez eu devesse ter preenchido uma solicitação

antes de poder dizer essa palavra, não é? Nossa, era só o que faltava...

Era só o que faltava. Talvez ele tivesse tido namoradas antes, mas eu passara muito tempo intencionalmente solteira. E agora nem sabia se ele dissera aquilo só para acalmar uma garçonete desconfiada ou porque achava mesmo que eu era sua namorada. E eu nem sabia, depois disso, se sequer queria ser. Não sabia se fazia alguma diferença seu namorado não ser problemático se o resto do

mundo achava que ele era.

Cole apoiou a têmpora na janela com os olhos voltados para o céu sem nuvens.

— Estou tentando — disse ele, por fim. — Estou tentando e ninguém se importa com isso. Eu sempre vou ser ele.

— Quem?

— Cole St. Clair.

Parecia uma idiotice, mas eu sabia muito bem o que ele queria dizer. Sabia como era quando seu pior medo era ser você mesmo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

COLE

O que sabia era o seguinte:
se eu voltasse sozinho para o
apartamento naquele

momento, entraria no banheiro e enfiaria uma agulha na pele, e, embora não fosse uma droga, embora fosse muito mais *limpo* que uma droga, aquilo me lembraria da pessoa que eu fora não fazia muito tempo. A pessoa que tinha ido a Koreatown para comprar drogas e destruía um restaurante japonês quando a coisa ficou feia. Eu não aguentaria me odiar como me odiava naquela época.

Então implorei a Isabel para me levar com ela, pelo menos por um tempinho.

E ela devia me conhecer, porque me levou, mesmo zangada.

A mãe de Isabel morava em uma daquelas casas que seria muito mais bonita se as casas ao redor não fossem tão bonitas quanto. Para mim, não parecia a Califórnia, parecia a classe média alta dos Estados Unidos. Isabel ingressou de ré com seu enorme SUV na entrada da garagem; ela o fez tão bem e com tanta habilidade que tive certeza de que devia querer esmagar o canteiro de flores à direita. Quando ela

saiu para o jardim escuro, seus lábios se entreabriram com desdém, e eu soube que estava certo. Era uma guerrilha: Isabel contra o subúrbio. Ela ainda não percebera que o único jeito de vencer era bater em retirada. Ou talvez *tivesse* percebido, mas sua saída estava bloqueada. Então decidira continuar lutando.

Cansei só de olhar para aquela vizinhança. Lembrava meus pais e Phoenix, Nova York.

Entramos no corredor central, que cheirava a

aromatizador de ambientes. A decoração era infinitamente bonita, e eu a esquecia no instante em que deslocava os olhos. Isabel não se encaixava ali: exótica. Ela franziu os lábios chiclete-paraíso e ouvimos a mãe chamá-la.

— Isabel?

Isabel tinha me alertado de que a mãe estaria em casa e que ela cuidaria disso.

Então houve um estrondo mais grave: uma voz masculina.

Os olhos de Isabel se estreitaram no mesmo

momento em que Sofia apareceu no patamar acarpetado da escada acima de nós, parecendo igualmente deslocada ali: a deportada de olhos sonolentos de um filme mudo em preto e branco, com direito a um penteado com ondas laterais e palavras impressas em uma fonte sofisticada na parte inferior da tela. Sua mão branca segurava o corrimão da escada.

Ela formou as palavras com os lábios. Elas teriam aparecido na parte inferior da tela assim: *Seu pai!*

Tom Culpeper.

Na última vez que o vira, estava sobre o corpo de Victor, a mais de três mil quilômetros dali e um milhão de anos antes. Mas Culpeper não sabia que matara um rapaz com roupa de lobo. Só estava tentando eliminar coisas com dentes afiados. Então a morte de Victor não fora sua culpa. Fora minha. Sempre minha.

Eu devia ter voltado para meu apartamento.

— Isabel? É você, não é? Sofia, é a Isabel?

As garotas olharam para

mim. Sofia desceu às pressas os últimos degraus e ia tocar meu braço. Então pensou melhor e me chamou com um pequeno gesto. Palavras na tela: *Siga-me!* Isabel levou o dedo aos lábios: *Shhh (beijos no ar, amor/beijos no ar/siga meu hálito)* e foi para outro cômodo.

Quando Sofia me puxou corredor adentro e através de uma cozinha chique, bonita e esquecível em direção à porta de um pátio ao ar livre, ouvi Isabel dizer, fria:

— Ah, que maravilha. Todo o meu DNA reunido outra vez.

Sofia não parou até ter me feito atravessar com dois passos um pequeno deque e entrar em uma pequena casinha de madeira que ficava encostada a ele. Era o tipo de casinha de brinquedo com um escorregador de plástico verde, uma parede para escalar e, quase sempre, um ninho de vespas dentro. O interior era minúsculo e pouco iluminado pela luz da varanda. Sofia engatinhou para a extremidade e envolveu os joelhos com os braços; me sentei na outra ponta. Percebi que ainda ouvia

os Culpeper, sobretudo quando logo depois entraram na cozinha, cuja janela estava aberta. A pequena janela de venezianas verdes nos proporcionava até uma visão das festividades. Sofia e eu não éramos visíveis, mas eles estavam iluminados como uma tela de televisão.

— Vejo que você pegou as roupas na lavanderia — disse Isabel, ainda com a voz fria. Ela pegou um copo d'água. Não dirigiu a palavra ao pai.

A mãe de Isabel passou uma das mãos nos quadris. Ela

usava uma calça meticulosamente branca e uma blusa preta decotada. Era uma daquelas mulheres maravilhosas que são *criadas*, mas não *construídas*. Em geral, comparações de mãe e filha parecem fotos “antes e depois”, mas neste caso as duas juntas só deixavam espaço para a perplexidade coletiva com a excelência da genética envolvida.

— Seu pai quer saber se você gostaria de passar o fim de semana com ele — disse a mãe de Isabel.

A meu lado, Sofia se encolheu ainda mais. Tudo o que eu via acima dos joelhos eram seus enormes olhos voltados para a cozinha. Eles brilhavam como se ela estivesse chorando, mas não estava. Eu me perguntei quantos anos Sofia tinha. Quinze? Dezesseis? Ela parecia mais nova. Ainda tinha aquela coisa misteriosa das crianças, que fazia as pessoas quererem cuidar delas em vez de sair com elas.

— Aqui? — disse Isabel na cozinha. — Ou em San Diego?

— Em casa — disse Tom Culpeper. Ele se apoiou à porta com os braços cruzados, com jeito de advogado. — É claro.

Isabel sorriu cruel para seu copo.

— É claro.

— Eu queria ser como a Isabel — sussurrou Sofia.

Voltei meu foco para dentro da casinha de brinquedo.

— Por quê?

— Ela sempre sabe o que dizer — falou Sofia séria. — Quando meus pais brigavam, eu só chorava e ficava com cara de idiota. A Isabel nunca fica

nervosa.

Eu não concordava muito com isso. Achava que Isabel estava sempre nervosa.

— Chorar não é nada de mais — falei, e acrescentei, falso: — Eu choro o tempo todo.

Sofia ergueu uma das sobancelhas e sorriu para mim por trás dos joelhos. Só vi o canto do sorriso, tímido e incrédulo. Mesmo assim ela gostara de ouvir aquilo. Peguei meu pequeno bloco de notas e escrevi a letra dos beijos no ar antes que a esquecesse.

— Seus pais são divorciados?
— perguntei.

Ela assentiu.

— Seu pai também era advogado e um saco?

Ela balançou a cabeça. Seus olhos brilhantes brilharam um pouco mais.

— Não era advogado, e não era um saco. — Ela não conseguia nem dizer *saco* com raiva. Falou com muito cuidado, como se estivesse falando de genitais e não quisesse que ninguém a ouvisse.

— Dirigir duas horas não lhe

dá um direito especial sobre o meu tempo. Eu tenho planos. Se você e a minha mãe quiserem aproveitar um fim de semana de atividades adultas e equipamentos flutuantes, fiquem à vontade, por mim não tem problema. Vocês já são grandes — ouvi Isabel dizer na cozinha, ainda com muita frieza.

— Ter 18 anos não lhe dá um passe livre para ser grosseira, Isabel — disse Tom. Fechei os olhos e pensei nas diferentes formas que gostaria de feri-lo, da mais fácil à mais

cruel: com meu punho, minhas palavras, meu sorriso. — Você fala com a sua mãe desse jeito?

— Falo — respondeu Isabel.

— Há quanto tempo os seus pais são divorciados? — perguntei a Sofia, abrindo os olhos.

Sofia deu de ombros e esfregou o dedo no interior da casinha. Sob a luz fraca, vi que tocava as palavras *Sofia esteve aqui*, escritas em uma fonte rebuscada. Ela estava triste de um jeito que dispensava minha ajuda, o que me fazia *querer* ajudá-la. Tateei o bolso de

minha calça cargo até encontrar uma caneta, e então me inclinei e escrevi *Cole esteve aqui*. Assinei. Sou bom com minha própria assinatura.

Os dentes dela formaram um pequeno semicírculo na escuridão.

Escutei a voz de Teresa se erguer, e tanto Sofia quanto eu nos inclinamos para voltar a ouvir. Perdi o final da frase, mas a resposta de Tom foi inconfundível através da janela e da porta abertas.

— Nós dois sabemos bem que amor é para crianças —

disse ele. — Somos adultos. Compatibilidade é para adultos.

— Compatibilidade é para meu *Bluetooth* e meu carro — respondeu Teresa. — Só que eles se dão muito bem, e meu carro nunca faz meu *Bluetooth* se sentir uma merda.

— *Bem* — disse Isabel, aguda, cruel e crítica. — Vou deixar vocês dois aqui. Tenho coisas a fazer, como abrir um rombo na minha têmpora. Até logo.

Tom desviou o olhar hostil da esposa para voltar-se para a

filha.

— Eu dirigi duas horas para ver você.

Isabel estava de costas para nós, então, em vez de seu rosto, eu via seus braços cruzados para trás, e observei que ela beliscava a pele do braço direito com a mão esquerda com tanta fúria que a pele estava vermelha. Sua voz, entretanto, continuava glacial.

— E agora você me viu.

Ela saiu da cozinha estalando os saltos.

Tom lambeu os dentes.

— Vejo que a sua criação fez

maravilhas, Teresa — disse ele.

Não existia nenhum universo no qual eu e Tom Culpeper seríamos amigos. Sofia se debruçou sobre seu telefone, digitando rápido uma mensagem de texto. Não vi nada além do nome de Isabel na parte superior da tela.

Um instante depois, Isabel apareceu contornando a lateral do deque e se encolheu dentro da casinha. Precisei me espremer junto a Sofia para abrir espaço. Isabel parecia esculpida em gelo. Seus olhos se voltaram para o lugar onde

eu tinha assinado a casinha, mas na verdade ela não estava vendo nada.

— Aqui — falei.

Ofereci a caneta, mas ela não aceitou.

— Quero esquecer que já estive aqui — disse ela.

— Posso entrar e pegar alguns cookies, se você quiser — ofereceu Sofia.

— Não quero que você pegue comida nenhuma, Sofia! — disparou Isabel.

De alguma forma, a prima dela se encolheu sem ocupar menos espaço. Isabel fechou os

olhos, contraindo a boca.

Eu estava imprensado entre duas garotas infelizes e não tinha carro para ir a nenhum outro lugar; mesmo que tivesse, era um Saturn. E, quando Sofia disse *cookie*, eu quis muito um, porque o jantar nos fora recusado por chefs de sushi desconfiados. Mas agora Teresa e Tom Culpeper estavam tendo um verdadeiro festival de gritos na cozinha, e ninguém podia entrar sem colocar em risco a vida de civis.

— Eu aceitaria um cookie — falei para Sofia. — Mas estou

vigiando o peso. A câmera aumenta dez quilos, sabe, e a vida não tem sentido se eu não puder ser bonito para as câmeras.

Isabel soltou um som de desdém. Sofia fungou e murmurou alguma coisa.

— O quê? — perguntei.

— Distorção da lente — Sofia fungou. — É isso que faz aumentar dez quilos. Cada (*snif*) lente é tecnicamente um olho de peixe, então faz o meio de tudo parecer maior, como seu nariz, sua barriga e coisas assim. E a iluminação, o flash,

flashes secundários (*snif*) etc. acabam com as sombras e as bordas, então você parece ainda mais gordo.

— Bem — falei. — Bom saber.

A briga na cozinha piorou. (Teresa tinha acabado de gritar gloriosa: *Advogado não é apenas mais um sinônimo de galinha?* E Tom respondera: *Se estamos falando de mulheres que trabalham a noite toda, acho que o termo é médica.*)

Peguei meu telefone.

— Querem ver o episódio que gravamos hoje?

— É sobre o quê? — disse Sofia.

— Surpresa. Eu poderia dizer, mas aí teria que cortar você do tecido do mundo.

Isabel abriu os olhos. Passei pelas telas de meu telefone e fui até o site. As garotas se aproximaram um pouco da tela iluminada na escuridão.

O episódio começava com minha briga com Leyla e logo passava à briga com Chad por causa de Jeremy.

— Que babaca — disse Sofia.

— Ele não sabe que o Jeremy casou com você primeiro? —

acrescentou Isabel em um tom vazio.

Eu sabia que ela estava dizendo isso por Sofia, para parecer interessada em assistir ao vídeo e para ser perdoada por ter sido cruel mais cedo. Funcionou, porque Sofia queria muito perdoá-la.

Depois que ganhei Jeremy, nós três fomos para o endereço que Isabel tinha me dado. Era o casamento de um superfã em Echo Park. Bom, era um superfã segundo Isabel. Muita coisa dependia da capacidade dela de se passar por mim na

internet e também de saber como pesquisar. Porque, se acabasse sendo o casamento de uma pessoa normal ou de um fã casual, iríamos em direção ao desastre. Estávamos atrasados quando o Saturn misteriosamente ficou sem combustível no caminho. Fomos forçados a andar para buscar gasolina em um posto, onde o atendente por acaso me reconheceu.

Pausei o vídeo.

— Então, essa é a parte em que descubro se a Isabel sabia mesmo tudo.

— Por quê? — disse Sofia.

— Foi ela quem encontrou o casamento.

Os gigantescos olhos de Sofia se voltaram para Isabel.

— Ainda bem que eu sei tudo — disse Isabel.

E ela sabia. Chegamos a Echo Park, onde tanto a noiva quanto o noivo eram superfãs, e a noiva desmaiou maravilhosamente e diante da câmara ao me ver sair do carro com Jeremy. Para horror de todos os pais envolvidos, nós improvisamos e tocamos enquanto o casal atravessava a

igreja. Leyla nem foi tão terrível na bateria. De fato, foi um belo momento de televisão.

Sofia suspirou, alegre.

— Que romântico! Foi tão romântico assim na vida real?

— Claro — falei.

Isabel olhava os comentários do vídeo no telefone Cole Virtual. Havia muitos. Demais para ler todos, mesmo que quiséssemos. Isabel estreitou os olhos para o mais recente. Tinha um parágrafo inteiro, cheio de amor pela NARKOTIKA e casamentos e perguntava se um dia eu

comporia outra música como “Villain”.

Enquanto olhávamos, outro comentário apareceu. Comentário número 1.362, com apenas uma linha:

*eu me lembro é do cole st clair de
cara no chão*

Isabel franziu os lábios. Não olhou para mim. Eu me senti preso entre aquele comentário e os confrontos no restaurante japonês e com o Chad. Parecia que meu passado se aproximava cada vez mais, e

não o contrário.

Sofia ainda estava arrebatada pelo final artificial do episódio.

— Você teria uma banda de rock no seu casamento, Isabel?

— Eu não vou me casar — disse Isabel, desligando o telefone de trabalho e guardando-o. Ela continuava sem olhar para mim, para a casa nem para mais nada. — Não acredito em finais felizes.

Mais tarde, no apartamento vazio, isso era tudo de que eu lembrava com clareza. O jantar abortado com Baby era um borrão de humilhação e raiva.

A conversa com Chad, uma mancha de dúvida. O sorriso dos convidados do casamento, esquecido.

Só me lembrava de a pessoa com quem eu queria estar dizer que não acreditava em finais felizes.

Quando entrei no Saturn tarde daquela noite ou no começo daquela madrugada, o rádio estava tocando “Villain”. Minha voz rosnou para mim quando eu saí de ré para a viela:

Você não me quis sempre assim?

*Em promoção tarde da noite
últimos dias?*

Estou muito mais barato

As ruas estavam sinistras e desertas. Até os bares tinham fechados. De certa forma, a falta de gente e de sol enfatizava a falta de grama e folhagem ao lado da calçada. Aquele lugar era esculpido em concreto. No rádio, minha voz continuava amarga. Não o desliguei.

Não finja que gosta de mim

O estacionamento da praia estava vazio. Quando abri a porta do carro, senti o ar gelado.

Que isso tem a ver comigo

Gelado era bom. Ia fazer durar mais.

Eu vou ser só uma história da sua juventude louca

Peguei minhas coisas e fui descalço pela areia até o mar. Tirei a roupa. Não havia ninguém para me ver além do

céu negro sem estrelas e das silhuetas ainda mais escuras das palmeiras na extremidade do estacionamento. Enfiei a agulha na pele.

Deus você é um vilão um vilão

Eu podia ser pego, claro. Alguém podia me ver correndo pela arrebentação como lobo. Ou alguém podia me ver em nove, 15 ou 22 minutos, quando eu voltasse a ser um humano nu. Ou talvez, era bem possível, alguém visse cada minuto da transformação.

Mas não veriam.
Estatisticamente, não veriam.

A ameaça não era suficiente para me impedir. Esperei até minhas veias começarem a urrar e meus nervos começarem a tremer. Se houvesse uma forma de fazer meus pensamentos sumirem antes da dor, da dor alucinante da transformação, teria sido a fuga perfeita. A droga mais limpa, as férias mentais mais sãs.

Às vezes eu esquecia como as drogas tinham me deixado imundo. Mas Baby estava

certa. Agora eu estava bonito.

Vilão vilão vilão

Então, finalmente, eu era um lobo. A areia em minhas patas, fria, úmida e interminável. Nenhuma cor perdida na praia noturna. Só som, cheiro e vento passando por minhas orelhas enquanto eu corria. Todo pensamento era uma imagem.

Agachei na arrebentação gelada. Não havia ninguém em volta. A praia continuava vazia.

Eu tinha me safado, o que por algum motivo me fez sentir pior. Só eu sabia a verdade sobre mim, mas era o bastante. Todas as outras pessoas já imaginavam.

Eu sempre era ele, sempre Cole St. Clair.

Ainda ouvia a voz de Isabel dizendo: *Não acredito em finais felizes.*

CAPÍTULO VINTE E SEIS

ISABEL

INTERNET: *Oi, Cole St. Clair, é verdade que você foi expulso do Yuzu?*

COLE VIRTUAL: *por ser incrível*

INTERNET: *Meu amigo disse que foi porque você estava injetando no banheiro.*

COLE VIRTUAL: *você precisa de amigos novos*

INTERNET: *HAHA amo você cara*

COLE VIRTUAL: *quem não ama*

INTERNET: *Você vai compor outra música como “Villain”?*

INTERNET: *Quem é aquela garota que vimos no último episódio?*

COLE VIRTUAL: *uma*

alienígena supergata

INTERNET: termina com ela! te amo cole!

COLE VIRTUAL: a alienígena supergata destruiria o planeta

COLE VIRTUAL: sério estou salvando o mundo (brincadeira)

COLE VIRTUAL: podem me agradecer

INTERNET: ela ã precisa saber haha lol

INTERNET: Vamos ver o Victor de novo? A NARKOTIKA era demais!

COLE VIRTUAL:

INTERNET: Legal ver você e o Jeremy tocando juntos! E o

Victor?

COLE VIRTUAL:

INTERNET: *OK queremos o Victor agora!!!!*

COLE VIRTUAL: *vocês vão fazer a Leyla ter um colapso nervoso vegano*

INTERNET: *hahaha mas sério, NARKOTIKA PARA SEMPRE*

INTERNET: *O que você quer de aniversário?*

COLE VIRTUAL: *Ser jovem para sempre*

Cole me mandou uma mensagem de texto:

Na verdade, eu quero você

CAPÍTULO VINTE E SETE

COLE

— Feliz aniversário. Está pronto para a sua surpresa? — disse Baby ao me ligar.

Eu estava na casa para alugar, vizinha a meu apartamento; tinha invadido logo depois do café da manhã. E por café da manhã quero dizer uma banana dentro de um pão de cachorro-quente, e por invadir quero dizer que descobri que uma das portas de correr dos fundos estava destrancada. Não estava muito animado com meu aniversário, embora não soubesse bem por quê.

— Vou gostar? — falei.

— Eu me esforcei muito para isso.

— Pode me dar uma dica?

— Só aproveite a viagem — disse Baby. — Talvez seja melhor você usar calças. Espero que esteja compondo algumas músicas.

A primeira surpresa chegou à minha porta às dez da manhã. Na verdade, não chegou exatamente à minha porta. Chegou à viela atrás da casa e fez uma barulheira até eu subir para o terraço para ver o que estava acontecendo.

Lá embaixo havia um reluzente Lamborghini azul-

celeste acelerando sem parar. Por um breve instante, pensei: *É um presente e tanto*, depois me dei conta de que o verdadeiro presente estava ao volante na forma de uma latina mignon e deslumbrante com óculos aviador de aro branco. Ela parecia não só mais rica como mais famosa que eu, porque era mesmo. Meu coração deu um solavanco involuntário.

Ah, Baby, sua desgraçada esperta, pensei.

— Magdalene — gritei lá para baixo. — Que gentileza a sua aparecer.

Quando conheci Magdalene, ela tinha acabado de ser descoberta em uma cidadezinha do Arkansas, Georgia ou Carolina do Sul, filha de um mecânico ocasional que se divertia correndo de carro e cantando em shoppings locais. Ela acabara de se formar no ensino médio e de lançar seu primeiro single, e estava procurando um pouco de exposição.

Ela gravou “Spacebar” conosco e depois seguimos caminhos diferentes. Ou seja, tornei a NARKOTIKA famosa

em alguns países e depois desmaiei em minha própria baba. E ela gravou um dos cinco mais vendidos discos de dance da década, casou e se divorciou de dois atores e uma atriz em dois anos, perdeu e recuperou a carteira de motorista por participar de um racha, e estrelou um dos filmes da franquia *Clutch*, o único que gerou lucro. Eu ainda tinha o pôster que ela me enviara. Com uma caneta azul metálica, ela escrevera:

Cale a boca (e dirija), Cole

Pelo que eu sabia, era dela a maior coleção de supercarros azul-celeste da América do Norte.

Magdalene também era a bêbada mais divertida que já conheci. Em um perigoso momento do passado, eu sentira uma paixão avassaladora por ela. Tinha certeza de que Baby sabia de tudo isso. Eu me perguntei o que ela esperava que eu fizesse neste episódio.

— Feliz aniversário, Cole St. Clair! — Magdalene acelerou o

Lamborghini mais uma vez. O vento veio de algum lugar e fez seu cabelo preto voar. A ondulação das mechas sugeria que tinham sido construídas por uma equipe de especialistas. — Entre no carro antes que eu fique sem gasolina!

Eu me inclinei no parapeito, absorvendo o azul do carro. Notei que T estava estacionado atrás dela em uma van, gravando cada segundo. Além disso, Magdalene tinha um discreto microfone preso a sua regata cintilante.

— Aonde vamos? —
perguntei em voz alta.

— A Baby me disse que
íamos gravar uma música.

— Ah, não diga.

— Só gravo na minha casa.
Espero que você tenha alguma
coisa que fique bem para a
minha voz.

— Minha baterista não vai
caber no carro.

— Ela pode pegar aquilo ali
— disse Magdalene. Desprezo
escorreu de sua voz e se
acumulou ao redor dos pneus
do Saturn.

A imagem de Leyla sendo

forçada a dirigir o Saturn outra vez foi um poderoso motivador. Eu me afastei do parapeito. A caminho da escada, mandei uma mensagem de texto para Isabel. **O Cole Virtual pode esquentar. Episódio está acontecendo.**

Isabel respondeu: **A internet nunca dorme**

Retruquei: **você podia vir junto**

Isabel: **droga de aula até tarde**

Escrevi: **diga que é meu aniversário**

Ela não respondeu, mas eu

não esperava que respondesse.
Liguei para Jeremy.

— Estou mandando um carro para buscar você. Tem um episódio acontecendo.

— Qual é o caminho? — perguntou Jeremy.

— Não faço ideia — falei.

Magdalene me levou para seu estúdio em Long Beach. Eu nem chamaria aquilo de estúdio. Não sabia do que chamar. Era um galpão perto do aeroporto de Long Beach com o piso todo de concreto e portas gigantescas para

permitir a passagem de caminhões. Era grande o bastante para comportar um quarteirão inteiro de Venice. Metade do lugar estava repleto de supercarros azul-celeste. Eu não sabia o nome da maioria deles. Carros chatos com grandes motores e aerofólios que pareciam aparelhos de tortura. O piso de concreto entre eles estava sujo com grandes círculos de marcas de pneus, alguns borrados para o lado.

A outra metade do galpão era um estúdio. Era o maior e

mais sofisticado que eu já tinha visto, e eu já vira alguns estúdios bem grandes e chiques. Havia cabines de isolamento para cantores, cabines de isolamento para baterias, um piano de cauda e um piano vertical e um rack de sintetizadores, além de uma variedade de guitarras, baixos e violoncelos, todos apoiados em suportes esperando para ser usados. As paredes eram cobertas com estofamento acústico e do teto pendiam microfones em trilhos. Por um instante, achei ter sentido um

leve cheiro de lobo entre os consoles de mixagem, mas passou e pensei que talvez tivesse sido eu. Acima de mim, havia um enorme par de lábios 3D brilhantes, com direito a um piercing em argola, preso na parede. Eram maiores que qualquer um dos carros e vermelhos como o sangue de meu coração pulsante.

Era excessivo até para o excesso. Virei para Magdalene. Ela já estava bebendo alguma coisa em um copinho minúsculo.

Dica rápida: coisas em

copinhos minúsculos são mais fortes que coisas em copões.

Ela sorriu para mim. Era um sorriso de quem tinha visto dez mil câmeras. Duas das dez mil já estavam voltadas para ela.

— Quer alguma coisa? Devo ter algo que o interesse.

— Estou sóbrio — falei para Magdalene.

— Parabéns. — Magdalene riu, e sua risada foi um pouco áspera, como a minha quando eu fazia turnês demais. — O mundo precisa de mais padres.

Eu me perguntei se Baby esperava que brigássemos.

Deixei passar.

— Olhe para todos esses brinquedos que você tem aqui.

A parte mais insana era que aquele lugar era claramente uma manifestação concreta da imaginação dela. Ela era tão exagerada (cabelão, olhos grandes, regata cintilante apertada, piercing elaborado no umbigo, cinto mais largo que minha mão, calça boca de sino, coturnos) que se encaixava com perfeição ali.

— Espere até os meninos chegarem — disse ela. — Toque alguma coisa para mim.

Ela apontou para o piano. Era um Steinway de cauda inteira. Porque Steinways de meia cauda são para impostores.

Só existe uma opção quando lhe oferecem um Steinway de cauda inteira para concertos, sobretudo se for azul-celeste como aquele.

Eu me sentei.

Nem sempre fui um astro do rock. Não foram aulas de sintetizador que pedi a meus pais.

Toquei um pequeno fragmento de Bach.

Intencionalmente lento, afetado e suave, como um palhaço assustador ou uma piada envolvendo Bach. O piano estava com uma afinação incrível. Quase se tocava sozinho.

— Qual é, Cole — ronronou Magdalene, apoiando-se ao piano. Ela revirou os olhos para as câmeras. — Estamos sozinhos aqui. Tenho certeza de que você não está nervoso.

Sorri para ela, o sorriso Cole St. Clair, e toquei mais um pouco de Bach de qualquer jeito, mas rápido e hábil,

depois comecei os acordes de “Spacebar”.

Magdalene abriu um sorriso enorme, reconhecendo-os de imediato. Ela afastou o copo da boca e cantou o refrão quando cheguei a ele.

— Aperte, aperte, aperte!

Cada vez que ela repetia “aperte”, ela subia na escala. Cara, ela tinha uma voz e tanto. E ficara melhor desde que gravamos a música. Ela marcou a batida na borda do piano enquanto eu tropeçava e mergulhava pelo refrão, tentando traduzir os acordes do

sintetizador para um piano enquanto tocava. Fazia um milhão de anos que não tocava “Spacebar”.

Mas ainda grudava na cabeça.

Quem quer que tivesse composto essa música sabia o que estava fazendo.

Meu reflexo sorriu malicioso para mim no brilho da tampa aberta do piano.

Magdalene continuou cantando.

E ah... ah, era bom voltar a tocar. Ouvir outra pessoa improvisando em cima de sua

música, jogar um pouco de improviso para ela, repetir aqueles mesmos quatro acordes estrondosos que, por duas gloriosas semanas, os Estados Unidos haviam cantado sem parar até sonhar com eles.

Na época, tínhamos vendido os direitos para um comercial de carro e passado para outra coisa.

Magdalene gritou a última parte da escala no mesmo instante que eu caí sobre a escala mais grave do Steinway. Quando a última nota morreu,

ela pegou outro drinque.

Eu me perguntei se ela era o desastre reserva.

Ouvi palmas baixas. Jeremy e Leyla tinham chegado, assim como “os meninos”, os técnicos de som. Era o mais velho dos técnicos que estava aplaudindo. Um assistente nos filmava com o telefone.

— Posso colocar isso na internet? — perguntou ele.

— Por que não? Ele escreveu algo melhor para mais tarde — disse Magdalene com indiferença, depois se virou para mim. Eu ainda estava

meio destruído por me jogar nas praias da música. Ela colocou a mão pequena em minha bochecha. — Ah, Cole. Eu esqueci qual era o som do talento.

CAPÍTULO VINTE E OITO

ISABEL

Se dissesse que nunca tinha faltado a uma aula de AEC e que estava abrindo uma

exceção por Cole, estaria mentindo. Sempre considerara aulas um conceito negociável. A única coisa que importava era a nota. Desde o ensino médio, direto percorria aquela discreta e perigosa linha entre saber toda a matéria e me dar mal por não participar.

Mesmo assim, até então a única vez que eu tinha faltado à aula de AEC fora no aniversário de meu falecido irmão, Jack, mas não estava pensando nisso quando faltei. Só estava pensando que sentar em uma escola que não era a

minha por mais seis horas ia me deixar violenta e fisicamente doente.

Desta vez, faltei por outro aniversário: o de Cole. Mas não queria fazer uma surpresa até ele ter tido tempo de trabalhar um pouco, então me vi com um belo pedaço de dia sem nada com que preenchê-lo. Em geral, esses enormes espaços de tempo me encheriam de ansiedade e ódio pelo planeta, mas naquele dia as horas foram benevolentes. Decidi pegar Sofia na aula de *erhu* e fazê-la comprar botas sexy

antes de ir para Long Beach e Cole.

Eu não sabia o que era aquela coisa dentro de mim. Seria bom-humor? Parecia.

Quando, entretanto, desci a escada da Casa da Ruína, com as chaves da prisão tilintando alegres com a melodia da fuga, vi meu pai parado no vestíbulo. Ele estava arrumado e tinha um ar poderoso, uma faca mal embainhada em um terno cinza.

Hesitei. Esse foi meu erro. Meu pai tinha sido criado e treinado para sentir fraqueza.

Em um segundo, seus olhos tinham se voltado para mim.

PAI: *Isabel.*

ISABEL: *Pai.*

PAI: *Não use esse tom comigo.*

ISABEL: *Esta é a minha voz.*

PAI: *Você sabe exatamente do que estou falando.*

Pensei se conseguiria voltar para meu quarto e descer de rapel pela janela. Em termos físicos, seria possível. Na prática, ia sujar minha blusa. O objetivo era estar linda para Cole mais tarde. Com sorte,

aquilo não ia durar muito.

Lá de baixo, meu pai olhava para mim. Seus olhos estavam febris, como acontecia quando ele trabalhava em casos importantes.

PAI: *Precisamos conversar com você.*

ISABEL: *Estou saindo.*

PAI: *Não é opcional.*

ISABEL: *Eu o encorajo a definir a palavra opcional enquanto saio.*

PAI: *Isabel... por favor... por favor, desça. É importante.*

A voz dele ficou estranha.

Desci.

Senti um nervosismo desagradável dentro de mim, como quando ouvira a notícia sobre Jack.

Eu o acompanhei até a cozinha. Como estava de dia, todas as luzes estavam apagadas, mas o sol estava alto o bastante no céu para não atravessar as janelas. Isso deixava o cômodo frio e hostil. Minha mãe já se acomodara lá dentro, apoiada à bancada de braços cruzados. Ela tinha se vestido de desprezo. Não era seu melhor visual, mas caía

melhor do que lágrimas.

Meu bom-humor parecia uma espécie ameaçada de extinção.

Tentei imaginar o que poderia colocar aquela expressão no rosto de meus pais.

Achei que sabia. Só não queria...

— Nós decidimos nos divorciar — disse minha mãe.

Pronto.

Depois de todas as sugestões, predições e ameaças, enfim aconteceu.

— Claro que decidiram —

falei.

— Isabel — repreendeu
minha mãe.

Meu pai ergueu o rosto de repente. Ele não tinha ouvido o que eu dissera porque estava ocupado cortando a garganta do meu bom-humor na bancada da cozinha. Por sorte, o granito fora escolhido para fornecer uma superfície fácil de limpar sangue, suco de laranja e decepção.

Tentei pensar nas mudanças que isso causaria. Não sabia se de fato pioraria as coisas. Ou melhoraria. Ou as tornaria

diferentes. Pensei que, depois disso, quando eu fosse para a faculdade, teria de visitar casas diferentes se quisesse ver os dois. E pensei que, se Jack voltasse num passe de mágica, não reconheceria sua família, pois ela tinha se desintegrado. E pensei que o amor era estatisticamente inútil e que aquilo tudo não era uma surpresa nas atuais circunstâncias.

— Você está chorando? — perguntou minha mãe.

— Não — respondi. — Por que eu estaria chorando?

— A Lauren disse que a Sofia chorou muito quando descobriu sobre ela e o Paolo.

Tanto eu quanto meu pai olhamos para minha mãe.

— Quando? — perguntei, mas soube que era uma pergunta imbecil assim que a fiz.

Um divórcio não era como um casamento ou uma festa de aniversário. Não se marcava uma data e comprava flores. Pensei nas fotografias que enfeitavam toda a entrada de nossa casa de Minnesota. Uma seleção de fotos de casamento

e lua-de-mel. Meu material genético era bastante atraente, e eles eram um casal lindo em todas as fotografias. Gostaria de dizer que mesmo naquelas imagens mais antigas dava para ver as sementes da discórdia, mas seria mentira. Eram fotos lindas e espontâneas de dois jovens lindos e apaixonados um pelo outro. Eles estavam apaixonados antes de se casarem, apaixonados no casamento e apaixonados quando tiveram o bebê Jack e a bebê Isabel.

Não mais.

— Quer conversar sobre isso? — disse meu pai.

— Nós *estamos* conversando sobre isso.

Minha mãe lançou um olhar a meu pai como se fosse óbvio.

— E quanto ao Natal? — perguntei. Era uma pergunta idiota. Uma pergunta infantil. Fiquei imediatamente furiosa comigo mesma por fazê-la. — Deixem para lá — respondi a minha própria pergunta.

— Ah, querida, eu não sei. Ainda faltam meses — falou minha mãe, o que me fez

imaginar se eu chegara a dizer a parte do *deixem para lá* em voz alta. Pensei e tive certeza de que me lembrava da ação de formar as palavras.

Eu me perguntei se devia recuperar o cadáver de meu bom-humor para lhe dar um enterro apropriado ou se devia só deixá-lo ali na Casa da Ruína.

Minha mãe não estava usando sua aliança. Notei isso nesse momento. Meu pai também não. Tive vontade de rir. Uma risada realmente terrível e fria. Em vez disso, fiz

um leve som de desdém. Meu rosto precisava fazer *alguma coisa*.

— O que você precisa de nós? — perguntou minha mãe.

A pergunta foi feita na exata cadência de voz que deixava claro que seu terapeuta, o dr. Carrotnose, lhe dissera para fazê-la. Divórcio clássico.

— Sua genética — respondi. Minha pele estava meio formigando. — E isso eu já tenho. Então, obrigada. Parabéns pelo término iminente. Bem, por torná-lo oficial. Estou indo.

— Isto é inaceitável —
anunciou meu pai.

Ele estava certo, mas não
havia nada a fazer além de
aceitar.

— Isabel... — chamou minha
mãe, mas eu já tinha ido.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

COLE

Naquele dia, a versão acústica de “Spacebar” se embrenhou pela internet

enquanto nós nos embrenhávamos por “Air Kisses”, a música que eu decidira tentar gravar naquele dia. Tive que refazer a letra na hora (de qualquer forma, ficava melhor com uma vocalista, mas, quando escrevi, parte dela falava de mim, e eu não queria ouvir Magdalene cantar sobre Isabel, mesmo que só eu soubesse que era disso que se tratava). Enquanto os outros pararam para almoçar, fiquei com os fones de ouvido, debruçado no Korg, escrevendo uma ponte nova. Gravei e

regravei minha batida do coração no sintetizador. Fiz Leyla gravar, regravar e regravar outra vez sua parte na bateria, o que ela fez sem reclamações ou brilhantismo. Jeremy observou em silêncio durante as primeiras horas e depois, na quarta hora, escreveu um riff de baixo que deixou todos em silêncio. Depois disso, Magdalene entrou na cabine, acariciou o microfone e soltou uma faixa vocal que deixou todos aos berros.

Ela estava muito bêbada.

Dois anos antes, eu também estaria.

Qual é o caminho, Baby?

Então, enquanto dois dos meninos de Magdalene mixavam o refrão, ela abriu uma das enormes portas para nós não morrermos de intoxicação por monóxido de carbono, e dirigimos seus lindos carros em círculos no galpão e depois pelo estacionamento circundado por cerca de arame.

O sol estava alto e depois desceu enquanto trabalhávamos. Um dia inteiro

desapareceu no microfone. Poeira pairava no ar em grandes nuvens sufocantes, laranja e violeta ao pôr-do-sol, tudo lindo, industrial e apocalíptico com os galpões e os carros azul-celeste.

Talvez esse fosse o único objetivo do episódio. Excesso invejável e lindo, boa música e gente bonita.

Quando peguei o carro número quatro ou cinco, um Nissan GT-R ou algo chato e em forma de boca como ele, Magdalene se sentou no bando do carona a meu lado.

— Leve-o para a estrada e me traga de volta. Veja o que ele pode fazer! — gritou ela, apontando para a estrada perfeitamente reta que passava na frente do galpão. — Voltaremos em dois minutos, meninos!

Então ela virou pra mim e disse:

— Acelere, garoto.

Não sabia o que era aquilo, mas não era o Saturn, e era incrível.

Eu o deixei correr até a extremidade do estacionamento. Pouco antes

de sairmos cantando pneus pela longa estrada reta para o aeroporto, Magdalene arrancou seu microfone e o jogou pela janela. Pelo espelho retrovisor, eu o observei rolar no cascalho até sumir.

— Vandalismo — comentei, inquieto. — A Baby não vai gostar.

O ponteiro do velocímetro subia e o galpão desaparecia em uma nova nuvem de poeira.

— Está gostando da sua jaula? — disse ela, com a voz enrolada e sexy.

O motor urrou. Pelo espelho retrovisor, vi que os câmeras tinham ido até a estrada para filmar nossa curta fuga.

— Que jaula?

— Aquela onde ficam olhando você zanzar. Tenho uma coisa para você — disse ela. — Assim que sairmos de vista.

Errei uma mudança de marcha. O que sabia de direção? E que carro era aquele, afinal? Já estávamos a 130 quilômetros por hora, e eu tinha quase certeza de que ainda estávamos em terceira e

que havia pouca estrada pela frente.

— Se está falando de drogas, querida, eu estou careta.

A estrada acabou de repente em um enorme estacionamento. Antes que eu pudesse pisar no pedal do freio, Magdalene se inclinou e puxou o freio de mão. O carro girou na hora. Por um instante, não tivemos peso. Era vida e morte, parar e seguir ao mesmo tempo. O carro deslizou para o lado, com o volante inútil, mas não havia nada em que bater.

Caos sem consequência.

Magdalene soltou o freio. Com um solavanco, o carro terminou o giro. Estávamos de costas para a direção da qual tínhamos vindo. Massas de poeira passavam por nós.

— Eu sou a melhor — observou Magdalene. — Cole, você nunca esteve careta.

— Não estou usando nada — falei enquanto o para-brisa clareava. — Me dê um crédito.

— Você é um viciado — disse ela. — Você seria um viciado mesmo que nunca tivessem inventado uma droga. Conheci

você antes de começar a usar.
Você não é diferente agora.

O carro fazia muito barulho,
mesmo em ponto morto.

— Agora estou sóbrio.

— E também estava sóbrio
naquela época. Talvez o mundo
ache que você amava heroína,
mas eu sei qual é seu
verdadeiro vício.

Olhei para ela. Ela olhou
para mim. Eu queria que ela
disse *música*, mas não ia
dizer. Tínhamos começado
aquilo como iguais:
adolescentes ambiciosos sem a
menor ideia do que fazer

quando o teto fosse removido do mundo.

— Você viu aqueles grandes macacos preto e branco no zoológico? — perguntou ela. — Eles passam o dia inteiro sentados mexendo na bunda *hu hu hu*, até uma multidão aparecer. Aí eles pegam todos os brinquedos da jaula e começam a jogá-los e fazer palhaçadas. Fazem isso para entreter. Fazem isso porque tem gente olhando. Não tem nada a ver com os brinquedos. Tem a ver com a plateia.

Ela estava falando do

caminho. Então sorriu, impetuosa e linda, apenas a garota que eu me lembrava de ter aparecido no estúdio no primeiro dia, antes de tudo dar errado.

Magdalene abriu a mão e ali havia um ecstasy.

— Quem é seu amigo? Eu sou.

Odiei minha vontade de tomá-lo. Meu coração acelerou como se eu já tivesse tomado.

Acima de tudo, porém, odiei que Magdalene acreditasse naquela antiga versão de mim. Ela tinha certeza absoluta de

que eu já tinha caído. O mundo não queria que eu me reinventasse. Ninguém no mundo.

— A Baby deu isso para você? — perguntei.

Ela fez um som de desdém. Foi acompanhado pelo hálito com um cheiro forte de álcool. Ela era uma bêbada muito agradável e amistosa.

— Ah, Magdalene, Magdalene. O que ela falou quando pediu para você participar do programa?

Magdalene sorriu para mim, colocando a outra mão de novo

em meu rosto. Esse sorriso era real, não aquele de antes, pronto para a câmera. Seus lábios obscenamente bonitos se entreabriram, revelando seus dentes um pouquinho separados. De repente me lembrei de Jeremy dizendo que via todos como crianças, e do nada a vi como a menininha que devia ter sido antes de ser descoberta. Foi a coisa mais triste que já imaginara. Eu não entendia como Jeremy aguentava aquilo.

— Ela me disse para ser eu mesma — disse Magdalene.

Fechei sua mão sobre o ecstasy. Seus olhos se arregalaram de surpresa.

Cole, qual é o caminho?
Ninguém além de mim ia dizer como ser Cole St. Clair.

— É — falei. — Ela disse isso para mim também.

Quando a van das câmeras se aproximou, engatei a marcha do carro e voltei cantando pneus pelo mesmo caminho.

CAPÍTULO TRINTA

ISABEL

Eu não estava no clima de escolher botas sexy. Não estava nem no clima de olhar pessoas

famosas e dissecar o que as tornava famosas. Estava no clima para trabalho de laboratório. Quando eu tinha aula de Biologia Avançada, descobrira que não existia nada como arrancar, cortar e observar para ocupar as partes mais ativas de meu cérebro. No mínimo, a biologia era implacavelmente lógica. Era impossível alterar suas regras. Só se podia trabalhar dentro delas.

Aquilo, entretanto, não era biologia. Era a Sunset Plaza, meio que o oposto da biologia.

Desafiava a lógica. Era famosa por ser cheia de gente famosa, mas, fora isso, não era tão excepcional. Na verdade, o interior da Erik's não era grande coisa. A loja estreita tinha um carpete fino de alto tráfego, plástico transparente e luzes fracas que não substituíam o sol bloqueado pelo toldo amarelo na frente. A .blush. era muito mais bonita, na minha opinião.

Mas a aparência surrada identificava que a Erik's era uma instituição. Quem sobrevivia naquela cidade sem

ser deslumbrante é porque era alguma coisa. Enquanto essa loja comum seguia em frente com idade e esperteza, as vitrines vizinhas, novas e lindamente arrumadas, estavam sempre para alugar quando seus lindos novos inquilinos eram devorados por Los Angeles.

— Sofia — disparei, salvando-a de ser atropelada por um velho Escalade. — Olhe por onde anda.

A atenção de Sofia flutuou para mim, mas ela continuou olhando as outras pessoas da

Strip.

— Viu aquela mulher ali?
Acho que era a Christina...

— Provavelmente —
interrompi. — Estrelas de
cinema. Essa é a vista aqui. A
menos que você seja uma
delas, não recomendo entrar
no meio do tráfego. Não vão
parar.

Sofia continuou olhando,
então segurei seu braço e a
conduzi, como um cão-guia, de
onde tínhamos estacionado até
a Erik's, do outro lado da rua.
Quando entramos na loja
escura, eu a libertei na

natureza. Enquanto ela passava devagar pelas prateleiras, peguei o Cole Virtual para ver como o mundo estava reagindo à “Spacebar” acústica.

Bem. Estava reagindo bem.

Na verdade, ele se debatia, guinchava, odiava, gritava e aplaudia deliciado. Os blogs de música a disseminavam. Pedacos da música forneciam a trilha sonora para GIFs antigos de Cole jogando coisas pela janela de um hotel. Palavras piscavam na parte de baixo: *COLE ST. CLAIR ESTÁ DE VOLTA.*

As quatro câmaras do meu coração estavam vazias.

Atualizei o Cole Virtual, respondendo e redisseminando conforme a necessidade, mas minha mente vagava de volta a Minnesota. Cole se arrastando pelo corredor de uma casa que eu não esquecia. Ele era um garoto e um lobo, depois um garoto de novo. Ele me implorou para ajudá-lo a morrer. A morrer ou a continuar sendo um lobo.

Minha mente atravessou o corredor, passou por Cole e entrou em outra lembrança

naquela casa. Meu irmão Jack, à beira da morte no quarto no fim do corredor. Encolhido na cama, queimando de febre, determinado a permanecer humano ou morrer tentando. Tudo cheirava a lobo e morte. Talvez não existisse uma diferença entre os dois.

COLE ST. CLAIR ESTÁ DE VOLTA. Será que o lobo também estava de volta?

Percebi que seguia Sofia com os olhos colados ao telefone havia algum tempo. Ergui o rosto e vi que ela estava olhando um par de sandálias

de tiras que nunca usaria. Ela as observou por tanto tempo que notei que não estava realmente olhando para elas.

— Sofia — falei. — Está esperando que elas falem alguma coisa para você?

Ela esfregou a própria bochecha e piscou os cílios escuros para mim com um sorriso de desculpas.

— Só estou distraída. Meu pai está vindo fazer uma visita!

De imediato, pensei na conversa com meus pais na cozinha. Não me lembrava de nenhuma parte dela tão bem

quando me lembrava da voz de meu pai ficando estranha quando ele me disse que precisávamos conversar. Tive vontade de derrubar alguns sapatos das prateleiras. Quem diz que não ajuda em nada jogar coisas quando se está zangado nunca jogou coisas quando estava zangado.

— Vai ser uma maravilha — falei.

Sofia ia assentir quando percebeu meu sarcasmo.

— A minha mãe falou que talvez saia com a gente — disse ela com toda a seriedade.

Seu rosto brilhava.

Eu não tolerava a esperança em sua expressão.

— Ah, por favor! Eles não vão voltar, Sofia!

Parecia que eu tinha batido em minha prima, pois as bochechas dela ficaram muito vermelhas.

— Eu não falei isso!

— Mas seu rosto falou. Não é assim que o mundo real funciona.

Como era de esperar, seus olhos brilharam, ameaçando lágrimas.

— Não tem *nada* a ver com

isso. Só vamos passar o dia juntos.

— Sêrio? Nem mesmo uma parte pequenininha de você acha que eles vão voltar?

Sofia balançou a cabeça feroz. Ela passou as costas da mão nos olhos. Ainda estavam secos, mas ela ficou com uma linha de rímel preto na mão.

— Só quero ficar um pouco com ele de novo. É só o que me importa — insistiu ela.

— Bom, ótimo — falei. — Tenho certeza de que não vai ser nem um pouco estranho.

Sofia encarou os próprios

pés. Eu odiava o fato de ela nunca retrucar. Não me sentiria tão babaca se ela se desse ao trabalho de contra-atacar. Mas ela se limitou a passar uma das mãos na saia, alisando-a, e depois pelo cabelo, e aí colocou uma mão sobre a outra, como se estivesse reconfortando-a e colocando-a para dormir.

— Não estou de bom-humor — falei para ela.

— Tudo bem — disse ela para os próprios sapatos.

— Não está tudo bem — falei. — Me mande calar a

boca.

Uma lágrima pingou no sapato de Sofia:

— Eu não quero. E, de qualquer forma, você sempre diz a verdade.

Não mencionei o outro lado da moeda: que às vezes a verdade não era a coisa mais útil de se adicionar a uma conversa. Eu sabia *agora*, minutos depois de ter começado a conversa, que o jeito certo de responder a “Meu pai está vindo fazer uma visita!” teria sido “Que legal! Aonde vocês vão?”.

— Certo — falei. — É... Você vai comprar sapatos?

— Não preciso de sapatos.

Mordi a língua para não perguntar por que ela então tinha vindo, afinal. Ela tinha vindo porque eu pedira.

— Então vamos embora antes que o trânsito piore. Preciso chegar a Long Beach.

Era difícil me lembrar de meu humor daquela manhã. Era ainda mais difícil imaginar que qualquer tipo de supressa de aniversário seria bacana o suficiente para compensar a expressão de desânimo no

rosto de Sofia, que eu colocara ali.

Quando empurrei a porta, quase esbarrei em Christina. Depois que ela me xingou e disse “Ei, saia da frente”, percebi que não era a Christina, só uma das muitas jovens famosas intercambiáveis que frequentavam aquele lugar, mulheres que ficavam lindas e magras na tela e que, pessoalmente, eram só ossos, pés grandes e óculos escuros imensos.

— Ah, por favor — falei para ela, e saí estalando os saltos

para a calçada sob um sol implacável.

Atrás de mim, Sofia não olhou a falsa Christina nos olhos. Sua mão estava na cintura. Eu vi que ela se sentia gorda, porque a falsa Christina era desnatada, e Sofia era semi. Vi que ela se sentia triste, porque sua prima era uma escrota. Eu sabia que, apesar de tudo, ela ainda estava um pouco animada com a visita do pai.

Eu odiava aquele lugar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

COLE

Sentei na cabine de gravação com fones no ouvido e com as pernas apoiadas na estante

para partituras diante da cadeira giratória, e ouvi a música. Eu adicionara meus vocais ao refrão no último minuto.

Estava bom. A música toda estava boa. Não só boa, mas *boa*.

Embora já tivessem passado horas e horas e eu devesse estar exausto, sentia como se tivesse acabado de acordar. Meu coração tinha estourado de vida frenética. Ou meu cérebro. Ou meu corpo.

Às vezes, quando eu terminava uma música, tinha

um momento no qual sabia que ela ia conquistar o mundo. Aquilo tinha a ver com subjetividade? Saber que você tinha feito algo que ficaria bom ao ser tocado em um ringue de patinação? Ou era um tipo de sexto sentido que só viajava por fios de caixas de som?

Peguei meu telefone. Liguei para Sam, que não atendeu, e deixei um recado de voz que era só a música. Liguei para Grace e fiz a mesma coisa.

Não me sentia mais completo do que antes. Liguei para Isabel, embora soubesse

que ela estava na aula. Não esperava que ela atendesse, mas atendeu.

— Acabei de fazer algo magnífico — contei. Eu a queria ali comigo, de um jeito brutal, repentino e interminável, que era como a música em minha cabeça. — Venha aproveitar a minha glória.

— Estou na aula — disse ela em voz baixa. — Explique melhor.

Eu tinha tirado os fones de ouvido, mas a música continuava a tocar por eles.

Sentia o baixo pulsar a batida na minha coxa. Parecia o fim do mundo. Ou, tipo, a criação. Algo estava explodindo. Eu precisava da ajuda dos anjos. Não era bom um homem ficar sozinho nesse estado.

— Acabei de explicar.

— Use mais palavras.

Minhas palavras eram *Eu preciso de você agora preciso beijar você quero você aqui quero simplesmente ter você*, mas tive dificuldade de traduzir.

— Acabei de gravar minha primeira música de verdade desde que morri, ela vai

devorar todas as pistas de dança do país, não é nem a melhor que já compus até agora, estão me pagando para entrar no estúdio e gravar as outras e mal posso esperar. Mal posso esperar, quero fazer isso esta noite, e quero você aqui porque é idiota fazer sozinho.

Não sabia quantas dessas palavras eu tinha dito em voz alta, ou se essas sequer tinham sido as que usei. Meu cérebro tropeçava sobre si mesmo, todo adrenalina repentina, sentimento e música, e minha

boca não acompanhava.

— Você está doidão? —
perguntou Isabel, desconfiada.

Eu ri. Estava alto, mas não
do jeito que ela achava.

— Consegui. Fiz uma coisa,
Isabel!

— Muito bem. Eu já... droga.
Preciso desligar. Mas, lembre-
se... — Ela fez uma pausa, e
pensei ter ouvido uma buzina,
mas deviam ser apenas vozes
na aula dela. Tentei dizer a
mim mesmo que tinha sorte
por ela sequer ter atendido.
Quando um paciente tem uma
religião diferente da sua, não é

uma oportunidade de evangelizar, mesmo que ele esteja no leito de morte.

— Agora sou um AEC? — perguntei.

— Sim — disse Isabel. E desligou.

No fone de ouvido em meu colo, ouvi a música voltar ao começo. Sentia que estava com o pé no acelerador e não tinha para onde ir. Para cima para cima para cima.

Magdalene abriu a porta com força e um sorriso enorme.

— Agora — disse ela. — Vamos comemorar.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

ISABEL

Estava levando uma eternidade para chegar até Cole. Primeiro foi um acidente,

depois algum tipo de evento enorme na cidade, e então a hora do rush, e aí outro acidente. Os carros se arrastavam ao longo da autoestrada. Meu percurso de 45 minutos se transformou em uma hora e meia, depois em duas horas. O céu ficou rosa, pegou fogo e então escureceu.

Meu humor foi de mau a pior a péssimo.

Disse a mim mesma que valeria a pena pela expressão dele quando eu aparecesse no estúdio, presumindo que ele ainda estivesse no estúdio

quando eu chegasse lá.

Coloquei o rádio no volume máximo que conseguia aguentar, tentando abafar a visualização contínua da cena com meus pais na cozinha. Todas as palavras tinham desaparecido, apenas seus gestos sobreviveram. Como um programa de televisão no mudo. O nome do episódio: “Os Culpeper se divorciam”.

Eu não sabia por que me importava. Meu pai não morava conosco. Eu estava prestes a ir para a faculdade. Eles se odiavam, e era isso o

que adultos que se odiavam faziam. Aquilo não mudava nada, só tornava oficial.

Mas eu não me convenciam a não me importar.

Então me concentrei em ir até o estúdio de Magdalene. Não tinha sido difícil encontrar o endereço na internet, porém, não sabia o que esperar. Parecia um velho galpão nas fotos. Um velho galpão no meio do nada.

Quando cheguei lá, parecia uma boate.

O estacionamento estava cheio de carros. Dezenas e

mais dezenas de carros, aglomerados, estacionados de lado, bloqueando a passagem uns dos outros. As pessoas tinham vazado para o estacionamento, riam e bebiam.

Uma festa.

Eu não deveria ter ficado surpresa, mas estava.

Eu não estava com cabeça para uma festa.

Por um instante breve e egoísta, pensei em virar as costas e ir para casa. Cole não teria como sequer ficar decepcionado, pois não sabia

que eu estava a caminho.

Mas aí pensei no que me esperava em casa.

Devia ter ido para a aula.

Fechei os olhos, depois abri e verifiquei minha maquiagem no retrovisor. Tentei imaginar o que encontraria do outro lado daquelas portas. Uma grande festa cheia de gente se divertindo, e Cole sentindo pena de si mesmo em uma cabine de gravação, triste e sozinho na multidão. Cole sempre gostava de se ver como solitário, por mais que as circunstâncias o

questionassem.

A única coisa que me fez me mexer foi pensar no quanto ele ficaria feliz em me ver. Saí do carro.

Lá dentro, o imenso galpão fervia. Música martelava no alto. O chão estava pegajoso e coberto de álcool. Havia um milhão de pessoas dançando. Muitas garotas. Tudo cheirava a cerveja. Bem acima, havia dois gigantescos lábios vermelhos.

Então o achei.

Cole St. Clair estava sentado em um sofá sendo carregado

por quatro rapazes, e havia uma garota do outro lado do sofá. Ela era famosa, linda e estava com o sedutor braço dourado ao redor do pescoço dele. As câmeras os fixavam com adoração.

Meu estômago foi o primeiro a sentir. Eu não me movia.

Tentei ser justa. Disse a mim mesma que ele não estava se agarrando com outra pessoa. Disse a mim mesma que ele só parecia doidão no telefone, que eu não tinha certeza. Disse a mim mesma que só imaginara o cheiro de lobo nele antes;

não o vira se transformar desde que ele tinha chegado.

Disse a mim mesma que era possível ele estar careta, que ele não era um traidor e que não era o Cole St. Clair da NARKOTIKA.

Contudo, não tirava os olhos de Cole sentado no sofá com aquela garota absurdamente bonita. Porque sem dúvida aquele cara parecia o Cole St. Clair da NARKOTIKA.

Humilhação e raiva me rasgaram por dentro.

Ele não sabia que eu estava ali.

Eu ia embora.

Eu ia embora.

Eu ia embora assim que desviasse os olhos.

Cole me viu bem na hora em que arranquei os pés do chão e dei as costas, remexendo a bolsa em busca da chave do carro. Vi os olhos dele me encontrarem, só por um segundo, e depois soube que tinha ficado tempo demais. Porque agora ia ficar...

— Isabel! Ei! *Ei*.

Continuei andando. A porta do galpão parecia estar a quilômetros de distância. Eu a

via, mas ela nunca ficava mais próxima. Não me virei. Continuei em frente. As pessoas saíam do meu caminho.

— Isabel!

Lá fora, na escuridão da noite, inspirei várias vezes o ar vazio, tentando encher a cavidade oca dentro de mim.

— *Ei.* — Cole segurou meu braço, me interrompendo.

Àquela distância, pude sentir o cheiro de álcool e maconha. E lobo. Lobo lobo *lobo*. Estava por todo o seu corpo.

Eu nunca tinha deixado

aquela casa em Minnesota.

Virei para ele e rosnei:

— Tire. A. Mão. De. Mim.

No escuro do
estacionamento, os olhos dele
estavam animados e
brilhantes, mas com olheiras.
Ele estava cansado e acordado.
Alto e baixo. Subindo e
despencando. Transformando
pessoas em objetos e
descartando-as.

— O que foi? — perguntou
ele.

— Essa pergunta não é nem
remotamente apropriada para
este problema — respondi.

Senti que precisava gritar para ser ouvida acima do som, mas na verdade só sentia a música que vinha do prédio sob os pés.

— Que problema é esse? Vai me dar uma dica?

Apontei um dedo para ele.

— Você! Você é o problema!

Cole estreitou os olhos:

— Então é um problema *incrível*?

A luminária industrial de arame do lado de fora do galpão chacoalhava e tremia com a batida lá de dentro. Algo dentro de mim fazia o mesmo

toda vez que eu pensava nele com aquela garota no sofá, toda vez que inspirava e sentia o cheiro da cerveja. Não sabia por que achei que conseguiria fazer aquilo.

— Quer saber? Só... nem quero pensar.

Soltei meu braço da mão dele com força e voltei a andar até meu carro. Estava parado na extremidade do estacionamento. Não parecera tão distante quando eu tinha chegado.

— Então agora é crime existir — disse Cole. — Isso

explica muita coisa.

A indignação era demais.

— Me ligue quando estiver sóbrio. Ou, melhor, não ligue — disparei.

Houve uma longa pausa, longa o suficiente para eu destrancar o carro e abrir a porta.

Então ele disse:

— Sóbrio? Eu *estou* sóbrio.

Aquilo era tão ridículo que me virei para ele.

— Qual é, Cole. Não insulte minha inteligência. Não sou idiota.

O rosto dele era uma

expressão clara da opressão absoluta. Ele abriu os braços.

— Eu não estava bebendo.

— Dá para *sentir o cheiro* em você! Impossível crescer na minha casa sem conhecer o cheiro de destilados, cerveja e vinho. Sem saber como deixavam o bêbado exagerado. Como eles se tornavam uma caricatura de si mesmos: silenciosos se eram quietos, um furacão se eram irritáveis.

— Tem cerveja lá dentro — disse Cole. — Tinha cerveja no sofá. Não tem cerveja dentro de mim.

— Sei. E aquela garota?

— *Que garota?*

— A que estava em cima de você? Aquela?

— Magdalene — disse ele em um tom de desdém. — Ela é uma bêbada louca. Aquilo não era nada.

Nada. Talvez para ele. Talvez para ele não contasse a não ser que houvesse nudez. Para mim, entretanto, que nunca tinha sido *namorada* de ninguém... Estava farta. Fora até ali para aquela surpresa idiota, aquela surpresa de aniversário, e estava cansada.

Desejei nunca ter ido e visto aquilo, desejei que ele nunca tivesse entrado na .blush. para começo de conversa e simplesmente não aguentei mais. Queria voltar a não dar a mínima. Sentia saudade daquela Isabel. Tudo doía.

— E o *lobo*?

Ele não respondeu de imediato. Uma resposta cintilou em seus olhos, rápida e culpada. Nossa, eu não aguentava. Eu soubera o tempo todo e só estava brincando de faz de conta.

— Então você é apenas o

Cole outra vez, não é? —
pressionei. — Cole St. Clair
está de volta!

— O quê? Ah. Não é isso.

— Pois é o que parece —
contra-ataquei.

— *Parecer e ser* não são a
mesma coisa. Senão seriam a
mesma palavra. Precisão,
Culpeper. Pensei que esse era o
seu forte. Se você estivesse
aqui em vez de sempre dizer
que não ia fazer parte do
programa do Cole St. Clair,
teria visto o que aconteceu de
verdade hoje. Não seria só
parte da audiência, não

acreditaria nos boatos.

— Não tente me fazer sentir culpada por não desempenhar um papel na sua vida.

— Se você se sente culpada é porque criou isso, não eu. Nunca pedi que fizesse parte do programa.

— Pedir?! Você não precisou. É como se fosse uma nuvem gigantesca que me segue para todo lugar!

— O que foi, agora me dei mal por uma coisa que nem disse? Por *pensar* que quero passar mais tempo com você?

Meus olhos ardiam como se

estivessem perto das lágrimas, embora eu não sentisse nenhuma emoção associada.

— Sim! Você sempre quer mais de mim. Ficar na boa com garotas peladas no seu apartamento. Ser você na internet. Ficar feliz quando você cheira a lobo. Mais, Isabel, mais! Bem, eu não tenho mais nada! Estou lhe dando o que posso dar sem... e é isso o que você faz?

Cole riu de um jeito muito sem graça.

— Isso? Isso? Eu nem sei o que é isso. Respirar?! Viver?!

Ser eu mesmo?! Que grande dia hoje se tornou! — Ele fez o leve gesto da NARKOTIKA que demonstrava que estava revelado algo novo. — Feliz aniversário, Cole! Um maravilhoso aniversário.

— Eu estou *aqui*, não estou?

— Dizendo que estraguei tudo!

Aquilo era demais.

— Porque você *estragou*.

Ele se aproximou bem de mim. Vi que estava zangado, mas não liguei. Lobo lobo lobo.

— Eu. Estou. Sóbrio.

Será que ele achava que eu

não sentia o cheiro nele?

— Que se dane.

— Que se dane? — repetiu ele. — Que tal acreditar na minha palavra?

— E por que eu faria isso?

— Que tal por confiar em mim?

— *Confiar em você?* Alguém faz isso? De todas as loucuras que eu faria, Cole, pode ter certeza de que essa nunca seria uma delas.

Sem mais nem menos, ele foi embora. Seu corpo ainda estava ali, mas seus olhos ficaram vazios. Cole St. Clair

deixara o local. Uma ótima brincadeira para festas, e a mais hábil objetivação de todas: pegar a pessoa que era ele e jogar fora. Eu teria me sentido culpada, mas vira o que vira. Não estava inventando nada aquilo. Sentia o cheiro de lobo, de cerveja, me lembrava do braço da garota possessivamente ao redor de seu pescoço.

Eu não ia me sentir mal.

Eu não ia me sentia mal.

— Não me ligue — falei. — Pare de fazer isso comigo. Eu não sou sua... Pare de fazer

isso comigo.

Entrei no carro.

Não olhei para trás para ver se ele ainda estava parado no estacionamento.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

COLE

Eu estava sóbrio.

Tinha falado a verdade, e não fizera diferença. No fim, ela

acreditara na mesma história que todos os outros.

De que adianta mudar se ninguém acredita?

Depois que Isabel foi embora, andei entorpecido pela festa. Sei que falei alguma coisa para Jeremy. Sei que sorri para a piada que um cara me contou. Sei que autografei o chapéu de alguém. Não me lembrava de muitos detalhes de nada. Todos se perderam no zumbido em meus ouvidos.

Passei pelas pessoas até encontrar Magdalene no sofá sob os lábios gigantes, ficando

com um de seus meninos.

— Tchau, querida — falei.
Meu sorriso era um cadáver
que ressuscitei rápido para ela.
— Estou indo.

Magdalene afastou o garoto
com um tapa.

— Está cedo! Está cedo, não
está? Não vá embora.

— Preciso ir — falei. —
Venha, me dê um abraço
fraterno.

Ela se levantou sem firmeza.

— Que tédio você estar
sóbrio! Fique.

Ela jogou os braços ao meu
redor de um jeito que eu não

teria aturado de minha irmã, se tivesse uma. Retirei seus dedos da minha boca. Precisava ir antes que sentisse-fizesse-virasse alguma coisa idiota. Precisava sair dali, precisava ligar para Isabel, precisava não ficar zangado e precisava não pensar nas muitas maneiras de me distrair desse sentimento...

— Mas espere, espere — disse Magdalene. — É seu aniversário.

— Eu sei.

— Você precisa ficar para o presente.

Eu olhei para trás dela. T estava ali com sua câmera, incapaz de esconder o sorriso satisfeito. Joan também segurava sua câmera. Percebi que o volume da música fora reduzido para aquele momento. Os convidados, tagarelando ansiosos em voz baixa, tinham se separado em uma linha irregular em direção a uma das portas do galpão. Estava totalmente aberta, e vi o céu noturno e milhares de estrelas gélidas.

Jeremy estava ao lado da porta, o único que não sorria.

Seu rosto estava atento.

— Vou gostar? — perguntei.

Magdalene me conduziu pelo corredor de gente até a porta. T se abaixou a nossa frente para pegar minha expressão; Joan vinha atrás.

Cheguei lá e olhei para o estacionamento escuro. Três projetores iluminavam o presente.

Era meu Mustang. Preto, brilhante, customizado e novo. Bom, não mais novo. Era novo quando eu o comprara, na época em que havia me recompensado por meu

primeiro disco chegar a platina, antes de perceber que não dava para levar um Mustang nem minha alma para uma turnê. Não era novo, mas ainda estava imaculado. Eu sabia que era meu Mustang de Phoenix, não só um carro de aluguel, porque ainda havia uma medalha de São Cristóvão pendurada no retrovisor, igual a como eu o tinha deixado.

Parecia derreter sob aquelas luzes. O preto da tinta refletia o preto do céu até só existir um vazio.

As portas se abriram.

Minha mãe saiu do lado do carona.

Meu pai saiu do lado do motorista.

Ele girava para continuar filmando meu rosto.

Ele refletia o carro que refletia o céu noturno que era uma fatia do universo que continua um nada infinito.

Não havia nada de errado com meu pai fora o fato de que seu rosto se parecia um pouco com o meu, e nada errado com minha mãe fora o fato de que ela usava um conjuntinho, e não havia nada de errado com

os dois juntos olhando para mim fora o fato de que parecia que o subúrbio tinha se transferido para dentro do meu coração.

— Feliz aniversário! — gritou um monte de gente atrás de mim.

Jeremy estava ali ao lado do carro, com os ombros curvados, me encarando. Ele era a única pessoa que sabia que aquilo não era um presente.

Olhei para meus pais. Eles olharam para mim. Eles olharam muito para mim.

Eu deixara que acreditassem que eu estava morto.

Eu não tinha ligado para eles quando o mundo descobrira que eu estava vivo.

A aparência deles não mudara em nada, embora estivessem um pouco mais empoeirados e velhos. Meu pai sempre fora frágil; agora parecia canceroso. Reconheci o agasalho que ele usava. Eu conhecia aqueles sapatos da minha mãe. Não havia nada de errado com eles, fora a imutável constância de suas vidas, um ciclo de

supermercado-escritório-
sábado-lavar-roupa-de-cama-
domingo-missa-terça-
ratatouille-noite-de-quinta-
reunião-da-igreja-enxaguar-
repetir.

Não havia nada de errado com eles fora o fato de que três anos antes eu tinha decidido que preferia morrer a acabar como eles.

Eram pessoas ótimas.

Tinham dirigido aquele carro até ali por mim.

Eu não me movia, temendo que o movimento disparasse reações emotivas neles.

Magdalene, com a voz alta e alegre, disse:

— *Este* vai ser um programa e tanto!

Significava que eu estava parado ali por tempo demais, com a expressão exposta demais, e Cole St. Clair não estava pronto para as câmeras desde sabe-se lá quando.

Mas eu não sabia o que ele ia fazer. Eu não sabia o que Cole St. Clair faria naquele momento, diante daquelas pessoas. Parte da razão pela qual eu o tinha criado era *porque* ele não podia coexistir

com eles. Porque ele era o oposto, tudo o que eles não eram. Ele era a alternativa a me matar com um tiro na cabeça.

A transformação não era cruel contanto que eu nunca voltasse para casa.

Então: aquilo.

Não precisava ter me preocupado com um reencontro lacrimoso. Meus pais olhavam as câmeras com timidez.

Isso, enfim, foi meu lembrete. Afinal de contas, ainda era o programa. Se eles

quisessem uma chance com o eu verdadeiro, teriam ligado antes.

Eu me joguei para a frente e peguei o cotovelo de minha mãe. Um ossinho de passarinho coberto pelo cardigã.

— Bem-vindos à televisão! Não sejam tímidos! Vamos fazer aquela velha coisa de mãe e filho?

Dei um grande abraço nela, uma coisa brega de Cole St. Clair, e depois a girei em um movimento de dança antes de me aproximar de meu pai. Ele

me olhou como se eu fosse um urso pronto para atacar quando contornei o carro em sua direção. Porém, não o abracei, apenas segurei sua mão. Balancei-a como um homem enquanto ele me encarava, boquiaberto. Então usei a outra mão para lhe dar um longo e complicado aperto de mano, com direito a batida de palmas e toque dos punhos no final.

— Que reencontro sensacional — falei para os dois e para os convidados que ainda observavam. Afastei a

mão flácida do meu pai de mim. — Que timing impressionante. Na verdade, acabei de gravar uma obra-prima lá dentro. Acho que vocês dois vão concordar que, depois de ouvirem a música tocar em um volume de fazer sangrar os ouvidos, não há escolha além de sacudir o esqueleto.

Fiz um passinho de dança para demonstrar. Meu olhar cruzou com o de Jeremy (eu não suportava encará-lo) e seguiu em frente.

— Não estava esperando isso

— disse minha mãe, dando uma risada-barra-tosse.

Meu pai tocou seu pomo de adão. Ele era o dr. St. Clair, e tinha duas vezes mais pontuação e cinco vezes mais instrução que o filho pródigo, uma versão acadêmica de mim.

— Achei que ia ser um jantar em algum lugar bonito...

Esta era minha ideia de um bom jantar: sentar no capô de um carro comendo um cachorro-quente com chilli. O que ele queria era: uma franquia de churrascaria.

Não aguentei.

— E em vez disso, vocês estão em Long Beach, em uma das festas mais sensacionais da noite.

Peguei a mão de Magdalene e a coloquei na de meu pai. Então peguei minha mãe e a arrastei suavemente para o outro lado de Magdalene. Fiz as duas darem as mãos. Meio agachado, dramático e teatral, indiquei o interior do galpão. Meus dedos estavam bem abertos, pintando uma imagem.

— Bom, estão vendo aquele país das maravilhas? — entoei.

— Vocês devem entrar para brincar. Esta é a vida! Esta é a Califórnia! É assim que a outra metade vive! Vão! Vão! Câmeras! Vejam a animação deles!

Mais pais olharam para dentro do galpão, procurando o futuro brilhante que eu tinha prometido.

Enquanto estavam lá, de mãos dadas com Magdalene, entrei no Mustang. Ainda estava ligado. Eles mal tiveram tempo de virar o rosto.

Saí em alta velocidade do estacionamento, batendo a

porta do motorista ao disparar. Tudo atrás de mim foi deixado na nuvem de poeira. Tudo se foi: a noite, as estrelas e a música que eu tinha criado.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

COLE

Dirigi.

Parte de mim queria

continuar dirigindo. Parte de mim queria parar.

Não sabia qual era pior.

No fim, eu não me concentrava mais na direção, então voltei para o apartamento. Meio que temia que houvesse câmeras lá, mas a viela estava escura, assim como o pátio.

Subi a escada para meu apartamento e tranquei a porta logo que entrei. Meus dedos estavam começando a ficar gelados. Tudo em mim tremia.

Não fiz o mínimo esforço para lembrar o rosto de meus

pais. Eles deviam achar que eu os odiava.

Eu não os odiava. Só não queria vê-los nunca mais. Não era a mesma coisa.

Meu telefone vibrou com uma mensagem. Parado na sala de estar escura, olhei para para a tela. Jeremy?

Queria uma mensagem de Isabel, mas não havia nenhuma.

Eu dissera a verdade a ela. Eu tinha *fugido* de meu passado, e aonde isso me levaria?

Ao mesmo ponto em que eu

havia começado.

Confiar em você?

Eu não sabia como continuar com meus pais e sem Isabel.

Eu não sabia *por que* continuar com meus pais e sem Isabel.

Senti as câmeras da sala em mim, então fui até o banheiro e fechei a porta ao entrar. Cerrei os punhos. Depois os abri e tranquei a porta. Alguém havia tirado a câmera desmantelada da pia. Era difícil lembrar de me importar com isso.

Havia algo errado comigo.

O corpo humano não quer se ferir. Somos programados para considerar nojenta a visão do sangue. A dor é uma cuidadosa orquestração de processos químicos para mantermos nosso corpo vivo. Estudos demonstraram que pessoas nascidas com analgesia congênita (a incapacidade de sentir dor) arrancam a ponta da língua, abrem buracos nos olhos e quebram ossos. Nosso funcionamento é um milagre de controles e equilíbrios.

O corpo humano não quer se ferir.

Havia algo errado comigo, porque às vezes eu não me importava. Havia algo errado comigo, porque às vezes eu queria me ferir.

Tememos a morte; tememos o vazio; lutamos para conservar nossa pulsação.

Eu era o vazio.

Do que você tem medo? De nada.

Você não vai fazer isso você não vai fazer isso você não vai fazer isso

Mas meus olhos já perscrutavam o banheiro em busca de saídas.

Confiar em você?

Provavelmente eu não devia viver. Por isso eu era assim. A biologia me formou, depois deu uma olhada, se perguntou o que tinha lhe passado pela cabeça e colocou uma trava mental antifalhas.

Em caso de emergência, puxe o cordão.

Eu estava agachado perto da parede, respirando em minhas mãos. Uma vez, Victor contara que nunca tinha considerado o suicídio, nem mesmo por um segundo, nem sequer em seus momentos mais sombrios. É a única vida que temos, ele

dissera.

Mesmo quando eu estava feliz, sentia que estava procurando as margens da vida. As fendas.

Eu era perfeitamente nascido para morrer.

Olhei para o cordão da persiana do banheiro.

Isso é demais isso é grande demais para o que aconteceu você precisa parar

Pensei na minha alegria de gravar a música naquele dia. Tentei arrastá-la de volta para dentro de mim, mas era um exercício acadêmico. Cada

chave química dentro de mim estava ligada em *saia saia saia* e a felicidade nem sequer era possível.

Cobri as orelhas com as mãos, como fones de ouvido, e ouvi em minha mente a música que criara, algo que não existia naquela manhã.

O *rosto* dos meus pais.

Eu me levantei.

Precisava... não sentir. Só por alguns minutos.

De qualquer forma, isso seria tudo o que eu ia conseguir.

Lobo.

Limpo, inquebrável, perfeito. Eu tinha sido tudo isso, e ali estávamos.

Fui para o quarto pegar as coisas de que precisava para disparar a transformação. Não uma transformação qualquer, mas uma transformação selvagem, uma transformação extrema, uma transformação que me quebrasse. Nem todos os meus experimentos de lobo tinham me levado a lugares tranquilos. A pequena parte lógica de mim achava que o processo meticuloso ia ajudar. Me lembraria de todas as

razões para continuar humano. Proporcionaria uma chance de me acalmar. Me lembraria de todas as outras formas que eu tinha aprendido para derrotar esse sentimento dentro de mim.

Mas só parecia alimentá-lo. Embora eu estivesse me movimentando de forma bem lenta e metódica, o tempo me empurrava e passava por mim, tanto o passado quanto o futuro. Sem nenhuma dificuldade, me lembrei de já ter feito isso ou algo parecido incontáveis vezes.

Lobo.

Minha mente viajou até Minnesota, até Sam, que tanto odiava o lobo. Ouvir a voz dele me dizendo que, ao fazer isso, eu estava eliminando tudo o que eu era. Estava desperdiçando tudo o que havia de bom em mim. Como eu era odioso por jogar tudo aquilo fora. Victor tinha morrido como lobo, ansiando ser humano, e eu estava desistindo da humanidade por nada.

Eu disse isso a mim mesmo e repeti.

Mas aquela era uma sessão pré-gravada. Eu já sabia como terminava.

Embora estivesse sozinho no banheiro, parecia que havia alguém ou algo mais ali comigo. Uma presença sombria pairando no canto. Flutuando perto do teto. Alimentando a escuridão dentro de mim ou se alimentando da escuridão dentro de mim. Todos usamos e somos usados.

Liguei o chuveiro e depois me sentei na ponta do vaso sanitário, com a seringa em uma das mãos e o telefone na

outra. Disquei o número de Isabel. Não sabia o que ia dizer se ela atendesse.

Eu sabia que ela não ia atender.

Confiar em você?

Tocou até cair na caixa-postal. Por alguns minutos, observei o chuveiro despejar litros de água pelo ralo. Pensei que lá fora era um deserto. Então enfiei a agulha em mim.

A dor me lembrou de que estava funcionando.

Encostei a testa na parede e esperei que aquilo me transformasse ou me matasse,

sem me importar com o resultado. Eu não me importava com o resultado. Esperava que fizesse ambos.

A coisa que eu tinha injetado nas veias arrastou-se por minha corrente sanguínea até meu cérebro. Quando chegou lá, arranhou, bateu e roeu meu hipotálamo, gritando a mesma mensagem sem parar:

Lobo

Lobo

Lobo

A dor levou meus pensamentos embora. Minha mente era um incêndio

químico, consumindo-se. Caí nos ladrilhos, tremendo, suando e tendo ânsias de vômito. Meus pensamentos foram imolados.

E então...

Havia luz. Brilhava acima de mim, refletida na poça sempre em mutação que crescia. Era som. Água chiando ao cair no chão, suave e contínua. Cheiro: ácido e frutado, doce e podre.

Lobo.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

ISABEL

Dirigi.

Parte de mim queria
continuar dirigindo pelo resto

da vida. Parte de mim queria ir até Cole.

Não sabia o que era pior.

No fim, tinha percorrido uma boa parte da costa, passando de Malibu. A estrada ali era escura e sinuosa, de um lado, o litoral rochoso e o mar bravio e, do outro, os íngremes e penhascos das montanhas, cobertos de vegetação. As palmeiras tinham desaparecido, as pessoas, as casas... Enquanto eu percorria uma estrada aleatória do cânion, parecia que estava dirigindo direto para o céu

escuro ou para o oceano escuro. Não fazia ideia de que horas eram. Era o fim do mundo.

Enfim estacionei o SUV em um dos patamares pitorescos. Lá embaixo, a arrebentação formava uma linha branca irregular paralela à praia. Tudo o mais estava escuro.

Saí do carro. Do lado de fora, o ar estava gélido. Meus joelhos tremiam, assim como minhas mãos. Fiquei ali parada com os braços em volta do corpo por um longo momento, me sentindo tremer e me

perguntando se uma reação de choque emocional era possível quando não se tinha emoções.

Estava na hora de admitir para mim mesma que eu tinha emoções e que elas haviam me traído.

Abri a mala do SUV, peguei a chave de roda e fechei-a outra vez. Pensei naquela sensação de enjoo ao ver Cole na festa. Em retrospecto, era exatamente a mesma sensação que me invadira quando a voz de meu pai havia ficado estranha mais cedo. Quando eu soubera que ele ia me dizer

algo que não queria ouvir.

Olhei para a superfície do SUV, iluminada pela lua. Segurei a chave de roda com mais firmeza.

Então esmurrei o veículo com todas as forças.

O primeiro amassado não foi o melhor. Bater com uma chave de roda em um veículo e deixar um amassado não era nada surpreendente. É isso o que acontece quando se colide algo de metal em outra coisa de metal.

O segundo golpe, porém... Esse foi o que me causou uma

onda de sentimentos. Isso me surpreendeu. Eu não sabia que haveria um segundo golpe até ele acontecer, ou um terceiro, ou um quarto. Então percebi que nunca ia parar de bater naquele carro. Acabei com as portas e o capô e quebrei os grandes para-choques de plástico.

Não havia nada na minha cabeça exceto a noção de que eu precisava dirigir aquilo no dia seguinte, então não quebrei as janelas, os faróis nem nada que pudesse impedi-lo de rodar. Eu não o queria

destruído.

Eu o queria feio.

A chave de roda raspava a tinta branca até o metal. Suas entranhas eram foscas e funcionais sob todo o brilho.

Quando a palma da minha mão ficou quente pelo esforço de segurar a chave de roda, percebi como estava cansada.

Eu me sentia vazia. Como se não desse a mínima.

O que significava que estava pronta para voltar para casa.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

COLE

— Sr. St. Clair?

Não abri os olhos, mas sabia onde estava. Bem, sabia em

que tipo de lugar estava. Reconhecia a sensação do ladrilho na pele e o cheiro de alvejante a centímetros de meu nariz. O atrito entre o osso de meu quadril e o chão. Eu estava no chão de um banheiro. Meus ouvidos zumbiam.

— Cole? Você se importa se eu entrar?

Levei mais um momento para perceber em que banheiro exatamente eu estava. Tive que voltar atrás, estreitando meus pensamentos. Terra. América do Norte. Estados Unidos.

Califórnia. Los Angeles. Venice.
Apartamento. Inferno.

— Cole? — A voz pareceu
considerar. — Eu vou entrar.

Acima do zumbido de meus
ouvidos, ouvi uma maçaneta
sacudir. Abri os olhos de leve.
A ação exigia muito raciocínio
e não parecia importante. A
porta continuava fechada. Eu
me perguntei se havia
imaginado a voz. Eu me
perguntei se havia imaginado
meu próprio corpo. Por mais
difícil que tivesse sido o
conceito de abrir os olhos, a
ideia de mover qualquer outra

parte de mim era impossível. A boca era a parte mais seca, como se meu rosto tivesse entrado nela e a coberto.

A porta deu um solavanco. Eu estava morto demais para me sobressaltar.

Ela pulou de novo.

Então se abriu de repente, parando ao bater em minhas pernas. Um par de sapatos masculinos pretos parou diante de mim, acompanhados pelo cheiro de café. Não eram novos, mas estavam muito limpos.

A porta se fechou com força.

Os sapatos continuavam diante de mim.

Fechei os olhos. Ouvi um farfalhar, depois senti alguém apertar meu pulso com os dedos, senti minha respiração atingir algo próximo. Uma mão checava minha respiração. Senti o cheiro de loção pós-barba.

Leon suspirou aliviado.

Um instante depois, o zumbido parou. Não era em meus ouvidos. Era o chuveiro. Ouvi os sapatos dele chapinhando no chão úmido.

— Consegue se sentar? —

perguntou ele. Depois, sem esperar minha resposta, disse: — Vamos lá.

Uma toalha foi enrolada ao meu redor, minhas axilas foram puxadas e, sem mais nem menos, fui dolorosamente arrastado e apoiado no canto perto da pia.

Fechei os olhos outra vez.

No fundo turvo, ouvi Leon se mover, abrir a água da torneira e andar de um lado para o outro. Ele colocou um copo em minha boca e virou com cuidado. Houve certa pausa quando cuspi e aspirei o

líquido em vez de engoli-lo, então ele me deu mais um pouco. Imediatamente eu me senti mais vivo.

— O que é isso? O que você está me dando? — falei.

— É água — respondeu Leon. — Você estava deitado nela, mas não estava bebendo.

— Como você chegou aqui? — perguntei. Minha voz tinha a consistência de papel. — Você é real?

— Você não estava atendendo ao telefone — respondeu Leon. — E achei que podia estar com

problemas... Eu vi o episódio.

— Já saiu?

Ele me olhou de um jeito estranho.

— Saiu há dois dias.

Soprei meu hálito. Estava com um cheiro horrível.

— Ah.

Leon pegou um copo de café descartável no outro cômodo. Entregou-o para mim, observando-me com cuidado para ter certeza de que eu não o deixaria cair. Bebi enquanto ele jogou outra toalha nos ladrilhos e começou a movê-la com o pé para absorver um

pouco da água e do sangue.

— Isto está doce — falei.
Não era nem café. Era açúcar
marinado em café. — Bem
como eu gosto.

Leon deu de ombros:

— A juventude de hoje em
dia...

De repente, meus olhos o
focalizaram com mais clareza,
fosse porque a frase me
lembrou de quando ele levara o
energético para mim no
estúdio, ou porque meu
organismo voltara à vida por
causa da água em minha boca
seca ou do açúcar no café. Leon

estava vestido para o trabalho em seu terno bonito e sapatos pretos limpos. O sol da manhã pela janela do banheiro iluminava sua aparência impecável enquanto ele usava o pé para empurrar uma toalha por aquele chão imundo.

Eu estava muito envergonhado.

— Não... — falei. — Não faça isso. Deixe comigo. Nossa.

Leon parou. Ele colocou as mãos nos bolsos da calça.

— Que nojo — falei, mas não sabia se estava falando do chão, de mim ou de Leon me

ver daquele jeito. — Este não é... não é um lado meu que quero que conheça, amigo. Este não é o futuro grandioso que eu tinha planejado para o nosso relacionamento.

Ele deu de ombros, ainda com as mãos nos bolsos.

— Nem sempre as coisas acontecem como planejamos.

— Para mim acontecem.

— Então você deve ter planejado isto — disse ele com delicadeza.

Bebi o ultimo gole de café. Tanto meu estômago quanto meu coração doíam.

— Perdi toda a minha credibilidade. Agora nunca vou convencer você a largar o emprego.

Os olhos de Leon sorriram, embora sua boca tenha ficado imóvel.

— Essa era a ideia?

— Essa era a ideia. Alegria e felicidade para você, Leon, neste paraíso ensolarado.

Ele tirou o telefone do bolso e pisou na toalha no chão. Agachando-se a meu lado, ele estendeu a mão para pegar o copo vazio de café, que trocou por seu telefone.

— O que é pra eu fazer? —
perguntei a ele.

— Olhe.

Olhei. Ele tinha aberto sua galeria de fotos. No topo, havia uma foto minha, despreocupado e alegre, fazendo arrogantes chifrinhos nele. Havia a foto que tínhamos tirado no Hollywood Forever Cemetery, com o céu resplandecente atrás das palmeiras tortas. Nossa foto da roda-gigante no Píer de Santa Monica, na noite em que eu tinha saído com ele depois de Isabel ir embora de meu

apartamento.

Aquelas fotos eu esperava. Não esperava as outras. Havia fotos de surfistas saindo correndo da água. Pessoas aglomeradas na frente de boates. Um vaso maluco em forma de camelo de onde saíam palmeiras. Um céu ardente atrás da silhueta dos prédios de L.A. Uma placa de néon com os dizeres FROLIC ROOM. Um pavão espiando de trás de um muro. Um homem de cueca azul correndo pela calçada. A estrela de David Bowie na Calçada da Fama.

Um templo em Koreatown. Grafites arredondados e bonitos na lateral de uma velha van. Um autorretrato de si mesmo refletido na lateral de seu carro, sorrindo, embora desse para ver que ele estava sozinho.

Ele tinha feito o que eu dissera. Tornara-se um turista na própria cidade.

— Não tinha nada a ver com o trabalho — disse ele. — Tinha a ver comigo. — Após uma pausa, ele perguntou: — Por que você fugiu dos seus pais?

Fechei os olhos. Eu tinha uma lembrança bem clara dos dois diante do Mustang, e aquilo ainda era muito doloroso.

— Porque não consigo olhar para eles. — Houve uma longa pausa, e ele não a preencheu. — Quando morava em Nova York, eu achava que ia acabar como eles. Achava que adultos eram assim. Não aguento essa ideia.

— Não aguentava.

Abri os olhos:

— O quê?

— “Aguentava”, não

“aguenta”. Porque você não é como eles, certo? Não tem mais medo de se tornar aquilo.

Eu meio que tinha. Não tinha medo de me tornar *eles*, era mais um medo de me tornar o Cole que eu era quando morava com eles. O Cole exausto do mundo. Aquele que percebeu que não havia razão para estar ali, e *ali* significava *vida*.

Meu estômago roncou alto o bastante para nós dois ouvirmos.

— Estou morrendo de fome
— falei.

— Você devia tomar café com seus pais — disse Leon.

— Não sei como falar com eles.

Ele tomou o telefone de mim e se endireitou.

— Do mesmo jeito que está falando comigo, mas talvez usando uma calça.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

ISABEL

Fui para a .blush. e fiz meu trabalho. Vendi um monte de leggings. Sierra me lembrou da

festa que ia dar em breve.

Fui para a aula. Fiz minha aula prática. Rolei um monte de velhos e limpei um monte de camas sujas.

Fui para casa. Minha mãe marcou horário na oficina para levar meu carro. Minha tia me deu de presente um buquê de cartões de terapeutas. Só que eu já tinha feito terapia durante anos. Falar é fácil. Eu queria que ambas gritassem comigo por causa do carro. Meu pai teria gritado. Mas ele não estava lá.

Nunca estaria.

Cole me mandou uma mensagem de texto.

Quer conversar?

Respondi.

Não.

Ele mandou outra mensagem.

Que tal sexo?

Respondi.

Não.

Ele escreveu:

Alguma coisa?

Não respondi. Ele não mandou mais nenhuma mensagem.

Enxague e repita. Trabalho. Aula. Casa. Trabalho. Aula.

Casa.

Eu não mandava mensagens para Cole, mas continuava atualizando o Cole Virtual. Eu teria que vê-lo para devolver o telefone, e não achava que sobreviveria a isso. E não tinha capacidade de ferrar a vida dele fazendo de refém sua presença na internet. De qualquer forma, atualizar o Cole Virtual era a única coisa que eu tinha para me lembrar de que a vida jamais mudava.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

COLE

Liguei para Grace pouco antes de entrar na lanchonete. Na verdade, liguei para Sam,

mas Grace atendeu o telefone dele.

— É o fim — falei. — Vou tomar café com meus pais.

— Tive um sonho horrível com você ontem à noite — contou Grace.

— Eu saía por L.A. mordendo as pessoas? Porque isso já aconteceu.

— Não — respondeu ela. — Você voltava para casa.

Até aquele momento, eu não tinha percebido que minha amistosa equipe de câmeras estava sentada no meio-fio na esquina. Então meus pais já

estavam lá.

Não me convencera de que conseguiria fazer aquilo, independente do que Leon dissera. As condições climáticas de meu coração eram nebulosas.

Grace falava. Ela continuava falando.

— É só isso — terminou ela.

— Algum conselho?

— Cole, acabei de lhe *dar* um conselho.

— Fale de novo. A versão curta. O resumo.

— Sam acabou de pedir para te falar que o mais importante

é não fazer o que você fez com eles no episódio.

— Isso não vai acontecer — respondi. — Porque duvido que eles vão deixar as chaves no carro outra vez. Me desejem sorte.

Ela desejou, mas não me senti sortudo. Entrei na lanchonete.

Eu os vi em uma das cabines com bancos de vinil vermelho. Pareciam compor uma estranha capa de disco, um casal mais velho perfeitamente harmonioso em perfeita desarmonia com a parede

verde-limão ao fundo. Tinha escolhido aquela lanchonete como ponto de encontro porque pensei que podia ser mais o estilo deles, mas talvez meus pais não combinassem com nada na cidade.

Eles me viram. Não acenaram. Era justo. Eu merecia aquilo.

Parei na extremidade da cabine.

— Olá, extraordinários pais — falei. Houve uma longa pausa. Minha mãe secou a bochecha com um guardanapo. — Posso me juntar a vocês?

Meu pai assentiu.

Os câmeras se posicionaram de frente para nós. Meus pais os olharam. Ao mesmo tempo, deslizaram cardápios na mesa para mim.

— Ainda não pedimos — disse meu pai enquanto eu me sentava.

— O que tem de bom aqui? — perguntou minha mãe, o que era muito melhor que quaisquer das outras perguntas que eu temia que ela fizesse, como “Onde você estava?”, “Por que não ligou para nós?”, “Onde está o Victor?” ou “Você

vai para casa?”.

O problema era que eu queria responder algo como *Não conheço as especialidades deste ótimo estabelecimento, mas imagino que aquele funcionário amigável ali pode nos ajudar!*, e, com um pouco de teatralidade, giraria o corpo e apontaria para um garçom. Mas o jeito com que eles começaram a conversa, no papel de meus pais, tinha algo que pareceu bloquear essa opção. Aquilo me forçou a ser o filho deles. Me forçou a ser aquele outro eu. O velho eu.

— Eu nunca estive aqui

antes — respondi. Humilde.
Sem coragem.

Minha voz era estranha para mim. Eles estavam vestidos do mesmo jeito que da última vez em que os vira, ou talvez todas as suas roupas fossem iguais. Se meu irmão mais velho estivesse no banco a meu lado, a família St. Clair seria como sempre fora. Eu não sabia por que tinha vindo. Não ia conseguir fazer aquilo.

— Vimos onde você está — disse minha mãe. — Parece um bom bairro.

Venice Beach era o paraíso

na terra, a forma e a cor exatas de minha alma, mas era impossível explicar isso a eles. Não em termos que entenderiam. Eles iam perguntar como as pessoas sobreviviam sem garagem e por que as calçadas eram tão malcuidadas.

Meus pais folhearam seus cardápios. Eu movi o saleiro e o pimenteiro e arrumei os pacotinhos de açúcar e de adoçante de acordo com a cor.

— Neste aqui só diz poché — disse meu pai para minha mãe em voz baixa. — Acha que

servem com a gema para cima?

Nossa, até o cheiro deles era o mesmo de sempre. O mesmo sabão em pó.

Se eu pensasse em alguma coisa para dizer na língua deles, talvez sobrevivesse.

A garçonete apareceu.

— Já querem pedir?

Ela tinha ossos delicados como minha mãe e cerca de cinquenta anos. Estava vestida como uma garçonete de uma lanchonete antiquada dos anos 1950, com direito a avental. Ela segurava um pequeno bloco de notas e um lápis. Seus

olhos pareciam cansados de tudo.

— Qual é o melhor prato daqui? — perguntei a ela. — Não só o melhor. O melhor do melhor. O que faz você amarrar esse avental todas as manhãs e pensar, *É por isso que estou indo trabalhar hoje, para servir aquele prato aos clientes que ainda não o comeram e, ah, que dia memorável esses incautos principiantes vão ter.* É esse o prato que eu gostaria de pedir. Seja o que for.

Ela se limitou a me olhar com perplexidade. Ficou me encarando assim por tanto

tempo que peguei o bloco de notas e o lápis de sua mão. Escrevi O PRATO MARAVILHOSO em nosso tíquete. Devolvi a ela.

— Confio em você —
acrescentei.

Ela me olhou com mais surpresa.

— E quanto aos seus pais?

— Eles também confiam em você — falei. — Espere. — Peguei mais uma vez o bloco e adicionei MAS SEM CHOCOLATE. Escrevi 55 dólares no box do total.

Devolvi o bloco e o lápis.

Meus pais me encaravam. A garçonete me encarava. Eu os encarava. Não tinha nada melhor para dizer, então dei o sorriso Cole St. Clair.

Ela sorriu de repente, como se não conseguisse evitar.

— Está bem — disse ela, com uma voz totalmente diferente. — *Está bem*, meu jovem. Aceito o desafio.

Quando ela voltou para o balcão, me virei para meus pais.

E o estranho foi que eu não sabia se a garçonete tinha ficado encantada, se o conselho

de Grace tinha funcionado ou se de alguma forma eu tinha enfim encontrado a linha lógica entre Leon, a garçonete, meus pais e todas as outras pessoas do mundo.

Porque no mesmo tempo que tinha levado para fazer meu pedido, meus pais tinham se transformado. De repente, em vez de meus pais eu via apenas duas pessoas chegando aos sessenta anos, turistas naquele lugar estranho e cintilante, cansados por dormir em um quarto de hotel pouco familiar, loucos para voltar à

rotina. Seus olhos mostravam o mesmo tipo de cansaço que os da garçonete. A vida não saíra como o planejado, mas eles tinham se virado.

Não havia nada de terrível neles. Eles não exerciam nenhum poder especial sobre mim. Não mais que qualquer outra pessoa.

O problema nunca foi eles. Sempre foi eu.

Essa percepção era como uma palavra que eu tinha que aprender toda vez que ouvia. A definição não era absorvida.

Eles eram apenas pessoas

comuns.

— Como foi a viagem de carro até aqui? — perguntei.

Era como se tivessem passado a semana inteira esperando que eu perguntasse. Despejaram a história. Levou um tempão e foi muito chata, mas não incluía nenhum dos detalhes que eu teria incluído, e *incluía* um monte de detalhes que eu teria excluído. No meio da história, a garçonete trouxe chá gelado de maracujá para todos nós, deu a minha mãe alguns crepes sofisticados, deu ao meu pai uma omelete com

abacate e me deu um waffle com um sorriso Cole St. Clair desenhado com chantilly.

Nenhum dos pratos era excepcional; não falamos sobre nada importante. Mas também nada estava horrível, a não ser que o tédio contasse. Não tínhamos nada em comum, e ao fim dessa refeição seguiríamos caminhos diferentes. Eu iria por um caminho, meus pais, por outro, e a garçonete, por um terceiro.

Isso importava muito antes. Parecia uma luta enorme não virar meu pai. Naquele

momento, porém, sentado ali, a possibilidade de aquilo acontecer um dia parecia impossível. Eu tinha desperdiçado tanto tempo com isso. Sempre descobria que o monstro contra o qual vinha lutando era apenas eu.

Quando terminamos de comer, paguei em dinheiro no balcão.

— Como estava a comida? — perguntou a garçonete.

— Maravilhosa — falei. — Suas escolhas foram excelentes. Amanhã você devia usar aquele bloco com a

confiança de um gênio.

Ela sorriu para mim por trás da mão. Queria agradecer pela deprimente percepção de que, no fim das contas, eu era meu pior inimigo, mas não pensei em uma boa maneira de dizer isso. Então me limitei a dar outro sorriso Cole St. Clair e voltei para a mesa.

— Foi ótimo — disse minha mãe. — Foi um grande achado.

Eles não iam perguntar se eu tinha tentado me matar. Não iam perguntar sobre Victor. Não iam perguntar sobre nada desagradável. Eu não sabia por

que estava surpreso. Eles nunca tinham perguntado.

Meu pai dobrara seu guardanapo em 12 formas geométricas.

— É melhor chamarmos um táxi se quisermos chegar ao aeroporto com tempo de antecedência. Cole, você sabe se os táxis vêm até aqui?

— Ah — falei, pegando a chave do Mustang. — Posso levar vocês. Parece que tenho um carro esportivo.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

ISABEL

COLE: sobrevivi aos meus pais, é sua vez de me mandar uma mensagem

EU:

**COLE: este é o meu número
para o caso de você ter
esquecido**

EU:

COLE: por favor

EU:

COLE: isabel por favor

EU:

COLE:

CAPÍTULO QUARENTA

COLE

Depois de passar vários dias seguidos sem fazer nada mais interessante que colocar uma

calça, Baby me ligou.

— O tempo acabou, Cole. O que você vai fazer hoje?

Estava desanimado demais para ser criativo. Abri o bloquinho de notas na lista original dela.

— Festa na rua.

— Ótimo.

Sim, ótimo. Festa na rua. Excelente. Eu podia fazer isso assim que arrumasse algumas das coisas que tinha quebrado no banheiro ao me transformar várias noites antes. Teria que espalhar a notícia através do Cole Virtual. Eu vinha

tentando desesperadamente evitar mandar uma mensagem a Isabel até ela mandar uma para mim, mas não podia mais esperar.

Você podia arranjar um colenático para ganhar uma festa na rua hoje

Escrevi o texto dez vezes antes de enviá-lo. Não era meu melhor trabalho, mas não podia parecer amargo nem carente. Qualquer pontuação que eu adicionasse empurrava para um lado ou outro, então no fim decidi usar a boa e velha ausência de gramática

para indicar indiferença.

Isabel respondeu de imediato: **Me dê trinta minutos.**

A pontuação dela implicava que eu não deveria pensar que não estávamos brigados. Vinte e nove minutos depois ela me mandou uma mensagem com o nome e o endereço do vencedor.

Ah, o amor juvenil.

Sete minutos depois disso, eu tinha terminado de limpar o banheiro, e nove minutos depois, T chegara com as câmeras, e 15 minutos depois Jeremy chegara com sua

caminhonete.

Quando você é de uma banda, passa os primeiros quatrocentos mil anos de sua carreira carregando suas coisas para lá e para cá; suas caixas de som, suportes para caixas de som, fones de ouvido, microfones, pick-ups, cabos de energia, fios de microfone, fios das caixas de som, instrumentos: tudo. Se esquecer alguma coisa, está ferrado. Se quebrar alguma coisa, está ferrado. Você não tem uma extensão comprida o bastante? Ferrado.

Depois que você faz sucesso, entretanto...

Você coloca suas coisas em um Mustang último modelo e em uma caminhonete, torcendo para não esquecer nada.

Sem dúvida eu estava vivendo um sonho.

— Eu carregaria alguma coisa — disse T em tom de desculpas, com a câmera no ombro. — Mas tenho o... sabe.

— Dispositivo de gravação — respondi.

Coloquei meu sintetizador no colo de Leyla. Ela não

reclamou, porque aceitava tudo o que vinha pelos fios do destino e tal. Eu achava o seguinte: o destino era uma trepada ruim e eu estava cansado dele.

— É, tudo bem. Filme este lado. Este lado. É meu ângulo famoso — falei para T.

Então Jeremy e eu fomos em comboio para West Adams.

Todas as casas do bairro eram mais antigas, da mesma idade que as de meu bairro em Phoenix, Nova York. Mas as casas de West Adams tinham uma aparência exótica porque

eram rosa e verde-limão, de estuque com telhados de telhas, e protegidas por grades de metal ornamentadas. Me perguntei como eu seria diferente se tivesse crescido em uma dessas casas em vez de na minha.

Shayla, a fã de L.A. que tinha ganhado a festa (aparentemente, Isabel pedira aos fãs para identificar que contracapa de disco tinha uma foto da minha nuca), estava supersônica de empolgação quando chegamos a sua casa.

Assim como as duzentas

peessoas que já estavam lá. O Cole Virtual tinha um alcance impressionante.

Os fãs reunidos já haviam ocupado quase todas as vagas existentes na rua, então tivemos que descarregar nossas coisas na entrada da garagem e depois decidir quem ia sair para estacionar e voltar andando.

Isso também era familiar.

— Aimeudeusaimeudeus — disse Shayla. — Posso te abraçar?

Deixei. Senti que ela tremia durante o abraço. Quando se

afastou, sorri para ela e um sorriso lento se abriu em seu rosto, cada vez maior.

Às vezes, um sorriso vale muito.

Essa era uma dessas vezes. Eu precisava de um sorriso, muito, e o dela era lindo. Não de um jeito sexy, mas cheio de entusiasmo, sem julgamento.

A parte complicada de meu cérebro estava se desligando, e a parte simples, a parte do show, estava sendo ligada. Era difícil explicar. Não era nervosismo. Era outra coisa.

A multidão se empurrava

atrás de mim, agitada e ávida. Estava me alimentando, alisando as irregularidades de meus pensamentos irregulares e desordenados. De alguma maneira, tinha me esquecido disso, dessa parte da apresentação. Tinha esquecido sua febril eliminação das emoções. Não havia espaço para nada além de Cole St. Clair, cantor, artista, consumado.

Estava grato por aquilo. Não queria meus pensamentos. Não naquele momento.

Isabel...

Jeremy apareceu a meu lado, com o cabelo comprido enfiado atrás das orelhas e óculos escuros azulados apoiados baixos no nariz. Ele pareceria o John Lennon se o John Lennon tivesse sido louro e nascido perto de Syracuse, Nova York.

— Cole. Qual é o caminho?

— Música — falei.

Era tudo em que eu pensava naquela hora. Aquelas pessoas queriam nos ouvir tocar, e eu queria tocar para elas.

— Só isso?

— Alta — completei.

Jeremy coçou o rosto com

barba por fazer. Seu cabelo era claro o bastante para ser difícil saber se ele estava deixando a barba crescer ou não.

— Das antigas — ele disse.

Olhei para a multidão reunida.

— Isto é meio que das antigas.

Então tocamos.

Em vários sentidos, uma festa de rua precisa de muito mais que um show com um palco. Em um grande show, você tem um palco, tem luzes, tem um *caminho*, e metade do trabalho de definir o clima é

feito por você. Já é um show antes que você sequer se aproxime do microfone. Em uma festa de rua, contudo, a banda é apenas um bando de garotos no gramado de alguém. A única diferença entre você e sua plateia é que você está segurando um baixo ou um microfone. Cada pedacinho da performance tem que ser conquistado. Extraído da normalidade e do caos. É preciso cantar mais alto, pular mais alto, ser mais louco que qualquer outra pessoa da plateia.

Esta foi a primeira lição: dê a impressão de que seu lugar é ali.

A fama segue a expectativa da fama.

A segunda lição foi esta: nunca apresse uma entrada.

Com calma, Jeremy construiu um ritmo para nós, guiando-nos para uma música com o baixo, sem olhar para ver se os outros estavam seguindo. Leyla (desgraçada, eu queria Victor, eu queria o Victor) entrou então, *tap-tap-tap-tap-tap-tap*, e eu deixei rolar e deixei rolar e deixei rolar.

A tensão se acumulava cada vez mais. Então, enquanto fazia um pequeno giro com a mão para que prestassem atenção, toquei uma única nota em meu sintetizador.

BUM.

A multidão enlouqueceu. Quando puxei o microfone para perto e cantei a primeira palavra...

No começo, havia a escuridão e havia a agitação.

Não, deixe-me começar de novo.

No começo, havia o subúrbio e os dias que pareciam iguais

empilhados uns sobre os outros. Então havia eu, e os anjos caíram.

No começo, havia eu em um palco do ensino médio com Jeremy e Victor, e eu senti que nunca soubera para que fora feito antes daquele momento. Não era um ouvinte, dois, vinte ou cinquenta. Não existia um número mágico. Era isto: eu; eles. Era a bateria dando lugar para meu teclado saltar por uma ponte ascendente. Eram as cabeças viradas para trás. Era a tração, o retesamento e os arrancos do

baixo. Era qualquer coisa que se colocasse na equação para criar uma corrente elétrica entre nós e a plateia. Às vezes era preciso mil pessoas. Às vezes, duas.

Em West Adams naquela tarde de domingo, cantei e gritei as letras para eles, que urraram e gritaram as letras de volta para mim. O baixo acelerava, implacável, a escala. Leyla, com o rosto brilhante de suor, estrondeava ao fundo.

Éramos os vivos, os renascidos.

Mais pessoas chegavam.

Nosso barulho e o barulho deles as atraíam cada vez mais para perto, cada vez mais.

Era por isso que eu fazia aquilo, era por isso que continuava fazendo, era por isso que não conseguia parar.

De repente, no meio daquela perfeição, houve o arranhão de um acorde aleatório de guitarra. Guitarra? Guitarra.

Só pode ser brincadeira.

Uma criatura branquela tinha saído da multidão com sua guitarra. Ele pulava sem parar ao lado da bateria de Leyla, tocando seu instrumento

como se o mundo estivesse prestes a acabar. Só entusiasmo, sem malícia.

Em um show de verdade, tínhamos segurança e caras do palco para resolver isso. Nosso trabalho como banda limitava-se a seguir com o show enquanto a interrupção era removida.

Ali, éramos só nós.

Deixei Jeremy tocando o baixo e Leyla mantendo o ritmo. Ainda com o microfone em uma das mãos, usei a outra para pegar o braço do cara e parar a guitarra. Depois o

segurei e o fiz voltar dançando para a plateia. Coloquei o braço em torno dele e aproximei o microfone da boca.

— Levem ele! — gritei alegre para a multidão. — Ele é um de vocês!

Eu o soltei. Braços o seguraram como zumbis. Ele sorriu extasiado para o céu quando o pegaram. Fiquei cara a cara com os outros. Nós e eles, e eles estavam logo ali.

E vi um rosto do passado.

Era impossível; eram os olhos de Victor, as sobrancelhas de Victor. Meu

estômago despencou de mil metros.

Não era o Victor. Era sua irmã, Angie.

Eu nem começara a analisar o possível significado daquilo quando ela me socou.

Não foi o soco mais forte do mundo, mas acertou em cheio. Senti os dentes cortarem o lábio. Minha boca ficou quente. Adrenalina correu para atender minhas necessidades. Um lobo se esticou e se retraiu dentro de mim.

Angie arrancou o microfone de minha mão, depois me

bateu com ele. *Isso eu senti.*
Bateu bem em minha maçã do
rosto, e, quando levantei a mão
por instinto, ela golpeou minha
nuca.

Habilidade? Não é a
habilidade que machuca as
pessoas. É a falta de
misericórdia.

Eu merecia apanhar. Merecia
tudo o que ela estava me
causando.

*Eu o matei, eu o matei, eu o
matei*

— Seu idiota! — gritou
Angie para mim.

Ela não estava errada,

mesmo tirando Victor da equação. Angie me socou de novo com o microfone.

T se aproximou, mas não para ajudar: para filmar.

Ela jogou o corpo inteiro em mim. Não era muito grande, mas a justiça e a física estavam a seu lado. Caímos para trás, na bateria de Leyla. Acima de mim havia céu azul, a ponta do telhado de Shayla, ao menos duas câmeras e o rosto de Angie bloqueando tudo...

Ela ainda cheirava ao mesmo xampu que usava quando namoramos, na época em que

Victor estava vivo, e eu nunca me odiara tanto quando me odiava naquele momento, nem nos buracos mais sombrios e degradantes nos quais havia me enfiado nas turnês.

— Angie — chamou Jeremy, com uma urgência que eu nunca ouvira dele. — Angie, qual é.

Algo horrível feriu minhas costas, como se eu tivesse sido cortado ao meio por um címbalo. Senti o gosto de sangue. Ela precisava me bater com mais força, porque eu ainda sentia tudo.

Não parava de ver o rosto de Victor espelhado no de Angie. O que eu fizera com os dois nunca desapareceria.

— Angie — repetiu Jeremy, fora de vista. — Pense no que está fazendo. Estamos na TV. Isto vai ficar na sua ficha para sempre. Este não é o caminho.

Leyla pairava acima de mim. Ela pegou minha mão e me puxou para cima. Não disse: *Isto é o futuro germinando as sementes que você plantou no passado.* Em vez disso, perguntou:

— Você está bem, cara?

Fiquei ali parado no meio do gramado plano de Shayla, e de repente não havia palco. Era só um bando de gente bêbada na frente de uma casa velha. Era uma ex-namorada com aparência derrotada segurando um microfone ensanguentado. Eu tinha destruído um pedaço de grama ao pular enquanto cantava. Olhei para ele, para Angie, e depois para Shayla. Meu rosto ainda estava quente, e, tanto por isso quanto pelo jeito que ela me olhava, suspeitei que eu estava sangrando muito. Mas tinha

parado de sentir tudo.

— Desculpe por ter destruído seu gramado — falei.
— Diga à próxima banda para colocar um tapete ou coisa assim.

Ela apertava as mãos.

— Quer que eu liguei para a polícia? Ou para a emergência?

Angie apenas me encarou. O microfone pendia de sua mão.

— Você arruinou ele — disse ela.

Então ela largou o microfone e entrou na multidão.

Era óbvio que aquilo representava o fim do show,

mas pensar em desmontar todas aquelas coisas e encontrar um jeito de recolocá-las no Mustang de repente pareceu uma quantidade imensa de trabalho. Só encontrar o Mustang já parecia uma busca enorme. Há uma onda que leva você para uma apresentação, mas, depois que ela estoura e o joga na praia do show, não existe outra onda parecida para levá-lo embora, especialmente depois que seus joelhos estão bambos e você sente cada um de seus dentes soltos na boca. Depois que

você não consegue ver nada além de seu baterista morto e toda garota com quem você já transou e se odiou por isso de manhã.

Shayla ainda estava falando da polícia, mas eu não sabia para que eles serviriam a não ser que fossem pegar o carro. Eu ouvia as batidas de meu coração na testa ou talvez na têmpora. Jeremy continuava falando com uma voz suave e calma, ecoada por Leyla.

Eu deveria ter pensado em um jeito de fechar bem esse episódio, mas achava que eles

iam editar aquele soco de uma forma gloriosa.

A câmera de T me observava. Encarei-a e disse:

— Que belo final.

Foi o melhor que pude fazer. Colinas e vales. Minha mente de encolheu à sombra das montanhas que eu tinha subido e das quais havia me jogado.

Jeremy pegou meu braço.

— Cole — disse ele. — Vamos, cara. — Ele olhou para T. — Você já tem o bastante aí. Desligue isso.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

COLE

Jeremy dirigia sua velha caminhonete comigo no banco do carona, com a cabeça

encostada na porta. Não falamos. Eu estava rouco, de qualquer forma.

Ele morava em uma casa em Hollywood Hills. Embora não fosse geograficamente distante da cidade, parecia um estado diferente. As ruas estreitas serpenteavam pelas colinas íngremes, cheias de caixas de correio, suculentas, laranjeiras, picapes empoeiradas e BMWs. As casas de 1920 eram descombinadas e surradas, cidadãs centenárias de Los Angeles.

As ruas ficavam cada vez

mais estreitas e inclinadas, as curvas iam se tornando mais e mais improváveis, até enfim chegarmos à casa que Jeremy dividia com a namorada. A casa era verde-clara, baixa e coberta de treliças. Ao lado, havia um eucalipto, em harmonia com ela, o que parecia apropriado para Jeremy. Havia um Mustang várias décadas mais antigo que o meu, empoeirado e muito deteriorado, parado metade dentro e metade fora do telheiro de metal.

Jeremy estacionou na rua.

— Acho que é melhor você deixar seu telefone de trabalho aqui.

Eu o encarei, sem entender.

— Está com a Isabel — falei.

Jeremy franziu a testa. Mentalmente, ele catalogou minha presença na internet ao longo das últimas semanas.

— Sim — disse ele, sucinto. Puxou o freio de mão e engatou a marcha. — Bom, deixe tudo o que tiver a ver com o programa no carro também.

Subimos a escada torta de concreto, eu mais devagar que

ele. Lá dentro, a casa era tudo o que eu teria esperado de Jeremy: despretensiosa, arejada e muito modesta. Ele me guiou para a cozinha estreita cheia de aparelhos horríveis e imaculados dos anos 1970, e eu me apoiei no batente e senti pena de mim mesmo enquanto ele revirava as gavetas em busca de um pano de prato.

— Fique quieto — disse ele.

Encostei a bochecha na bancada enquanto ele limpava a lateral de meu rosto. O pano saiu cheio de terra e sujeira.

— Jesus Cristo! Jeremy!

Cole? St. Clair?

Foi assim que descobri que a namorada de Jeremy tocava cavaquinho em uma banda que abrisse nosso show dois anos antes. Ela estava na porta da cozinha de sutiã e short. Algumas garotas teriam ficado incomodadas por descobrir visitas repentinas nessas condições, mas toda a postura dela indicava que não era uma dessas. Na última vez em que eu a vi, estávamos em Portland fazendo um show beneficente para órfãos.

— Oi, Star — murmurei.

Star olhou para Jeremy.

— *Você fez isso com ele?*

Jeremy verificou minha testa com os dedos:

— Sabe se a gente tem um kit de primeiros socorros?

Star se juntou a ele e se aproximou de mim. Ela cheirava a patchouli, doce e calmante. Eu via suas pernas nuas e as pernas nuas de Jeremy. Eles pareciam tão confortáveis e naturais lado a lado que de repente me senti incrivelmente mal com minhas escolhas de vida. Eu queria... queria... eu devia ter batido

com a cabeça com mais força do que pensava.

Eu queria Isabel, mas ela era algo impossível de querer.

Star tocou meu cabelo com muito cuidado.

— Talvez ele devesse ir para o hospital, Germ.

Fechei os olhos. Preferiria morrer naquela bancada.

— Ele precisa ficar em um lugar tranquilo — disse Jeremy.

— Tivemos um dia muito ruim.

Eles se afastaram de mim, em direção ao outro cômodo, mas ouvi seus murmúrios. Na

minha cabeça, as vozes deles eram como aquela casa: estáveis, despretensiosas e familiares. Ouvi-os dizer muito a palavra *ele*, e sabia que falavam de mim, mas não me importava. As pessoas estão sempre falando de mim.

— Preciso de um banheiro — falei para Jeremy, e ambos apontaram para um lugar fora de vista.

No banheiro, tranquei a porta e liguei a luz e o exaustor, me apoiei na pia e me balancei para a frente e para trás. Não havia espelho,

então continuei vendo o rosto de Angie e o de Victor e me lembrando de cada conversa que eu já tivera com ele sobre drogas, lobos ou suicídio. Peguei uma agulha em um dos bolsos da calça, tirei a roupa, me encolhi ao lado da pia e enfiei a ponta sob minha pele.

Apaguei por cinco minutos. Não foi tempo suficiente para fazer nada além de amenizar a pior parte do nervosismo e talvez curar um pouco o machucado em minha cabeça. Eu não tinha quebrado nada, a porta continuava trancada e

Jeremy não a esmurrava do outro lado, então eu não devia ter feito barulho.

Vesti minhas roupas, dei a descarga como se tivesse usado o vaso e lavei as mãos.

Eu me sentia melhor. Ou diferente. Fora restaurado por um tempo.

Do lado de fora, Jeremy estava na cozinha, pensativo. Ele suspirou quando entrei.

— Ela vai buscar Neosporin e churrasco coreano. Você não é mais vegetariano, certo? É, imaginei — disse ele.

Ele me deu um copo d'água

e um pano de prato limpo com uma embalagem de soja verde congelada para colocar na cabeça. Andamos pela casa, observando a ausência de mobília e de bens materiais e o excesso de esteiras de bambu e plantas em vasos. Provavelmente teria sido insuportável se ele também não tivesse um sofá de aparência muito confortável, um busto laranja de Beethoven e todas as velhas caixas de som com laterais de madeira que levara para o primeiro episódio.

— Gosto daqui — falei, porque o jeito como ele tirou os sapatos e andou pela casa descalço e orgulhoso me fez pensar que ele gostaria de me ouvir dizer isso.

— Eu também — disse ele.

— Você está namorando a Star — comentei.

— Estou.

— Ela ficou gata. Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Dois anos.

— Uau.

— Você passou muito tempo longe, Cole.

Abandonei o saco de soja na

pia da cozinha e saímos outra vez, descendo a escada, enquanto Star não voltava. Enquanto esperamos ao lado da treliça carregada de rosas vermelhas, ele explicou que tinha comprado aquela casa com o último adiantamento da NARKOTIKA, e agora dava dinheiro a Star para pagar as contas e cuidar dos impostos e tocava com a banda quando ela dizia que precisavam de mais para equilibrar as coisas.

— Ela pega todo o seu dinheiro? — perguntei.

Um beija-flor passou

chispando por minha cabeça.
Ele olhou para mim.

— Eu *dou* para ela.

Basicamente, o que estava acontecendo era o seguinte: eu havia ficado afastado por quase dois anos e, quando voltara, Jeremy tinha crescido, comprado uma casa e se tornado feliz (não, ele sempre fora feliz, agora era apenas feliz com alguém). Já eu tinha voltado e me tornado eu mesmo como sempre fora.

Meu rosto latejava, ou talvez fosse meu coração. Não aguentava mais ficar sozinho,

mas estava sempre sozinho, mesmo quando havia gente ao redor. E não aguentava mais estar cercado, mas estava sempre cercado, mesmo quando estava sozinho. Falava-se muito que todo mundo queria ser especial. Eu não aguentava mais ser único.

— Acho que não vou conseguir — falei.

Jeremy não disse o *quê?*, apenas esfregou a parte do Mustang velho e empoeirado que aparecia ao sol da tarde. O beija-flor que eu tinha visto antes passou outra vez. Ele

parou nas rosas, mas elas não eram o que ele procurava.

— Acho que não consigo voltar para a estrada. Acho que não aguento.

Ele não respondeu de imediato. Subiu no capô do velho Mustang e se sentou ali de pernas cruzadas. A sola de seus pés descalços estava imunda e ele usava uma tornozeleira de cânhamo, na qual deu um puxãozinho.

— Está mesmo falando de turnê?

— Do que mais eu estaria falando?

— O que você não consegue é voltar para a estrada? Ou é ser você?

Olhei para a grama na extremidade do pequeno quintal seco pelo sol. Havia marcas de pneu na terra e no cascalho. Star pegara a caminhonete com meu telefone dentro. Possivelmente não pegara. Possivelmente Jeremy tinha lhe dado a chave.

— Cole, acho que a gente precisa conversar sobre isso.

— Você não quer saber, Jeremy. Você não quer mesmo.

— Mas acho que já sei.

Olhei para a rua sombria. Bem no final dela, um garotinho andava em uma bicicleta azul desbotada. Aquele bairro parecia um lugar muito seguro. De alguma maneira, parecia mais a Califórnia que o restante de L.A., mais com a terra em si. Como se o estuque seco, as casas de madeira desbotada e os carros empoeirados tivessem sido erguidos aos poucos da paisagem seca por gerações de terremotos. Não que eu gostasse *mais* dali que do restante de Los Angeles. Só

parecia exigir menos trabalho para manter aquela aparência. Parecia um lugar que não o notaria tanto se você tirasse um dia de folga ou envelhecesse. Parecia um lugar onde talvez ficasse escuro à noite.

— Sabe qual é o problema? — disse Jeremy. — É que você faz isso sozinho. É que se tranca no banheiro. Não é a coisa em si. É que você a torna um segredo. É que só faz quando está nervoso.

Não me movi. Continuei olhando para o menininho que

fazia círculos irregulares no fim da curta entrada para carros de sua casa. Senti que o mundo era amassado como papel ao meu redor. Mesmo que descobrisse um jeito de reabrir a folha, ela ficaria amassada para sempre.

— Existem outras formas de ser infeliz, Cole. Existem jeitos melhores de lidar com as coisas do que tirar seu cérebro da tomada.

Minha voz saiu mais rouca do que eu esperava.

— Eu tenho tentado.

— Não, você tem sido feliz.

Você não precisou tentar até agora.

Não respondi. Era inútil discutir. Ele me conhecia tão bem quanto eu conhecia a mim mesmo. Ele tocara baixo para meus pensamentos em três discos.

— O Victor morreu — falei.

— Eu sei. Imaginei.

— É minha culpa. Tudo. Eu o coloquei nessa.

— O Victor entrou nessa por conta própria — disse Jeremy.
— Todos nós éramos garotos de Nova York. Eu não entrei com vocês em nenhum buraco

de coelho. Victor teria ido sem você.

Não acreditei naquilo. Eu era muito persuasivo.

— Como você faz isso? — perguntei.

— Eu simplesmente vivo, Cole. Não fujo para dentro da minha cabeça. Lido com os problemas quando eles aparecem, e depois passa. Quando você evita pensar nas coisas, elas vivem para sempre.

Fechei os olhos. Ainda ouvia o garotinho andando de bicicleta na rua. Aquilo me fez pensar no garoto do telhado, o

que acidentara seu avião porque o que importava não era a aterrissagem, e sim o voo.

— Sempre achei que seria você quem morreria — disse Jeremy. — Imaginava que um dia receberia uma ligação enquanto estivesse dormindo. Ou que iria pegar você no seu quarto antes do show e seria tarde demais. Ou eu...

Ele parou. Quando me virei para olhá-lo, ainda de pernas cruzadas no capô do Mustang, seus olhos estavam brilhantes. Ele piscou, e duas lágrimas

desceram por seu rosto, rápidas e cintilantes como mercúrio.

Nunca tinha me sentido tão bem nem tão mal na vida. Não sabia o que dizer. Desculpe? Eu não tinha a intenção de prejudicar mais ninguém?

— Ninguém me disse que ia ser tão difícil — falei.

— Por que é sempre mais difícil para você?

Balancei a cabeça. Nem sabia se era mesmo mais difícil para mim, se eu era apenas um modelo defeituoso. Enxuguei o nariz com o braço e apontei

para o Mustang sob Jeremy.

— Isso aí é demais — falei.

— É — disse ele, em um tom de voz muito diferente. — Veio com a casa. Também havia um compactador de lixo, mas a Star quebrou.

Nós dois suspiramos.

— Lá está ela — disse Jeremy quando sua caminhonete apareceu na base da colina.

Ela parou ao lado do garotinho, que se aproximou para conversar pela janela do motorista. Eu vi seu longo braço moreno pendendo para

fora da caminhonete, com pulseiras soltas em torno no pulso, e vi seu cabelo cair em mechas de cada lado do rosto. O garoto na bicicleta velha tinha o cabelo todo desgrenhado. De repente, fui devorado pela nostalgia, por um passado que não era meu.

Eu só queria ser feliz. Só queria *fazer* alguma coisa.

— Você precisa desistir disso — disse por fim Jeremy. — Senão sempre vai ser uma opção. Você vai ter que desistir a sério, ou sempre será sua solução para quando as coisas

derem errado.

A caminhonete parou a nosso lado. Star a colocou em ponto morto e se inclinou para me olhar pela janela do carona. Ela sorriu tranquila para mim.

— Você escolheu a vida enquanto eu saí?

— Claro — falei.

— Está falando sério? — perguntou Jeremy.

De uma forma boa, doeu encará-lo.

— Sim.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

ISABEL

Naquela noite, cheguei à casa de Sierra nos cânions com

olhos gélidos e lábios matadores.

Hora da festa.

Eu estava com um vestido de vinil ou couro branco (eu não sabia a diferença; alguém sabia?). Caso se dessem ao trabalho de analisar, significava que não ficava bem em mim. Também estava de sandálias brancas com enormes saltos brancos. A única cor que usava era minha boca vermelha. Ninguém podia dizer que eu não tinha avisado.

Quando tinha 11 ou 12 anos, eu me perguntava como era ir

a uma festa. Todo mundo nos filmes parecia muito ávido para ir a festas. Em todos os programas de televisão, havia garotas se perguntando se iam ser convidadas para essa ou aquela festa, como se houvesse diferentes níveis e qualidades de festa. Eu não imaginava o que as atraía para esses lugares, mas o desespero de chegar lá prometia que algo bom.

Agora eu já tinha ido a várias festas. E no fim das contas as festas da TV não eram mentira. Tinham a maioria das

características das festas de verdade: bebida, beijos, música que ficava melhor que em suas próprias caixas de som. Talvez algumas drogas ou jogos de beber, sinuca ou provocações inteligentes. Era possível que provocações inteligentes devessem ter sido ligadas a jogos de beber ou a beijos.

Talvez eu estivesse sempre sóbria demais nesses momentos.

A casa ficava em Hollywood Hills, em um bairro alto e sofisticado com vista para as luzes de outros bairros um

pouquinho menos sofisticados. Era um enorme complexo branco fechado, uma espécie de mesa de concreto liso e janelas. Projetores escondidos com bom gosto me guiaram do táxi até o pátio. Como era a casa de Sierra e a festa de Sierra, a música era um *shoegaze* abstrato. Parecia um cruzamento entre um copo d'água derramado e um linchamento eletrônico em câmera lenta. O lugar já estava cheio de gente.

Nossa, eu odiava todos eles.

Entrei. A batida irregular da

música e a massa de pessoas me faziam sentir que o chão estava se movendo. Cabeças podem ter se virado. Não notei. Ser eu significava não poder fazer mais que passar os olhos com indiferença por qualquer pessoa.

Parte do problema com festas era que eu não entendia o objetivo delas, então nunca sabia quando eu “acabava”. Procurei Sierra. Se ela me visse, ao menos eu ganharia créditos por ter ido.

Andei ao lado da grande piscina. Estava cheia de ninfas

espirrando água e era iluminada por luzes que mudavam de cor. Rosa, roxo, verde. Um garoto, meio dentro e meio fora da piscina, agarrou meu tornozelo com a mão molhada.

— Entre — disse.

Olhei para ele de cima. Ele usava delineador brilhante. Eu me perguntei que marca de delineador era aquela, que não saía na água da piscina. Sua mão molhada em meu tornozelo me lembrou de Cole fazendo algo muito semelhante vários meses antes.

— Não gosto de me molhar
— falei com frieza.

Esperei que o garoto protestasse, mas ele só ficou envergonhado e afundou na água junto com qualquer respeito que eu pudesse ter por ele.

No meio da piscina, uma garota flutuava de barriga para cima em círculos lentos e preguiçosos enquanto um homem remava preguiçoso ao lado dela e beijava sua mão. Eu me perguntei se existia um mundo no qual eu pudesse ter me tornado como eles. Eu me

perguntei se aquela era a pessoa que eu poderia ter sido se nunca tivéssemos saído da Califórnia; se meu irmão não tivesse morrido; se não tivéssemos nos mudado para longe de Cole; se meus pais não tivessem se separado.

Quando me afastei da piscina e fui em direção à sacada de borda infinita que cercava a casa, alguém com um bastão fluorescente no pescoço me ofereceu um drinque. Tinha duas cores de néon misturadas, parecendo ao mesmo tempo algo que eu

queria colocar na boca e algo que a natureza não planejara que eu ingerisse.

Balancei a cabeça. Uma vez, meu irmão dissera que o álcool nos transformava em outras pessoas. Eu definitivamente não queria isso. E se a minha outra pessoa fosse pior do que eu já era? Já minha amiga Mackenzie dissera que ele só realçava quem realmente éramos.

O mundo não precisava disso.

Enquanto andava, corria os dedos pela sacada de metal. As

luzes dentro da casa estavam desligadas e todo mundo lá dentro usava bastões fluorescentes, luzes de Natal ou outras fantasias luminescentes improvisadas. Eu não queria entrar, mas sem dúvida era onde Sierra estaria. Ela era muito infantil. Tudo ali era como o mundo de fantasia de uma criança transformado em realidade, tornado concreto.

Mas era apenas um bando de adultos fantasiados e muito glitter inútil.

Eu simplesmente odiava...

Por que aquele glitter não saía de mim?

Mãos em meu braço. Era Sierra. Ela havia me encontrado, afinal de contas. Parecia uma alienígena com cílios que brilhavam no escuro e pontos fosforescentes desenhados no nariz e nas maçãs do rosto. Seu cabelo estava trançado com fibra ótica. Não era uma mulher; era uma instalação. Todos os seus amigos brilhavam no escuro de forma similar. Sierra segurou meu braço.

— Tesouro! Estava torcendo

para você vir. Pegue um drinque, pegue um garoto, pegue um sonho, tudo está maravilhoso!

Suas pupilas estavam pretas e deslumbrantes com dois pequenos reflexos de rosa e verde néon. Ela me cumprimentou com beijinhos no ar. Em resposta, entreabri os lábios e pisquei, deixando os cílios se demorarem. Já tinha ensaiado essa expressão no espelho, muitas vezes. Dava para fazer tão devagar quanto fosse preciso, o que a tornava mais cínica.

Sierra ficou encantada. Ela me apresentou a seus amigos e puxou meu vestido, com a mão direita em meu seio, depois jogou a cabeça para trás para todos podermos ver que ela tinha um pescoço extremamente longo.

— Aqui, você precisa de um pouco disto — disse ela.

De algum lugar, ela tirou mais maquiagem que brilhava no escuro.

— Feche os olhos — ordenou ela.

Fechei. Eu a senti pintar minhas pálpebras, minha boca.

— Abra. — Sierra sorriu para mim, mostrando todos os dentes. — Agora você é uma de nós.

Isso nunca seria verdade.

— Vá. — Sierra balançou a mão. — Brinque. Depois volte e me conte todas as histórias dos lugares fabulosos onde esteve!

— Certo — respondi. — Estou indo brincar. Valeu.

Eu não tinha sido dispensada, mas me senti assim. Sierra achava mesmo que eu ia sair por ali com meu novo rosto fluorescente e

conhecer seus amigos descolados. Aquela era uma festa de crianças, e crianças amavam outras crianças.

Talvez eu nem soubesse como se fazia aquilo.

Atravessei a sala escura (um sofá claro com algumas manchas de tinta que brilhava no escuro), fui até uma cozinha escura (a bancada estava salpicada de luminescência) e depois para outro lugar escuro (sem brilho além de uma mesinha de centro de vidro que refletia meu rosto de forma

imperfeita). A música vinha de todos os cantos. O ar cheirava a laranjas, pretzels e rosa-néon.

Enquanto vagava lentamente por conversas entre pessoas que tinha acabado de conhecer, concluí que L.A. não era um lugar para ficar sozinha. Todo lugar era um lugar para não ficar sozinha, mas L.A. era uma cidade que se envaidecia das conexões, que as fazia e facilitava; era uma cidade que deixava mais óbvio quão impossível era para alguém fazer conexões se não

conseguia fazê-las em L.A.; aquele era um lugar para sorrir para estranhos, dar as mãos e beijar estranhos, e se você não fizesse essas coisas era porque não sorria, não dava as mãos e não beijava. A parte dos estranhos era irrelevante.

Há quanto tempo eu estava ali?

— Isabel!

Era Mark, o Mark de Sierra. Ele estava em um grupo no qual todos os homens meio que se pareciam com ele: bonitos, inofensivos, bronzeados e alegres. Eram

visíveis por que estavam ao lado de uma parede de janelas. Atrás deles, a colina descia e L.A. movia-se incessante.

— Vocês não estão brilhando no escuro — falei.

— Já brilhamos o bastante — respondeu Mark. Seus amigos riram. Eu não. — Quer um drinque?

— Algo que não brilhe? — perguntei. — Existe água pura neste lugar?

— Água! — disse um dos amigos dele, com um cavanhaque imaculado. — Aqui? Isso não é *kosher*, cara.

— Imagino que seja a única coisa *kosher* daqui — respondi, impaciente. — E você sabe alguma coisa sobre os judeus, por acaso?

— Eu sou circuncidado — respondeu ele. — Isso é judeu, não é? Ah, espere, meu Deus, você é judia?

Olhei para ele. Dei a piscada lenta. Entreabri os lábios. Ele observou.

— Achei que você fosse buscar água para mim — falei.

Ele saiu correndo para encontrar água. Mark riu, admirado.

— Muito bem.

Estreitei os olhos em agradecimento. Na verdade, o segredo era não dizer quase nada e, quando abrisse a boca, dizer algo horrível. Então todos faziam o que você queria.

Mark se apressou em preencher o silêncio.

— O Grubb aqui e eu estávamos, tipo, falando de um cara que aterrissou um caça depois que a asa tinha caído. Parece que, tipo, caiu inteira e ele aterrissou mesmo assim.

— Não é a coisa mais louca que você já ouviu? — disse

Grubb, lento como lava.

— Louco — falei.

Mark tocou seu pescoço e seu queixo, mas olhava para meu pescoço e meu queixo.

— Cadê o Lars com a sua bebida? Ele está demorando demais.

— Não faz diferença. Eu não confiaria nele para trazer algo que outra pessoa tivesse servido mesmo — falei. Não desviei os olhos dos de Mark. Eu não queria flertar com ele, nem o queria, só queria ver o que podia fazer. — Vai que tem vermes fluorescentes.

Os dentes de Mark roçaram seu lábio inferior como se ele estivesse pensando em água, mas não achei que era isso. Meu coração bateu um pouco mais rápido com aquele poder. Estava me provocando, mas que mal podia fazer? Eu só queria saber. Queria saber que, se eu quisesse outra pessoa, poderia consegui-lo, e quanto esforço seria necessário? Era tão fácil quanto ficar ali parada sem dizer nada, deixando-os imaginar quem você realmente era?

— Venha, vamos buscar uma

bebida para você — disse Mark. — Você pode olhar enquanto sirvo. Sem vermes fluorescentes.

De repente, as minhas palmas da mão ficaram suadas. Aquilo não era uma provocação. Não mais. Era real.

Eu me perguntei como Cole se sentia quando transava com uma garota da turnê. O que é isso? O jogo. A caça. O inflar do ego, o calor em minhas entranhas, a noção de que minha boca queria ser beijada, que eu queria que alguém

abrisse o zíper daquele vestido e visse como eu ficava bonita de sutiã.

Eu podia dizer a ele que ia buscar a água sozinha. Podia esperar por Lars, embora não existisse a mínima chance de Lars trazer algo não alcoólico, porque eu conhecia os homens, mesmo que não o conhecesse.

Só queria que alguma coisa acontecesse. Só queria parar de perambular sozinha por aquela festa, esperando por... eu nem sabia. Quando saberia que tinha “acabado”. Quando eu

saberia que tinha *ido* a uma festa, no pretérito.

— Vamos buscar alguma coisa — falei.

— Volto já, cara — disse Mark a Grubb.

Volto já. Volto já. Porque aquilo não era nada.

Segui Mark. Para minha surpresa, ele de fato me levou até o bar, onde pegou um copo d'água. Ofereceu a mim, me encarando. Ele esperou. Meu coração estava aos saltos. Eu queria fazer alguma coisa, qualquer coisa, mesmo que fosse ficar com Mark.

— Onde vou beber isto? — falei.

Era tudo de que Mark precisava.

— Venha, vou lhe mostrar uma coisa — disse ele.

Era um observatório de concreto circular na extremidade de uma das longas sacadas. Havia um quarto lá dentro, com um espelho sob medida curvado em uma parede e um sofisticado colchão vermelho a poucos centímetros do chão, todo iluminado por claraboias que deixavam entrar a luz dos

refletores. Mark fechou a porta depois que entramos, pegou o copo de minha mão e o deixou em uma mesa de canto baixa.

Então apertou os lados de minha cintura no vestido de vinil-ou-couro e me beijou.

Devia ser vinil. Era impossível ser couro de verdade com o preço que eu tinha pagado. Por outro lado, eu o comprara em um brechó. Então podia ser algo caro rejeitado por alguém.

Ainda estávamos nos beijando. Ele era tão impetuoso e urgente quanto

Cole. Mesmo que Mark não me conhecesse de verdade, lidou com minha boca como se fosse uma edição limitada, saindo de moda, compre agora antes que acabe. De certa forma era libertador e deprimente saber que o amor não tinha nada a ver com a paixão.

Ele agarrou meus quadris, com força, e não foi desagradável. Então ser um objeto era assim. Isso era objetificar. As coisas seriam diferentes se ele não tivesse nome? Se não tivesse rosto? Se fossem apenas suas mãos e sua

pélvis pressionando a minha..?

Ele se afastou, só por um segundo.

— Não diga nada — falei.

Ele riu baixinho.

— Não, sério. Cale a boca.

Ele calou.

Em termos físicos, não havia nada desagradável em ficar com aquela pessoa. Na verdade, era o contrário. Minha boca se abria sob a dele. Minha barriga pressionava seu abdome. Seus dedos baixaram o zíper na frente de meu vestido e minha respiração falhou quando ele beijou o

começo do meu seio. Eu me sentia outra pessoa. De fora, pensei que devíamos ser um casal muito bonito. Aquele parecia um momento muito adulto de L.A. Duas pessoas lindas se beijando em um observatório construído para estudar pessoas, se agarrando ao lado de uma cama feita para outras coisas que não dormir. Eu sabia que ele ia tirar meu vestido se eu deixasse, e não via por que não. Provavelmente não seria *ruim*, mesmo que não fosse bom. De qualquer forma, seria uma

história chique e diferente.

A camisa dele tinha subido. Ele era musculoso e não era ofensivo de forma alguma. Aquilo era ótimo. Eu estava ótima.

Sob a palma de sua mão direita, o tecido de meu vestido se ondulava de forma irregular. Será que vinil se comportaria assim? Eu não sabia mesmo. Agora sentia que ia ter que pesquisar isso na internet.

Ele abriu o zíper de meu vestido até o umbigo.

Então, achei que ia acontecer. Esperei para me

sentir seminua.

Mark se inclinou para trás.

— Nossa — disse ele. —
Você é linda.

A voz dele estava igualzinha à vez em que ele entrara no estoque à noite para fazer a papelada. Igualzinha a quando me perguntara se eu conhecia Cole. Ou seja, igualzinha à voz de Mark, porque era o Mark. Para *que* ele estava dizendo aquilo? Não devia ter entendido o que estávamos fazendo.

— Eu disse para você calar a boca — falei.

Ele riu.

Eu não. Afastei a mão dele com um tapa e puxei meu zíper.

— Nós acabamos por aqui.

— O quê? — disse ele. — Sério?

— Sério.

Esperei que ele protestasse, mas se limitou a passar a mão pelo cabelo. Seus lábios estavam manchados de néon. O meu néon. Aquilo era da minha boca.

— Bom, que se dane — disse ele, por fim.

Parte de mim queria dizer:

Não, sério, vamos continuar.
Porque agora eu estava apenas com uma sensação ruim e um leve ódio dele, de mim mesma ou de tudo.

— De qualquer forma, acho que era mesmo uma má ideia — disse Mark. — Eu não estou bêbado o suficiente.

Quanto mais ele falava e quanto mais tempo fazia que tinha me tocado, mais eu entendia a verdade: quase tinha transado com o marido de minha chefe. Eu tinha ficado com o marido de minha chefe em uma festa. Eu era

esse tipo de garota.

— É melhor você ir — falei para ele. Minha voz estava deste lado da cripta, mas por pouco. — A Sierra está procurando você.

Quando ele olhou para mim, sua expressão ficou confusa por um segundo, e depois se transformou em algo similar a pena. Ele riu, mas não foi uma risada engraçada, e foi de mim ou dele. Eu me senti ingênua a idiota.

— Não. Não está.

Encarei-o, olhos azuis gélidos atrás da máscara, e

esperei até a incerteza voltar devagar a seus olhos. Então falei:

— Preciso retocar meu batom.

Quando peguei a bolsa, ele já tinha saído, mal abrindo a porta. Fiquei diante do espelho e observei meus lábios manchados de néon. Limpei-os, repinte-os de rosa-frio, rearrumei o cabelo ao redor do rosto e puxei o zíper do vestido até ficar como antes.

Então tirei o telefone da bolsa. Refiz o delineador, com cuidado para não manchar o

azul néon que Sierra colocara em minhas pálpebras.

Respirei fundo.

Disquei o número de Cole.

— Você está sóbrio? —
perguntei.

— Ah, qual é. É isso o que
você...

— Cole. Você está sóbrio?

Uma pausa para transmitir
irritação.

— Estou.

Mantive a voz bem calma,
mas foi preciso muito esforço.

— Por favor, venha me
buscar.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

COLE

Quando cheguei à festa, tive de parar bem longe na rua, e,

depois que entrei, levei um tempo para encontrar Isabel. Dentro da casa, estava tudo apagado e luzes estroboscópicas haviam sido ligadas para fazer todas as garotas brilharem sob a luz negra. Do lado de fora, tudo era glitter e dança experimental, porque eles eram esse tipo de gente. Fui reconhecido, porque era esse tipo de festa, mas ninguém ligou, porque era esse tipo de festa. A música me fazia querer socar um hippie.

Isabel estava na piscina com

um grupo de pessoas que movia os braços com o entusiasmo e a falta de graça dos inebriados. Ela posava. Um ombro para baixo, queixo para cima. A maquiagem de seus olhos era preta e forte, exceto por uma linha de azul-néon que combinava com eles. Sua boca era uma criação em vidro, imóvel e bem delineada. Ela usava um vestido de couro branco que a fazia parecer mil vezes mais sofisticada que a maioria dos humanos. Cercada por todo aquele glitter, em meio ao barulho e à tolice, em

um mundo que eu habitava de modo desajeitado e espalhafatoso, ela era linda.

Os homens do grupo a olhavam com admiração temerosa. Olhavam para o rosto que ela usava naquele momento e viam uma deslumbrante rainha do gelo. Algo a ser descongelado.

Eu só via o quanto ela estava triste.

Quando me aproximei, ouvi a voz deles. Os outros estavam histéricos e falavam alto. A voz de Isabel, mais baixa, parecia entediada e cansada daquilo.

Eu me aproximei por trás.
Eles me viram antes dela.

— Oi, princesa — falei, alto
o bastante para me ouvirem. —
O mundo ligou. Ele quer você
de volta.

Ela se virou para mim e, na
fração de segundo em que me
viu, seu rosto me fuzilou. Não
porque fosse cruel, mas o
oposto: por uma fração de
outra fração de segundo, vi
alívio escancarado ali. Depois
sumiu atrás da máscara.
Porém, eu o guardei dentro de
mim.

— Como assim, você vai

embora? — perguntou uma das outras garotas. Era loura e tinha olhos azuis como Isabel, mas um pouco mais velha e de aparência muito mais suave.

A mão de Isabel estava entre sua perna e a minha. Sem nenhuma ostentação, entrelacei meus dedos aos dela.

— Sim, sim. Eu sou muito carente. Não conte a ninguém. — Abri um sorriso para ela, um sorriso carente, e as sobrancelhas da garota se ergueram.

— Vejo vocês na quinta —

disse Isabel.

Ela tinha muita facilidade de esconder sua infelicidade em plena vista. Eu não achava que já a vira tão triste. Ela podia ter dito alguma outra coisa. Eu não sabia. Estava a levando embora, para longe dali, em meio às pessoas, através do portão, pela rua, em direção ao Mustang. Estávamos fora do néon e dentro do escuro, mas não soltei a mão dela.

Chegamos ao carro.

— Quero dirigir — disse ela.

Eu não queria lhe dar a chave. Sem falar nada,

entreguei-a.

Ela dirigia rápido demais e freava tarde demais, mas Isabel Culpeper sempre parava antes de passar do limite.

— De quem era aquela festa?
— perguntei.

A boca de Isabel estava contraída. Ela não desviou os olhos da estrada.

— Da minha chefe.

Ela passou com o Mustang por um sinal. Nós íamos morrer. Eu estava absurdamente excitado.

— Para onde estamos indo?

— Não sei — disse ela.

O motor roncava no silêncio. Eu não achava que já estivera em um carro com o rádio desligado. Parecia o fim do mundo.

— Por que eu não consigo?
— perguntou ela, zangada de repente.

Fizemos uma curva cantando pneus. Era possível que aquela noite terminasse com o carro apreendido. Mas dizer isso a ela parecia uma má ideia.

— Não consegue o quê?

— Simplesmente esquecer tudo. Simplesmente ir para algum lugar, ficar *chapada* e

fingir que não existem problemas ou consequências. Eu sei por quê. Porque ainda existem problemas e consequências. E chegar e... e ... uma *festa* não os faz desaparecer. Sinto que sou a única pessoa sã do mundo. Não entendo por que o mundo inteiro é movido a *estupidez*.

A voz dela ficava monótona em vez de alta.

— Você consegue. Eu já o vi bêbado. E sei que você se transformou em lobo de novo. Dá para sentir o cheiro. Não sou idiota.

Passei um bom tempo sem responder. Eu sabia que isso a deixava ainda mais furiosa, mas não tinha o que dizer. Era brutal demais ela não confiar em mim, e brutal demais, no fim das contas, eu não ser mesmo digno de confiança.

Eu estava sóbrio, mas me transformara em lobo, e isso era pior.

Isabel não desviou os olhos da estrada. Ela fez outra curva em alta velocidade.

— Tenha *medo*. Por que você nunca tem medo?

— Do que você quer que eu

tenha medo?

Os pneus cantaram, deslizando ao pararmos de repente em um sinal vermelho vazio.

— De morrer. Fracassar. Qualquer coisa.

Eu tenho medo de que você não atenda o telefone.

— Para onde estamos indo, Isabel? — falei.

Eu meio que estava falando daquele momento, mas também de mais.

— Não sei — repetiu ela.

— Quer ir para casa?

Ela não respondeu. Era um

não. Isso era bom. Eu não queria levá-la para casa.

— Quer ir para a minha casa?

— Não quero ser filmada.

Isso, pelo menos, eu sabia como resolver.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

ISABEL

Cole não me levou
exatamente para sua casa. Ele

me disse para estacionar o Mustang atrás da casa dele, mas, quando saímos, me afastou do portão, em direção à casa ao lado.

— Está vazia, para alugar — disse ele. — Verifiquei no outro dia.

Lá dentro, estava escuro de um jeito que a casa de Sierra não estava. Estava escuro de um jeito sombrio e imperfeito, reconfortante em sua realidade. A mobília tinha um estilo despojado chique, escassa, agradável e barata como a mobília de casas de

aluguel.

Cole me mostrou o lugar, abrindo portas, mal olhando dentro de cada.

— Quarto. Cozinha. Área. Lavabo. Escada para o terraço. Quarto. Corredor para o jardim lateral.

Então me guiou por uma pequena área de estar até uma porta de correr escondida por uma persiana de bambu. Ele a forçou com o ombro até ceder. Do lado, por incrível que parecesse, havia um mundo vegetal em miniatura. Eu não entendi até passar pela porta.

Havia um sofá branco no meio; a apenas três metros havia outra porta de correr que dava para o restante da casa. No meio, nesse pequeno ambiente, nas paredes subiam, brotavam e se abriam folhas tropicais de todos os formatos e tamanhos. Laranjas pontilhavam uma árvore, limões, outra. Samambaias se aglomeravam densas nas bases de plantas pequenas. Flores misteriosas parecidas com pássaros exóticos revelavam-se devagar, apenas em um segundo olhar. O ar tinha

cheiro de coisas crescendo e coisas lindas, coisas que as pessoas colocam em garrafas e esfregam atrás da orelha.

Cole colocou a mão na minha nuca e a usou para puxar minha cabeça para trás até eu olhar para cima. Vi para onde ele estava dirigindo minha atenção: o teto, bem lá no alto, pontudo e feito de vidro. Aquilo era uma estufa. Não, qual era a palavra certa? Um jardim de inverno.

As paredes de plantas e a noite eliminavam qualquer barulho da rua ou de festas.

Estávamos no meio do nada. De volta a Minnesota. Não, mais longe ainda, em um lugar ainda mais estranho. Algum lugar onde ninguém jamais estivera.

Cole foi até o sofá e se jogou nele como se tivesse visto o mundo inteiro e se cansado dele. Depois de um instante, ele suspirou tão fundo que vi em vez de ouvir: seu peito se ergueu muito e depois soltou o ar.

Coloquei a bolsa ao lado do sofá e me sentei na outra extremidade. Joguei minhas

pernas nas dele, me recostei no braço do sofá e soltei meu próprio suspiro. Cole apoiou os braços em minhas pernas e olhou para a parede oposta. Havia algo batido em sua expressão.

Ficamos sentados assim por vários minutos verde-acinzentados, as folhas das palmeiras e as samambaias mal se moviam. A meu lado, uma lustrosa alamanda pendia como um sino silencioso à espera. Não dissemos nada. Cole ainda olhava para a parede, e eu ainda olhava para

ele e para a laranjeira a seu lado.

Cole moveu a mão, roçando os dedos no osso de meu tornozelo.

Inspirei.

Seus dedos ficaram ali, brincando com minha pele, quase fazendo cócegas. Contornaram meu tornozelo, a extremidade de minha sandália: dedos de escultor.

Olhei para ele. Ele me olhou.

Com cuidado, abriu a tira de minha sandália. O salto bateu primeiro no chão. Ele passou a

mão no meu pé, meu
tornozelo, subiu pela
panturrilha. Seus dedos
deixavam um rastro de arrepio.

Expirei.

A segunda sandália se juntou
à primeira. Novamente, ele
passou a palma das mãos por
minha perna. Fiquei perplexa
com o jeito que me tocava. Era
como se seus dedos me
achassem linda. Como se eu
fosse algo maravilhoso. Como
se fosse um privilégio correr a
ponta dos dedos por meu
corpo.

Não me movi. Ele não sabia

que, apenas horas antes, na festa, eu tinha deixado outra pessoa me tocar e também o tocara.

Mas...

Cole se aproximou para encontrar meus lábios. Esse beijo... A boca dele era faminta, ávida. Mesmo assim, suas mãos estavam em minhas costas e pressionavam meu quadril; mesmo assim, seu toque era um grito silencioso: *eu amo você*.

Como eu tinha sido idiota de pensar que não perceberia a diferença entre esse beijo e o

beijo de Mark. Como era ridículo reduzir Cole a seu jeito confuso e espalhafatoso, ficar tão furiosa com ele a ponto de apagar as outras partes verdadeiras. O que eu seria se apagassem a bondade de minha ficha?

Delineador de vestido branco.

Ficávamos minúsculos quando todos os nossos pecados eram eliminados.

Quando envolvi o pescoço dele com os braços, estava chorando.

Como eu era idiota. Aquele

era o momento perfeito, o beijo perfeito, e eu estava chorando. Havia tanta coisa errada comigo. Eu era tão problemática que não conseguia chorar quando tudo dava errado e não conseguir evitar quando tudo estava bem.

Nossos lábios estavam salgados de lágrimas. Cole não parou nem fez uma pausa, mas suas mãos subiram por minhas costas para me apertar com mais força. Após um instante, ele pressionou a testa na minha, coloquei as mãos em seu rosto e simplesmente

ficamos assim, respirando o ar um do outro. Era tão *nós*, e tão pouco *ele* e *eu*. Nós, nós, nós. O oposto da solidão era aquilo.

— Você é a única coisa boa que já fiz na vida — disse Cole.

— Desculpe por ser tão ferrada — respondi.

Ele me beijou de novo. Minha boca, meu pescoço, sob a orelha.

Então hesitou.

— Diga que isto significa alguma coisa para você — disse ele, afastando-se.

Era uma pergunta estranha. Parecia que devia ser o

contrário. Era ele o astro de rock em turnê com incontáveis garotas em incontáveis noites. Era ele quem tinha o sorriso galanteador e a risada fácil.

Mas não era a verdade. Não a sério. Não naquele momento. Na verdade, quem tinha o coração de metal era eu. Era sempre eu que me afastava.

Uma lágrima escorreu pelo meu queixo e caiu na perna. Estava cinza por causa do delineador.

— Não me deixe abandonar você — falei.

Em nosso pedaço secreto de

Los Angeles, nós nos beijamos
e tiramos a roupa. As mãos
dele veneraram meu corpo,
minha boca explorou o dele, e
no final foi isto: nós nós nós.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

COLE

Este lugar, este lugar. Veneza
seca, Éden inventado,

cintilante palácio hipster new age onde as pessoas vão para acreditar em destino, carma e em todas as coisas que só são verdade aqui e só se você as torna verdade.

Eu já morrera uma vez em Los Angeles.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

ISABEL

Abri os olhos e não sabia onde estava. Depois de acordar

melhor, de repente eu *soube*,
mas não entendi. Meu cérebro
era um emaranhado de
imagens e sensações. Minhas
pernas nuas em um edredom,
um poste servindo de lua do
lado de fora de uma janela
entreaberta, a sombra de um
jarro de mosquitinhos secos na
parede. O queixo mal barbeado
de Cole na curva de meu peito,
a lateral de seu corpo,
bronzeadas, lisas e infinitas, seu
umbigo, seus quadris, suas
pernas, um de seus tornozelos
dobrado sobre um dos meus,
uma de suas mãos

despreocupadamente aberta em meu pescoço, a outra enrolada no espaço sedoso abaixo dos meus seios.

Enfim, minha mente pegou as imagens e as transformou em pensamentos e lembranças. Finalmente entendi: eu estava muito, mas muito nua.

Estávamos em um dos quartos da casa de aluguel. Bêbados um do outro, existindo em um lugar suado fora da lógica, tínhamos acabado ali na noite anterior e caído no sono sobre o edredom. Agora era uma hora

atroz da manhã e...

O que eu estava fazendo? Quem era essa pessoa? O que eu tinha na cabeça?

Eu me desprendi de Cole e encontrei minha roupa no chão. Estiquei a mão por cima dela para pegar o telefone na bolsa. Duas da manhã. Minha mãe ainda devia estar no trabalho; ela não ficaria preocupada. Mas claro que Sofia estava vigiando e esperando com olhos insones de coruja, ansiosa por meu bem-estar. Eu tinha quatro chamadas perdidas dela.

— Oi — disse Cole. Ele parecia jovem, descomplicado e meio adormecido. Tirou apenas os dedos do edredom, estendendo-os para mim. Sonolento, repetiu: — Oi.

De repente, morri de medo que Cole dissesse um nome que não era o meu. Sabia de um jeito doloroso e verdadeiro que, se ele dissesse o nome de outra garota naquele momento, partiria meu coração.

— Isabel — disse ele. — O que você está fazendo?

Eu não sabia. Senti as pernas

bambas. Comecei a me vestir.

— Preciso ir — falei.

Minha voz estava muito mais acordada que a dele naquele quarto. À luz do poste, eu via com clareza a cômoda, o espelho, a escultura de vidro no canto do quarto. Parecia que nunca ficava escuro em lugar nenhum daquela cidade. Desejei repentina e ardentemente uma noite de verdade, uma escuridão perfeita para me esconder melhor.

— Não — respondeu ele. Ergueu o braço inteiro e o

esticou em minha direção. —
Fique.

— Não posso. As pessoas
estão... Ninguém sabe onde
estou. Preciso ir.

— Elas vão ficar bem até de
manhã. Volte. Venha dormir.

— Não vou dormir. Preciso...
Ao que parecia, não entendia
como recolocar o vestido. Não
achava o lado certo. Ele só
tinha lados avessos e meus
dedos estavam desajeitados.

Cole se apoiou em um dos
cotovelos para observar minha
luta furiosa com a roupa.
Enfim, fechei o zíper com

agressividade; o zíper não ficou certo. Quem ia ver isso àquela hora da noite, afinal de contas? Ninguém. Eu não me lembrava de onde colocara a chave do carro. Talvez ainda estivesse no jardim de inverno. Não consegui encontrá-la na lateral da cama, em minha bolsa ou no chão ou... Não, não, eu tinha ido no carro de Cole. Precisava de um táxi, tinha de chamar um, não podia nem pensar em...

— Isabel — disse Cole atrás de mim. Pegou meus cotovelos e me virou para ele. Resisti,

com o corpo rígido. Não conseguia encará-lo. — Se você tiver que ir embora, eu levo você de carro. Você está fora de si.

— Por favor, me solte — falei.

Foi a coisa mais cruel que já dissera na vida, e nem queria o que estava pedindo.

Ele soltou. Esperei que seu rosto ficasse vazio, que o verdadeiro Cole fosse para algum lugar em que eu não pudesse feri-lo, mas ele continuou ali.

— Não faça isso comigo.

A ênfase, por algum motivo, foi na palavra *comigo*. Ele não esperava que eu parasse de fazer isso, fosse o que fosse, mas ao menos podia parar de mirar nele.

Eu queria que minhas mãos parassem de tremer. Queria que meu cérebro recuperasse o controle de meu corpo.

— Preciso ir — falei. — Vou embora. Não se comporte como um idiota por causa disso.

Eu nem sabia o que estava dizendo. Só sabia que estava indo. Já tinha tudo decidido. Ia

chamar um táxi. Ia andar até a Abbot Kinney e entrar nele.

A voz de Cole saiu áspera.

— Tudo bem, Isabel. Só... Eu entendo. Você dá as cartas. Liga para mim quando é conveniente para você, não é? O que eu preciso não importa. Não importa quando eu... Eu entendo. Dane-se. Vou jogar o seu jogo.

Não respondi. Eu já tinha ido.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

COLE

luz acesa
quem está bonito hoje

talvez eu
talvez não
eu combino com os seus
sapatos
seu cabelo
seu rosto
talvez eu
talvez não
de volta à prateleira
folgado, mas não gasto
o usado sou eu

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

COLE

Compus o disco.

Não tinha mais nada para

fazer.

O céu de L.A. se tornou nublado e enevoadado. Tudo ficava diferente sem o sol forte e as cores saturadas. As casas eram mais baixas, as rachaduras nas ruas, mais profundas, as palmeiras, mais secas. Não parecia que a L.A. que eu amava tinha desaparecido, apenas que estava se escondendo, dormindo ou fora nocauteada e estava caída em uma vala esperando que eu a encontrasse.

Eu estava cansado de

esperar. De criar. De fazer. Queria um encerramento, um fim, a sensação de que tinha chegado a algum lugar.

Queria que Isabel me ligasse e dissesse que cometera um erro, que me queria, que me amava.

Liguei para Leon.

— Camarada. Quer almoçar com uma pessoa famosa?

— Bem que eu queria — disse ele em um tom gentil. — Mas hoje tenho clientes até meia-noite.

Isso era dali a mil anos. L.A. podia estar morta àquela

altura.

— Então amanhã. Cachorro-quente com chilli. Escreva na sua agenda. Dessa vez eu dirijo — falei.

Entrei no Mustang e dirigi. Não sabia para onde estava indo, mas ele me levou até Santa Monica. Eu sabia que Isabel estava lá, mas o carro não sabia que ela não queria me ver. Entrei em um estacionamento enorme e fiquei ali. Queria me injetar. Toquei a pele no ponto onde injetaria o lobo. Quase conseguia senti-lo. Eu me

perguntei se era possível invocar a transformação sem uma agulha ou uma mudança de temperatura, como naquela vez em que eu sentira cheiro de lobo quando as garotas de *topless* tinham aparecido em minha casa.

Dissera a Jeremy que ia desistir daquilo.

E desistira. Tinha falado sério. Só que era mais difícil falar sério do que eu tinha pensado. Não. Não era verdade. Eu sabia que ia ser difícil.

Abstinência nunca era fácil.

Isabel estava a apenas quarteirões de distância. Eu me cansara de verificar as mensagens no telefone.

O carro estava ficando abafado. Abri a porta e permaneci ali sentado na fraca luz azul do estacionamento, toquei o pulso e a parte interna do cotovelo e pensei em desaparecer.

Ouvi meu nome.

— Cole? Cole?

Virei a cabeça. Era um cara baixinho com um nariz meio grande e cachos avermelhados e oleosos, parado bem perto do

carro. Ele devia ter a minha idade. Seu rosto tinha uma expressão devota. Uma expressão familiar e ardente.

Era um fã.

Tomei o cuidado de usar meu rosto Cole St. Clair. Eu não tinha caneta para autografar nada, mas talvez ele tivesse uma.

— Oi — falei, saindo do carro com relutância. Fechei a porta. — E aí?

Ele murmurou *e aí* de um jeito surpreso e maravilhado.

— Eu sou, ãhn, eu sou meio que, não sei o que dizer.

Desculpe, eu sou, ãhn,
desajeitado, você é
simplesmente, eu sou...

— Tudo bem, cara — falei.

— Não precisa ter pressa.

— Não sou um perseguidor,
juro. Não mesmo — disse ele.

Essa nunca era a melhor
forma de começar uma
conversa, mas eu já tinha
ouvido aquilo. Me limitei a
esperar.

— Eu vi você entrar aqui,
tenho assistido ao programa,
sou um grande fã da
NARKOTIKA. Eu tenho, tipo,
todos os seus discos, dois de

cada, e os compro o tempo todo para recomendá-los para, tipo, todo mundo que conheço.

Não havia absolutamente nada de errado com o que ele estava falando, mas por algum motivo senti uma vibração na garganta quando ele disse *NARKOTIKA*. Uma espécie de aperto claustrofóbico. Tivera essa conversa, uma muito parecida, em turnê. Parecia que estava vivendo uma lembrança, e não o momento presente. Como se aqueles dois anos tivessem sido um sonho e, agora que eu acordara, nunca

tivesse deixado minha vida antiga para trás.

— Que ótimo — falei. — É sempre incrível conhecer um fã.

— Espere — disse ele. — Espere, não é só isso. Quando você desapareceu, Cole...

Havia um leve zumbido em meus ouvidos.

— Quando você desapareceu, eu também estava passando por um momento difícil — contou ele. Ele arregaçou as mangas. Nas tortuosas sombras azuis da escada, os braços dele eram

um emaranhado de cicatrizes. Marcas de agulha e de cortes. Só que antigas. Velhas cicatrizes. — Quando ouvi no rádio que você estava na reabilitação, pensei, *eu também posso fazer isso*. E fiz. Fiz mesmo, por sua causa. Porque, se você podia sair dessa, voltar dos mortos, eu também podia. Você mudou a minha vida. Aquela música que vocês tinham, *eu boto o caixão lá dentro/você não precisa me enterrar*, eu sei que fala de, de renascimento...

“Coffinbone” não era sobre

renascimento. Era sobre o desejo de morrer. Todas as músicas daquela época eram sobre o desejo de morrer. Senti meu peito apertar.

— Quando eu soube que você estava na cidade gravando, percebi que estava na hora para isto. E, quando vi você entrar de carro aqui, soube que esta era minha, esta era minha chance de agradecer. E mostrar... Desculpe, ainda é meio recente. — O cara se virou um pouco, levantando a camisa. A pele de suas costas estava vermelha e inflamada

com a irritação de uma tatuagem novinha.

Em letra bastão, dizia, *eu boto o caixão lá dentro/você não precisa me enterrar*. E depois a data. A data que ele saiu da reabilitação, entrou ou coisa do tipo. Ele devia querer que eu perguntasse. Mas não perguntei.

Não havia nada de errado com aquilo, fora o fato de que ele tinha pegado uma citação sobre querer morrer a cada segundo de cada dia e tatuado-a em seu corpo porque não entendia o que ela queria dizer.

Não havia nada de errado com isso também, porque significava o que ele quisesse que significasse.

Porém, eu sabia o que significara no começo, e a permanência daquilo, de marcar aquele corpo para sempre com meu desejo de morrer, fez meu estômago revirar de enjoo. A sensação não passou depois que ele baixou a camiseta.

— Isto é incrível, cara — falei para ele. — Parabéns. Toca aqui.

Ele estremeceu, enxugou o

olho esquerdo e depois bateu seu punho no meu do jeito mais tímido conhecido pelo homem. Parecia que ele ia cair.

— Só queria dizer que você é uma inspiração — repetiu ele.

— Não quero atrapalhar o seu, sei lá. Ah, meu Deus, este é o melhor dia da minha vida.

Acenei de leve quando virei as costas. Enquanto descia a escada, o metal ecoou e chacoalhou sob mim. Minhas pernas estavam bambas, e de repente minha pulsação acelerou.

Ele tinha feito tudo certo.

Ele não me segurara. Não tinha me pedido para assinar seu rosto nem seu pau. Só dissera o que queria e depois seguira seu caminho. Tinha ficado sóbrio e injustamente me dera o crédito do fardo de sua recuperação.

Minha recuperação, entretanto, era algo muito frágil. O que acontecia se você sujeitasse sua cura à de outra pessoa que ainda estivesse doente? Desejei o otimismo fácil de meus primeiros dias ali. Minha confiança à prova de balas.

Quando cheguei à .blush.,
minha pele estava pegajosa.
Sentia o coração aos trancos.
Minha mente dizia: ataque de
pânico. Meu corpo só gritava.
Cada parte de minha pele
enviava mil mensagens por
segundo ao cérebro. *Fuja. Lute.*
Saia já daí.

Não havia nada a temer.
Nada por que ficar ansioso.
Mas aí pensava na imagem
daquela tatuagem como uma
pá revolvendo a terra de um
túmulo. E meu estômago
revirava. Parecia que a
temperatura estava

despencando.

Não está frio aqui, disse a mim mesmo. Mesmo nublado, não estava frio. Olhei para a rua e imaginei um sol causticante nos espelhos dos carros, luz branca cauterizando a lateral dos prédios. Meu cérebro, contudo, urrava frio. Meus braços estavam arrepiados com o falso frio.

Sempre soubera que, quanto mais vezes forçasse a transformação, mais provável era me transformar sem querer. Já estava nesse jogo havia semanas.

Não.

Liguei para Isabel. Meus dedos já tremiam o bastante para tornar difícil apertar os botões.

A voz dela era outra coisa fria no dia branco.

— Culpep...

— A loja está vazia?

— Cole, este não é...

— Está vazia?

Ela precisava dizer que sim, porque eu já estava ali, com o rosto refletido na porta escura espelhada, com a mão na maçaneta. Eu tinha que colocar a cabeça entre as pernas e

respirar dentro de uma droga de um saco de papel, me fechar dentro de uma sala bem longe das nuvens e do mundo. Eu precisava sair da rua.

— Está. Ei, o que está...

— Desculpe. — Desliguei. Joguei meu telefone, carteira e chaves no vaso de plantas ao lado da porta da frente.

Isto não está acontecendo.

Mas estava.

No segundo em que abri a porta da .blush., no segundo em que o ar-condicionado atingiu minha pele já gelada, foi o fim.

Isabel estava entre as mesas de roupas, me encarando. Seu rosto tinha uma aparência meio bizarra, como se eu não entendesse seus ângulos.

Meu estômago contraiu. Minha pele estava áspera. Minha respiração, irregular. Eu não conseguia dizer a ela o que estava acontecendo. Ela não precisava que eu dissesse.

Ela fechou os olhos, só por um segundo. E os abriu.

— Não. Cole, eu não posso...
— disse ela.

Mas eu já era um lobo.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

ISABEL

Sem mais nem menos,
aconteceu.

É assim que se lida com o desastre: isole a pior parte do problema. Identifique uma solução. Desligue-se de todos os sons.

O desastre era o seguinte: Cole St. Clair era um lobo no meio de Santa Monica preso em meu local de trabalho, uma loja que eu estava arrumando para uma exibição privada que Sierra tinha naquela noite. Teria sido ruim em qualquer outro momento, mas, naquele, significava que um lobo estava na parte da frente de uma loja iluminada por centenas de

velas.

Isole a pior parte do problema.

Cole St. Clair.

Identifique uma solução.

Era o bastante para me fazer querer desistir.

Ali estava ele, em carne e osso, tudo o que eu temera. Não era um monstro. Só não era Cole.

Eram todos os lobos que eu tinha deixado para trás em Minnesota. Era toda a lembrança impetuosa e saturada de tristeza que galopava em minha mente. Eram todas as lágrimas que eu

não tinha chorado desde que me mudara.

O lobo não se moveu. Suas orelhas se voltaram lentas para mim e se retraíram, voltando-se para o barulho da rua. Os lindos pelos estavam eriçados no pescoço em uma desconfiança feral. Como antes, exatamente como eu me lembrava, os olhos ainda eram os de Cole: verde-vivos e intensos. Mas todo o resto que o tornava Cole fora arrancado dele, substituído por instinto e imagem.

Ele estava preparado para

fugir, só que não havia para onde ir.

Eu nunca deveria tê-lo deixado voltar a minha vida.

O surpreendente das criações de Sierra era que ele não parecia deslocado ali, desde que não se movesse. Parecia empalhado e intencional. Eu já tinha visto muitos animais empalhados. Obrigada, pai.

Aquilo colocou meu cérebro em movimento.

Pense, Isabel.

Absorvi a cena: lobo, pilha de roupas, velas.

Isole a pior parte do problema.

As velas ainda não eram um problema. A descoberta ainda não era um problema. Eram apenas possibilidades.

O problema era o lobo. Se parasse para pensar, eu sabia a solução para aquilo. Entendia o suficiente sobre a ciência para saber que o corpo dele voltava automaticamente ao estado humano neste clima. Os lobos de Minnesota se transformavam no inverno, mas aquela loja era apenas um inverno temporário. Eu não sabia por que o ar-

condicionado o fizera se transformar logo naquele momento, mas via os efeitos bem diante de mim.

Identifique uma solução.

Olhei para a parede oposta, onde estava o termostato. Calor.

Ergui os olhos para o relógio de parede. Faltavam 15 minutos para a hora que Sierra chegaria para começar a preparar o champanhe. Meu coração martelava.

Droga, Cole, droga...

Dei um passo, só para ver o que aconteceria.

A cabeça do lobo se deslocou, seguindo o movimento. Não havia nada abertamente agressivo na ação, mas mesmo assim tudo na postura do lobo pareceu perigoso de repente. Vi o aglomerado de músculos do ombro sob o pelo. Ouvi o fino e quase imperceptível roçar das unhas no concreto quando suas patas se contraíram. Vi o canino branco quando ele ergueu o lábio em silêncio e baixou-o outra vez.

Um aviso.

Como lobo, Cole não me

conhecia. Não ia se esforçar para estraçalhar minha garganta; se eu o ameaçasse, porém, nada o impediria.

Desviei os olhos dele. Encará-lo seria visto como um desafio. Dei outro passo. E outro. Eu não estava me aproximando dele. Não havia ameaça.

O lobo se virou, rápido e sinuoso, e deixou uma impressão do focinho na parte interna na porta de vidro antes de virar as costas. Rente ao chão, cauteloso, entrou pela loja.

Tudo bem, desde que não se aproximasse de mim. Eu tinha chegado ao termostato. Liguei no calor e coloquei no máximo.

Do outro lado da loja, o lobo se viu de repente em um dos espelhos decorativos que ficavam apoiados na parede. Deu um pulo para trás, surpreso.

Seu quadril bateu em uma das mesas. Havia três velas altas na parte superior, acima de um mostruário de blusas marrom-acinzentadas com mangas de palha trançada.

No espelho, vi o reflexo das velas acesas oscilar.

Prendi a respiração.

As velas caíram.

Por um breve momento, quando uma das velas caiu e se apagou, pensei que ia ficar tudo bem. E depois as outras duas caíram. Uma delas rolou para o lado e se extinguiu. A terceira acertou uma blusa e pegou fogo. A palha se incendiou.

Droga, Sierra...

O reflexo da chama crescente chamou a atenção do lobo. Mesmo próximo ao chão,

ele se esquivou, mas ainda assim não havia para onde ir. Ele tentava parecer corajoso e agressivo, mas aquele era um mundo pequeno, desconhecido e flamejante, e ele não tinha como sair daquela armadilha com agressividade.

Eu estava começando a ficar com calor. *Ande logo, Cole. Ande logo.*

O mostruário em chamas começou a liberar uma fumaça irregular em nuvens opacas. Em dois segundos, o alarme de incêndio começaria a tocar.

Só o que me faltava eram os

bombeiros aparecerem e chamarem a polícia para matar esse lobo.

Isole a pior parte do problema.

Arrisquei. Peguei uma jaqueta de couro falso na parede e corri até o mostruário que queimava. Bati nas chamas. Eu não sabia de que era feito o couro falso, mas derretia com o calor.

Enquanto eu batia nas chamas sem parar, o lobo se afastou correndo de mim, voltando à frente da loja. Seus olhos estavam grudados em mim. Certificando-se de que eu

não era uma ameaça. Ou talvez olhando para o fogo, certificando-se de que ele não era uma ameaça. De um jeito ou de outro, ele não viu o mostruário da frente a tempo. Correu direto até ele. Esse estava iluminado por velas baixas e grossas que não viraram. Mas ele bateu ali em cheio. Senti o cheiro de pelo queimado.

No teto, o alarme de incêndio começou a tocar. Alto, puro e contínuo.

E ele se apavorou.

O lobo tentou subir na mesa

oposta, jogando velas para todos os lados. Em todo canto eu via as chamas engolindo as coisas. As mesas de camisas, as prateleiras de leggings, a roupa empilhada de Cole. Até as plantas de Sierra se renderam, as folhas secas se enrolaram primeiro e depois as outras começaram a alimentar avidamente o fogo. Era como se o lugar inteiro tivesse sido construído como uma bomba.

Corri para o balcão dos fundos e peguei minha garrafa de água. Encharquei a extremidade de um

mostruário. Era um gesto completamente inútil. No estoque... Havia algo maior? Quando os bombeiros iam chegar? Será que eu acabara de deixar o lobo sair para a rua?

Não conseguia pensar. O alarme de incêndio gritava comigo para sair.

Cole tinha se encolhido em um canto, com as orelhas coladas à cabeça, tremendo.

— Como isso pode não ser quente o suficiente para você? — rosnei.

Estava quente o bastante, sim. Porque ele tremia com a

transformação. Suas patas tinham se transformado em dedos, tateando a parede e se arrastando pelo concreto, e sua cabeça estava baixa, estremecendo, e então era Cole, o garoto, o monstro. Nu e humano, encolhido no canto.

Eu sofria. Todo o meu coração doía muito. Vê-lo, sentir o cheiro do lobo, observar tudo se destruir.

Seus olhos estavam arregalados. Chamas tremeluziam em seu brilho.

— Meu Deus — disse ele.

As chamas não se

aproximaram por causa do chão e das paredes de concreto. A única coisa ali para o fogo consumir era tudo o que Sierra criara e todas as plantas das quais eu tinha cuidado.

Ouvi sirenes a distância. Fogo. Polícia. Câmeras. Provas.

— Você não pode ficar aqui — falei para ele, mais furiosa do que podia imaginar, embora não soubesse com o que, exatamente, estava furiosa. Tirei as botas às pressas e despi a legging por baixo da túnica. Joguei-a para ele. — Vista isso. Saia. Saia pelos

fundos.

De repente, a vitrine foi preenchida pelo vermelho-escuro do caminhão de bombeiros.

— Mas...

Eu estava enjoada com a ruína de tudo aquilo. Em cinco minutos, Sierra ia chegar. Nada parecia real. Ou melhor, aquilo era real, e nada mais.

— *Saia da minha vida* — gritei.

Cole balançou a cabeça como se estivesse zangado, então vestiu minha legging preferida. A porta da frente se abriu, emoldurando um bombeiro

uniformizado.

— Você está sozinha? —
gritou o bombeiro.

Olhei para o canto. Cole
tinha sumido.

Quando havia um incêndio,
podia-se dizer *As chamas se
elevaram até o céu* ou *Tudo caiu por
terra*. Elevar-se e cair ao
mesmo tempo. Em todo canto.
Tudo estava simplesmente
destruído.

— Estou — falei.

CAPÍTULO CINQUENTA

COLE

O que não contam sobre ser um lobisomem é o seguinte.

Não contam que você vai ter

que fugir de um prédio em chamas usando uma leggings apertada demais com estampa de caveiras e arco-íris para evitar ser envolvido em um incêndio criminoso. Não contam que, quando você estiver correndo para seu carro, vai se lembrar de que jogou a chave em um vaso na frente do prédio que acabou de incendiar e que vai ter que voltar à cena do crime com a maior discrição de que um homem adulto seminu usando leggings cintilante é capaz antes que os objetos pessoais corram

o risco de ser encontrados por alguém que os possa chamar de “evidências”.

Não contam que, quando você se ajoelhar com graça e dignidade para recuperar a chave, vai rasgar a costura da legging cintilante do tornozelo até o lugar onde não bate sol.

Provavelmente contariam que ficar nu em público é ilegal, se você perguntasse.

Mas não contam como é cansativo fugir da polícia depois de ser duas espécies em uma rápida sucessão e depois ter que correr para seu carro e

voltar.

Não contam que um cara de cabelos compridos vai tentar lhe dar seu telefone enquanto você estiver correndo, balançando e pulando em direção ao estacionamento com o máximo de desvios possível, para não levar a polícia até seu Mustang, que a essa altura você deseja que tivesse sido destruído no último incêndio que causou.

Não contam quantas pessoas vão tirar fotos de Cole St. Clair seminua, correndo por Santa Monica.

Não contam quão quentes ficam bancos de tecido preto sob o sol quando você senta neles e não está usando nada ou quase nada.

Não contam que, embora você não vá se lembrar de nada de quando era um lobo, vai se lembrar para o resto da vida da expressão da sua agora ex-namorada pouco antes e logo depois.

Não contam nada. Não, isso não é verdade.

Dizem: Venha, seja um lobo. Faz tempo que você procura uma coisa, e isto, garoto, é o que você estava

procurando.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

COLE

F LIVE: Hoje por telefone temos o jovem Cole St. Clair, ex-vocalista da NARKOTIKA. Nós

conversamos com ele no programa cinco semanas atrás, pouco depois de ter assinado um contrato com Baby North da d3nt3safiados.com. Será que ouvi todo mundo perdendo o fôlego? Não se preocupem, parece que ele sobreviveu. Você está quase acabando o disco, não é?

COLE ST. CLAIR: Da.

F LIVE: Como classificaria a experiência em uma escala de um a dez?

COLE ST. CLAIR: Algo entre um F e uma doença crônica.

F LIVE: Esse é o tipo de conta

que espero de astros do rock. Você me disse antes de começarmos o programa que só tinha mais uma música para gravar. O que vai fazer depois disso?

COLE ST. CLAIR: Diga você.

F LIVE: Como o garoto está calejado! O que achou de L.A.? Vai ficar por aqui definitivamente?

COLE ST. CLAIR: Eu amo L.A., mas quebrei as coisas dela. Acho que não vai dar certo.

F LIVE: Você quebrou bem menos coisas que muitos de nós esperávamos.

COLE ST. CLAIR: *Fazer o quê? Sou um homem mudado. Agora vamos ouvir aquele teaser?*

F LIVE: *Vocês da Costa Leste estão sempre com pressa.*

COLE ST. CLAIR: *Acho que não sou da Costa Leste de verdade. Estou... qual é o termo?... expatriado no momento.*

F LIVE: *L.A. ainda quer você, garoto.*

COLE ST. CLAIR: *Martin, quem dera isso fosse verdade.*

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

ISABEL

Eu sabia que em algum momento próximo teria que

devolver o Cole Virtual a Cole. Sabia tanto pelo telefone quanto pelo rádio que ele estava quase se despedindo do disco e, como consequência, do programa. E, como resultado, de Los Angeles.

E, portanto, de mim.

Só que não era verdade. Eu tinha terminado com ele primeiro.

Talvez simplesmente deixasse seu telefone no portão do apartamento. Então terminaria, de verdade. Sem pontas soltas.

O único problema em tudo

isso era a saudade que eu sentia dele.

Ela nunca tinha passado. Nunca amenizara. Eu não parava de pensar que, se me mantivesse ocupada, terminasse esse curso, me inscrevesse em faculdades, pesquisasse futuros que me levassem embora, eu pararia de sentir saudades dele por ao menos um minuto por dia.

Mas tudo naquela droga de cidade me fazia lembrar dele.

Sierra me ligou alguns dias depois do incêndio.

— Doçura? Desculpe por ter

gritado com você.

Em sua defesa, ela tinha me encontrado parada nos restos ardentes de sua loja.

— Acho que gritar foi apropriado.

— Não com você, adorada. Agora eu sei disso. Sinto muitíssimo por tê-la culpado.

No fim das contas, ela também sentia muito por ter sido pega mandando uma funcionária violar o código de incêndio com todas aquelas velas e nenhum extintor por perto. Parece que ela estava torcendo para que eu não a

processasse.

— Quanto tempo vai levar para reabrir? — perguntei.

Não queria ter que procurar um novo emprego. Queria voltar a não dar a mínima.

— Toda a linha de outono foi perdida — disse Sierra. — Preciso começar tudo do zero. Não sei mais se a energia está equilibrada naquele lugar. Não sei. Preciso tomar algumas decisões difíceis.

— Sinto muito — falei.

Fiquei surpresa ao me ouvir dizer isso. Fiquei mais surpresa por perceber que

falava sério.

— Ah, eu estava em uma rotina horrível, gata. Isto é bom para mim! Todas as minhas ideias antigas se foram e uma nova Sierra emerge! Vá à próxima festa. Ainda estou muito arrependida de ter gritado. Não vou mais gritar. Ah! Preciso ir. Tchau, adorada. Tchau.

Desliguei. Pensar na festa dela me fazia pensar em Mark, o que me fazia pensar em Cole.

Eu sentia saudade dele. Sentia saudade dele o tempo todo.

A única coisa que tornava tudo um pouco melhor era o vestíbulo da Casa da Ruína. Minha mãe já substituíra todas as fotos da cerimônia de casamento e dos anos de matrimônio que ficavam penduradas ali. As fotos dela e de meu pai tinham se tornado fotos dela comigo, com a aparência de irmãs. Ou apenas ela, sorrindo para a câmera com o diploma de Medicina nas mãos. Só que eu deveria saber que aquela foto não deveria estar ali. Porque embora o rosto de meu pai não

aparecesse nela, tecnicamente ele ainda estava presente. Aquele sorriso fora dado para ele, que batera a foto.

Isso, porém, não importava para meus objetivos. Porque tudo o que eu precisava fora da parede era o lembrete de que cinquenta por cento dos casamentos americanos acabavam em divórcio, e o restante estava quase lá.

Eu pararia de amar Cole. Isso era um fato. Aquela parede era a prova de que um dia eu ia parar de me importar.

Fechei os olhos. Não por

completo. Se eu selasse as pálpebras, quebraria a superfície de tensão, e então as lágrimas escapariam.

— Isabel, você devia vir junto — disse Sofia para minhas costas.

Meus olhos se abriram de repente, o mais arregalado que eu conseguia. Não me virei.

— Junto? Junto com quem?

— Comigo e com o papai — disse ela. — Estamos indo...

— Não, estou ocupada. — Senti que ela continuou parada bem ali, então acrescentei: — Obrigada por me chamar.

Sofia não se moveu. Eu não precisava me virar para saber que ela estava criando coragem para dizer alguma coisa. Eu queria dizer a ela para desembuchar, mas não tinha mais nenhuma energia para ser cruel.

— Você não está ocupada — disse Sofia com bravura. — Tenho observado. Tem alguma coisa errada. Você não... você não precisa falar disso, mas acho que deveria vir conosco.

Eu não acreditava que tinha escondido tão mal meus sentimentos. Também não

acreditava que de alguma forma perdera meu exterior espinhento a ponto de deixar Sofia pensar que podia me delatar.

— Aceite — disse Sofia. — Eu não vou incomodar você.

— Você *está* me incomodando!

Eu me virei. Ela não parecia vencida, embora suas mãos estivessem dobradas diante do corpo.

— Está um dia lindo — acrescentou ela. — Vou levar meu *erhu*. Vamos nos sentar na praia.

Ela desdobrou as mãos e pegou a minha. Seus dedos eram muito macios e quentes, como se ela não tivesse ossos. Que droga... Aquilo decerto não conseguiria me deixar pior. Quando Sofia me puxou com delicadeza, não resisti. Pelo menos até chegar à porta.

— Espere, minhas botas.

Também quis dizer *meu* cabelo. *E* rosto. *E* roupas. *E* coração. Tantas coisas que precisavam muito ser colocadas em ordem antes que eu saísse de casa.

— Estamos indo para a *praia*

— disse Sofia.

Ela soltou minha mão e pegou um par de chinelos de minha mãe de uma pilha de sapatos perto da parede. Ela os jogou ao meu alcance, depois foi pegar seu *erhu*.

Por incrível que pareça, acabei levando-a de carro à praia de chinelos, calça de ginástica e regata, com o cabelo parecendo o de uma mendiga. Parei na extremidade do estacionamento, onde um bando de garotos fortões e suados jogavam vôlei. Meu tio (ex-tio?) Paolo já estava lá,

ainda com seu uniforme de paramédico, o que me lembrou terrivelmente da polícia no episódio do baixista do programa de Cole. Ele desgrenhou o cabelo de Sofia como o de uma criança (ela sorriu com alegria) e passou o braço sobre seu ombro.

— Eu ia trazer cupcakes. Mas depois pensei, não, a Sofia vai preparar algo que vai fazer qualquer coisa que eu levar parecer horrível! Então trouxe bebida!

Ele não estava falando de bebida alcoólica de verdade, só

de uma *root beer* local, cujas garrafas estavam com o exterior úmido de condensação. Sofia ficou contentíssima, pois tinha, claro, preparado cupcakes perfeitos. Fiquei impressionada ao ver como Paolo conhecia a filha.

Eles ficavam tão felizes na presença um do outro que me senti segurando vela enquanto ajudava a carregar as coisas até um ponto vazio da praia. Sofia abriu um cobertor e seu pai pegou uma pilha de revistas de artesanato que tinha reunido

para ela. Queria de verdade ver calculismo ali, uma sensação de que ele tinha feito tudo aquilo para compensar ter abandonado Lauren e ela, mas não consegui. Porque era óbvio que ele era apenas um paramédico exausto que trabalhava demais e que estava genuinamente feliz por tirar aquele tempo para ver a filha, que conhecia muito bem.

Só existia uma pessoa que me conhecia tão bem assim.

Eu ficaria melhor depois que ele saísse da cidade. Quando eu não saberia exatamente

onde ele estava. Eu precisava me livrar do Cole Virtual. Eu o deixaria lá naquela noite. Sabia que ele ia para o estúdio terminar o disco. Eu deixaria no carro.

Não podia me permitir pensar demais naquilo.

Sofia e o pai conversaram, ambos gesticulando muito, e depois Sofia pegou o erhu e tocou. Dava para ouvi-lo na praia inteira, mas ninguém se importava. Estávamos em L.A. Já tinham ouvido de tudo.

Recostei-me, apoiada nos cotovelos, com os olhos

fechados para o céu e sentindo cócegas no couro cabeludo porque meu cabelo roçava na areia atrás de mim. Meus pés descalços estavam para fora do cobertor, os dedos enfiados na areia.

Na minha mente, Cole não parava de encostar a cabeça em meu ombro no cemitério. Ele não parava de se tornar um lobo. Não parava de construir tudo e depois incendiar.

Só pense nas aulas, Isabel, falei para mim mesma. No diploma. Em se tornar médica. Essa é a vida.

Eu me perguntei quanto

tempo levaria até meu pai vir visitar e me levar para a praia antes de voltar à vida de San Diego.

Sofia parou de tocar.

— Quer conversar sobre isso? — perguntou meu tio para mim.

Foi porque eu estava chorando. Me sentei e encolhi os joelhos até chorar com o rosto escondido.

A vida era uma *droga*.

Sofia colocou a mão em minhas costas, o que normalmente eu não teria tolerado, mas me sentia

esgotada demais para protestar.

— Vai ficar mais fácil — disse Paolo.

Eu *sabia* disso. Essa era a pior parte. A pior parte era que você acabava esquecendo as pessoas que amava. Os mortos, os que nos criaram e aqueles com quem queríamos estar no fim do dia.

Antes de minha aula de AEC, eu tinha aprendido que o corpo produz três tipos de lágrimas, cada qual com uma composição química única. Um deles era gerado regularmente para manter os olhos úmidos.

O segundo tipo aparecia quando algo, como detritos, entrava no olho, lubrificando e expulsando o intruso. O terceiro acontecia quando a tristeza se acumulava. As substâncias químicas produzidas pela depressão eram carregadas para fora do corpo por essas lágrimas. Você chorava sua tristeza.

Então eu sabia que existia uma razão científica para me sentir melhor depois de chorar.

Saber disso, porém, não eliminava o fato de que eu me sentia um pouco melhor.

Enfim, ergui a cabeça só o suficiente para apoiar a bochecha nos joelhos.

— Você ainda ama a tia Lauren? — perguntei a meu tio.

Esperei a mão de Sofia se contrair em minhas costas, mas isso não aconteceu.

Paolo fez uma cara triste.

— Eu gosto dela. Ela é uma boa mulher.

— Então o que aconteceu?

Ele pensou. Achei que meu rosto devia parecer um campo de batalha. Sofia fez um rabo de cavalo com meu cabelo e

voltou a soltá-lo.

— Acho que não éramos amigos — disse ele. — Era apenas amor. Paixão. Então não fazíamos nada juntos a não ser que fosse uma noite romântica. Precisávamos de uma desculpa. Depois de um tempo, paramos de nos dar ao trabalho de arranjar desculpas. Tínhamos outros amigos. Não é que nos afastamos, simplesmente nunca fomos próximos. Foi uma falha na amizade.

Pensei em mim e em Cole. Éramos amigos? Ou era apenas

paixão?

Senti Sofia encostar a cabeça nas minhas costas e depois suspirar. Ela devia estar com uma cara triste, porque seu pai também estava.

— Só se case com seu melhor amigo, Sofia. É o conselho do meu pai — disse ele.

— Achei que você devia botar os namorados dela para correr com uma espingarda — falei. — Achei que *esse* era um conselho de pai.

— Talvez do *seu* pai — disse Paolo. — Ele mata muita coisa,

inclusive a alegria.

Tanto eu quanto ele rimos, impetuosos, surpresos e culpados. Eu me sentei, afastando Sofia, e me ajeitei, encostando o ombro no dela. Estendi a mão para pegar uma *root beer*. Pela primeira vez em uma semana, não me senti péssima. Talvez ficasse bem. Talvez sobrevivesse àquilo.

Pensei em devolver o Cole Virtual naquela noite. As opções eram entregar pessoalmente a ele ou deixar o celular no carro.

Então tive uma terceira

ideia.

Peguei o Cole Virtual e depois meu telefone. Verifiquei para ter certeza de que tinha o número de Baby gravado nele.

— Preciso fazer uma ligação. Vocês se incomodam? — Apontei para o Cole Virtual. — Na verdade este é o telefone da Baby. Vou devolvê-lo hoje à noite.

Quando me levantei, Sofia ia dar um tapinha em meu ombro antes de perceber que eu não ia tolerar aquilo agora que não estava chorando. Em vez disso, ela bateu o gargalo de sua

garrafa no da minha.
Estávamos aprendendo a lidar
uma com a outra.

Quando liguei para Baby, me
perguntei se ia mesmo fazer
aquilo.

Essa era a vida. As coisas
eram assim. Aquilo estava
acontecendo.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

COLE

A última música demorou
uma eternidade, e eu tinha

certeza de que estava fazendo uma merda de programa. Deixara esta por último porque era a mais difícil; eu não era bom em coisas lentas e bonitas. Era fácil esconder a falta de talento para escrever letras com uma bateria forte e um ritmo agitado. As pessoas perdoavam todo tipo de deficiência desde que pudessem dançar com a música.

Mas “Lovers (Killers)” não era dançante. Ia ser a última do disco, o último som que as pessoas ouviriam. Eu não

podia trapacear.

Estávamos gravando havia sete horas. Achava que tanto Leyla quando Jeremy queriam me matar, mas eram evoluídos demais para dizer isso em voz alta. Eu estava obrigando Leyla a gravar sua parte na bateria pela nona (décima? Talvez décima) vez. Me sentei no sofá de vinil da grande sala de gravação, com os fones de ouvido da sala, ouvindo Leyla tocar bateria na cabine de isolamento. Jeremy parecia sonolento ou em paz na extremidade oposta do sofá.

Do outro lado do estúdio sem alma, T e Joan também pareciam querer dormir. Até ali, aquele não tinha sido o episódio mais interessante. Eu esperava que Baby me surpreendesse com alguma coisa, mas parecia que ela também estava cansada do jogo.

Leyla recomeçou a música. Ao contrário do restante de nós, ela melhorava conforme as horas se arrastavam, como se ela se transformasse em outra versão de si mesma. Se estava tão melhor depois de

dez vezes, talvez eu devesse fazê-la tocar mais três ou quatro vezes para ver o que acontecia. Era meio vergonhoso ter levado seis semanas para aprender a trabalhar com ela, e agora estava quase no final.

Final.

Grande parte de meu cérebro estava no Mustang estacionado do lado de fora. Antes de chegar ali, eu tinha recolocado tudo o que trouxera de Minnesota na mochila, que deixara no minúsculo banco de trás. Ia dormir na casa de

Jeremy naquela noite, de manhã fecharia as coisas com Baby e daria algumas entrevistas para revistas. E depois...

Eu não sabia.

Não queria voltar para Minnesota, mas não podia ficar ali. Eu *a* via em todo lugar, em tudo. Talvez um dia pudesse voltar, mas não naquele momento, não daquele jeito. Eu não poderia passar todos os dias olhando para L.A. sem senti-la dentro de mim.

Apoiei a cabeça nas mãos, ouvindo. Não havia motivo

para mandar Leyla refazer a bateria. Estava ótima. Era minha faixa vocal que precisava de trabalho. Eu parecia anestesiado.

Levantei e fiz um gesto de cortar a garganta para o engenheiro na sala de mixagem. Tinha tentado sem sucesso e lembrar seu nome, agora, àquela altura do campeonato, era inútil tentar de novo.

— Ela está ótima. Está bom. Mas eu preciso voltar lá.

Todos os presentes suspiraram ao mesmo tempo,

menos Jeremy.

— Em algum momento vai ter que acabar, Cole — disse ele.

— Só quando eu disser que acabou.

Fui para a pequena cabine de isolamento de vidro. Recoloquei os fones de ouvido e, enquanto o engenheiro ajustava os níveis e eu me preparava para gravar outra faixa do vocal, tentei pensar em como melhoraria minha tentativa anterior. Talvez devesse apenas adicionar outra camada de harmonias.

Ou talvez devesse parar de cantar como se estivesse com o coração partido.

Eu estava inquieto. Sabia muito bem que as câmeras me viam através das paredes da cabine. Era um aquário.

— Tudo bem — disse o engenheiro. — Quando quiser. Vá em frente.

Ouvi o agora infinitamente familiar acorde de sintetizador que começava “Lovers (Killers)” e depois a bateria certa de Leyla, e depois a suave frase de baixo de Jeremy. Minha voz cantou em meus

ouvidos, um Cole cansado, triste e com saudade de uma casa que ainda não tinha deixado, mas estava prestes a deixar. Eu esperava um ponto que implorasse mais uma camada, mas nada se destacava.

Fechei os olhos e ouvi minha infeliz confissão cantada.

Não queria ir embora.

Por causa dos fones de ouvido, mais senti do que ouvi a porta abrir. Uma lufada de ar mais frio entrou na cabine.

Abri os olhos.

Isabel estava na porta, fria e

elegante como uma pistola.

Atrás dela, através do vidro, vi as câmeras apontadas para nós e Baby parada nas portas duplas, que tinham sido abertas para a noite. No estacionamento além, centenas de pessoas estava reunidas, esticando o pescoço para ver o interior do estúdio.

Eu não entendia.

Isabel entrou na cabine. Erguendo a mão, ela tirou os fones de ouvido, colocando-os com cuidado no banco a meu lado. Por sua expressão, não dava para saber o que ela

estava pensando.

O sorriso de Baby era tão gigantesco e os ângulos das câmeras, tão apontados para Isabel, que percebi que, por incrível que parecesse, ela devia ter concordado em ser filmada. Concordado em aparecer no programa de Cole St. Clair. Dezenas de rostos se amontoavam na porta, tentando obter uma visão melhor do que estava acontecendo. Eles pareciam... esperançosos.

— Isabel... — comecei. Mas não sabia o que estava

acontecendo, então não terminei.

— Tcharã — disse Isabel.

O grande microfone diante de mim pegou sua voz e a tocou pelos fones de ouvido sobre o banco. Havia uma ameaça de sorriso em seu rosto. Um sorriso verdadeiro.

— Culpeper, talvez eu não goste de tcharãs — falei, embora não existisse nada no mundo de que eu gostasse mais.

Ela sabia disso, então se limitou a me abraçar com força. Era a primeira vez que a

sentia me abraçar antes que eu a abraçasse. A primeira vez que a sentia me abraçar como se aquilo fosse a coisa que ela mais quisesse fazer.

— Fique — disse ela, alto o bastante para o microfone captar outra vez.

Mas eu sempre *ficava*. Era ela quem sempre ia embora.

— Como sei que você também vai ficar?

— Amo você — sussurrou ela em meu ouvido.

Isabel apoiou o rosto em meu ombro e eu apertei o meu no dela, e apenas nos

abraçamos. Como algo sólido, pela primeira vez. Pensei em todas as vezes que estivera na beira do abismo, real ou não, procurando algo real ou não, sem nunca encontrar o que precisava.

Agora eu sentia. Era daquilo que eu precisava.

O coração bombeava sol.

Não queria pensar nas câmeras, mas, agora que conseguia respirar de novo, era difícil não pensar. E era difícil não perceber que Isabel tinha armado um episódio final absolutamente perfeito para

aquele programa, porque ela era um gênio diabólico e me conhecia. A multidão devia estar morrendo por dentro naquela hora.

Senti Isabel tremer, e levei um instante para perceber que ela ria baixinho.

— Tudo bem — sussurrou ela em minha clavícula. — Faça logo. Eu sei que você está pensando nisso, então faça logo.

Ela ergueu a cabeça. Olhei para ela.

— Por que você veio para cá, Cole? — perguntou ela, em um

tom que era alto apenas o suficiente para o microfone captar.

Toquei seu queixo. Aquele lugar, aquele lugar lindo, aquela garota, aquela garota linda, aquela música, aquela vida.

— Eu vim por sua causa.

E a boca dela se curvou, porque ela sabia que aquilo não era menos verdadeiro por ser dito diante de uma multidão.

Então trocamos um beijo perfeito. As pessoas no estúdio enlouqueceram.

Eu acertava o caminho
quando era apenas Cole St.
Clair.

Mas éramos melhores
juntos.

EPÍLOGO

COLE

F LIVE: Hoje por telefone temos o jovem Cole St. Clair, vocalista da NARKOTIKA, em sua

primeira entrevista desde que Heart (Attack) foi lançado. Cole, a maioria das bandas entra em turnê depois do lançamento. Mas você abriu um estúdio de gravação. Vamos debater. Na verdade, quero ir um pouco mais fundo. Desde que você se mudou para L.A., sobreviveu a um reality show, gravou dois discos bastante populares, abriu um estúdio de gravação, produziu o disco de estreia muito bem-sucedido da Skidfield e lançou digitalmente uma música nova por mês, culminando em Heart (Attack). Durante todo esse tempo você

recusou as investidas de todas as grandes gravadoras. Por favor, conte que também adotou um cachorro.

COLE ST. CLAIR: *Sem cachorro. Mas decidimos manter Leyla como nossa baterista, e ela é bem cabeluda.*

F LIVE: *Você pensa em si mesmo como um selo? Isso está acontecendo?*

COLE ST. CLAIR: *Ei, ei, Martin. Vá com calma. “Selo” é muito comprometedor. Às vezes, os amigos aparecem no estúdio e fazemos alguma coisa.*

F LIVE: Amigos como a Skidfield?

COLE ST. CLAIR: É.

F LIVE: Isso que vocês “fizeram” com eles vendeu mais de um milhão de cópias.

COLE ST. CLAIR: É, bem, eles são bons amigos.

F LIVE: Aposto que... Que barulho é esse?

COLE ST. CLAIR: Los Angeles. Leon, você não pode fazer essa gente andar? Martin, você deve se lembrar do meu destemido motorista. Diga oi.

LEON: Oi.

F LIVE: Leon! Para onde você está levando nosso destemido herói hoje? Para gravar outro sucesso indie? Para dominar a Broadway?

LEON: Posso contar?

F LIVE: Contar o quê? O Cole está gritando? O que ele disse?

LEON: Ele disse: “Agora eu não preciso mais trabalhar!” A namorada dele está se formando na faculdade de Medicina hoje.

F LIVE: Espere... É a Isabel, não é? A garota do reality show. Coloque o Cole na linha outra vez.

COLE ST. CLAIR: Claro que é a garota do reality show. Quem mais seria? Me dê os parabéns. Eu sempre quis namorar uma médica.

F LIVE: Parabéns. Depois d...

COLE ST. CLAIR: Quer saber... sim. É, eu vou sair do carro aqui.

F LIVE: Espere! Onde você está? Está na autoestrada?

COLE ST. CLAIR: Estou. Quer saber, Martin, é isso o que eu vou fazer. Vou dar o fora daqui. Vá em frente e toque aquela música que lhe enviei, e eu ligo de volta para saber o que o mundo achou

dela.

F LIVE: Olhe para os dois lados da rua, Cole! Olhe para os dois lados!

COLE ST. CLAIR: Sempre. Tudo bem, vou nessa. Leon, você vem?

F LIVE: Ele vai?

F LIVE: Cole?

F LIVE: Leon? Ainda tem alguém no carro? Bom.

F LIVE: Senhoras e senhores, esse foi o Cole St. Clair da NARKOTIKA.

PUBLISHER
Kaíke Nanne

EDITORIA EXECUTIVA
Carolina Chagas

EDITORIA DE AQUISIÇÃO
Renata Sturm

EDITORIA AGIR NOW
Giuliana Alonso

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Daniel Siqueira

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Carla Bitteli

REVISÃO
Iris Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA
Nathalia Barone

IMAGENS DE CAPA
Jim Kruger / iStock

PRODUÇÃO DE EBOOK
Mariana Mello e Souza